

CLARICE LISPECTOR CRONISTA:

NO JORNAL DO BRASIL (1967-1973)

CÉLIA REGINA RANZOLIN

CLARICE LISPECTOR CRONISTA:

NO JORNAL DO BRASIL (1967-1973)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - LITERATURA BRASILEIRA

ORIENTADOR: PROF. DR. RAÚL ANTELO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

1985

Para Ivan, Daniele e Juliano.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Santa Catarina.

À Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina.

À Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira.

À Banca Examinadora.

Aos professores: Edda, Guidarini, Janete, Sachet, Tânia, Terezi-
nha, Zahidê.

Aos demais professores.

À secretária Sandra.

Ao João Inácio.

Aos colegas.

Ao Raul,

pela dedicação, incentivo e pertinência de suas observações.

Ao Ivan,

pela compreensão e companheirismo.

Aos meus filhos, Daniele e Juliano

que souberam compreender as ausências.

À Tânia, tia Valda e Guilherme pelo que representaram
nos primeiros dias.

Às amigas Juraci, Mercedes e Yedda, companheiras de
todas as horas, com as quais dividi as alegrias e
as decepções durante todo o tempo.

À Beti, por ter cumprido uma tarefa que caberia a
mim.

Aos meus pais.

RESUMO

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa que objetivou o resgate da produção integral de crônicas que Clarice Lispector realizou para o Jornal do Brasil, no período entre agosto de 1967 e dezembro de 1973. Sem pretender qualquer trabalho interpretativo e de análise dos textos em questão, ele se detém na coleta, rastreamento e seleção desse material.

Os rumos tomados pela pesquisa após a publicação do livro A Descoberta do Mundo, (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984) coletânea aparentemente integral das crônicas de Clarice Lispector, permitiram constatações capazes de colocar em discussão os critérios de edição desta antologia. Daí, que este trabalho contém, além da transcrição integral dos textos omitidos do livro, alguns dados que brotaram do confronto entre A Descoberta do Mundo e o Jornal do Brasil, e outros que surgiram da leitura atenta das crônicas da escritora que buscamos, originariamente, nas páginas do jornal.

De um lado, estes dados dizem respeito ao significado crítico-literário dos textos excluídos da antologia, e de outro, apontam para o trabalho de elaboração da linguagem que Clarice Lispector desenvolveu no Jornal do Brasil, através do reaproveitamento intertextual de seu próprio discurso.

Mesmo assim, nossa pesquisa se propõe, basicamente, recuperar uma produção que, pelas implicações literárias inerentes, não deve ficar dispersa na precariedade das folhas de jornal.

S U M M A R Y

This work is the result of a research that objectified the ransom of the integral production of chronicles that Clarice Lispector realized to "Jornal do Brasil", in the period between august 1967 and december 1973. Without intending any interpretative work or a work of analysis of the texts in topic, it detains itself in the collection, search and selection of this material.

The directions taken by the research after the publication of the book titled " A Descoberta do Mundo" (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984), an apparently integral collectanea from the chronicles of Clarice Lispector, permitted the confirmations that were able to put into discussion the edition criterions of this anthology. There from, this work contains, besides the integral transcription of the omitted texts of the book, some datums that arose from the confrontation between "A Descoberta do Mundo" and "Jornal do Brasil", and others that appeared from the careful reading of the chronicles written by the author we searched for, originally, in the newspaper pages.

On one hand, these datums relate to the critical literary signification from the anthology excluded texts and, on the other hand, they point out the work of the language development that Clarice Lispector worked out in "Jornal do Brasil", through the intertextual reutilization of her own speech.

Even so, our research basically intends to regain a production that, by the inherit literary implications, must not remain dispersed in the precariousness of the newspaper pages.

me/PX.

SUMÁRIO

	Página
I - INTRODUÇÃO	13
II - LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO INTEGRAL DE CLARICE LISPECTOR NO <u>JORNAL DO BRASIL</u>	21
III - ALGUMAS CONSTATAÇÕES	215
. em relação aos textos	216
. em relação ao confronto <u>Jornal do Brasil/ A Desco-</u> <u>berta do Mundo</u>	269
IV - À GUISA DE CONCLUSÃO	272
V - NOTAS EXPLICATIVAS	277
VI - ANEXOS	
. Anexo 1: Fichamento descritivo do corpus	283
. Anexo 2: Índice de autores citados	398
. Anexo 3: Reprodução facsimilar	411
VII - BIBLIOGRAFIA	412

I - INTRODUÇÃO

Resgatar o material jornalístico que Clarice Lispector elaborou para diversos periódicos, visando reconstituir uma parte da obra da escritora que até então permanecia esquecida em jornais amarelados e conhecidos por alguns poucos pesquisadores, foi o primeiro objetivo do trabalho ao qual nos propusemos. Para tanto, por indicação do professor orientador, estivemos pesquisando na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, no período março/abril de 1984, de onde recolhemos um material jornalístico amplo.

Mesmo de posse de um conjunto significativo de publicações que nos permitiu uma visão globalizada da escritora enquanto jornalista, preferimos nos deter nas crônicas do Jornal do Brasil, porque foi a partir de 1967, mais propriamente com sua entrada na redação deste periódico, que Clarice Lispector passou a desempenhar, com regularidade, a função de cronista.

Detivemo-nos, em consequência, nas crônicas inseridas no caderno B do Jornal do Brasil, publicadas semanalmente no período 1967/1973. A primeira crônica data de 19 de agosto de 1967, e daí para a frente, todos os sábados, até 29 de dezembro

de 1973, o público leitor do Jornal do Brasil teria com a cronista um contato permanente. É um trabalho de fôlego, que compreende 329 crônicas, nas quais Clarice Lispector tenta superar a descrição objetiva, para converter até mesmo a referencialidade em aspecto artisticamente necessário, de forma a compor uma linguagem primordial e intencionalmente literária. A publicação é regular, e só não aparecem crônicas nos dias: 26 de dezembro de 1970, 2 de janeiro de 1971, 31 de dezembro de 1972 e 9 de outubro de 1972.

Não foi de fato esta a primeira experiência de Clarice como cronista. Cabe aqui ressaltar outros trabalhos jornalísticos que a escritora desenvolveu paralelamente a sua literatura de ficção. Sabemos, por informação de Renard Perez, que a primeira experiência da escritora nas páginas de jornal foi um conto entregue a Álvaro Moreyra na redação do Dom Casmurro, em 1941. Por informação do orientador julgamos tratar-se de "Cartas a Hermengardo". (Dom Casmurro, Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1941).

Além dessa experiência, Clarice Lispector colaborou, ainda, como jornalista, no jornal A Noite do Rio de Janeiro, em 1942, onde fez de tudo, menos as ocorrências policiais e a nota social; no Flan, suplemento semanal do jornal Última Hora do Rio de Janeiro, onde assinou, com pseudônimo, uma coluna de variedades e sociais. Este suplemento constou de 75 números, distribuídos entre 12 de abril de 1953 e 5 de setembro de 1954. No Diário da Noite do Rio de Janeiro, Clarice escreveu uma coluna diária destinada ao público feminino e que era assinada por Ilka Soares, no período que vai de 1 de janeiro de 1960 à 22 de fevereiro de 1961. Uma mostra desta coluna aparece em reprodução facsimilar em anexo.¹ Além do trabalho jornalístico que a escritora preparou para a revista Manchete, e que foi recolhido por Álvaro Pacheco em De Corpo Inteiro, (Rio de Janeiro, Arte-

nova, 1975) seu último trabalho, neste sentido, foi na revista semanal Fatos e Fotos, onde, esporadicamente, no período entre 26 de dezembro de 1976 e 26 de setembro de 1977, publicou reportagens com personalidades.²

Até o final de 1984, o nosso objetivo continuou sendo o de retirar da obscuridade dos jornais um material que, aos nossos olhos, se mostrava a cada leitura mais rico e revelador de um novo perfil de Clarice Lispector. A publicação do livro A Descoberta do Mundo (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984) provocou novos rumos na pesquisa que, ao perder o caráter exclusivo de restituição de um acervo esquecido nas páginas de jornais, se direcionou também para o confronto entre os textos inseridos na antologia e aqueles que encontramos originalmente no Jornal do Brasil, tentando fixar um critério de edição.

Deste confronto nasceu uma necessidade nova, considerando a ausência, no livro, de um número significativo de crônicas. Embora mantendo a proposta inicial de permanecer no campo da pesquisa e coleta de dados, a necessidade de compreender o motivo das ausências levou-nos a um exame mais detalhado das crônicas e do fichamento descritivo do corpus, já elaborado anteriormente.³

Nesta tentativa de apreender um possível critério implícito de edição da antologia capaz de justificar a ausência de 120 módulos, passamos à análise dos textos excluídos.⁴ E, mesmo considerando a nota introdutória ao livro, na qual Paulo Gurgel Valente, editor e filho de Clarice Lispector, registra que "foram subtraídas anotações que nos parecem muito circunstanciais", acabamos por encontrar especificidades que nos permitem questionar se A Descoberta do Mundo fornece realmente uma "visão geral" do trabalho jornalístico de Clarice Lispector no Jornal do Brasil, e se permite ao leitor um conhecimento cabal

e exaustivo das crônicas em questão.⁵

Os textos que permaneceram dispersos na precariedade das folhas do jornal são tão significativos e reveladores do perfil literário da escritora, quanto aqueles que foram publicados na antologia. Tal constatação, ao lado de outras que especificaremos mais adiante, nos levaram a acreditar num critério de edição exclusivamente pessoal, desinteressado pelas consequências estético-literárias dos textos discriminados.

Por se tratar de um trabalho de pesquisa, e como tal, exigir a maior precisão possível de dados, e ainda, para não incorrer na possibilidade de equívocos que pudessem destituir o valor deste trabalho, é que escrevemos ao editor da antologia para indagar sobre os critérios da edição.

Em resposta a autora desta pesquisa, Paulo Gurgel Valente responde as questões levantadas com o texto que transcrevemos a seguir:

"Prezada Senhora

"Tendo recebido sua carta de 23/9/85, gostaria esclarecer que não sou 'editor da Nova Fronteira' e sim filho da autora da 'Descoberta do Mundo'. (sic)

"A seleção de crônicas, conforme explico na nota de introdução, também obedece a um critério pessoal meu.

"Assim sendo, quando da conclusão de seu trabalho, seria de meu interesse conhecer suas observações do confronto entre a edição e as publicações no Jornal do Brasil, para talvez, numa reedição rever os critérios.

"Desde já agradeço,

Cordialmente"

(segue sua assinatura)⁶

Somadas as constatações que resultaram do confronto Jor-

nal do Brasil/A Descoberta do Mundo e a resposta obtida de Paulo G. Valente, obtivemos a certeza da pertinência deste trabalho. E, por considerarmos essencial restituir esse aspecto da produção jornalística de Clarice Lispector, é que transcrevemos, na íntegra, os textos omitidos pelo editor, cumprindo o objetivo deste nosso trabalho.

Cabe, antes, explicitar algumas convenções e a metodologia que adotamos, como forma de facilitar a leitura e a compreensão do corpus.

Toda nossa pesquisa tem como ponto de referência as crônicas tais como se encontram nas páginas do Jornal do Brasil. A transcrição é feita obedecendo à cronologia do periódico, isto é: as datas, a seqüência das crônicas, os títulos e a seqüência dos módulos estão em sintonia com o jornal (sintonia que nem sempre se dá na antologia). Mesmo assim, sempre que houver diferenças entre os textos do periódico e aqueles inseridos em A Descoberta do Mundo, estas diferenças aparecerão em notas, logo após a constatação. Sirva como exemplo a crônica "Amor imorredouro", de 9 de setembro de 1967, cujo título aparece com aspas no Jornal do Brasil, enquanto na antologia as aspas são suprimidas. Neste caso transcreveremos:

1967

19 set

"Amor imorredouro"

(Nota da pesquisa (NP): em A Descoberta do Mundo, p.20, não há aspas).

Assim, só nos voltaremos para o livro em questão quando dos confrontos, para verificar alterações e ausências.

Convencionamos para a pesquisa a forma DM quando nos referirmos ao livro A Descoberta do Mundo, e JB quando tratamos com o Jornal do Brasil.

Para a transcrição dos textos omitidos da antologia, obedeceremos à ortografia, pontuação e construção dos mesmos, tais como se encontram originariamente nos jornais. Os textos inseridos na DM foram atualizados, e não registraremos as variações neste sentido.

Em relação aos títulos das crônicas, normalizamos apenas a letra maiúscula inicial. As aspas e qualquer outro sinal gráfico aparecerão quando estiverem também no jornal.

Todas às vezes que os textos do JB estiverem ausentes da DM, colocaremos a data de sua publicação, seguida do título da crônica, e sua transcrição integral. O ano de publicação da crônica aparecerá apenas no início de cada página, de forma a facilitar a localização do texto e, ao mesmo tempo, evitar a repetição.

Para as crônicas inseridas em DM, convencionamos adotar apenas o critério da data de publicação no periódico, seu título, e a sigla DM indicativa de sua inserção no livro. Para exemplo:

1967

2 set

Tortura e glória DM

Isto quer dizer que o texto "Tortura e glória" foi reunido em A Descoberta do Mundo com data de 2 de setembro de 1967, informações que conferem com nossa pesquisa bibliográfica.

Para efeitos de descrição do corpus, chamaremos bloco a coluna em sua totalidade, composta, via de regra, de várias partes ou seções. A cada um destes fragmentos convencionamos chamá-los de módulos, como já alertamos anteriormente em nota explicativa. Exemplificamos com o bloco do dia 14 de agosto de 1967, que compreende os módulos: As crianças chatas - A surpresa -

Brincar de pensar - Cosmonauta na terra.

É importante esclarecer que, além dos textos omitidos da DM, outros não aparecem na antologia porque são crônicas que se repetem no jornal em ocasiões diferentes. Vale dizer que a cronista reaproveitou, nas páginas do JB, os mesmos textos mais de uma vez. No entanto, nem sempre o reaproveitamento é inserido na antologia. Assim:

- existem crônicas que foram publicadas duas vezes no jornal e, nas duas, não se encontram em A Descoberta do Mundo. Nestes casos, faremos a transcrição integral da crônica quando da primeira publicação, e, para a republicação, adotaremos o critério que a seguir exemplificamos:

1973

12 abr

Um encontro com o futuro

(Vide JB, 15 nov 1969)

(NP: Este módulo aparece repetido no JB e está ausente da DM nas duas publicações).

- existem crônicas que foram publicadas duas vezes no periódico e, em ambas as ocasiões, estão presentes em A Descoberta do Mundo. Para estes casos adotaremos:

1972

3 jun

Por medo do desconhecido (trecho)

(Vide "Medo do desconhecido", JB e DM 7 out. 1967)

(NP: Este módulo aparece repetido no JB e na DM).

- existem, também, crônicas que foram publicadas duas vezes no Jornal do Brasil e uma vez apenas na antologia. É o caso da maior parte das republicações. Para estas ocorrências adotaremos:

1970

11 jul

A crise

(Vide "A tão sensível", JB e DM, 1 mar 1969).

Como algumas destas crônicas aparecem em A Descoberta do Mundo conforme a primeira publicação, e outras crônicas são transcritas apenas quando republicadas no periódico, acrescentamos, nestes casos, uma nota que alerta para a questão.

- finalmente, existe uma crônica que foi publicada três vezes no periódico e uma vez apenas em A Descoberta do Mundo, o que esclareceremos, em nota imediatamente após a transcrição.

Considerando que há crônicas que, quando republicadas, sofrem alterações nos títulos, decidimos indicar o título anterior quando remetermos o leitor para a primeira publicação da crônica.

Transcreveremos, a seguir, o levantamento sistemático de todo o trabalho jornalístico de Clarice Lispector no Jornal do Brasil, no período agosto 1967/dezembro 1973. Esta transcrição, além de corresponder ao objetivo maior de nosso trabalho, permite que o leitor chegue às constatações que faremos posteriormente, as quais, temos certeza, colocam em questão os critérios de edição da antologia A Descoberta do Mundo.

II - LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO INTEGRAL DE
CLARICE LISPECTOR NO JORNAL DO BRASIL.

1967

19 ago

As crianças chatas

DM

A surpresa

DM

Brincar de pensar

DM

Cosmonauta na terra

DM

26 ago

Vitória nossa

O que temos feito de nós e a isso considerado vitória nossa de cada dia.

Não temos amado, acima de todas as coisas. Não temos aceito o que não se entende porque não queremos ser tolos. Temos amontoadado coisas e seguranças por não termos, nem aos outros. Não temos nenhuma alegria que já tenha sido catalogada. Temos construído catedrais e ficado do lado de fora, pois as catedrais que nós mesmos construímos tememos que sejam armadilhas. Não nos temos entregue a nós mesmos pois isso seria o começo de uma vida larga e talvez sem consolo. Temos evitado cair de joelhos diante do primeiro que por amor diga: teu medo. Temos organizado associações de pavor sorridente, onde se serve a bebida com soda. Temos procurado salvar-nos, mas sem usar a palavra salvação para não nos envergonharmos de ser inocentes. Não temos usado a palavra amor para não termos de reconhecer sua textura de amor e de ódio. Temos mantido em segredo a nossa morte. Temos feito arte por não sabermos como é a outra coisa. Temos disfarçado com amor nossa indiferença, disfarçado nossa indiferença com a angústia, disfarçado com o pequeno medo o grande medo maior. Não temos adorado, por termos a sensata mesquinhez de nos lembrarmos a tempo dos falsos deuses. Não temos sido ingênuos para não rirmos de nós mesmos e para que no fim do dia possamos dizer "pelo menos não fui tolo", e assim não choramos antes de apagar a luz. Temos tido a certeza de que eu também e vocês todos também, e por isso todos sem saber se amam. Temos sorrido em público do que não sorrimos quando ficamos sozinhos. Temos chamado de fraqueza a nossa candura. Temo-nos temido um ao outro, acima de tudo. E a tudo isso temos considerado a vitória nossa de cada dia.

Tanto esforço

DM

O processo

DM

1967 (CONT.)

- 2 set
Tortura e glória DM
- 9 set
"Amor imorredouro" DM
(Nota da pesquisa (NP): Na DM, p.20, não tem aspas)
- 16 set
Prece por um padre DM
Não sentir DM
Ir para DM
Daqui a vinte e cinco anos DM
- 23 set
Primavera ao correr da máquina DM
- 30 set
Para os ricos que também são bons

Para a minha honra, recebi um recado do Dr. Abraão Akerman, um dos maiores neurologistas do mundo: êle queria fazer uso de minha coluna.

Anteriormente já tinha recebido um recado d'êle: gostaria de me dar uma entrevista cujo assunto seria o homem e a mulher, o que certamente significa amor. Quando recebi o segundo recado pensei que chegara a hora da entrevista. Perguntei, êle mandou dizer que não: que essa êle só daria se eu quisesse. Claro que quero, mesmo que seja sôbre o homem e a mulher sob o ponto-de-vista neurológico.

Fui, pois, visitã-lo numa tarde de domingo. Dr. Akerman é um homem total: além de ser um mestre no campo da neurologia, está a par do que melhor existe em literatura, mandando inclusive buscar livros na Europa. E tem uma discoteca selecionadíssima.

Depois de conversarmos um pouco - e o que conversamos daria uma entrevista interessantíssima - depois de conversarmos um pouco, passamos ao assunto que ocupa a coluna de hoje. E que envolve quem tem dinheiro, envolve ciência, impôsto de renda, pessoas de coração bom e sobretudo ativo. Estou enigmática? Tudo se esclarecerá quando eu transmitir o que o próprio Dr, Akerman me disse:

- Eu e várias pessoas que trabalham isoladamente, pesquisando e ensinando, necessitamos, para prosseguir nas

1967 (CONT.)

pesquisas e descortinar novos horizontes, de uma ajuda eficiente que não seja ocasional apenas. Acreditando nas possibilidades infinitas do Brasil e de sua nova geração, eu gostaria que essa iniciativa partisse de brasileiros, sem que se precisasse de recorrer à ajuda de estrangeiros.

Novas leis dos últimos dois anos facilitam isso aos grandes possuidores de bens, já que, como em inúmeros países estrangeiros, sobretudo nos Estados Unidos, o imposto de renda é descontado dessa generosidade. Essa mesma generosidade poderá beneficiar outras atividades importantes para o nosso povo, custeando orquestras, museus etc.

Prosseguindo, fiquei sabendo que foi há pouco tempo doada ao Serviço de Neurologia da Santa Casa de Misericórdia, dirigido pelo Dr. Akerman, uma aparelhagem aperfeiçoadíssima de eletroencefalografia, no valor de cinquenta mil cruzeiros novos (cinquenta milhões de cruzeiros antigos). É evidente que essa doação não foi feita sem uma avaliação criteriosa do que o aparelho poderia render.

As doações particulares são atualmente raras porque poucos são capazes de utilizá-las, as doações, isto é, a pleno rendimento. Os grandes industriais e os professores estrangeiros que nos visitam ficam surpreendidos com o excessivo material moderno existente nas organizações públicas - sem vislumbre de utilização. Simplesmente não sabem empregar o material. São solicitações dispendiosíssimas, feitas em concorrência pública, de aparelhos que não têm técnicos para utilizá-los.

No entanto o freqüente bom aproveitamento de instrumentos científicos por organizações particulares é de todos conhecido.

Infelizmente o País é muitas vezes um patrão muito abstrato, e, chegando o aparelho, este é abandonado com desprezo do sacrifício público.

Dr. Akerman acrescentou:

- Façamos votos para que o estímulo à atividade privada, que em nada faz concorrência ao ensino oficial, se repita freqüentemente, dignificando os que desejam que o nosso País alcance o nível que merece.

Dr. Akerman citou Mellon, grande banqueiro, que doou enormes quantias a museus norte-americanos. E disse:

- Os ricos têm que se acostumar a dar. Está na hora de dar.

1967 (CONT.)

7 out

Mêdo do desconhecido

DM

Dos palavrões no teatro

DM

Chacrinha?!

DM

14 out

Dies irae

DM

21 out

Potência e fragilidade

E de repente aquela dor intolerável no olho esquerdo, êste lacrimejando, e o mundo se tornando turvo. E torto: pois fechando um olho, o outro automaticamente se entrefecha. Quatro vêzes no decorrer de menos de um ano um objeto estranho entrou no meu olho esquerdo: duas vêzes ciscos, uma vez um grão de areia, outra um cílio. Das quatro vêzes tive que procurar um oftamologista de plantão. Da última vez perguntei ao Dr. Murilo Carvalho, cirurgião dos Oculistas Associados, e também um artista em potencial que realiza sua vocação através de cuidar por assim dizer de nossa visão do mundo:

- Por que sempre o olho esquerdo? É simples coincidência?

Ele respondeu não; que, por mais normal que seja uma vista, um dos olhos vê mais que o outro e por isso é mais sensível. Chamou-o de olho diretor. E, por ser mais sensível, disse êle, prende o corpo estranho, não o expulsa.

Quer dizer que o melhor olho é aquêle que mais sofre a um tempo mais poderoso e mais frágil, atrai problemas que, longe de serem imaginários não poderiam ser mais reais que a dor insuportável de um cisco ferindo e arranhando uma das partes mais delicadas do corpo.

Fiquei pensativa.

Será que é só com os olhos que isso acontece? Será que a pessoa que mais vê, portanto a mais potente, é a que mais sente e sofre. E a que mais se estoraçalha com dores tão reais quanto um cisco no olho.

Fiquei pensativa.

O livro de meu vizinho

Mandaram-me um livro contendo uma carta. O livro é de contos, chama-se Jornada em Círculos, e o autor é José Luís Janot. Pela carta vim a saber que êle mora quase defronte

1967 (CONT.)

de mim: de meu pequeno terraço pude ver, seguindo sua descrição, o fundo de seu apartamento: "paredes brancas, escadinha, porta e janelas azuis". Diz que, na noite do incêndio na minha casa, viu "a fumaça abundante, adivinhei que era o seu apartamento e descii correndo as escadas". Mais adiante: "naquela noite horrível, quando menos esperava - instintivamente - rogava a um deus qualquer para que nada de irremediável lhe acontecesse". Obrigada, meu vizinho, pela prece e pelo livro.

Li os contos. E são bons. A orelha do livro informa que se trata de uma primeira publicação. Não parece. Sente-se uma segurança que não é de principiante. Aliás, a orelha diz que o autor, embora estreante, não é absolutamente um neófito. "Sofreu todo um processo de amadurecimento interior antes que se sentisse apto a enfrentar o público". Tivesse eu a capacidade de fazer crítica, entraria provavelmente em detalhes. Mas não sou crítica. Só posso dizer que Jornada em Círculo é bom e que gostei de lê-lo.

Sim

DM

Um fato inusitado e um pedido

Recebi uma carta bem dactilografada (sic), sem erros de português, sem floreios, embora excessivamente respeitosa: sou o tempo todo chamada de Vossa Senhoria.

A carta é de Fernando Bernardes que me pede desculpas por "ocupar vossa ilustre pessoa". Diz: "Sou homem modesto ocupando o cargo de vigia de obras, em período noturno, e faço da leitura dos livros os companheiros para atravessar insone as horas do meu trabalho". Continuando, diz que um amigo emprestou-lhe um livro meu, "excelente", embora não mencione qual deles. E por isso lembrou-se de me perguntar se eu não poderia enviar-lhe alguns livros usados pois "percebo pequeno salário, e o meu ganho não dá para a compra dos mesmos".

A carta me surpreende e comove. Por que esse homem é vigia de obras?

Falei pelo telefone com o escritor Umberto Peregrino, Diretor do Instituto Nacional do Livro, contei-lhe o caso, e ele prontamente mandou enviar uma seleção de livros ao vigia de obras.

Posso fazer um pedido aos leitores? Que também man-

1967 (CONT.)

dem livros usados para Fernando Bernardes, dando-lhe uma
alegria. Seu endereço é: Rua Imaráí, 124, Bangu.
Obrigada.

28 out	Suíte da primavera suíça	<u>DM</u>
4 nov	As grandes punições	<u>DM</u>
11 nov	A favor do medo	<u>DM</u>
18 nov	Um encontro perfeito	<u>DM</u>
25 nov	Quando chorar	<u>DM</u>
	A mineira calada	<u>DM</u>
	A vidente	<u>DM</u>
	Agradecimento?	<u>DM</u>
	"A coisa"	<u>DM</u>
2 dez	Por detrás da devoção	<u>DM</u>
9 dez	Uma coisa	<u>DM</u>
	Lição de piano	<u>DM</u>
	Bolinhas	<u>DM</u>
16 dez	Das doçuras de Deus	<u>DM</u>
	De outras doçuras de Deus	<u>DM</u>
23 dez	O caso da caneta de ouro	<u>DM</u>
30 dez	A entrevista alegre	<u>DM</u>

1968

- 6 jan
San Tiago DM
- 13 jan
Calor humano DM
- 20 jan
Insônia infeliz e feliz DM
Gratidão à máquina DM
A irreabilidade do realismo DM
- 27 jan
Como uma corça DM
- 3 fev
Que me ensinem DM
Um telefonema DM
Chico Buarque de Holanda DM
Ao linotipista DM
*(NP: Na DM, p.87, a data é 4 fev 1968, dia em que não
há crônica de Clarice Lispector no JB)*
- 10 fev
Um pedido DM
Deus DM
Um sonho DM
Um pintinho DM
Anonimato DM
Chico Buarque de Holanda, DM
- 17 fev
Carta ao Ministro da Educação DM
- 24 fev
Sentir-se útil DM
Outra carta DM
Hermética? DM
- 2 mar
Persona DM
- 9 mar
O grito DM
O maior elogio que já recebi DM

1968 (CONT.)

- O vestido branco DM
- 16 mar
Restos do carnaval DM
- 23 mar
Oi, Chico! DM
Ana Luísa, Luciana e um polvo DM
Maria chorando ao telefone DM
Outra Maria, essa ingênua e Carlota DM
(NP: Na DM, p.113, o título é: Outra Maria, essa ingê-
nuua, e Carlota)
- 30 mar
Armando Nogueira, futebol e eu, coitada DM
- 6 abr
Estado de graça - Trecho DM
- 20 abr
Adeus, vou-me embora! DM
- 27 abr
Escândalo inútil DM
- 4 maio
A alegria mansa - trecho DM
A volta ao natural - trecho DM
- 11 maio
Declaração de amor DM
As três experiências DM
- 18 maio
A matança de seres humanos: os índios DM
Enquanto vocês dormem DM
- 25 maio
Estritamente feminino DM
"Rosas silvestres" DM
O carinho de um leitor

Recebi ao mesmo tempo e da mesma pessoa rosas lindas, um livro e uma carta. Antes de mais nada arrumei as rosas numa jarra e ficou muito bonito e alegre. Vi que o

1968 (CONT.)

livro se chamava Sois todos Sanpaka, por Sakurazawa Nyoi-ti, versão ocidental atualizada da Macrobiótica Zen, por William Dufty.

Abri a carta: "Se eu não confiasse na sua curiosidade ficaria com medo de que você rasgasse esta carta sem a ler. É o que todo o mundo faz, inclusive eu, com carta anônima, com a diferença que eu nunca recebi carta anônima. Este livro ensina um regime japonês que acaba com qualquer doença. Do câncer ao resfriado, passando pelas doenças mentais ou nervosas, até miopia e queda de cabelo, o regime cura tudo. Parece que não cura amor, mas não creio que esta doença a aflija tanto. Você tem depressões e insônia, o regime cura isto em dez dias; pena que assim esses seus olhinhos de lua nova ficarão abertos menos tempo.

A dieta não deve ser começada bruscamente e em caso de dor de cabeça chupar uma ou duas ameixas salgadas japonesas, que passa.

As rosas são para ficar lhe dando remorso enquanto você não ler o livro.

Menos uma que ofereço por amor".

O pseudônimo é Sayonara, e acrescenta um P.S.: "Sábado você esteve divina, li sua coluna quase trêmulo segurando o jornal com as duas mãos".

Obrigada, Sayonara. Se você não quis assinar seu nome, deve ter seus motivos e perdão. Porque a carta é de carinho. As rosas, como eu disse, enfeitaram minha vida. Uma das rosas, a que você oferece por amor, aceito. E vou ler o livro. Não só isso: quando o tiver lido - vai demorar porque ando muito ocupada - quando eu o tiver lido, transmitirei as partes mais interessantes aos leitores de minha coluna. E procurarei seguir o regime. Meus "olhinhos de lua nova" bem gostarão de se fecharem e eu dormir como todo o mundo. Obrigada.

(NP: Transcreve-se na DM, à p.144, a crônica "Saudade" com data (falsa) de 27 maio 1968. Na realidade, "Saudade" foi estampada no JB a 27 maio 1972).

1 jun

Frase misteriosa, sonho estranho

DM

8 jun

Mulher demais

DM

1968 (CONT.)

Ideal burguês DME amanhã é domingo DM*(NP: No DM, p.148, há inversão na ordem dos módulos:**Mulher demais**E amanhã é domingo**Ideal burguês)*

15 jun

Pertencer DM

22 jun

Ainda sem resposta DMUma experiência DMSer cronista DM

29 jun

Correspondência

Desculpem todos vocês aos quais não respondi porque não sei onde guardei as cartas: vivo perdendo coisas dentro de casa mesmo. Mas um dia acho e respondo.

- F.N.M., você é uma raposa astuciosa, mas deixou o rabo aparecer mesmo para uma pessoa distraída como eu. Suas iniciais devem ser falsas também; acredito que você seja mulher de diplomata, pelo número de diplomatas que você cita. Você toma um ar de falsa piedade e me diz que soube que a depressão em que andei foi causada pelo casamento de meu ex-marido. Guarde, minha senhora, a piedade para si própria, que não tem o que fazer. E se quer a verdade, coisa pela qual a senhora não esperava, ei-la: quando me separei de meu marido, ele esperou pela minha volta mais de sete anos. Quando ele se casou, e bem casado, foi um grande alívio para mim, se é que a senhora compreende essas coisas: foi um alívio e uma alegria porque eu o sabia bem acompanhado e não mais sôzinho, e, portanto, eu não me sentia mais culpada. Continuo amiga da família de meu ex-marido, falo com ele e com sua nova espôsa muito cordialmente. Perdoe, Madade F. N.M., eu destruir o romance que a senhora construiu. Mas eu lhe dou o material para a senhora inventar outro: realmente passei por um período de depressão e, não só não me interessa contar-lhe o motivo, como não quero. Está bem, meu benzinho? *** Maria Ester Mussoi: você demonstra talento ao escrever (por favor não

1968 (CONT.)

me mandem manuscritos porque não gosto de lê-los). de Maria Ester: "O teu fim sou, quando mataste Kennedy, o maior César que tiveste; quando teus legionários fizeram de um Vietname um campo de sangue e de morte; mas principalmente agora, falsa civilizada, quando tiraste a um pacífico negro, o direito de viver e dizer". Sua crônica também é boa. Mas eu queria dizer a você e a todos os que estão começando a escrever que, para não respeitar as regras gramaticais, é essencial conhecê-las - senão é simples erro e ignorância. É, sim, criar é complicado. Mas vale a pena. *** Fundação Casa do Estudante do Brasil: perdoem eu não ter ido ao recital do Coral e da Orquestra de Câmara da Escola da Aeronáutica: recebi o convite atrasado e já tinha passado a data. *** José Antônio: "... ainda não sou puro para compreender as pessoas puras como você". Não sou tão pura assim, José Antônio, sou uma pessoa como as outras. Você continua: "- O que eu queria era dizer o que é Clarice. Claro que é uma Clarice Pessoal, mas o que é mais válido..." Não procure adivinhar quem eu sou: eu mesma até hoje não adivinhei. *** Padre Armindo Trevisan, de Santa Maria, Rio Grande do Sul: "Dias atrás, li um diálogo possível, com Clarice Lispector, que Manchete está publicando... aceite meus parabéns. Por favor, continue!" Continuarei, mas essas reportagens não dependem só de mim, dependem do dono e do Diretor da revista. *** Não posso, infelizmente, jantar com você, F.M. Seria o começo de um mau hábito. Mas agradeço o convite. *** "Lendo o Jornal do Brasil, já em data passada, pois recorto suas crônicas, tentei analisar uma delas, O grito. Gostei de seu grito, é um grito tão forte que despertei. Não sei se o entendi completamente, mas despertei. Senti-me leve em suas expressões tão humanas, parecendo tão livres. Talvez seja o grito de que a juventude precisa, um grito de liberdade" (Élcio Ferreira dos Santos). Os estudantes estão gritando em tôdas as partes do mundo, Élcio. E eu grito com eles. *** Hilca, seu telefone não responde, não posso assim ajudá-la na grave crise pela qual você está passando. Telefone para mim. *** De Lima, Peru, datado de 24 de maio último, mas a assinatura é ilegível. Fiquei contente de ver você fazer um poema baseado numa crônica minha. É assim: Aqui/não é café é tê/ não tem açúcar, tem jasmim/ E lá fora não há

mar,, apenas uma névoa muito grande/ que nos cerca, nos agarra.../ E é também dentro desta escuridão,/ que me sinto triste,/ sem remédio/ "mediocridade de viver"/ Se outras intenções não tinha, para alguém serviu/ seu escrito. Grato" *** De Célio Avancini, Campinas, Estado de São Paulo. "Dia de muito sol e uma vontade forte, muito forte, de amar e conversar, de ser amigo, amante, amado de pessoas como você, Clarice. Amparo de minhas noites, Clarice: Foi maior a ansiedade, sinto muito. Imagino a quantidade de pessoas que se socorrem em seu regaço, dentro de suas palavras, no fundo de suas mãos, e imagino ainda a paciência que deve ter para suportar tanto peso em seus ombros, pois que tudo isso, é certo, pesa mais "que a mão de uma criança". Mas, eu já disse, a ansiedade foi maior, e eis-me lançado a provável ponte construída bem dentro de mim, na travessia das madrugadas, quando o calor nascia de seus livros, de sua compreensão do mundo, das maravilhas de que é capaz. Muito obrigada, Clarice, pelas coisas que consegue escrever. Hoje eu represento o papel muito conhecido do jovem escritor que procura o grande para mostrar suas experiências, seus trabalhos abandonados no fundo das gavetas, sua tristeza de não poder dar à luz as coisas paridas em silêncio, no mutismo das noites solitárias. É isto também Clarice: quero que você leia os meus trabalhos, tenho necessidade disso, você foi eleita entre todos para suportar minha investida e o cheiro de meu coração. Seria pedir demais? Sinceramente, acho que talvez seja (é mais provável), mas já se tornou inevitável o pedido, a carta nasceu, minha responsabilidade é quase nula, você é um gigante e eu não tenho culpa. - "Avancini, por Deus que não sei por que vou fazer uma exceção: mande-me algum trabalho seu e verei se posso encaminhá-lo a alguma editôra."

Vocês todos que não tiveram oportunidade de participar da passeata de quarta-feira, dia 26, não sabem o que perderam como espetáculo de amor, fé e solidariedade humana, e protesto profundo. Nós, que fizemos parte da ala dos intelectuais, estávamos unidos à dos artistas e sobretudo à dos estudantes. E honramos a palavra que demos ao Governador Negrão de Lima: foi uma passeata pacífica que clamava pelos direitos do povo mas respeitosa. Especial para A. (Rio) - Você que tem nome de flor me ensina tantas

1968 (CONT.)

coisas lindas e me manda as coisas lindas que você ensina. Sei agora o que é bromélia, e está, como você mandou, mergulhada na água, à espera que a flor se abra. As estrelitizas ou estrelicias que você me mandou parecem uma mistura de galo, flor, passarinho e estrelinhas de São João. Custei tanto a me separar delas que, mortas, continuavam com seu depois frágil grito de galo. Até que a empregada jogou-as fora. E você prometeu primula: planta ou tubérculo tão bem ensinado por Deus que fica quieta o ano inteiro e no exato primeiro dia da primavera se abre em flor. No dia 22 de setembro ficarei de vigia. No próximo sábado continuarei a correspondência.

- 6 jul
A descoberta do mundo DM
- 13 jul
Cérebro eletrônico: o que sei é que é tão pouco DM
O meu próprio mistério DM
A opinião de um analista sobre mim DM
- 20 jul
O arranjo DM
De uma conferência no Texas DM
Em busca do outro DM
- 27 jul
"Ritual" - trecho DM
- 3 ago
Como tratar o que se tem DM
Desafio aos analistas DM
Palavras de uma amiga DM
Miguel Ângelo DM
O suéter DM
O embaixador escritor

Quem esperar que o Embaixador Henrique Vale tenha escrito um livro de experiências como Embaixador do Brasil na Rússia ou em outros países estará completamente enganado. Trata-se de um embaixador muito carioca, com quem se pode também falar na gíria, embora não a use para escrever, a menos que seja o caso. Henrique Vale no seu livro Sete estórias curtas e uma não tanto - título já por

1968 (CONT.)

si uma amostra das histórias - tem uma sensibilidade para cada tipo de personagem. São contos que se lêem com gosto porque são não apenas bem escritos como têm, para quem conhece Henrique, a vivacidade pessoal do autor: Segunda Guerra Mundial, Conto contado pra vizinha, Minha mão doente, Morceau Choisi, Noite sem céu, O assassinato do suicídio, A mão de Deus e o medo do Diabo, Conversa de boate - são todos de boa qualidade e continuo a não entender porque Henrique só agora resolveu publicá-los. Tem contos ali que prefiro mas não vou dizer quais para não influenciar o leitor.

10 ago	Uma história de tanto amor	<u>DM</u>
17 ago	Morte de uma baleia	<u>DM</u>
24 ago	Noite na montanha	<u>DM</u>
31 ago	A perseguida feliz	<u>DM</u>
7 set	Os perfumes da terra	<u>DM</u>
	Familiaridade	<u>DM</u>
	Dormir	<u>DM</u>
	Mistério	<u>DM</u>
	Uma tarde feliz como embandeirada	

... Que felicidade pura e suave. Tudo nesta tarde estava ameno e leve como brisa para preparar minha ida à casa de Grauben. Enfeitei-me um pouco: queria estar bonita, imitando de longe a natureza desta tarde. E lá fui eu com dois livros na mão para dedicar à delicadíssima pintora. Depois entendi que deveria ter levado papoulas, as mais lindas e variadas, e se pudesse compraria uma borboleta viva para cheirar as flôres.

E Grauben? Ela é a esperança dos que temem a velhice. E o segrêdo é descobrir em si mesma a possibilidade de uma ação criativa. Grauben tem 78 anos. Ela é enxutinha, e tão bonitinha, e mexe-se com gestos hábeis e ágeis, anda com mais leveza do que muita jovem. E seu rostô? É lindo:

1968 (CONT.)

uma pele sem mancha, a saúde se refletindo naqueles olhos alegres, o rosto cõr-de-rosa. Se esta é sua cõr, ótimo. Se era um pouco de ruge, melhor ainda. Eu que, mesmo sem motivo, sou um pouco melancólica, vi que estava rindo e sorrindo e era a mais límpida homenagem à pintora. Escolhi um quadro que tem tudo de Grauben: um grande pássaro azul entre águia e pavão, uma enorme borboleta, uma flor tãda aberta, plantas e todos pontilhados que ela usa como fundo do quadro e que dão a impressão de uma moita de alegria. Nós duas queríamos nos conhecer mütuamente. Lamento - apenas ter provãvelmente ar de bõba, sorrindo à toa. Sua filha Eunice Catunda é concertista. Passamos para o seu apartamento ao lado e ela tocou para mim. Tãda eu era um batendo de emoção. Os sons que saíam de seus dedos eram tão puros e sonoros e límpidos. Eu estava séria de prazer. Eunice já tocou como solista no Carnegie Hall e em setembro irá de nõvo se apresentar na mesma sala de concertos onde sã os grandes entram. "Eu me divirto com meus filhos: sã tão inteligentes e capazes. Eunice, por exemplo, além dos concertos por tantos lugares do mundo, tem jeito para tudo: se faz pintura, faz ótima, se cozinha a comida é perfeita, ela sabe fazer tudo." Grauben não perde nada dẽste mundo. Ela é pra frente. Sua casa de súbito para mim parece um bosque encantado, úmico, denso, rico com tãdas as invisíveis fõlhas verdes e transparentes. E eis-me agora com uma Grauben em casa. Quem não tem jamais saberã o que perde. E o preço dos quadros é perfeitamente acessível a um anorme número de pessoas. Grauben me deu uma fotografia sua segurando exatamente o meu quadro. E atrás da fotografia - desculpem, mas a alegria me faz perder por um instante a modẽstia objetiva com que vivo - atrás da fotografia escreveu: "À grande Clarice, obrigada por conhecẽ-la, a desde já grande amiga." Assinado o nome mais deleitoso entre nossas pintoras: Grauben.

14 set

Escrever

DM

Fartura e carẽncia

DM

Conversas

DM

21 set

Fernando Pessoa me ajudando

DM

1968 (CONT.)

	Os prazeres de uma vida normal	<u>DM</u>
	É preciso também não perdoar	<u>DM</u>
	Lição de filho	<u>DM</u>
28	set	
	Lembrança de filho pequeno	<u>DM</u>
	A fome	<u>DM</u>
	Mistérios de um sono	<u>DM</u>
	Seguir a força maior	<u>DM</u>
	Só como processo	<u>DM</u>
	<i>(NP: Na <u>DM</u>, p.201, consta ainda nesta data o módulo: "As dores da sobrevivência: Sérgio Porto", que foi publicado no <u>JB</u> no dia 5 out 1968)</i>	
5	out	
	As dores da sobrevivência: Sérgio Porto	<u>DM</u>
	Eu sei o que é primavera	<u>DM</u>
	O terror	<u>DM</u>
12	out	
	Talvez assim seja	<u>DM</u>
	Fidelidade	<u>DM</u>
	Estilo	<u>DM</u>
	Delicadeza	<u>DM</u>
	Amor a êle	<u>DM</u>
	Mãe-gente	<u>DM</u>
	<i>(NP: Na <u>DM</u>, à p.205, título é Mãe-Gentil)</i>	
19	out	
	Faz de conta	<u>DM</u>
	"Precisa-se"	<u>DM</u>
	São Paulo	<u>DM</u>
26	out	
	A bravata	<u>DM</u>
2	nov	
	Sensibilidade inteligente	<u>DM</u>
	Intelectual? Não.	<u>DM</u>
	O que eu queria ter sido	<u>DM</u>
9	nov	
	Trecho	<u>DM</u>

1968 (CONT.)

O sonho	<u>DM</u>
Um conto se faz ao largo	<u>DM</u>
Uma revolta	<u>DM</u>
16 nov	
Aprofundamento das horas	<u>DM</u>
Comer, comer	<u>DM</u>
Dor de museu	<u>DM</u>
Mário Quintana e sua admiradora	<u>DM</u>
23 nov	
O ritual	<u>DM</u>
O terremoto	<u>DM</u>
A perfeição	<u>DM</u>
O nascimento do prazer - (trecho)	<u>DM</u>
30 nov	
Angina "Pectoris" da alma	<u>DM</u>
(NP: No <u>DM</u> , p.228, eliminam-se as aspas)	
Se eu fôsse eu	<u>DM</u>
Como é que se escreve?	<u>DM</u>
Um diálogo	<u>DM</u>
Conversa telefônica	<u>DM</u>
7 dez	
De uma conferência no Texas	

Copio um trecho de uma conferência que pronunciei no Texas, a convite de sua Universidade:

"... Nessa minha experiência fui de início levada a pensar, pela primeira vez com atenção na palavra vanguarda, e, por uma questão de autoclarificação e auto-honestidade, precisei também tentar a configuração do que para mim significava uma vanguarda literária. Vanguarda seria, também para mim, é claro, experimentação... O que me confundiu um pouco a respeito de vanguarda como experimentação é que toda verdadeira arte é experimentação e, lamento muito, toda verdadeira vida é experimentação. Por que então uma experimentação era vanguarda a outra não? Vanguarda seria aquela que revertesse valores formais e tentasse por assim dizer, um oposto ao que estivesse no momento sendo formalmente feito? Seria simplório demais, além de que tão raso quanto as modas. Quem sabe, vanguarda seria para mim

1968 (CONT.)

a forma sendo usada como novo elemento estético? Mas a expressão elemento estético não se entende bem comigo. Ou vanguarda seria a nova forma, usada para rebentar a visão estratificada e forçar, pela arrebatção, a visão de uma realidade outra - ou, em suma, da realidade? Isso já estava melhor. Qualquer verdadeira experimentação levaria a maior autoconhecimento, o que significaria: conhecimento. Vanguarda seria, pois, em última análise, um dos instrumentos de conhecimento, um instrumento avançado de pesquisa. Esse modo de experimentação partiria de renovações formais, suponhamos, que levariam ao reexame de conceitos, mesmo de conceitos não formulados, só subentendidos. Mas poderia também partir da consciência, mesmo não formulada, de conceitos novos, e revestir-se inclusive de uma forma clássica - e isso já contrariava o conceito de vanguarda, em estrito senso, como é geralmente configurada?

Foi então que percebi que minha dificuldade sobre a matéria era muito mais funda. É que eu estava lidando com um assunto afim a duas palavras cujo sentido nunca tivera muito sentido para mim: refiro-me à expressão forma e fundo. São palavras usadas em contraposição ou em justaposição, não importa, mas significando de qualquer maneira divisão. E essa expressão forma-fundo sempre me desagradou vitalmente - assim como me incomoda a divisão corpo-alma, matéria-energia, etc. Sem nunca me deter muito no assunto, eu repelia quase de instinto esse modo de, por se ter cortado verticalmente um fio de cabelo, passar por isso a julgar que o fio de cabelo compõe-se de duas metades. Ora, um fio de cabelo não tem metades, a menos que sejam feitas. Bem sei que usar divisão de fundo e forma talvez seja às vezes hipótese de trabalho, instrumento para estudo. Se também eu usasse esse instrumento, vanguarda então seria inovação de forma? Mas inovação de forma podia então implicar conteúdo ou fundo antigo? Mas que conteúdo é esse que não poderia existir sem a chamada forma? Que fio de cabelo é esse que existiria anteriormente ao próprio fio de cabelo? Qual é a existência que é anterior a existência. Vendo-me tão confusa, então eu me propus, apenas para me facilitar e também apenas para hipótese de avanço meu, que para mim a palavra tema seria aquela que substituiria a unidade indivisível que é fundo-forma. Um tema, sim, po-

1968 (CONT.)

de preexistir, e dêle se pode falar antes, durante e depois de coisa prôpriamente dita; mas fundo-forma é a coisa prôpriamente dita; e do fundo-forma só se sabe ao ler, ver, ouvir, experimentar. Eu me propus: tema, é a coisa escrita; tema é a coisa pintada; tema, é a música; em suma: tema é viver. Foi só então que consegui me entender mais, e sobretudo entender melhor o modo como eu via o caso brasileiro.

Tive que pôr de lado a palavra, no seu sentido europeu. Pensei, por exemplo, se o nosso movimento de 1922, o chamado movimento modernista, seria considerado vanguarda por outros países, em 1922 mesmo. Nesse movimento a experimentação, característica de uma vanguarda, seria reconhecida como tal por outras literaturas? O movimento de 1922 foi de profunda libertação, libertação significa sobretudo um nôvo modo de ver, libertação é sempre vanguarda, e também nessa de 1922 quem estava na linha de frente se sacrificou. Mas libertação é às vêzes avanço apenas para quem se está libertando, e pode não ter valor de moeda corrente para os outros. Para nós 1922 significou vanguarda, por exemplo, independente de qualquer valor universal. Foi movimento de posse: um movimento de tomada de nosso modo de ser, de um dos nossos modos de ser, o mais urgente naquela época, talvez. Que já tenhamos inclusive ultrapassado 1922, ainda mais o reafirma como movimento de vanguarda: foi tão absorvido e incorporado que se superou, o que é característica de vanguarda, e se a 1922 nos referimos historicamente, na realidade ainda somos resultado dêle. O próprio Mário de Andrade, se ainda vivesse, teria incorporado a si próprio, ainda mais, o melhor de sua sadia rebelião, e seria hoje um clássico de si mesmo. O futuro de um homem de vanguarda é amanhã não ser lido exatamente por aquêles que mais se assemelham a êle, isto é, exatamente os mais aptos a entender sua necessidade de procura estarão amanhã ocupados com novos movimentos de procura. Pensando em vários homens de nossa vanguarda, ocorreu-me sem nenhuma melancolia que é então, exatamente, que o escritor de vanguarda terá atingido sua finalidade maior: se terá dado tanto e terá sido tão bem usado, que amanhã desaparecerá. Eu disse amanhã. Mas depois-de-amanhã - passada a vanguarda, passado o necessário silêncio - de-

1968 (CONT.)

pois-de-amanhã êle se levanta de nôvo. E é claro que Mário de Andrade não desapareceu: 1922 não foi ontem, foi ante-ontem..."

14 dez

O livro como melhor presente

Tenho em mãos um dos mais belos livros que vi ultimamente: Pero Vaz de Caminha, carta a El Rey Dom Manuel. Tipograficamente é uma obra-prima, edição da Editôra Sabiã, de Rubem Braga e Fernando Sabino. O livro vem dentro de uma caixa, o que o torna ainda mais um presente. Os desenhos magníficos são de Caribé. Trata-se de uma homenagem ao quinto centenário do nascimento de Pedro Álvares Cabral, versão de Rubem Braga. Palavras introdutórias dêste mesmo escritor e editor. "... Descoberta na Torre do Tombo em 1773 por Seabra da Silva, o venerável documento, que já foi chamado de nossa certidão de batismo, tem tido muitas versões em linguagem atualizada, desde a de Aires do Casal... até Leonardo Arroio. "Nosso critério", diz Rubem na introdução, "foi o de preservar tanto quanto possível, o sabor da linguagem antiga: respeitamos, até os limites do ininteligível, a frase de Caminha, em seu torneio e suas repetições." "... Evitei corrigir o velho Caminha quando êle escreve que um português foi em terra no lugar de à terra, imos no lugar de vamos, ou nenhum não era em vez de nenhum dêles era; é gostoso verificar que em alguns casos a linguagem popular do Brasil conservou a honrada sintaxe de nosso primeiro cronista." E termina seu gostoso e simples prefácio dizendo: ... "quanto à terra de Santa Cruz, cresceu muitas léguas para o Norte e para o Sul e para Oeste, virando Brasil - e ainda vive, mais ou menos, conforme Deus Nosso Senhor é servido."

"Inquietações de um feto"

Trata-se do livro de contos de um estreante que não é estreante pois que escreve há bastante tempo: José Luís Silveira Neto.

Silveira Neto tem um jeito agudo e inquieto e profundo de contar as suas histórias. O que eu gostaria mesmo era de ver o seu romance publicado. Mas trata-se de um homem que não tem pressa. Como profissão, Silveira Neto é psicólogo. Inquietações de um feto é original. Trata-se

1968 (CONT.)

de um bom contista que acabamos de ganhar. E conto, por mais curto que seja, é difícil de se fazer bom.

"Grandes enigmas da humanidade"

Os autores são Luís Carlos Lisboa e Roberto Pereira de Andrade, coleção Presença do Futuro, da Editôra Vozes. Li o livro com a voracidade que só em criança se tem ao ler pela primeira vez uma história. Escrito com uma linguagem acessível e adequada ao texto, Grandes enigmas da humanidade é fascinante: ganhei o livro mas tenho vários conhecidos que esperam que eu acabe para lê-lo também, porque andaram folheando-o. Na orelha, Rose Marie Muraro diz: "Em todos os tempos, enigmas sem solução desafiaram a argúcia do homem. Muitos dêles apenas puderam ser melhor compreendidos com os novos recursos que a técnicas e a ciência estão proporcionando no século. Entre êles contam-se os seguintes: a Atlântida - desde a mais remota antiguidade, depoimentos de homens ilustres (inclusive Platão) relatam as glórias da avançadíssima civilização do continente desaparecido há mais de cem séculos. Hoje já se sabem muitas coisas a respeito da Atlântida; sua provável localização, as características de seu povo, como foi tragada pelo mar, etc."

O livro fala ainda sôbre os discos voadores e os "visitantes do espaço"; as grandes civilizações desaparecidas (inclusive no continente americano - as sete cidades do Brasil), quais os povos que aqui estiveram antes de Cabral e de Colombo (os vikings já são conhecidos; mas quantos sabem que os fenícios e os egípcios aqui vieram desde a mais remota antiguidade?) O futuro (iluminar o futuro é, pois, a melhor maneira de viver o presente).

É um livro de dois pesquisadores que dão as fontes de informação de que se valeram. É sério, além de ser extremamente atraente. Uma aventura no tempo e no espaço.

Um livro de viagens: Sexo Grátis e Nôvo, do arquiteto José Reznik, Editôra Pergaminho, prefácio de Oscar Niemeyer. Leve de se ler, curioso, aventureiro. Diz o prefácio de Niemeyer: "Este livro não revela apenas o arquiteto inteligente e curioso que sai a correr mundo atraído pelas grandes obras da arquitetura universal, mas o homem sensível que compreende a vida em todos os seus segredos e deseja vivê-la intensamente..." "... Mas se José Reznik mos-

1968/1969

tra-se atento a tudo que o cerca, é com vivacidade, desenvoltura e lirismo que discorre sôbre suas andanças pelo Oriente Médio. Não lhe faltam para isso curiosidade intelectual, nem convicções definidas, nem um espírito crítico apurado, como se observa ao definir em poucas palavras a arquitetura de Israel e numa única pergunta, uma atitude característica e engraçada do seu irmão e meu prezado amigo Davi..."

Na introdução, Reznik diz: "Juntei essas notas do diário para - além de ganhar a vida - distrair alguns, dar uma idéia da Europa a outros e, mais especialmente, desinibir alguns poucos que se iniciam em arte e arquitetura. A êsses últimos dedico êste livro. "Bom para se ler nas férias."

21 dez

Anunciação	<u>DM</u>
A virgem em tôdas as mulheres	<u>DM</u>
Êle seria alegre	<u>DM</u>
A humildade de São José	<u>DM</u>
Meu natal	<u>DM</u>

28 dez

Aprendendo a viver	<u>DM</u>
--------------------	-----------

1969

4 jan

Condição humana	<u>DM</u>
"A vida silenciosa"	

De The Silent Life, de Thomas Merton:

"O apóstolo Paulo estava impaciente com os corintos, não porque êles resistissem à sua autoridade, mas pelo contrário, precisamente porque alguns dêles queriam formar uma facção em tôrno dêle e exaltar a sua autoridade acima dos outros apóstolos.

Êle via que essa obsessão da idolatria do herói hu-

1969 (CONT.)

mano e o desejo de submeter-se a um líder humano era 'infantilidade' na ordem espiritual. Sua missão era precisamente libertá-los da servil auto-sujeição às tradições humanas, à autoridade humana, à liderança humana, para que eles pudessem desenvolver sua liberdade dada por Deus, e vivessem 'no Espírito' como cristãos maduros".

O milagre das folhas DM

11 jan
Lúcio Cardoso DM

18 jan
Quase DM

25 jan
Banhos de mar DM

1 fev
A proteção pungente DM
Doçura da terra DM
Não entender DM

8 fev
Alceu Amoroso Lima (I) DM

15 fev
Alceu Amoroso Lima (2) DM
(NP: Na DM, p.257, corrige-se Alceu Amoroso Lima (II))

22 fev
Alceu Amoroso Lima (final) DM

1 mar
A tão sensível DM
A trama DM
Quem escreveu isto? DM

8 mar
Augusto Rodrigues, também poeta

Quase todos os domingos vou conversar um pouco com Augusto Rodrigues. Domingo último ele disse: "Fiz uns poemas, Ledo Ivo achou uma droga, mas vou mostrar para você." Perguntei quem mais sabia que ele fizera ultimamente poemas, ele disse: "Só Ledo Ivo e você."

1969 (CONT.)

De modo que é um furo artístico publicar aqui os poemas. Gostei deles. É óbvio que ele é tão maior em desenho e pintura. Por isso mesmo penso que Ledo Ivo foi rigoroso demais. Além do que, acho as palavras de Augusto Rodrigues bonitas. Eu pedi os poemas a Augusto para publicá-los nesta minha coluna. Ele hesitou muito, terminou me dizendo: "Não me leve a sério, leve em gozação." Perguntei-lhe os nomes dos poemas. Pensou, pensou, respondeu: "não têm nome." Além dos poemas, ele faz uma daquelas historietas de poucas linhas que tanto agradam a Jorge Luís Borges. (No sábado que vem mostrarei o que agrada ao grande poeta-prosador argentino). Voltemos a Augusto Rodrigues e comecemos pela sua prosa que, num mínimo de palavras, transmitem um pensamento:

"Na hora da despedida umã falou: querida, eu estou indo ou vindo?"

Outra: "Tinham tanta fome que quando o capitão disse façam fogo, juntaram gravetos, acenderam o fósforo e saíram buscando algo para cozinhar."

Outra: "Quanto é esse queijo?" "12." "E a metade?" "7." "Me dê a outra."

Mais uma: "Remexeu a terra e dentro dela pôs a semente do amor, depois dormiu e sonhou, e quando acordou os olhos despertos viram sair de dentro da terra árvore e flor."

Um poema: "Baixou a cabeça/pôs os olhos no chão/ e sentiu o cutelo descendo no pescoço/ ainda assim viu/ uma criança brincando/ a mão terna alisando/ os cabelos/ o rio passando entre seus pés/ o pai falando sôbre o certo/a vida amarga/ o pão faltando/ uma queda de bonde/ o chão fugindo/ do que falavam/ pouco sabia/ não se encontrava no que dizia/ mas no ouvido/ forte ficou/ como ferrête em lombo de boi/ - o réu é culpado."

Outra: "Embaraçado estou/ na trama fina/ dos teus cabelos/ no laço dado/ pelos teus braços/ na bôca prêsna na tua bôca/ no corpo unido/ que nem um sô./ Mas se me soltas/ eu voltarei/ pois livre eu sou/ sô livre sou/ quando me prendes, quando me tens/ no enredado da trama fina/ dos teus cabelos."

Outra: "O boi entrou no mar/ e de lâ quando voltou/ tinha um tamanho tão grande/ que escondeu o horizonte/ e a

1969 (CONT.)

praia tãda ocupou./ Outo boi de manso entrou/ numa tela de Segall e de lã não mais saiu/ dorme no verde pintado/ coberto de céu azul./ Hã, porêm, um da infãncia/ que nunca mais ninguém viu/ um dia pela manhã/ pôs duas asas nas costas/ disse adeus e partiu."

Nascerã um livro nõvo

Walmir Ayala todos já conhecem, pela qualidade de sua poesia. Mas é possível que não conheçam um nõvo amigo meu, entomologista, com exposições de seus quadros em museus de Londres e Paris - Luís Otero. Vi os quadros de Luís Otero e fiquei perdida, fascinada pelo mundo dos insetos. Aliãs, Otero tocando ao piano Chopin também fascina. Apresentei-o a Walmir, levei-o a ver os quadros. O resultado das conversas de ambos é que vão fazer um livro que devoraremos: um livro de poesia sãbre a trãgica e intensa vida dos insetos, ilustrado por Luís.

15 mar

Histórias curtas selecionadas por Jorge Luís Borges

Chuang Tsu sonhou que era uma maripõsa e não sabia ao despertar se era um homem que havia sonhado ser uma maripõsa ou uma maripõsa que agora sonhava ser um homem.

Assim chegou a um imenso castelo, em cuja fachada estava gravado: A ninguém pertenco e a todos; antes de entrar já estavas aqui; ficarãs aqui quando saires.

Dois coeternos. Segundo se conta, Deus-Pai não é interior a Deus-Filho.

Criado o Filho, o Pai perguntou-lhe:

- Sabes como fiz para criar-Te?

Respondeu o Filho:

- Imitando-me.

Um sacerdote que desacreditava de mormonismo foi visitar Joseph Smith, o profeta, e pediu-lhe um milagre, Smith respondeu-lhe:

- Muito bem senhor. Deixo ã sua escolha. Quer ficar cego ou surdo? Escolhe a paralisia, ou prefere que lhe seque uma das mãos? Fale e em nome de Jesus Cristo eu satisfarei o seu desejo.

1969 (CONT.)

O sacerdote balbuciou que não era essa a espécie de milagre que havia solicitado.

- Então, senhor - disse Smith - vai ficar sem o milagre. Para convencê-lo não prejudicarei outras pessoas.

Final para um conto fantástico

Que estranho! - disse a moça, avançando cautelosamente. Que porta tão pesada. E ao falar tocou à porta que se fechou rapidamente de um só golpe.

- Meu Deus - disse o homem. Parece-me que não tem trinco do lado de dentro. Veja, você nos prendeu aos dois!

- Aos dois, não. A um só - disse a moça. Passou através a porta e desapareceu.

Desde aos seis anos senti o impulso de desenhar as formas das coisas. Aos 50, expus uma coleção de desenhos; nada do que executara antes dos 70 me satisfaz. Só aos 73 pude intuir, aproximadamente, embora, a verdadeira forma e natureza das aves, peixes e plantas. Por conseguinte, aos 80 anos terei feito grandes progressos; aos 90 terei penetrado a essência de tôdas as coisas. Aos 100, terei seguramente subido a um estado mais alto, indescritível e, se chego a 110 anos, tudo, cada ponto e cada linha, viverá. Convido aos que forem viver tanto como eu a verificar se cumprom essas promessas. Escrevo com a idade de 75 anos, por mim, antes Hokusai, agora chamado Huakivo-Royl, o velho enlouquecido pelo desenho.

"Aurea mediocritas" - Malherbe não estava muito seguro de que houvesse outra vida e dizia quando lhe falavam do inferno e do céu:

Vivi como todos,
quero morrer como todos,
quero ir para onde vão todos.

22 mar

Uma "prosa" de Jorge Luís Borges - Borges e eu

Ao outro, ao Borges, é a quem ocorrem as coisas. Eu caminho por Buenos Aires e me demoro, talvez já mecânicamente, a olhar o arco de um saguão ou um portão de ferro: de Borges tenho notícias pelo Correio e vejo meu nome es-

1969 (CONT.)

critico em uma comissão de professores ou num dicionário biográfico. Agradam-se os relógios das praças, os mapas, a tipografia do século XVIII, o sabor de café e a prosa de Stevenson: o outro compartilha dessas preferências, mas de um modo vaidoso que as converte em atributos de ator. Seria exagerado afirmar que nossa relação é hostil: eu, vivo, eu me deixo viver para que Borges possa tramar sua literatura e essa literatura me justifica. Nada me custa confessar que tem conseguido páginas válidas, mas essas páginas não podem me salvar talvez porque o bom já não é de ninguém nem sequer do outro, se não da literatura ou da tradição. Por outro lado, já estou destinado a perder-me, definitivamente, e só algum instante de mim poderá sobreviver ao outro. Pouco a pouco vou cedendo-lhe tudo, ainda que conheça seu perverso costume de falsear e engrandecer. Spinosa entendeu que tôdas as coisas querem perseverar em seu ser: a pedra eternamente pedra quer ser pedra e o tigre um tigre. Eu hei de permanecer em Borges, não em mim (se é que sou alguém), mas menos em seus livros que em muitos outros momentos ou do que no ponteio de uma guitarra.

Hã muitos anos eu tratei de livrar-me d'ele e passei das mitologias do bairro aos jogos com o tempo e números, e com o infinito, mas êsses jogos são de Borges agora e terei de imaginar outras coisas. Assim minha vida é uma fuga e tudo tenho perdido e tudo é do esquecimento ou do outro.

Não sei qual dos dois escreve esta página.

(Do livro El Hacedor, de JLB)

E agora vamos ao que há de mais velho e permanente e teimoso do mundo: Números - disse teimoso porque nada consegue modificá-los. Não há nada para atrapalhar-lhes a carreira, através dos tempos, numa semântica. O número é como o destino, sim, um desafio a tudo. Êle simplesmente é. Não há nascimento, nem vida, nem morte do número. Ê uma norma, uma lei, um ritmo.

Para Pitágoras o número é esta ordem, esta coerência que transmite a idéia de uma tensão de um todo, O Kosmos oposto ao Kaos, embora este t'ermo não deva ser entendido no seu sentido vulgar, mas no do que êle é um pré-Kosmos, onde estão contidas tôdas as possibilidades do Vir-a-ser-

1969 (CONT.)

Kosmos. Tôdas as coisas, pelo menos as que são conhecidas, têm número, pois não é possível que uma coisa qualquer seja pensada ou conhecida sem número.

Já lhe disse hoje que o número possui duas formas próprias: o ímpar e o par. A combinação dessas duas formará uma terceira: o par-ímpar. A paridade é infinita à nossa volta e através dela podemos com-parar. Ao passo que as coisas ímpares são menos incom-paráveis. Aqui estamos em pleno caminho para descobertas maravilhosas. A unidade suprema - o um, que não é número, pois nêle não há participação... (El Hacedor, de J.L. Borges).

29 mar	Perguntas grandes	<u>DM</u>
	Um homem feliz	<u>DM</u>
	O impulso	<u>DM</u>
5 abr	Corças negras	<u>DM</u>
	A perigosa aventura de escrever	<u>DM</u>
12 abr	Entrevista-relâmpago com Pablo Neruda	<u>DM</u>
19 abr	Entrevista-relâmpago com Pabo Neruda (Final)	<u>DM</u>
26 abr	Liberdade	<u>DM</u>
	Na Grécia	<u>DM</u>
	Charlatões	<u>DM</u>
	Enigma	<u>DM</u>
3 maio	Crônica Social	<u>DM</u>
10 maio	Uma esperança	<u>DM</u>
	A revolta	<u>DM</u>
17 maio	Fios de sêda	<u>DM</u>
	A não-aceitação	<u>DM</u>
	Facilidade repentina	<u>DM</u>

1969 (CONT.)

24 maio	Temas que morrem	<u>DM</u>
31 maio	Mêdo da libertação	<u>DM</u>
	Esboço do sonho do líder	<u>DM</u>
7 jun	O que é o que é?	<u>DM</u>
	A noite mais perigosa	<u>DM</u>
	Do modo como não se quer a bondade	<u>DM</u>
	Mas já que se há de escrever...	<u>DM</u>
	Amor à terra	<u>DM</u>
14 jun	Autocrítica no entanto benévola	<u>DM</u>
	Solidão e falsa solidão	<u>DM</u>
21 jun	Olhava longe, sem rancor	<u>DM</u>
28 jun	A vida é sobrenatural	<u>DM</u>
	Sem nosso sentido humano	<u>DM</u>
	Espera impaciente	<u>DM</u>
	Engrenagem	<u>DM</u>
	Trecho	<u>DM</u>
	Aprender a viver	<u>DM</u>
5 jul	Atualidade do ovo e da galinha	<u>DM</u>
12 jul	Atualidade do ovo e da galinha (II)	<u>DM</u>
19 jul	Atualidade do ovo e da galinha (III, final)	<u>DM</u>
26 jul	Cinco relatos e um tema	<u>DM</u>
2 ago	A princesa (I) (noveleta)	<u>DM</u>
	(NP: Na <u>DM</u> , p. 328, a data é 3 ago 1969, dia em que não há crônica de Clarice Lispector no <u>JB</u>)	

1969 (CONT.)

9 ago	A princesa (II) (noveleta)	<u>DM</u>
16 ago	A princesa (III) (noveleta)	<u>DM</u>
23 ago	A princesa (IV) (noveleta)	<u>DM</u>
30 ago	A princesa (final)	<u>DM</u>
6 set	O artista perfeito	<u>DM</u>
	Hindemith	<u>DM</u>
13 set	O Mêdo de errar	<u>DM</u>
20 set	Ao correr da máquina	<u>DM</u>
	O livro desconhecido	<u>DM</u>
	O erudito	<u>DM</u>
27 set	A sala assombrada	<u>DM</u>
4 out	Aventura	<u>DM</u>
	Humildade e técnica	<u>DM</u>
	Os heróis	<u>DM</u>
	Primavera se abrindo	<u>DM</u>
11 out	A explicação que não explica	<u>DM</u>
18 out	Menino a bico de pena	<u>DM</u>
	(NP: Na <u>DM</u> , p. 367, o título é: Menino a bico-de-pena)	
25 out	O intransponível	<u>DM</u>
1 nov	Um laboratório de criatividade	

1969 (CONT.)

Há oito anos uma moça chamada Nélida Piñon, descendente muito brasileira de espanhóis, iniciava sua carreira literária com um livro difícilimo de se ler: Guia-Mapa de Gabriel Arcanjo. Sem nenhuma concessão ao leitor, o livro, para a maioria, era ininteligível. Ainda na mesma linha publicou, em 1963, Madeira feita cruz. E três anos depois o livro de contos Tempo das frutas, este já bem mais realizado, com ótimos contos. O seu romance O fundador ganhou um prêmio especial no Concurso Nacional Walmpa e aparecerá, pela Editôra José Álvaro, na segunda quinzena de novembro. Continua escrevendo: tem prontos um livro de contos e uma peça de teatro. Tudo escrito num estilo muito especial, muito nélida piñon. (sic)

Enquanto isso, dirige o primeiro laboratório de criação literária no Brasil, na Faculdade de Letras do Rio de Janeiro, cargo que lhe assenta perfeitamente: só poderia ser ministrado realmente por alguém com a inteligência criadora de Nélida. Fiz-lhe, a propósito do laboratório, umas perguntas, que foram respondidas por Nélida por escrito.

- Você está dando um curso sobre criatividade literária, ou atividade criadora de um modo geral?

- Literária em particular. Mas não separo o fenômeno literário da criatividade em geral. Uma vez que criar é estar em tôdas as coisas.

- Você crê que o laboratório de criação literária, da Faculdade de Letras, possa orientar futuros escritores, ou seu curso tem apenas um sentido cultural?

- Mais importante do que transmitir experiência, é discutir as razões que justifiquem o escritor numa sociedade de consumo, em que o homem, nutrindo-se do objeto, aprendeu a venerar geladeiras, carros, instrumentos enfim que lhe são impostos como presumíveis restauradores do espírito. Não acreditamos que o ofício de escrever, assimilando de qualquer modo, determine imperativamente uma elite. Ao contrário, como poverellos estaríamos mais aparelhados a destronar regras incompatíveis e uma comunidade adiposa. O laboratório pretende tão somente queimar etapas, lidar com técnicas dominantes na ficção contemporânea, sem mutilar porém o espírito criador do aluno. Sobretudo transmitir a verdade e ouvindo também confirmamos nossa crença - de que compete afinal ao escritor desvendar o labi-

1969 (CONT.)

rinto, o escondido, a parcela, derrubar falsas comemorações, intensificar dúvidas, protestos, ainda que seu grito seja o último a se registrar numa região atomizada.

- Quais são os processos que liberam mais a criatividade?

- Todo processo é válido, desde que se confirme a criação. Alguns escritores, por exemplo, exigem o estado orgástico para criar, aquele delírio impedindo-os de analisar o ato que estão conhecendo, os frutos abastados da sua poderosa paixão. Outros elegem o caos como modo de atingir a ordem, o que vale a eleger a ordem para estabelecer o caos na Terra. Certos escritores imitam a sedimentação da rocha, cultivam estágios longínquos, são habitantes de eras remotas, e tão pacientes que desprezam o tempo por acreditarem na eternidade. Mas quem fala pelo escritor é seu próprio depoimento, o impulso de não ser escravo e criar livre.

- Qual é o seu método de escrever?

Você planeja a trama antes de começar?

- Acredito no convívio diário com a palavra, ainda que não seja de ordem física. Sem tal abordagem regular, vejo reduzida minha capacidade de expressão, dificilmente alcançando a forma necessária. Crio o que preciso ao longo dos dias, as mais penosas horas, e da vivência pessoal, colisões permanentes com a Terra. Existindo a consciência de escrever, que este ato se repita constantemente. Não compreendo amadorismo. Compreendo sim a vocação flagelada, difícil, espinhos por toda carne, que é nossa coroa, o desafio de não transigir. Fundador, meu último romance, foi estruturado antes de o iniciar. Conhecia a técnica, a linguagem, o andamento que se devia adotar. Embora elementos imponderáveis, entre o tanto que mais tarde mutilamos corrigindo, como se não fôsse nossa carne o que estamos sacrificando - surgissem ao longo do livro como transfusão.

- Você acredita em inspiração, ou acredita que o trabalho árduo é que vale para escrever?

- Inspiração era meu recurso de adolescente. Fase adulta exige outro confronto. E como a natureza não me tornou instrumento de Deus, habituei-me a avançar pesadamente no mundo escuro de um texto até descobrir a primeira luz.

1969 (CONT.)

8 nov

Maura

Volta e meia estou recebendo cartas e telefonemas a propósito de minha coluna neste jornal. Agora mesmo acaba de me telefonar uma moça chamada Maura. Disse que me lê todos os sábados e coleciona as minhas colunas. Que eu não posso imaginar o bem que faço a ela. No decorrer de sua conversa - Maura tem uma voz delicada e sensível - disse-me: eu leio logo que são passadas em Braille.

Fiquei um instante perplexa ou perturbada: estaria eu adivinhando certo? Perguntei-lhe:

- Você é cega?

Disse que sim, de nascença. Tem 26 anos, e sua família mora em Minas Gerais. Desde 1950 Maura vive no Rio, com uma família amiga, e estudou no Instituto Benjamin Constant. Atualmente estuda, na Faculdade, português e principalmente literatura: usa gravador, e os colegas também cooperam lendo-lhe as aulas. Disse que a pessoa que passa minhas colunas para Braille não é cega. Chama-se Constantino. E já passou para Braille quatro livros meus, hoje encadernados. Eu lhe disse:

- Você é uma moça corajosa e eu me sinto muito pobre diante de você.

- Coragem? Não, é necessário enfrentar a vida, e todos têm problemas, e minha cegueira não é o meu maior problema.

Maura percebeu como eu estava perturbada e pediu-me que a tratasse como se ela não tivesse "deficiência de visão". Maura, eu raramente tenho a sua coragem, e nem sei enfrentar a vida. É com profunda humildade, Maura, que agradeço o seu telefonema que aconteceu, sem você saber, num momento em que eu estava precisando de muita coragem. E agradeço também a Constantino.

Imagino Maura com olhos abertos, sem ver. Com todos os demais sentidos mais sensíveis por isso mesmo. Lembrome da vez em que, numa recepção, fui com outras pessoas apresentada a Helen Keller, cega, surda e falando roucamente, trocando um pouco as sílabas (pois nunca ouvira ninguém falar). Havia no grupo uma mocinha especialmente bela. Helen Keller, no meio da conversa, sentiu necessidade de ver alguém, e quem estava mais próxima era a mocinha. He-

1969 (CONT.)

len Keller, então, com as duas mãos passou dedos pelos traços do rosto da mocinha, cuidadosamente, demoradamente. E disse: você é muito bonita.

Jorge Luiz Borges

"Há tantos anos vinha fugindo e esperando, e agora o inimigo estava em minha casa. Vi-o através da janela subir penosamente o áspero caminho do morro. Apoiava-se num bastão, um bastão desajeitado que em suas mãos velhas não podia ser uma arma, e sim um báculo. Demorou até ouvir o que esperava: a fraca batida na porta. Olhei, com nostalgia, meus manuscritos, um caderno de notas e o tratado de Artemidoro sobre os sonhos, livro um tanto anômalo ali, já que não sei grego. Pensei: outro dia perdido. Tive de fazer força para rodar a chave. Temi que o homem se desequilibrasse, porque deu alguns passos incertos, largou o bastão, que não tornei a ver, e caiu sobre minha cama, exausto. Minha ansiedade imaginara muitas vezes com êle devia ser agora, mas foi só então que notei que se parecia, de um modo quase fraternal, ao último retrato de Lincoln. Deviam ser quatro da tarde.

Inclinei-me para que êle me escutasse:

- A gente acredita que os anos passam para a gente - disse eu - mas também passam para os outros. Aqui afinal nos encontramos, e o que aconteceu anteriormente não tem nenhum sentido.

Enquanto eu falava, êle havia desabotoado o sobretudo. A mão direita conservava-se no bôlso do paletó. Senti que ali havia alguma coisa, e era um revólver. Êle me disse então com voz firme:

- Para entrar em sua casa tive que recorrer à compaixão. Agora eu o tenho à minha mercê, e não sou misericordioso.

Tentei dizer algumas palavras. Não sou um homem forte, e só as palavras poderiam salvar-nos. Resolvi dizer:

- É verdade que, há tempos, maltratei um menino, mas você não é aquele menino, nem eu sou mais aquêle tolo. Além do mais, a vingança é menos vaidosa e ridícula que o perdão.

- Exatamente porque não sou mais aquêle menino - retricou-me - tenho de matá-lo. Não se trata de uma vingança. Seus argumentos, Borges, são simplesmente estratégias

1969 (CONT.)

de seu terror para que eu não o mate. Você não pode fazer mais nada.

- Há uma coisa que posso fazer - respondi.

- Qual?

- Acordar.

E assim fiz."

15 nov

Cem anos de solidão

Gabriel Garcia Marquez, o escritor da moda, é o autor do best seller Cem anos de solidão. É dos poucos best sellers que têm valor literário grande. O romance é uma história de família, cheia de amor, violência e loucura. Garcia Marquez só lida com fatos. E seus personagens são tão solitários, apesar da vida em comum de muitos, que Garcia Marquez não lhes descreveu os pensamentos: o próprio autor sentiu a solidão intransponível de "tôda essa estirpe de loucos, poetas, revolucionários, bandidos, belas mulheres, dentro de um ritmo de ação sem tréguas, com poesia, humor, grandeza e magia verbal". A poetisa Eliane Zaguri é quem fez uma magnífica tradução (não se sente por trás do português nenhuma língua estrangeira). Inclusive correspondeu-se com Garcia Marquez, enquanto traduzia seu livro. - É um livro que espanta a todo instante: é feito de 366 páginas de inesperados. Os desenhos, muito bons, foram feitos por Caribê (sic) para a Editôra Sabiã.

Um encontro com o futuro

Li A automação e o futuro do homem, da brasileira Rose Marie Muraro. Fala da influência muitas vezes catastrófica da tecnologia sobre a vida humana, nessa nossa era eletrônica. A desumanização progressiva do homem causa medo. O livro lê-se com uma curiosidade crescente. Vou transcrever o trecho em que Rose Marie Muraro transmite alguns dos 100 principais inventos que o futurólogo Herman Kahn, a maior autoridade mundial no assunto, descreve no seu livro Toward the year 2000:

- Novas fontes de energia para instalações fixas (termoelétricas, termoiônicas, magneto-hidrodinâmicas, etc.);
- novas fontes de energia para transporte (carros e turbina, jato, campo eletromagnético, etc.);
- transporte quase de graça para pessoas e cargas pa-

1969 (CONT.)

ra qualquer parte do mundo;

- uso extensivo de transplante de órgãos;
- uso do raio laser intensificado em comunicações e como arma letal poderosíssima;
- uso rotineiro de ciborgs (órgãos ou partes do corpo humano doentes substituídos por máquinas eletrônicas);
- novas espécies de plantas e animais;
- controle do sono, dos sonhos, do peso, da velhice, novos inventos cosmetológicos para evitar o envelhecimento;
- hibernação primeiro a curto período e depois a longo (anos);
- exploração dos oceanos com pessoas vivendo sob a água;
- luas artificiais para iluminar extensas áreas à noite;
- viagens espaciais tornadas comuns;
- transporte sobre o oceano (Europa-EUA em meia hora);
- trabalho doméstico automatizado;
- técnicas de controle da mente muito desenvolvidas;
- controle do tempo e dos climas;
- comunicação direta por estímulo do cérebro;
- armas nucleares baratas, ao alcance de qualquer nação;
- capacidade de escolher o sexo das crianças ou de mudá-lo antes do nascimento; controle da hereditariedade muito melhor conhecido;
- alimentos e bebidas sintéticos de aceitação geral;
- crédito universal instantâneo e automático;
- uso generalizado de robôs, isto é, computadores individuais;
- comunicação mundial barata através de lasers, tv individual;
- novos métodos para obter prazer sexual, novas drogas alterando o limiar de percepção;
- métodos químicos e mecânicos para melhorar a capacidade analítica humana, direta e indiretamente;
- novas, mais racionais, muito mais baratas formas e técnicas para construção de casas (domos geodésicas, conchas pressurizadas, etc.) e novos materiais de construção;
- fotografia e tevê (prêto e branco e depois a cô-

1969 (CONT.)

res) tridimensionais.

Segundo Herman Kahn, êsses e muitos outros inventos estarão normalmente em uso até o ano dois mil, isto é, daqui a 30 anos. Será preciso algum comentário?

Eis o futuro dos nossos filhos. Invejo-os.

22 nov

"Brain Storm"

DM

29 nov

Da natureza de um impulso ou entre os números um ou computador eletrônico

DM

6 dez

As caridades odiosas

DM

13 dez

Teosofia

DM

Liberdade

DM

Uma pergunta

DM

Nossa truculência

DM

O homem imortal

DM

20 dez

Entre aspas

DM

Um momento de desânimo

DM

Os recursos de um ser primitivo

DM

Sobre escrever

DM

Forma e conteúdo

DM

27 dez

"História dos dois que sonharam", Jorge Luís Borges

O historiador árabe El Ixaqui conta êste fato:

"Contam os homens dignos de crédito (só Alá é onisciente e poderoso e misericordioso e não dorme) que houve no Cairo um homem possuidor de riquezas, mas tão magnânimo e liberal que perdeu tudo, menos a casa de seu pai e que se viu forçado a trabalhar para ganhar o pão. Trabalhou tanto que o sono o surpreendeu uma noite debaixo de uma figueira de seu jardim e viu no sonho um homem que tirou da bôca uma moeda de ouro e lhe disse: "Tua fortuna está na Pêrsia, em Isfajân; vã buscá-la." Na madrugada seguinte acordou e iniciou a longa viagem e enfrentou os perigos dos

1969 (CONT.)

desertos, dos navios, dos piratas, dos idólatras, dos rios, das feras e dos homens. Chegou afinal a Isfajân, mas, ao entrar nessa cidade, a noite o surpreendeu e ele se dispôs a dormir no pátio de um templo. Havia, junto ao templo, uma casa, e pela Lei do Deus Todopoderoso, uma quadrilha de ladrões atravessou o templo e entrou na casa, e as pessoas que dormiam acordaram com o barulho dos ladrões e pediram socorro. Os vizinhos também gritaram, até que o capitão dos guardas noturnos daquele distrito acudiu com seus homens e os bandidos fugiram pelo terraço. O capitão ordenou que revistassem o templo, e ali encontraram o homem do Cairo e o açoitaram de tal maneira com varas de bambu que o infeliz ficou quase à morte. Dois dias depois voltou aos sentidos no cárcere. O capitão mandou buscá-lo e lhe disse:

- Quem és e qual é a tua pátria?

O outro respondeu:

- Sou da famosa cidade do Cairo e meu nome é Mohamed El Magrebi.

O capitão perguntou: "Que te trouxe à Pérsia?" O outro optou pela verdade e lhe disse: "Um homem me ordenou em um sonho que viesse a Isfajân, porque aí estava minha fortuna. Já, estou em Isfajân e vejo que essa fortuna que me prometeu devem ser os açoites que tão generosamente me deste".

Diante de semelhantes palavras, o capitão riu até aparecerem os dentes de siso e acabou dizendo:

- Homem desatinado e crédulo, três vezes já sonhei com uma casa, na cidade do Cairo, em cujos fundos há um jardim, e o jardim um relógio de sol e depois do relógio do sol uma figueira e logo abaixo da figueira uma fonte e debaixo da fonte um tesouro. Nunca dei o menor crédito a essa mentira. Enquanto tu, filho de uma mula com um demônio, vieste errando de cidade em cidade, guiado apenas pela fé em teu sonho. Que eu jamais te torne a ver em Isfajân. Toma estas moedas e vai.

O homem recebeu as moedas e regressou à pátria. Debaixo da fonte de seu jardim (que era a do sonho do capitão) desenterrou o tesouro. Assim Deus o abençoou e recompensou e exaltou. Deus é o Generoso, o Oculto."

(Do livro História Universal da Infância).

1969/1970

A sentença

(Narrativa de Wei Cheng-en - seleção de J. Luís Borges e Adolfo Casares).

"Aquela noite, o imperador sonhou que havia saído de seu palácio e que na obscuridade caminhava debaixo das árvores em flor. Algo se arrojou a seus pés e lhe pediu proteção. O imperador atendeu: o suplicante disse que era um dragão e que os astros lhe haviam revelado que no dia seguinte, antes do anoitecer, Wei Chêng, ministro do imperador, lhe cortaria a cabeça. Em sonho, o imperador jurou protegê-lo.

Ao despertar, o imperador perguntou por Wei Cheng, o ministro. Disseram-lhe que não estava no palácio. O imperador o mandou buscar e o manteve ocupado o dia inteiro, para que não matasse o dragão, e à tarde convidou-o a jogar xadrez. A partida foi longa, o ministro estava cansado e terminou dormindo.

Um estranho abalou a terra. Pouco depois, dois capitães entraram trazendo uma imensa cabeça de dragão empapada em sangue. Atiraram-na aos pés do imperador e gritaram:

- Caiu do céu!

Wei Cheng, que havia despertado, olhou-a perplexo e observou:

- Que estranho! Eu sonhei que matara um dragão assim.

Para os que gostam de interpretações, tento duas: na primeira prosa de Borges, a moral é que nossa fortuna está é conosco mesmo. Na narrativa de Wei Cheng-en, vê-se talvez o signo da fatalidade, da qual não se pode fugir.

1970

3 jan

Travessuras de uma menina (noveleta)

DM

10 jan

Travessuras de uma menina (noveleta) (continuação)

DM

1970 (CONT.)

(NP: Na DM, p. 397, está: *Travessuras de uma menina - II (Noveleta)*)

17 jan

Travessuras de uma menina (Novela) (continuação)

DM

(NP: Na DM, p. 401, está: *Travessuras de uma menina - III (Noveleta)*)

24 jan

Noveleta (continuação)

DM

(NP: Na DM, p. 404, está: *Noveleta*)

31 jan

Noveleta (continuação)

Eu era uma menina muito curiosa e, para minha palidez, eu vi. Eriçada, prestes a vomitar, embora até hoje não saiba ao certo o que vi. Mas sei que vi. Vi tão fundo quanto numa boca, de chôfre, eu via o abismo do mundo. Aquilo que eu via era anônimo como uma barriga aberta para uma operação de intestinos. Vi uma coisa se fazendo na sua cara - o mal-estar já petrificado subia com esforço até a sua pele, via a careta vagorosamente hesitando e quebrando uma crosta - mas essa coisa que em muda catástrofe se desenraizava, essa coisa ainda se parecia tão pouco com um sorriso como se um fígado ou um pé tentassem sorrir, não sei. O que vi, vi tão de perto que não sei o que vi. Como se meu olho curioso se tivesse colado ao buraco da fechadura em choque deparasse do outro lado com outro olho colado me olhando. Eu vi dentro de um olho. O que era tão incompreensível como um olho. Um olho aberto com sua gelatina móvel. Com suas lágrimas orgânicas. Por si mesmo o olho chora, por si mesmo o olho ri. Até que o esforço do homem foi se completando todo atento, e em vitória infantil êle mostrou, pérola arrancada da barriga aberta - que estava sorrindo. Eu vi um homem com entranhas sorrindo. Via sua apreensão extrema em não errar, sua aplicação de aluno lento, a falta de jeito como se de súbito êle se tivesse tornado canhoto. Sem entender, eu sabia que pediam de mim que eu recebesse a entrega dêle e de sua barriga aberta, e que eu recebesse o seu pêso, de homem. Minhas costas forcaram desesperadamente a parede, recuei - era cedo demais para eu ver tanto. Era cedo demais para eu ver como nasce

1970 (CONT.)

a vida. Vida nascendo era tão mais sangrento do que morrer. Moreer é ininterrupto. Mas ver matéria inerte lentamente tentar se erguer como um grande morto-vivo... Ver a esperança me aterrorizava, ver a vida me embrulhava o estômago. Estavam pedindo demais de minha coragem só porque eu era corajosa, pediam minha força só porque eu era forte. "Mas e eu?", gritei 10 anos depois por motivo de amor perdido, "quem verá jamais a minha fraqueza!" Eu o olhava surpreendida, e para sempre não soube o que vi, o que eu vira poderia cegar os curiosos.

Então ele disse, usando pela primeira vez o sorriso que aprendera:

- Sua composição do tesouro está tão bonita. O tesouro que é só descobrir. Você ... - ele nada acrescentou por um momento. Prescutou-me suave, indiscreto, tão meu íntimo como se ele fosse o meu coração.

- Você é uma menina muito engraçada, disse afinal.

Foi a primeira vergonha real de minha vida. Baixei os olhos, sem poder sustentar o olhar indefeso daquele homem a quem eu enganara.

Sim, minha impressão era a de que, apesar de sua raiva, ele de algum modo havia confiado em mim, e que então eu o enganara com a lorota do tesouro. Naquele tempo eu pensava que tudo o que se inventa é mentira e somente a consciência atormentada do pecado me redimia do vício. Baixei os olhos com vergonha. Preferia sua cólera antiga, que me ajudara na minha luta contra mim mesma, pois coroava de insucesso os meus métodos e talvez terminasse um dia me corrigindo: eu não queria era esse agradecimento que não só era a minha pior punição, por eu não merecê-lo, como vinha encorajar minha vida errada que eu tanto temia, viver errado me atraía. Eu bem quis lhe avisar que não se acha tesouro à toa. Mas, olhando-o, desanimei: faltava-me a coragem de desiludi-lo. Eu já me habituara a proteger a alegria dos outros, as de meu pai, por exemplo, que era mais desprevenido que eu. Mas como me foi difícil engolir a seco essa alegria que tão irresponsavelmente eu causara! Ele parecia um mendigo que agradecesse o prato de comida sem perceber que lhe haviam dado carne estragada. O sangue me subira ao rosto, agora tão quente que pensei estar com os olhos injetados, enquanto ele, provavelmente em novo

1970 (CONT.)

engano, devia pensar que eu corara de prazer ao elogio. Naquela mesma noite aquilo tudo se transformaria em incoercível crise de vômitos, que manteria acesas tôdas as luzes de minha casa.

- Você - repetiu êle então lentamente como se aos poucos estivesse admitindo com encantamento o que lhe viera por acaso à bôca - você é uma menina muito engraçada, sabe? Você é uma doidinha..., disse usando outra vez o sorriso como um menino que dorme com os sapatos novos. Êle nem ao menos sabia que ficava feio quando sorria. Confiante, deixava-me ver sua feiúra, que era sua parte mais inocente.

Tive que engolir como pude a ofensa que êle me fazia ao acreditar em mim, tive de engolir a piedade por êle, a vergonha por mim. "Tolo!" pudesse eu lhe gritar, "essa história de tesouro disfarçado foi inventada, é coisa sô para menina!" Eu tinha muita consciência de ser uma criança, o que explicava todos os meus defeitos, e pusera tanta fé em um dia crescer - e aquêle homem grande se deixara enganar por uma menina safadinha. Êle matava em mim pela primeira vez a minha fé nos adultos: também êle, um homem, acreditava como eu nas grandes mentiras.

7 fev		
	Noveleta (continuação)	<u>DM</u>
14 fev		
	A comunicação muda	<u>DM</u>
	Lembrança de uma fonte, de uma cidade	<u>DM</u>
	Ficção ou não	<u>DM</u>
21 fev		
	O morto irônico	<u>DM</u>
	Descoberta	<u>DM</u>
	Carta atrasada	<u>DM</u>
28 fev		
	Futuro improvável	<u>DM</u>
	Sábado, com sua luz	<u>DM</u>
	Marli de Oliveira	
	É suave, suave, a pantera	
	Mas se a quiserem tocar	
	sem a devida cautela,	

1970 (CONT.)

logo a verão transformada
na fera que há dentro dela:
o dente de mais marfim
na negrura tôda alerta,
e ser, de princípio a fim,
a pantera sem reservas,
o fervor, a fôrça lúdica,
da unha longa e descoberta,
o êxtase da sua fúria
sob o melindre que a fera
em repouso, se não a tocam,
como que tem na singela
forma que não se alvoroça
por si sô, antes parece,
na mansa, mansa e lustrosa
pelúcia com que se adorna,
uma viva, intensa jóia.

(NP: Na DM, p. 420, aparecem, como data de 4 mar 1970, os módulos: "A máquina está crescendo" e "Eu tomo conta do mundo". No JB não existem crônicas de Clarice Lispector neste dia. Estes módulos aparecem no JB de 21 mar 1970).

7 mar

O lanche

DM

14 mar

"Escrever ao sabor da pena"

DM(NP: Na DM suprimem-se as aspas, p. 425)

Variação do homem distraído

DM

O futuro já começou

DM

Sim e não

DM

Evolução

DM

Chorando de manso

DM

21 mar

A máquina está crescendo

Eu tomo conta do mundo

(NP: Estes módulos estão na DM, p. 420, com data de 4 mar 1970)

28 mar

Zagalo

1970 (CONT.)

Há algum tempo entrevistei Zagalo. Conversou com simplicidade e calma.

- Sendo você bicampeão mundial e bicampeão carioca, Zagalo, eu, se dependesse de mim e se não tivesse a admiração que tenho pelo Saldanha, escolheria você para técnico da Seleção Brasileira.

- Olhe só aqui meu braço - mostrou-me ele, e de fato os pêlos estavam eriçados, e ele riu como uma criança simples - olhe só meu braço e veja como fico arrepiado: se eu pudesse retornar a jogar, queria que o final da Copa fosse já. Porque só assim poderia reviver a nossa chegada triunfal no Brasil e sentir de novo uma emoção inteiramente diferente, causada pela grande receptividade do povo brasileiro, como senti então. O povo estava fora de si, todos pareciam ter tomado bolinha...

Zagalo é moço, fino de corpo, as pernas não são deformadas por uma musculatura violenta, como as de certos jogadores profissionais. É o tipo do bom rapaz e do bom colega. Sentí-o logo que me apresentei a ele e disse-lhe em que trabalhava. A partir desse momento, ele me chamou sempre de "você" e me tratou como se trata um colega de trabalho, trabalhos diferentes, mas trabalho.

Estávamos sentados no banco do jardim do Botafogo, conversando às pressas porque o treino já ia começar. Fazia muito vento, as folhas das árvores caíam sobre nós, minhas folhas de papel para anotações voavam longe. Zagalo ria e ajudava-me a apanhá-las, enquanto minha simpatia se transformava na ternura pelo nosso povo que Zagalo representava naquele momento.

- Zagalo, qual seria a melhor tática, o melhor sistema para o Selecionado Brasileiro?

- Jogando com os europeus, teremos de usar a mesma tática que eles, porque o nosso material humano é o melhor do mundo, e isto dito sem ser por patriotismo. Você tem viajado muito? - perguntou-me.

- Eu era esposa de diplomata e por isso não só viajei muito como morei em vários países do mundo. E, como você, acho, sem ser isso dito apenas por patriotismo, que, de um modo geral e em qualquer campo, não ficamos atrás de ninguém em matéria de grande material humano. O Brasil poderia ser uma beleza de país. Bem, mas voltando a você,

1970 (CONT.)

Zagalo, a diferença entre quem escreve como eu e um desportista e atleta como você é obrigado a parar mais cedo. Isso dá muita tristeza?

- Dá, sim, porque nosso futuro é sempre imprevisível, sendo a nossa vida de esporte tão limitada como é. Não há garantias e isso nos tira a tranquilidade. (Pensei de novo no projeto de aposentadoria para jogador de futebol). O atleta tem de aproveitar o máximo num mínimo de tempo (nós também, Zagalo, a vida é breve para uma arte tão longa). E assim mesmo ele tem de ser bafejado pela sorte. Esta conclusão podemos tirar porque o número de jogadores é imenso e poucos atingem uma situação econômica que lhes garanta o futuro. (Nós, com a clássica exceção de Jorge Amado e Érico Veríssimo, e agora o José Mauro de Vasconcelos, não podemos nos sustentar escrevendo livros).

- Você agora treina meu Clube, Zagalo, que é o Botafogo, mas não me diga que isto compensa a possibilidade de fazer gols, como você fazia.

- A responsabilidade agora é bem maior porque não dependo mais do meu próprio esforço: dependo de minha capacidade de direção e do esforço dos jogadores dentro do campo. É o mesmo que sair de um lugar de simples funcionário para ocupar um lugar de chefia.

- Pergunto-lhe: o futebol é a coisa mais importante de sua vida?

- A coisa mais importante da minha vida é a minha família. Sou casado e tenho quatro filhos.

- Você escolheu o futebol ou calhou de descobrir ser um craque?

- Não, foi o destino. Eu estudava - formei-me em contador - e praticava esporte porque gostava, e até isso era contra a vontade de meus pais. Depois eles aceitaram que eu jogasse. E foi bom, porque assim criei minha independência financeira. Lamento muito apenas isso: não ter continuado a estudar e assim ter mais cultura. Mas o ritmo de vida impediu.

- Você tem tempo de ler? E o que lê você?

- O tempo é curto para leituras. Só leio jornais e revistas para estar a par da situação da vida. Mas para livro não tenho tempo.

- Você é de origem espanhola?

1970 (CONT.)

- Meus pais são brasileiros mas minha árvore genealógica - é assim que se diz? - nos leva a Itália. Meus avós já eram brasileiros. Nasci em Maceió, em 9 de agosto de 1931, mas vim para o Rio com oito meses de idade.

- Qual é a coisa que você mais deseja atualmente?

- É continuar a ter saúde, porque sem ela não se faz nada.

- Como é que você encara o futebol, como arte, como expressão individual?

- O futebol é um dom, como o seu de escrever, porque ninguém pode ensinar a jogar futebol, pode apenas aprimorar as suas vocações. É um dom divino como para um cantor, como para um escritor. E, ao mesmo tempo, aliada ao dom divino, não deixa de ser uma arte. Você está satisfeita como escritora? - perguntou-me.

- Não, mas é o que de melhor sei fazer. O que é que você acha de Pelê e Garrincha?

- São jogadores excepcionais.

- Você também é um jogador excepcional. Disseram-me que no campo você é uma beleza de se ver jogar.

- Agradeço a sua bondade. E respondo ainda àquela sua pergunta: "Se de fato fôsse chamado para dirigir a Seleção, não fugiria da responsabilidade, porque eu venci no futebol debaixo de muita luta e sacrifício. E como técnico de futebol é uma função espinhosa, principalmente técnico da Seleção Brasileira, se eu fôsse chamado estaria mais uma vez servindo a minha pátria. Que é que você acha - perguntou-me - do ambiente dos Estados Unidos, principalmente essa perseguição à família Kennedy?"

- Acho que não é simples coincidência: há políticos que pagaram aos assassinos para matar. Porque nos Estados Unidos é enorme o número de antidemocratas. Em certo sentido, os Estados Unidos estão mais atrasados que nós: lembre-se do problema dos negros naquela terra que se supõe ser democrática. Zagalo, qual é a coisa mais importante para você?

- A paz. (Para mim também, mas depende de paz baseada em que termos? Por exemplo, não quero a paz da Espanha debaixo das botas de Franco).

- Qual é a coisa mais importante para você como pessoa?

1970 (CONT.)

Zagalo ficou muito pensativo. Seu rosto demonstrava o esforço mais bonito do homem: o esforço de pensar e de se autoconhecer. Senti que estava sendo doloroso para êle escolher. Finalmente disse:

- É não desejar mal ao próximo.

Mas tenho certeza de que êle quis dizer algo parecido com isso. Aliado à sua expressão fisionômica, de repente sublimizada, traduzo o que êle quis dizer: amar ao próximo como a si mesmo.

- O que é o amor, Zagalo?

É provável que êle, como a maioria das pessoas, nunca tenha parado o movimento de vida para reflexionar sobre a vida, e sobretudo para se fazer essa pergunta capital: o que é o amor? Ficamos em silêncio, apesar da pressa, pois Zagalo já tinha sido chamado várias vezes, avisando que os jogadores estavam em campo esperando por êle. Mas o clima entre nós era de paciência. Afinal êle disse:

- É um sentimento recíproco.

4 abr

A italiana

DM

11 abr

Henry Miller

Entrevistador: Gertrude Stein diz que viver em Paris apurou o seu inglês, pois que ela não usava seu idioma na vida cotidiana. Isto fêz dela a estilista que ê. O fato de morar em Paris exerceu o mesmo efeito sobre o senhor?

Miller: Não exatamente, mas percebo o que ela quer dizer. Claro que eu falava muito mais inglês do que Gertrude Stein, quando morava lá. Todavia estava, o tempo todo, saturado de francês. Em outras palavras: falava menos francês. Ouvir diariamente outra língua aguça nosso próprio idioma, faz com que se percebam sombras e nuances de que jamais se suspeitou. Ademais, há um ligeiro esquecimento, que faz com que se anseie por recapturar certas frases e expressões. A gente torna-se mais consciente de nossa própria língua.

Entrevistador: O senhor, em alguma ocasião, teve algo a ver com Gertrude Stein ou com as pessoas que a cercavam?

Miller: Não, nada, absolutamente. Jamais a encontrei,

1970 (CONT.)

não, nada sabia que dissesse respeito ao seu grupo. Naverdade, eu pouco sabia a respeito de qualquer grupo, pode-se dizer: Fui sempre um lobo solitário, sempre contra grupos e ambientes e seitas e cultos e ismos e coisas semelhantes. Conhecia vários surrealistas, mas jamais pertenci ao grupo surrealista ou a qualquer outro.

Um homem

DM

Hemingway

Perguntaram-lhe se a situação financeira do escritor prejudicava a boa literatura. Ele respondeu: "Se ela chega cedo demais e se se ama a vida tanto quanto o próprio trabalho, é necessário muita individualidade moral para se resistir às tentações: uma vez que escrever se tornou nosso maior vício, e nosso maior prazer, somente a morte poderá deter nosso trabalho. A segurança financeira, então, constitui uma grande ajuda, pois evita que nos preocupemos. A preocupação destrói a capacidade de escrever. A má saúde é um mal, na medida em que produz preocupação, pois ataca o nosso subconsciente e destrói nossas reservas."

18 abr

Inauguração solene do futuro

O futuro que estamos aqui inaugurando é uma metálica. É alguma coisa que de propósito é destituída. De tudo o que vivemos só ficará esta linha. Ela é o resultado do cálculo matemático da insegurança; quanto mais depurada, menos risco ela correrá, a linha metálica não corre o risco da linha de carne. Só a linha metálica não dará aos abutres do que comer. A nossa linha metálica não tem possibilidade de putrefação. É uma linha que se garante eterna. Nós, os que aqui estamos neste momento, a iniciamos com o propósito de que seja eterna. Queremo-la metálica porque do princípio ao fim ela é do mesmo metal. Não sabemos com muita certeza se essa linha será forte bastante para alguém se pendurar nela e se salvar, mas é forte para durar. Ainda não se apurou se a linha vergará ao peso da primeira alma que nela se agarre, como sobre os abismos do inferno.

Como é essa linha? Assim como o fio de cabelo, embora tão fino, tem dentro de si lugar para ser ôco - assim essa nossa linha é vazia. Ela é deserta por dentro. Mas

1970 (CONT.)

nós, que aqui estamos, temos um gosto e uma nostalgia pelo deserto e pelos robôs, como se já tivéssemos sido desapontados pelo sangue. Nós a deixaremos ôca para que o futuro a encha. Nós que, por vitalidade, poderíamos enchê-la conosco, nós nos abtemos. Assim vós sereis a nossa sobrevivência mas sem nós; esta nossa missão é missão suicida. A linha metálica eterna, produto de nós todos que aqui estamos reunidos neste momento, essa linha metálica eterna é produto do fracasso de hoje e também o nosso mais puro esforço para que a vida errada não se repita. Nós a lançamos no espaço, lançamo-la de nosso cordão umbilical, e o arremesso e para a eternidade. A intenção oculta é que ao arremessá-la, também o nosso corpo - a ela prêso pelo cordão umbilical - também o nosso corpo seja arrancado do chão do hoje e se arremesse para o espaço. Esta é a nossa esperança, esta é a nossa paciência. A missão é suicida: nós nos voluntariamos para o futuro. Somos homens de negócio que não precisam de dinheiro, mas da própria posteridade. O que temos tirado para nós mesmos do presente não tem de forma alguma desgastado o futuro. Temos amado, mas isso não desgasta a eternidade, pois temos amado exclusivamente, à moda atrasada de hoje, o que um dia será apenas carne para os abutres. Nada disso prejudica a linha eterna, que é o nosso verdadeiro negócio. Somos os artistas do negócio e fazemos o sacrifício de hoje como barganha; nosso sacrifício é o mais rendoso investimento. De vez em quando, também sem desgaste da eternidade, nós nos damos a paixão. Mas não fazemos como os nossos antigos mortos que nos deixaram, em herança é pêsso, o poder da carne e uma alma, ambos insatisfatórios. Nós, não. Derrotados por séculos de paixão, derrotados por um amor que tem sido inútil, derrotados por uma desonestidade que não tem dado frutos nem no presente nem no passado - nós investimos na honestidade despojada como sendo mais rendosa, e criamos a linha do mais sincero metal. Legaremos um duro e sólido arcabouço que contém o vazio. Como no ôco estreito de um fio de cabelo, será árduo para os que virão entrar dentro da linha metálica. Nós, que agora a inauguramos como futuro, sabemos que entrar na nossa linha metálica será a porta estreita dos que vêm.

Quanto a nós mesmos, assim como nossos filhos nos

1970 (CONT.)

estranham e se envergonham de nós, a linha metálica nos
estranhará e terá vergonha de nós, que a construímos. Es-
tamos porém cientes de que se trata de missão suicida. Nós,
os artistas do futuro, sabemos que a obra de arte não nos
entende. E que viver é missão suicida.

25 abr

Tradução atrasada DM
Gostos arcaicos DM
Vietcong DM
Ir contra uma maré DM

2 maio

Lembrança da feitura de um romance DM
Escrever DM

9 maio

A inspiração DM
Menino DM
Quando chegar a hora de partir DM
Que viva hoje DM

(NP: No DM, p.441, os dois últimos módulos foram fundi-
dos com o texto Menino)

16 maio

As maravilhas de cada mundo DM
Rispidez necessária

Quando fui gravemente acidentada, depois dos primei-
ros cuidados de emergência no pronto-socorro, mandaram-me
para a clínica do Dr. Fabrini, pois eu precisaria de mui-
tos enxertos.

Dr. Fabrini é um homem cortês, bondosíssimo e educa-
do, pronto a sorrir discretamente se fôr o caso. O que não
impede que às vezes tenha que ter uma severidade aparente-
mente cruel.

Por exemplo: êle proibiu visitas nos primeiros dias
de internação. Mas as visitas me distraíam da dor ininter-
rupta, e continuei a recebê-las. Dr. Fabrini soube e dis-
se-me grave e áspero: "Mais uma visita que a senhora rece-
ba, e eu lhe dou alta mesmo no estado em que a senhora
está." Assustei-me e obedeci. Só depois vim a entender:
naqueles primeiros dias de visita eu estivera entre a vida

1970 (CONT.)

e a morte, e Dr. Fabrini estava querendo me salvar.

Outra aparente rispidez. Passei quase três meses deitada. Até que recebi ordem de me pôr de pé e caminhar alguns passos, várias vezes por dia, com auxílio de uma enfermeira. A experiência foi penosíssima: só de me pôr de pé sobre aquelas pernas que já tinham perdido quase toda a flexibilidade, quanto mais andar. Então comecei a adiar o exercício diário, e terminei me negando a fazê-lo. Dr. Fabrini soube e me disse com voz dura e decisiva. "Ou a senhora começa a reaprender a andar agora, ou não será capaz de andar nunca mais." A ameaça de uma paralisia atemorizou-me, e, apesar da dor intolerável, andei todos os dias alguns passos.

Mas uma vez eu tinha sido salva pela sua apenas aparente dureza.

Conversa puxa conversa ã-toa

DM

23 maio

Para uma frase soar melhor

A editora dos livros de Bôlso, que faz adaptações de romances para a leitura de adolescentes, distribui entre os adaptadores alguns exemplos do estilo por ela preferido. Na verdade a editôra tem razão: as frases soam muito melhor. Vou dar exemplos que servirão para o estilo de qualquer pessoa que escreve, seja literatura ou não, cartas, relatórios, etc.

Em vez de "uma vez consegui", "certa vez consegui". Não, o melhor modo de expor os exemplos é escrever a frase e, entre parêntesis (sic), anotá-la como ficaria melhor.

Assim: "Uma vez consegui" (Certa vez consegui). "Prefiro morrer do que viver" (Prefiro morrer a viver). "Mas não havia árabes lá. Só havia um piquenique." (Mas não havia árabes lá. Só um piquenique). "Pelo menos, é o que eu desejo" (É o que eu desejo, pelo menos). "Quase pisei numa cobra bem grande" (Quase pisei sobre uma grande cobra). "Verifiquei que tudo dormia tranquilamente" (Verifiquei que tudo estava tranquilo). "Depois de comermos, deitamo-nos para fazer a sesta" (Depois de comer, deitamo-nos para a sesta). "Quem o matou, uma vez que não foi você?" (Quem o matou, já que não foi você). "Lembre-se: você disse que não vai contar" (Lembre-se: você prometeu não contar). "Tirei o meu chapêu" (Tirei o chapêu). "Ontem eu ia para a

1970 (CONT.)

escola, quando aconteceu..." (Ontem, indo para a escola, aconteceu...). "Cansou-se de dizer para não fazer aquilo" (Cansou-se de recomendar que não fizesse aquilo). "Você disse que não podia haver nada pior do que..." (Você afirmou que não há nada pior do que...). "E que azar que deu?" (E deu azar?). "Arranjamos tudo isto e oito dólares por cima" (Arranjamos tudo isto e oito dólares ainda por cima). "Tomara que todos os dias acontecesse com a gente" (Tomara que todos os dias nos aconteça). "Custei a acreditar" (Custou-me a acreditar). "Prefiro mais o cinema do que o futebol" (Prefiro cinema a futebol). "Ele só falava a respeito das coisas que dão azar" (Ele só falava de coisas que dão azar). "Para que saber quando vai haver alguma coisa boa?" (Interessa saber quando vai acontecer algo bom?). "Um muro com três metros de altura" (Um muro de três metros). "Subimos o morro. No alto, descobrimos..." (Subimos o morro. Lá em cima, descobrimos...). "Pegamos todo o nosso material" (Pegamos tôdas as nossas coisas) (referindo-se a roupas, mantimentos, etc.). "Dentro em pouco, começou a trovejar" (Pouco depois, começou a trovejar). "Ele era tal qual como o irmão" (Ele era tal qua o irmão). "Deram-lhe um tiro nas costas" (Deram-lhe um tiro pelas costas). "Tínhamos feito boa caçada, não havia dúvida" (Tínhamos feito boa caçada, sem dúvida). "João recuou para trás e feriu-se" (João recuou e feriu-se).

Achou que, como exemplos, bastam. Mas que não se torne mania êsse tipo de correção. Senão, em vez de escrever, a pessoa ficará preocupada em exigir frase que soe melhor.

30 maio

Só para mulheres

Uma vez me ofereceram fazer uma crônica de comentários sôbre acontecimentos, só que essa crônica seria feita para mulheres e a estas dirigidas. Terminou dando em nada a proposta, felizmente. Digo felizmente porque desconfio de que a coluna ia era descambar para assuntos estritamente fúteis-femininos, na extensão em que feminino é geralmente tomado pelos homens e mesmo pelas próprias mulheres: como se mulher fizesse parte de uma comunidade fechada, à parte, e de certo modo segregada.

1970 (CONT.)

Mas minha desconfiança de que descambaríamos para o estritamente feminino vinha de lembrar-me do dia em que uma moça veio me entrevistar sobre literatura e, juro que não sei como, terminamos conversando sobre a melhor marca de delineador líquido para maquilagem dos olhos. E parece que a culpa foi minha. Maquilagem dos olhos também é importante, mas eu não pretendia invadir as seções especializadas, por melhor que seja conversar sobre modas e sobre a nossa preciosa beleza fugaz.

Voltando ao jornalismo feminino. Quando eu trabalhava em redações de jornais, era repórter e redatora, fazia de tudo, menos a parte de polícia e parte de notícias sociais. Depois, não podendo na ocasião dar horário integral, fiz página feminina para dois vespertinos. Num, não havia assinatura. No outro, eu escrevia mas quem assinava era Ilka Soares, a vedete das mais simpáticas e bonitas. Seu nome atraía leitores que queriam saber sua opinião sobre modas, culinária, beleza, etc.

Tudo isso veio à tona agora porque recebi a carta de uma leitora bastante jovem pedindo-me conselhos gerais para quando fôr convidada a sair para almoçar ou jantar com um rapaz.

Li duas vezes o meu nome para me certificar de que a carta era para mim mesma dirigida, e não para as ótimas redadoras de assuntos femininos do caderno B. Era para mim mesma. Por que fui escolhida? Nunca saberei. A carta, vinda da capital paulista, era assinada por extenso. Mas tratarei a missivista pelas iniciais J.F.E. E aí vão meus modestos conselhos:

Mesmo que o rapaz não seja um modelo de elegância, gostará de sair com uma jovem que esteja bem vestida. Mas detestará o encabulamento de sair com uma moça enfeitada como uma boneca, ou sofisticada demais ou fatal. O principal a cuidar são os detalhes. Acessórios descuidados darão a você mesma e a ele uma sensação de relaxamento, e moça relaxada não é companhia lisonjeira.

Arrume-se direito antes de sair. Mas - e isto é importante - depois procure esquecer a própria aparência. Você já fez o que pôde - agora deixe o barco correr, use a segurança natural de quem sabe que se cuidou. Não fique a toda hora consultando o espelhinho de bolsa, ajeitando os

1970 (CONT.)

cabelos, empoando-se ou corrigindo o batom. Lembre-se: você não saiu para ser linda, você saiu para gostar de ter saído; não saiu para se mostrar: saiu para conversar. Se o rapaz convidou você para sair com ele é porque gostou de seu jeito, do seu modo de ser, de sua aparência. Que esta idéia lhe baste para ter uma segurança simples em si mesma. Porque senão, que é que acontece? Você vai achar que deve ir para o primeiro encontro procurando ser melhor do que é. E o que faz para isso? Errôneamente muda seu penteado para alguma coisa terrivelmente sofisticada, e toma emprestada uma personalidade fabulosa, imagina você, mas diferente da sua. E o rapaz, em vez de encantando, fica surpreendido: marcou encontro com uma, e veio outra. De modo que vá ao primeiro encontro tão bem quanto puder mas seja a mesma que você era - será muito mais confortável para ambos.

Se é um rapaz de classe média, seja gentil para com a carteira dêle, sem no entanto mostrar clara ou indiretamente que está preocupada com o que ele pode gastar. Se vocês forem, por exemplo, almoçar no restaurante, deixe que ele próprio determine qual. E escolha no cardápio algo meio-têrmo: nem o mais caro nem o mais barato. E, por favor, coma o que pediu. Não pense que é delicadeza feminina ficar apenas ciscando no prato. É muito sem graça para o rapaz gastar com prazer e ver você rejeitar o que seu dinheiro compra. Esta certo, J.F.?

6 jun

Mêdo da eternidade

DM

13 jun

Divagando sôbre tolíces

DM

20 jun

Nos primeiros começos de Brasília

DM

27 jun

Humberto Franceschi

Estou feliz: tenho uma coisa preciosa que queria ter. E como queria! Sabia que só repousaria do momento em que a possuísse. E, se nunca o possuísse, depois de morta, como nas histórias de fantasmas, minha alma voltaria e diria a Humberto de Moraes Franceschi, num sussurro aterrorizador:

1970 (CONT.)

cadê o que eu quis?

Não, vamos pôr ordem na minha alegria senão ninguém saberá do que estou falando.

Aconteceu-me estar numa repartição pública. Passaram-me para a antesala do personagem com que eu ia falar e lá me sentei por uns segundos apenas porque acabara de ver o que minha alma queria. Pendurado na parede estava, em prêto e branco, um enorme painel fotográfico de uma tal beleza - não, a palavra beleza não diz mais nada, foi usada demais: prefiro dizer que a fotografia me envolveu tãda e que meu coração batia em ritmo diferente. Enquanto eu estava ali, quase em pânico de ver objetivamente o que meu coração mais secreto desejava, passou um funcionário graduado a quem intêrrompi perguntando: "De onde vem isso?" Parece-me que eu não queria nomear uma coisa que estava sendo eu, e eu é uma palavra secreta e cabalística, tanto que não pode ser substituída por nenhuma outra. Respondeu-me o senhor: "Este painel? é de Humberto Franceschi e se chama Açude da Solidão." "Mas êle é brasileiro?" "Claro que é", respondeu-me. "Por favor, dê-me por escrito seu nome e telefone", disse eu, e naquele momento eu não planejava nada ainda. Em casa, logo telefonei para Humberto, disse-lhe em têrmos simples o que sentira vendo o painel e queria o mesmo para mim, do tamanho maior possível pois queria, por assim dizer, encher uma parede com a paisagem.

Êle veio em casa ver as minhas paredes e pretendia ficar apenas uns 15 minutos: conversamos durante três horas.

Fiz confidências como se êle, que me conhecia tanto na fotografia, devesse saber do resto.

Humberto de Moraes Franceschi me é um problema. Como tirá-lo de sua modéstia e fazê-lo admitir-se e se encarar como um criador, mesmo sabendo que a palavra criar assusta como responsabilidade? Na minha opinião Franceschi é um dos melhores fotógrafos artísticos do Brasil. E sei que êle poderia figurar entre os grandes do mundo. Só que o Brasil, como se repete à exaustão, é subdesenvolvido, o que atinge também os nossos artistas em matéria de repercussão. Sei que Franceschi é grande também porque tive a enorme sorte de ver, rever e tornar a ver em Washington, onde eu então morava, a maior exposição de fotografia do

1970 (CONT.)

mundo: A Família do Homem: No meio de maravilhosos Cartier-Bresson, vi outros que seguiam com a máquina os momentos significativos que acompanham o Homem, do nascimento à morte, e que me emocionaram até me deixaram de olhos molhados. Sei, portanto, que Humberto poderia figurar entre os que compuseram A Família do Homem.

A composição fotográfica de Humberto Franceschi - brasileiroíssimo ("não poderia viver fora do Brasil porque, por exemplo, penso em português") (Embora goste de viajar, o que é diferente de morar) (de mãe de tradicional família brasileira enquanto o pai era italiano) - bem, entrei na frase por tantas veredas de minha alegria que tenho que recomençar: a composição fotográfica de Franceschi me fascina de tal modo, e de tal modo me fulgura, que eu sabia que não ia ter sossêgo enquanto não tivesse um Franceschi em casa. E agora tenho. Neste momento em que escrevo, o grande painel está ainda encostado num canto, mas depois ele ocupará uma grande parte de uma parede - e de onde trabalhei poderei vê-lo, o meu Açude da Solidão. Mas é uma solidão que dá amplitude a quem a vê, aquela tão profunda que já não se chama solidão, chama-se ficar sozinho com Deus. Amplitude, profunda tranquilidade, grandeza da terra em que vivemos, sem no entanto cair na facilidade da grandiloquência. É um painel de amor a natureza de nossa terra, como se fôsse ainda não habitada pelos humanos, fôsse habitada por pássaros e brisa nas fôlhas. É também um painel de amor ao homem, filho da Natureza, cuja solidão Humberto de Moraes Franceschi sente. Meu curto contato com ele deu-me a impressão de um homem que, apesar de lidar profissionalmente com nem sei quantos homens e mulheres, continua só. O painel ocupará um lugar todo especial na casa. E é meu! Nêle, no meu açude, me banho tôda. Quem não tiver um Franceschi em casa estará perdendo uma obra de arte. É uma fonte de vida.

4 jul

Encarnação involuntária

DM

11 jul

Sábado

DM

A crise

(Vide "A tão sensível" - JB e DM 1 mar 1969)

1970 (CONT.)

(NP: Texto repetido no JB - Na DM aparece apenas a primeira publicação)

18 jul

Folclore brasileiro

Henriqueta Lisboa, uma das grandes vozes líricas da poesia brasileira contemporânea, interessou-se pelo estudo do nosso folclore, que é realmente rico e gostosíssimo. E de seu livro que tiro algumas lendas. A primeira (A mulher dengosa) eu ouvi de cozinheiras na minha infância.

A mulher dengosa

Era uma vez um homem casado com uma mulher muito dengosa, que fingia não querer comer nada diante dele. O marido foi reparando naquêlas afetações da mulher, e quando foi um dia ele lhe disse que ia fazer uma viagem de muitos dias. Saiu e, em vez de partir para longe, escondeu-se por detrás da cozinha, num cocho.

A mulher, quando se viu sòzinha, disse para a negra:

- O negra, faz aí uma tapioca bem grossa que eu quero almoçar.

A negra fêz e a mulher bateu tudo, que nem deixou farelo. Mais tarde ela disse à negra:

- O negra, me mata um capão e me ensopa bem ensopado para eu jantar.

A negra preparou o capão e a mulher devorou-o todo e nem deixou farelo. Mais tarde a mulher mandou fazer um beiju muito fininho para merendar. A negra os aprontou e ela os comeu. Depois, já de noite, disse a negra:

- O negra, prepara aí umas macaxeiras bem enxutas para eu cear.

A negra preparou as macaxeiras e a mulher ceou com café. Nisto caiu um pê d'água muito forte. A negra estava tirando os pratos da mesa quando o dono foi entrando pela porta adentro. A mulher foi vendo o marido e dizendo:

- O marido, com esta chuva tão grossa você veio tão enxuto?

Ao que ele respondeu:

- Se a chuva fôsse grossa como a tapioca que vós almoçastes, eu viria tão ensopado como o capão que vós jantastes; mas como ela foi fina como os beijus que vós merendastes, eu vim tão enxuto como a macaxeira que vós ceastes.

1970 (CONT.)

A mulher teve uma grande vergonha e deixou de den-
gos.

O bicho-preguiça

Dizem que o gato tem sete fôlegos e que o bicho-pre-
guiça tem sete preguiças.

Uma vez uma preguiça estava embaixo de uma embaúba
esperando ela florescer. Quando as flôres roxas viessem, a
preguiça, que era muito gulosa por bananinhas de embaúba,
começava a subir. Pensava que, até chegar lá em cima, já as
frutas tinham vindo e estavam maduras.

Então ela foi subindo, subindo. Sete anos se passa-
ram. Sete vêzes a embaúba floresceu e frutificou. Quando
a preguiça acabou a viagem e ia comer os frutos, arreben-
tou o galho e ela veio para o chão que nem um bôlo. Paci-
ência. Voltou à árvore e começou a subir mais sete anos.

A origem do rio Amazonas

Há muitos anos a Lua era noiva do Sol, que com ela
queria se casar, mas se isso acontecesse, e se chegassem
a se casar, o mundo se destruiria. O amor ardente do Sol
queimaria o mundo e a Lua com as suas lágrimas inundaria
tôda a Terra. Por isso não se puderam casar. A Lua apaga-
ria o fogo; o Sol evaporaria a água.

Separaram-se, então, a Lua para um lado e o Sol para
outro. Separaram-se. A Lua chorou todo o dia e tôda a noi-
te; foi então que as lágrimas correram por cima da Terra
até ao mar. O mar embraveceu e por isso a Lua não pode
misturar as lágrimas com as águas do mar, que meio ano cor-
re para cima, meio ano para baixo.

Foram as lágrimas da Lua que deram origem ao nosso
rio Amazonas.

25 jul

Cem anos de perdão

DM

1 ago

(Conto) Miopia progressiva (I)

DM

(NP: Na DM, p.465, o título é: *Miopia Progressiva - I*)

8 ago

Miopia progressiva (final)

DM

1970 (CONT.)

15 ago

Doar a si próprio

DM

Loucura diferente

DM

Uma experiência ao vivo

DM

22 ago

O "verdadeiro" romance

DM

29 ago

Perguntas e respostas para um caderno escolar

DM

5 set

As grandes indagações

Recebi de Belo Horizonte uma carta não assinada mas que, se supõe, requer resposta. Acontece porém que não sei responder. Talvez algum leitor saiba. Eis a carta:

"É fácil e possível explicar-se o fato de que 99% dos seres humanos passam sempre uma fase de sua vida sem saber dizer o significado de sua existência.

Digamos que todos estes sentem-se nestas condições quando algo em sua vida rotineira não segue o seu curso normal - ou seja, quando saem da rotina. Também podemos dizer que isto acontece quando eles, afastando-se de sua vida de prazeres - e pensam ser felizes - têm tempo de pensar um pouco. E com que deparam? Apenas descobrem que todos os caminhos levam à velhice, seguida do fato irremediável da morte. Alguns não se assustam com esse futuro, e logo retornam à sua felicidade medíocre. Mas - e os outros que ainda não localizaram esta felicidade? Simplesmente perdem todo o sentido da vida e passam o resto desta em busca de uma explicação lógica que lhes diga o que fazem aqui.

Preparar um mundo melhor para nossos filhos? Que farsa, se nossos pais, nossos avós e tataravós, enfim, gerações de milênios e milênios, desde nossos antepassados trogloditas, viveram sempre com este ideal. E o que encontramos? São misérias, o mundo cheio de preconceitos, guerras, rixas, fome e podridão, no qual as novas gerações pouco a pouco descobrem o vazio de suas vidas. Ao homem deveria ser dado um mundo só de felicidade, em que sua função seria apenas a de conservá-lo belo e humano, para sua posteridade, e não dar-se a ele um mundo sujo e podre onde, só de enfrentá-lo, suja-se também até a alma - se é

1970 (CONT.)

que esta existe.

As ruas saem às vêzes levas e levas de pessoas a protestarem contra os abusos - de que adianta? Nada. As coisas continuam as mesmas. Apenas exaltam-se os ânimos daqueles que levantaram o protesto. Não aludi a este fato querendo com isso dizer que os protestos deveriam surtir efeito e sim acrescentar a isto que as pessoas que lançaram um protesto - seja contra o que fôr - o fazem não só por outrem, mas sim, protestam contra algo que já sentiram ou têm medo de sentir. É um mundo ou é um circo?

De que adianta ao homem a evolução da ciência? De que nos adianta conhecer outros planêtas se o nosso tem tantas coisas a serem conhecidas? É evidente que o progresso da ciência nos traz alívio para as dores físicas, conforto e descanso para o nosso corpo, divertimento para a nossa família. Mas... à custa de quê? A descoberta do átomo, que tanto promete à humanidade, já custou quantas vidas? Quantas mais custarão? O progresso da engenharia moderna, da ciência em geral, a evolução enfim de toda a humanidade trouxe-nos apenas coisas bonitas? Não. Para cada melhora, um instrumento de destruição. Nessa sequência de inventos e descobertas muitas vêzes o resultado é realmente benéfico, mas, enquanto procuramos soluções para os problemas externos, criamos dentro de nós um outro mundo onde o sofrimento é muito maior. Não esqueçamos de que o mundo é muito paciente, suporta há muitos milênios os sofrimentos dos homens. Mas os homens poderão suportar por outros milênios os sofrimentos que pouco a pouco se agigantam?

Enfim, gostaria que alguém me respondesse a esta pergunta: nascemos e estamos vivendo com sofrimentos e alegrias, sonhos e lembranças - mas com que fim estamos aqui? Ou melhor: qual é o sentido da vida? A explicação de nossa existência, qual é?

Você que talvez esteja lendo estas palavras que nunca lhe passaram pela cabeça como pensamento, pense bem, e depois me responda."

Essas perguntas, essas perplexidades, já ocorreram a muitos e muitos. Não sei se eles souberam responder. Eu, não. Só sei lhe dizer que a vida não tem lógica. E que a beleza de viver é ilógica também.

1970 (CONT.)

12 set		
	Das vantagens de ser bôbo	<u>DM</u>
19 set		
	Perdoando Deus	<u>DM</u>
26 set		
	A posteridade nos julgará	<u>DM</u>
	Teu segrêdo	<u>DM</u>
	Domingo	<u>DM</u>
	Dez anos	DM
	Rubem Braga	

uma crônica que eu gostaria de ter escrito

"Escrevo no dia dos meninos. Se eu fôsse escolher santos, escolheria sem dúvida nenhuma São Cosme e São Damião, que morreram decapitados já homens feitos, mas sempre são representados como dois meninos, dois gêmeos de ar bobinho, na cerâmica ingênua dos santeiros do povo.

São Cosme e São Damião passaram o dia de hoje visitando os meninos que estão com febre e dor no corpo e na cabeça por causa da asiática, e deram muitos doces e balas aos meninos sãos. E diante dêles sentimos vontade de ser bons meninos e também de ser meninos bons. E rezar uma oração:

"São Cosme e São Damião, protegei os meninos do Brasil, todos os meninos e meninas do Brasil.

Protegei os meninos ricos, pois tôda a riqueza não impede que êles possam ficar doentes ou tristes, ou viver coisas tristes, ou ouvir ou ver coisas ruins.

Protegei os meninos dos casais que se separam e sofrem com isso, e protegei os meninos dos casais que não se separam e se dizem coisas amargas e fazem coisas que os meninos vêem, ouvem, sentem.

Protegei os filhos dos homens bêbados e estúpidos, e também os meninos das mães histéricas ou ruins.

Protegei o menino mimado a quem os mimos podem fazer mal e protegei os órfãos, os filhos sem pai, e os enjeitados.

Protegei o menino que estuda e o menino que ã apenas moleque de rua e sô sabe pedir esmola e furtar.

Protegei, ô São Cosme e São Damião! - protegei os meninos protegidos pelos asilos e orfanatos, e que apren-

1970 (CONT.)

dem a rezar e obedecer a andar na fila e ser humildes, e os meninos protegidos pelo SAM, Ah São Cosme e São Damião, protegeei muito os pobres meninos protegidos!

E protegeei sobretudo os meninos pobres dos morros e dos mocambos, os tristes meninos da cidade e os meninos amarelos e barrigudinhos da roça, protegeei suas canelinhas finas, suas cabecinhas sujas, seus pés que podem pisar em cobra e seus olhos que podem pegar tracoma - afastai de todo perigo e de toda maldade os meninos do Brasil, os louros e os escurinhos, todos os milhões de meninos deste grande e pobre e abandonado meninão triste que é o nosso Brasil, ó Gloriosos São Cosme, Glorioso São Damião!" (Rio, setembro, 1957).

3 out

Um reino cheio de mistérios

(Nota: este módulo não consta da DM nesta data, mas está na p.493, com data de 13 out 1970, dia em que não há crônica de Clarice Lispector no JB)

10 out

Lembrança de uma primavera suíça

DM

O pequeno monstro

DM

Poesia

DM

Abstrato é o figurativo

DM

17 out

Scliar: trinta anos de pintura

Começou no dia 15 de setembro, e se prolongará até 30 de outubro, no MAM, uma retrospectiva da pintura de Scliar. Aos domingos a entrada é franca: cerca de 4 mil pessoas têm comparecido aos domingos, e uma média de 100 diárias com a entrada paga. Essa exposição é motivada por motivos que podem parecer antagônicos. Scliar acha que agora é que está realmente começando seu trabalho: "Passamos uma parte da vida tentando dominar os meios para que possamos transmitir nossas idéias, nossos sentimentos, mas para que eles sejam transmitidos precisamos estar convencidos desses meios de que dispomos, e isso leva uma parte de nossa vida em violento trabalho de disciplina e teimosia" - disse-me ele. Scliar acha que hoje está começando a dispor desses meios, e tem apenas 50 anos. Então por que a

1970 (CONT.)

retrospectiva? É que na realidade trata-se de um balanço para o pintor e para os outros. Num instante em que tantos contestam e tão poucos propõem Scliar achou importante mostrar, para as pessoas de seu respeito e para as outras que não conhece mas também respeita, que não se improvisa em arte. A exposição é belíssima.

Roberto Pontual escreveu e organizou, para a Civilização Brasileira, um livro. Scliar - O Real em Reflexo e Transfiguração. Com êste livro, por ter marcado os 30 últimos anos de nossa arte, com alguns outros artistas que também a marcaram, Carlos Scliar funda a coleção Arte:Multicosmo, com reproduções magníficas de seus quadros. O trabalho de Roberto Pontual é um trabalho de amor, compreensão, respeito.

De Scliar, José Paulo Moreira da Fonseca disse: "Estamos diante de um pintor que reverencia o mundo visível, que não o quer distorcer. O que desaparece são as minúcias, o accidental. Eis a chave: uma síntese refinadíssima que o pintor realiza, mediante a qual Scliar vai retratar a essência das coisas, que em seus quadros surgem na sua face permanente, um ser acima das vicissitudes. As obras de Scliar oferece-nos, assim, uma tranquila reedificação do mundo, um espetáculo de ordem, onde o visual tangencia um rigor quase matemático, um pré-modo de ser, uma espécie de assembléia-geral."

Walmir Ayala assim se manifestou: "... Carlos Scliar é um artista fixado no problema da clarificação, em busca de uma lucidez cuja manutenção provoca no debate permanente com os jovens, como se encontrasse nêles a renovação permanente de um ponto obscuro a desvendar, como se visse nêles a fonte de dúvidas que jamais sonhou, mas que seriam as dúvidas impulsoras da confirmação, por acréscimo, do mundo e de sutelzas colorísticas: Carlos Scliar é um homem preservando a sua identidade interior, economizando sua emoção, e que só se externa pelos caminhos nítidos da problemática estética, reservando, para o diálogo coracional com a maioria, o delicado sôpro da flor que ergue intacta no meio do sangue e do drama, para a oferecer numa linguagem plástica que vivifica o silêncio..." "... Carlos Scliar está isento da dúvida gratuita, lança-se ao desvendamento do mistério pulsante, sob a matéria utilizada, com

1970 (CONT.)

a frequência e a dedicação de um filósofo. Seu instinto é liderado pelo ócio da maturidade interior, seu vulcão se derrama sobre uma balança, e o fiel não falha nunca..."

Vinicius de Moraes: "... Num meio artístico aloprado como o nosso, a coerência de Scliar como pintor é admirável. Seu caminho, com algumas raras paradas para respirar, tem sido sempre para a frente e para o alto. E a coisa linda também nesse poeta do objetivo é que o sucesso e a prosperidade em nada afetaram o seu angelismo, em nada comprometeram a sua inata disciplina e frugalidade. Seus ternos são hoje de melhor pano e melhor corte, mas ele os veste com a mesma modéstia do menino que eu conheci em São Paulo, em casa de Osvald de Andrade..."

Em 1966, quando entrevistei Scliar para a revista Manchete, há muito tempo que não o via - talvez desde o tempo áureo da revista Senhor - de modo que os primeiros momentos de nosso encontro foram gastos em efusões mútuas de amizade. Eu simplesmente gosto de Scliar, isso é tão simples. E independente da grande admiração que tenho por ele. No meio de nossa conversa, Scliar disse:

- Acho que a comunicação é fundamental e eu sou um homem que gosta de gente, que tem confiança nos homens que trabalham e produzem tudo aquilo que nos rodeia. O que eu desejaria era conseguir que meus quadros fôssem uma espécie de esperanto e incutissem esperança e força a todos.

E mais adiante: - Todas as coisas que eu te disse não impedem que eu seja um homem isolado. Mas acho que isso é próprio da condição de quem produz uma obra de arte. Mas penso também que essa mesma obra se multiplica, se amplia, se transforma e, algo que eu não podia prever nos olhos dos que me vêem.

E ainda me disse: - Acho que quando uma pessoa estrutura sua profissão, assume uma responsabilidade para consigo mesma e para com os outros. Creio que já deves ter percebido que sou um otimista, porque acredito nos destinos da humanidade. Isso pode te parecer vago, mas me considero um homem rico de tudo o que os outros construíram para mim. Minha responsabilidade começa no instante em que me dou conta disso e desejo retribuir. Por pouco que eu faça, se conseguir estimular idéias e sentimentos e outras coisas que não sei, naqueles que observarem os meus

1970 (CONT.)

trabalhos, alguma coisa estarei construindo.

24 out

Sôbre o sentido da vida

Não sei se meus leitores leram ou se lembram do que escrevi num sâbado, 5 de setembro, sob o título de As Grandes Indagações. Eu reproduzia uma carta recebida de Belo Horizonte que indagava se havia alguém que lhe explicasse o sentido da vida. Respondi que também eu não sabia, que só sabia que a vida não tem lógica, e que a beleza de viver é ilógica também.

A pergunta provocou um manancial de cartas: ao que parece o problema está com todo mundo. Destaco as cartas de Cecília (Rio), Míriam Estelita Lins Barbosa (Governador), Maria da Glória Teixeira Garcia (João Pessoa, Paraíba), Antônio Mauro (Rio), José (o sobrenome está ilegível) (S. Paulo), Carlos Alberto (Bahia). Recebi muitas outras cartas dizendo que a indagação contida na carta de Belo Horizonte tinha uma resposta: Deus.

Transcrevo uma, em que a vida é uma mulher e uma cidade, do Sr. Elói Terra, Pôrto Alegre, RS.

"Li a carta publicada no Caderno B (5/8/70). Na primeira leitura ela me pareceu igual a tantas conversas que ouvi. Não fôra o seu nome assinando a coluna, eu teria esquecido a carta. Mas seu nome eu respeito. Não poderia admitir que êle fosse usado em vão. E tornei a ler a carta. Na segunda leitura comecei a me familiarizar com certas passagens, assim como a gente se acostuma com as ruas principais de uma cidade, depois de alguns passeios. E tornei a passear pela carta, afastando-me cautelosamente das ruas principais. Espiei nas esquinas das ruas menores. Caminhei por elas. E comecei a gostar da cidade quando me atrevi a entrar em seus becos e nas suas zonas proibidas. Caminhei muito e encontrei quase tudo o que as pessoas são capazes de fazer... mas não encontrei gente. E, confesso, senti crescer, convulso, no meu coração, um fiozinho de pânico. Uma cidade belamente construída, tão bela e tão forte quanto a vida, mas vazia de gente. Fui então ao cemitério da cidade. E lá encontrei muitas mortos que não quiseram me ouvir e só quiseram me contar suas desditas, me contar como morreram, e me contar como pensaram terem vivido. Eu os

1970 (CONT.)

escutei. Havia mortos de câncer, mortos de bomba atômica, mortos de amor, de fome, de ódio, de miséria. E nenhum morrerá porque um dia estivera vivo. E não havia flores no cemitério. E eu tentei falar-lhes novamente, e os mortos se retiraram indiferentes e se fecharam em seus túmulos. E eu tornei a ficar só na cidade bela e vazia. Voltei a percorrê-la a procura de quem me ouvisse. E quando, com o coração apertado pela tristeza, eu abandonava a cidade, veio a mim uma voz muito suave. E eu me voltei e vi, bem junto do meu rosto, o rosto alvo de uma jovem mulher. Seu sorriso era suave. E ela beijou meus lábios e sussurrou: "Nascemos e estamos vivendo com sofrimentos e alegrias, sonhos e lembranças - mas com que fim estamos aqui? Veja! Agora há muitas pessoas nas ruas. Antes você não as viu, porque estava preocupado em encontrá-las. E as pessoas são esquivas. Elas não gostam de serem descobertas. Elas gostam de descobrir. Contradição? Não, meu querido amigo, não é contradição. É a vida simplesmente. Veja como as pessoas têm vontade de se aproximar uma das outras. Mas veja também como elas têm medo. E você me pergunta qual é o sentido da vida, meu amigo. Olhe para mim. Sou bela? Sou feia? Sou protestante? Sou católica? Você tem certeza de que eu sou mulher? Não, meu amigo, você não tem certeza. Você quer ter certeza porque isso o consola e o anima. Mesmo ouvindo a minha voz macia, mesmo vendo meu rosto alvo, mesmo sentindo o meu perfume e se deixando envolver num sonho quando meus lábios tocaram os seus; mesmo assim você não tem certeza. Para descobrir se eu sou mulher, você precisa despir-me, acariciar-me e me possuir. E você tem coragem? Por que você não tenta? É assim que você quer encontrar uma explicação para a sua existência? Você é muito egoísta, muito presunçoso e muito infantil. O que você deseja é que eu me dispa e me ofereça a você, gratuitamente. Assim, meu amigo, você jamais me terá. Veja! Eu estou bem pertinho de você. E eu gosto de você. E eu o desejo. E eu o amo. E eu o estou chamando para mim. Abrace-me e renuncie à sua vocação de ser Deus. Seja homem, simplesmente." Quando estendi meus braços para a jovem mulher, ela se esquivou com um movimento cheio de graça. E sorriu e gritou duramente: "Vamos, idiota! Tente possuir-me! Eu não me entrego aos compassivos e aos perplexos. Estou sempre à espera dos

1970 (CONT.)

guerreiros, dos ousados e daqueles que não temem possuir-me por saber que um dia haverão de perder-me. Vamos, idiota! Tente outra vez!" E eu tentei outra vez, e outra vez ela se esquivou. E feriu-me o rosto com uma pedra: "Vamos, sonambulo! Desperta! Não morras de encanto e de desrespeito pelo meu rosto que te parece belo. Não sejas tão reverente para com as minhas mãos. Elas te feriram. Não vais reagir?"

Abaixei-me para apanhar a pedra e feri-la também. E ela se abaixou e segurou suavemente a minha mão, e encostou seu rosto no meu: "Você terá coragem de me ferir? Você terá coragem de ferir o meu coração? Pense, meu amor. Pense suavemente."

E a jovem mulher chorou e eu me comovi e apertei-a num abraço cheio de ternura. Deitei-a e aproximei meus lábios dos seus lábios túrgidos e pedintes. E quando eu a beijei ela me mordeu ferozmente, com raiva. E se levantou e deu uma gargalhada: "Ainda me queres? Então me persegue. Corre, que eu estou a tua espera, e tenho muito amor no meu coração. E tenho pedras nas minhas mãos. Vem buscar em mim a explicação da tua existência. Levanta-te! Persegue-me!"

E eu saí da cidade com gosto de sangue na boca, com amor e ódio no meu coração, com a jovem mulher nos meus pensamentos, com uma pedra na mão, com um morninho sentimento de ternura, com uma raiva imensa dos mortos lastimosos e com um enorme desejo de me tornar homem e de poder possuir, um dia, a jovem mulher.

Assinado: Elói Terra."

31 out

Nada mais que um inseto

DM

Dois modos

DM

Tomando para mim o que era meu

DM

7 nov

Antes da Copa

Fui uma vez apresentada a João Saldanha, antes da nossa vitória no México e antes que Zagalo o substituísse. A conversa teve em vista o interesse das mulheres pelo futebol. É um jogo masculino mas a frequência feminina nos estádios aumenta cada dia mais. Será porque a moça de hoje

1970 (CONT.)

entende de futebol e gosta de assistir a uma partida? Ou será porque nos campos dêsse jôgo essencial é que se encontram rapazes, possíveis namorados? O nome do dia, naquela época da conversa, era: João Saldanha.

Pessoalmente é um homem bonito e interessante, pouco afeito a qualquer posse: é ocupado demais para passar pelo que não é, ocupado que estava em dar conta do muito que já era.

Para a minha surpresa, disse-me que não é tarado por futebol, embora desde os oito anos de idade, mais ou menos, já se interessasse pelo jôgo. Perguntei-lhe quais eram as nossas possibilidades para 1970. Nossos adversários, disse-me êle, nos incluem na lista dos favoritos, e isto significa que temos grandes possibilidades; do contrário, nem eu me meteria nisso. Perguntei-lhe quais eram os nossos inimigos ferozes no jôgo de 1970. (Naquela época estávamos ainda em fase de classificação). Respondeu-me que, neste sentido, a Colômbia e o Paraguai. Se passássemos pela classificação - e Saldanha estava absolutamente certo de que sim - no México a coisa era muito equilibrada. Em todo o caso, considerava a Inglaterra, Alemanha, Hungria, Argentina, Itália e Uruguai os mais temíveis, sem contar com o México, que era o dono da casa.

Para João Saldanha, a quem perguntei o que era preciso para ser um craque perfeito, seria conseguir igualar-se a Pelé, Garrincha, Di Stefano, Puskas ou Bobby Charlton. Sendo o brasileiro; e particularmente o jogador de futebol, um individualista, sendo um driblador por excelência até na sua própria vida, como é que (perguntei) você pretende ajustar essa personalidade do brasileiro à concepção mais moderna do futebol que só tende ao coletivo, à solidariedade, como chave da vitória? Concordou que o jogador brasileiro é um grande individualista mas que isso não era uma contradição em relação ao futebol de conjunto, pelo contrário: só era possível organizar-se grandes conjuntos com grandes individualistas ou craques. Por ter visto, disse-me êle, nossos jogadores atuarem em 62 países diferentes, nas mais diversas e importantes competições, é que sei que êles não tremem diante de uma grande batalha. Nossos jogadores atingiram uma maturidade internacional incontestável, e é por isso que os outros nos consi-

1970 (CONT.)

deram entre os favoritos da Copa. Perguntei-lhe qual era a equação que iria usar para resolver a Copa, se era o muito usado 4-3-4. Respondeu-me que poderia ser o 4-3-4 ou até o 5-3-3. Eu quis saber quais eram as nossas possibilidades na Copa. Pois três anos antes da Copa de 1966, o treinador inglês Ramsey começou a sustentar que a Inglaterra ia ganhar o título, e terminou ganhando. A convicção da vitória é uma grande arma: não era outra que Churchill usava ao repetir tanto que ia ganhar a guerra. A convicção de Saldanha é que ganharíamos. Perguntei-lhe se não sentia falta do drible de Garrincha. O drible de Garrincha faz falta a qualquer time, disse, mas o drible de Jair também é muito bom. Indaguei: você crê que se ganhe no grito? "Se isto fôsse possível a Itália seria imbatível, ninguém grita mais alto que o italiano - que afinal de contas canta ópera." Perguntei-lhe se sabia que, ao aparecer na televisão, seu ar nonchalant eletrizava as mulheres. Um pouco sem jeito, Saldanha sorriu. Sua mulher Teresa também riu. Fiquei sabendo que ele gostaria de ser jornalista, se não fôsse o que é. João, já é coisa sabida, é meio temperamental, às vezes parece um irascível controlado, mas ele se considera um pacato cidadão brasileiro; apenas costuma reagir quando o agridem: "Nunca deí a primeira."

Muitos foram os momentos futebolísticos que mais o entusiasmaram: Brasil e Tcheco-Eslovãquia em 38, Brasil e Argentina no Pan-Americano do México, os jogos de 58 na Suécia, Brasil e Espanha em 62, no Chile, e vários jogos do Botafogo, especialmente o de 57 contra o Fluminense e o do ano de 1967 contra o América, no final da Taça Guanabara.

Contei-lhe que tinha tido oportunidade uma vez de conversar com Zagalo (antes de ele substituir o Saldanha) e que o achei ótimo. Perguntei-lhe se ele poderia ser aproveitado de algum modo. Saldanha demonstrou muito calor em relação a Zagalo: ele era muito bem aproveitado no seu Botafogo.

Tínhamos tomado o segundo café e fumado vários cigarros. Depois todo o mundo sabe: a substituição por Zagalo, nossa preparação, e finalmente a grande vitória.

14 nov

Esclarecimentos - Aos leitores que me escrevem

(NP: Na DM, p.498, aparece apenas o título "Esclarecimentos" mas não consta o texto)

1970 (CONT.)

Recebo inúmeras cartas e infelizmente não tenho tempo de respondê-las, nem tenho secretária. Quanto a respondê-las neste espaço que o JORNAL DO BRASIL me concede, devo dizer que o fiz umas duas vezes. Mas com tãda razão Alberto Dines me disse: se você utilizar o espaço para correspondência, não haverá mais lugar para um só texto. É pena, porque é útil manter um contato mais direto com os leitores e gosto muito de receber cartas: leio-as com atenção e carinho.

Recado a Drummond

Outra coisa: não posso, não está na minha alçada, publicar textos literários que me mandam: além de eu não ser crítica, mudaria o teor de minha seção. Muitas vezes chego a lamentar, mas nada posso fazer, Ciro (Juiz de Fora).

E muito menos poesia, G.O. (S. Paulo), apesar de você lembrar que todo brasileiro é poeta. Só abro uma exceção: publico alegremente qualquer poema do meu colega de última página do Caderno B, Sr. Carlos Drummond de Andrade. Drummond quer utilizar meu espaço publicando nêle um poema seu? Seria uma honra para minha coluna (é claro, daria a você a remuneração). Falo sério, Drummond.

Um dia telefonei para Drummond para lhe dizer que havia sonhado com êle - não me lembro mais do ênredo. E êle me respondeu: muito obrigado por deixar que eu visite você nos seus sonhos. Achei linda a resposta.

Pois olhe, Drummond, depois daquela vez já sonhei mais duas vezes com você, só que achei que não devia interrompê-lo telefonando-lhe para contar. Você continua, pois, me visitando. Seja bem-vindo. Prometo que o receberei numa atmosfera translúcida, fosforescente talvez, ou de um escuro cheio de vaga-lumes piscando luz. Não estou fazendo propaganda de minhas noites, mas, modêstia à parte, digo-lhe vaidosa que sonho em cores. Para receber você, preparei um bosque verde cheio de frutos, ou uma proximidade com o mais vasto e azul dos mares ou uma mesa de toalha branca coberta de comidas boas de se comer. Meus sonhos estão à sua disposição.

Explicação de uma vez por tãdas

DM

1970 (CONT.)

21 nov

Finalmente chegou o dia

(NP: Na DM, p.500, aparece este título mas não consta o texto)

Finalmente uma de nossas boas editôras que está agora entrando no campo didático publicou Eu gosto de ler. A novidade de Eu gosto de ler está no fato de que é ilustrado por Glauco Rodrigues que, com a maior justiça, é um dos nossos pintores em foco. (No tempo glorioso da finada revista Senhor escolhi Glauco para ilustrar meus contos).

E o autor dos poemas infantis do livro é simplesmente Vinícius de Moraes. Vinícius sabe lidar com mulheres e com crianças. Vinícius sabe falar com os pequenos. Haja vista o sucesso com as crianças italianas com seu poema A casa.

Os autores do livro, de excelente reputação nos nossos meios educativos - Lisete Raimundo, Maria Cristina Leal e Cláudio Murilo Leal, autores de Aprendendo a Estudar Matemática e Aprendendo a Estudar Linguagem - incluíram Vinícius - infantil para aumentar o interesse de garbotos pela leitura, nesta época em que se perde o hábito insubstituível de ler. É um livro bom de se ler trechos para crianças: dei um exemplar a uma amiga minha mãe (sic) e ela ficou contente.

O professorado, e nós temos bons, é que deve estar contente: não é todos os dias que aparecem livros com participação real, poesia ótima e arte boa, tudo ao nível das crianças. Eu Gosto de Ler se dedica a criança pronta para alfabetização, e a inicia nos conhecimentos matemáticos: jardim-de-infância e do nível um. Exemplo ao acaso de um poema de Vinícius para o livro.

O pato

Lá vem o Pato
 Pato aqui, pato acolá
 Lá vem o Pato
 Para ver o que é que há
 O Pato pateta
 Pintou o caneco
 Surrou a galinha
 Pulou do puleiro
 No pê do cavalo

1970 (CONT.)

Levou um coice
 Criou um galo
 Comeu um pedaço de
 jenipapo
 Ficou engasgado
 Com dor no papo
 Caiu no poço
 Quebrou a tijela
 Tantas fêz o mōço
 Que foi pra panela.

"Ad eternitatem" (sic)

DM

Aviso silente

DM

Um ser chamado Regina

DM

Fui absolvida!

DM

28 nov

Espanha

DM

5 dez

"A indulgência" mais produtiva

A escritora Dinã (sic) Silveira de Queiróz voltou a apresentar sua candidatura à Academia Brasileira de Letras, em a carta dirigida ao presidente da entidade, professor Austregésilo de Ataíde. Em 22 de julho último, a escritora havia apresentado pela primeira vez idêntico pedido, recusado. O que levou Dinã Silveira de Queiróz a reapresentar a questão foi - além do argumento anterior de que é indevida a discriminação contra as mulheres no terreno da associação para fins literários - o recente fato da aceitação pela Academia Francesa de uma candidatura feminina: a escritora e jornalista Françoise Parturier.

Dinã é detendora do prêmio distribuído pela ABL, o Machado de Assis, a mais alta laúrea outorgada pela instituição, a que consagra o conjunto da obra do autor. No final do parecer assinado por Aníbal Freire, Pedro Calmon e outros acadêmicos falam sobre sua "faculdade descritiva em que se desdobram as mais diferentes situações psicológicas, interpretando o selvagem desassombro dos desbravadores da terra. Dinã Silveira de Queirós fêz arte pessoal, romance de estrutura complexa, admirável restauração de cenários e imagens que lhe asseguram posição inequívoca entre os nomes da literatura contemporânea. É a razão de

1970 (CONT.)

lhe conferir o Prêmio Machado de Assis de 1954, ano do quadricentenário de São Paulo, em cuja honra escreveu ela A muralha."

Por que esses mesmos argumentos não são usados para justificarem a entrada de Dinã na Academia?

Dinã é o que se chama de uma pessoa de sucesso. Mas nem o sucesso nem as agruras lhe tiraram a serenidade; até fisicamente ela parece sobrepairar as coisas, embora atenta a tudo: seu estado de espírito normal é o da serenidade. Mas, explica ela, pode passar a uma cólera bíblica se bem que rápida: é quando lhe sobe à cabeça uma gota de sangue espanhol que possui na sua mescla racial.

Há mais de 30 anos dedica-se a literatura, começando com o famoso Floradas na Serra. Desde então nunca mais deixou de escrever. Só em relação a crônicas, fez mais de nove mil...! lidas pela Rádio Nacional sob o título de Café da Manhã. Essa comunicação, que não é, como frisa, propriamente a sua literatura (Margarida la Rocque, Verão dos Infiéis, etc.) dá-lhe no entanto vasto apoio de massa, o que a torna mais segura de si mesma. É sem dúvida um dos escritores que mais produzem. Mas primeiro, diz, teve que vencer uma terrível preguiça... Que nasceu preguiçosa. Quando começou a escrever, ia para a cama, recostava-se e trabalhava na maior indolência, o que em outros seria uma contradição. Desde A muralha passou a ditar e assim encontra tempo para fazer oito crônicas por semana e geralmente um livro em cada dois anos, além de cumprir seus compromissos sociais de mulher de diplomata. E casada com o Ministro Dario Castro Alves. Mas Dinã é benevolente com os escritores fracassados:

- Todo escritor é um ser que procura lançar sua mensagem como a clássica do naufrago que encerra o bilhete na garrafa e o atira às ondas. Muita vez essa mensagem se perde. Mas acho que deve haver sempre pelo menos respeito por esse ato de comunicação à distância. Nunca ri nem caçoei de nenhum escritor malogrado. Nós temos sorte? Será a mão de Deus Pai, será a humildade de fazer e refazer? A verdade é que se a mensagem chega nós estamos salvos, somos escritores.

O processo de criação de que se serve para compor romances, contos, etc... é um método que exige muita vi-

1970 (CONT.)

vência com o assunto. Em geral deita-se, fica estirada, todos pensam que está descansando quando na verdade está estudando algum personagem ou circunstância. Mas quando tãda a narrativa está pronta dentro dela, passa então a escrever quase sem interrupção. De seus livros o que mais prefere é Margarida La Rocque, talvez por ter sido escrito numa fase de grande sofrimento.

Casada com diplomata, está em constante vaivém de um país para outro. Dormiu na Guiné, almoçou no Marrocos (com Rubem Braga), estêve no Kremlin, conversou com Krushev e depois com Paulo VI. Mas sofre de nostalgia do Brasil e sente-se muita vez como a cigana que nem sequer tem a carroça; mas seu marido, pela compreensão que lhe dá, compensa tãda a saudade que sente. Jamais interrompeu suas crônicas que vieram de Madri, Moscou, Paris, Helsingui, Nova Iorque. É uma espécie de pioneira da ficção científica entre nós. Os mundos a descobrir a tentam, mas o ser humano e sua nova filosofia, moralidade, senso de justiça, sua compreensão do sexo nas épocas que se sucederam a nossa, tudo isso é extremamente importante e sua curiosidade não termina sã porque os homens pisaram na Lua. Mas, contra o argumento de que se está gastando muito na luta espacial, quando os problemas da Terra ainda não está resolvidos, acha que o progresso é irreversível e impiedoso. Que ninguém perguntaria a Colombo se no seu tempo se deveria dar o dinheiro da empreitada a seus então míseros patrícios. O progresso vem a dar juro muito tarde, mas que virão, virão com certeza.

Quanto à sua experiência direta da vida da União Soviética, e diante de sua imaginação fértil, perguntei-lhe como pensava que seria a vida na Rússia no ano 2000. Respondeu: Cada vez mais próxima do Ocidente.

Eis um leve esboço de um dos escritores mais lidos no Brasil.

12 dez

Palavras apenas fisicamente

DM

O cetro

DM

Por não estarem distraídos

DM

19 dez

A procura do natal

1970 (CONT.)

Augusto Frederico Schmidt
 Caminharei em busca do presépio
 a noite inteira, meu Senhor,
 Não haverá, porém, nenhuma estrêla,
 para guiar meus passos.
 Tôdas as estrêlas estarão imóveis
 no céu imóvel.

Caminharei em busca do presépio,
 a noite inteira, meu Senhor,
 As estradas, porém, estarão solitárias,
 tudo estará adormecido,
 as luzes das casas, apagadas,
 as vozes dos peregrinos, terão morrido
 na distância sem fim.

Caminharei ansioso à tua procura,
 mas estarei atrasado,
 o tempo terá caminhado tão na minha frente,
 que me será difícil encontrar teu recanto humilde...
 Cansado, encontrarei grandes cidades,
 mas a tua cidade, Senhor, terá desaparecido...

Muitos se rirão de mim, sabendo que te procuro.
 Não haverá nenhuma estrêla
 para mostrar o lugar em que te encontras.
 Tôdas as estrêlas estarão imóveis no céu...

Dos anjos

(José Santiago Naud)

Só os anjos consomem
 a própria sombra
 quando, fulgentes,
 descem do azul
 ao árido hostil.

Seu tempo,
 o frêmito das asas, e o espaço
 que as vestes sulcam, luz
 em remoinho, puro tranquilo
 círculo em vertical armado.
 E quando descem invisíveis
 ao nosso precário, escuro saber

1970 (CONT.)

o espírito silva as muralhas da mágica
e, como sol sôbre as cousas,
a mão do Senhor suavemente toca,
por êles, o real.

Hino de Louvor

(rezado nas sinagogas)

Louvado sejas Tu, ô Senhor, nosso Deus e Deus dos nossos pais.
Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacó,
grande, poderoso, venerado Deus, supremo.

Concedeste a misericórdia com uma grande generosidade
Não te esqueceste das ações dos nossos pais,
enviarás o resgate para os filhos dos seus filhos,
por causa do teu amor e pelo amor da tua glória.

Tu és o Rei que ajuda, que salva e protege.
Louvado sejas tû, ô Senhor, Escudo de Abraão.

O teu poder, ô Senhor, é eterno;

Sustentas os vivos com misericórdia
com grande bondade dás nova vida aos mortos;
Ajuda os abatidos, curas os doentes, libertas os cativos;

Confias naqueles que dormem sôbre o pó.
Quem se pode comparar ao teu poder, ô Senhor e Rei?
Tu és o Senhor da vida, da morte e da salvação.

Generosamente, deste inteligência ao homem;
ensinaste-lhe a sabedoria e a compreensão.
Dâ-nos sempre a sabedoria, o conhecimento e a inteligência.

Salva-nos das nossa angústias e liberta-nos;
dâ-nos uma rápida redenção,
pois Tu és o poderoso Redentor de Israel.

Cura-nos, ô Senhor, e ficaremos curados;
ajuda-nos e salva-nos, pois em ti está a nossa glória.

Hino asteca

A flor de meu coração se abriu
Eis o Senhor da meia-noite!
Ela veio - nossa mãe - ela veio...
a deusa Tlazolteotl...

1970/1971

Nasceu o Deus do milho,
 no paraíso de Tomoancham.
 No jardim em que aparecem flôres...
 Ele que se chama Uma Flor...

Nasceu o Deus do milho
 No jardim da chuva e da névoa
 Lá onde nascem os filhos dos homens...
 Lá onde se pescam os peixes de jade:
 Eis o dia!

Surge a aurora!
 Os colibris sugam o pólen
 no jardim onde desabrocham as flôres...

1971

9 jan

Duas histórias a meu modo

DM

16 jan

Um presente para vocês

E para mim também. Não sei se algum leitor se lembra de um texto meu, de 14 de novembro de 1970, em que eu convidava Carlos Drummond de Andrade a visitar esta coluna, dando-me um poema seu. E que a remuneração seria, é claro, para ele. Pois não é que Drummond aceitou? Mas não quer remuneração: é flor dada.

E é hoje mesmo que seu poema vem nos visitar, aqui, nesta mesma seção: cuida assim no mesmo dia da sua coluna e cuida da minha, cavalheiro que ajuda a dama a descer do cavalo.

Há uma semana minha casa está em polvorosa. Tudo para preparar a chegada do poema de um poeta que vocês e eu amamos, o maior poeta do Brasil de todos os tempos. Mandei 15 faxineiros virem fazer rebrilhar minha casa, o chão está nos espelhando. Tirei os cristais guardados a mil cha-

1971 (CONT.)

ves, fi-los refulgir e tilintar para receber gélido champanha. Mandei buscar da Escócia um uísque, mas acho que o poeta não é de beber. Fui então ao Instituto do Café para êles me darem café tipo exportação, êsse café que é brasileiro e que no entanto só se toma bem na Itália. Os 30 lustres da sala estão todos nervosos e assanhados de tantos flexos e reflexos e disflexos e tantas reverberações, brilhações e fulgurações, e résteas e raios, e doidos pingentes trêmulos da mais alvoroçada claridade - tudo iluminado, nada de pouca luz para recebermos o poema. As vidraças estão tão transparentes de limpas que a gente até pode se enganar e atravessá-las.

E as flôres? Tôdas as jarras da casa estão transbordando de flôres, montões de crayos vermelhos com corolas arrebitadas, botões entreabertos de dúzias de rosas brancas e amarelas, e outras tão vermelhas, das graúdas e quase comíveis. Mandei plantar depressa um jasmineiro-trepadeira nas paredes do terraço, já com jasmim mas de perfume suave, só um pouco inebriante. Também mandei plantar no canto da sala uma moita de avencas fresquíssimas que se dobram sôbre elas próprias em verdes curvas de suas milhares de folhinhas de samambaias, moita que dá vontade de se pôr o rosto dentro dela e receber em cheio o seu sensual agreste. Escolhi os eucaliptos os mais altos, e êles ultrapassam o teto que mandei abrir para que as estrêlas da noite escura pisquem sôbre nós. Sei que vocês estavam esperando receber a visita sábadô de manhã. Mas na verdade hoje é noite e apesar da lua cheia o resto do céu é escuro de uma pessoa se perder com delícia no seu alto negrume.

E que roupa usar? Uma túnica branca, não em sinal de pureza que não tenho, mas porque a túnica branca é bonito. Lamentei ter cortado meus cabelos mas já era tarde, não dava tempo de mandã-los crescer.

E eis-me sentada no sofã, esperando. Cada minuto que passa, êle não vem. Temo que à última hora o poeta escolha melhor guarita para seu poema. Embora eu ache que nós, leitores meus e eu, temos feito desta seção o melhor possível, começo a nos acusar da coluna ser desigual, às vêzes bem fraca, mas o poeta sabe que quem escreve com freqüência e dia certo é desigual. Será que êle escolheu a coluna de Carlinhos de Oliveira?

1971 (CONT.)

Mas tocam a campainha da porta. É o poeta que vos visita e me visita. Ei-lo:

O Deus de cada homem
Quando digo "meus Deus"
afirmo a propriedade.
Há mil deuses pessoais
em nichos da cidade.

Quando digo "meu Deus",
crio cumplicidade.
Mais fraco, sou mais forte
do que a desirmandade.

Quando digo "meu Deus",
grito minha organdade.
O rei que me ofereço
rouba-me a liberdade.

Quando digo "meu Deus",
choro minha ansiedade.
Não sei que fazer dêle
na micro-eternidade.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

23 jan

O óbvio ululante

Num encontro social que tive com Nélson Rodrigues, disse-lhe que ia lhe fazer algumas perguntas. Mas que, sendo êle homem de muitas facêtas, eu lhe pediria apenas uma: a da verdade. Êle aceitou prontamente e cumpriu. Parecia aliás ansioso por dizer algumas verdades. Eu também ando.

- Você se inclina mais para a esquerda ou para a direita?

- Eu me recuso absolutamente a ser de esquerda ou de direita. Sou um sujeito que defende ferozmente a sua solidão. Cheguei a essa atitude diante de duas coisas: lendo dois volumes sôbre a guerra civil na História. Verifiquei então o óbvio ululante: de parte a parte todos eram canalhas. Rigorosamente todos. Eu não quero ser nem canalha da esquerda, nem canalha da direita.

- Você se referiu à solidão. Você se sente um homem só?

1971 (CONT.)

- Do ponto-de-vista amoroso eu encontrei Lúcia. E é preciso especificar: a grande, a perfeita solidão exige uma companhia ideal. Mas, diante do resto do mundo sou um homem maravilhosamente só. Uma vez fiquei gravemente doente, doente para morrer. Recebi em três meses de agonia três visitas, uma por mês. Note-se que minha doença foi promovida em primeiras páginas de jornais. Aí eu sofri na carne e na alma esta verdade intolerável: o amigo não existe.

- Existe sim, Nêlson, foi falta de sorte sua. Eu passei quase três meses no hospital e recebia visitas até de estranhos, e eu não sou o que se chama de simpática. Pergunto-me até o que é que eu dei aos outros para que viessem me fazer companhia. Não, não acredito que não se tenha amigos. É que são raros.

- Ou eu dou muito pouco ou os outros não aceitam o que eu tenho para dar.

Mas você tem sucesso real - e sucesso vem quando se dá alguma coisa aos outros. Você dá.

- Eu tenho o que chamaria de amigos desconhecidos. São sujeitos que eu nunca vi, que cruzam comigo numa esquina, numa retreta, num velório. Certa vez fui a uma capelinha ver um colega morto. Eram duas horas da manhã. Uma mocinha saiu do velório com um caderninho na mão: quero ter a honra de apertar a mão do autor de A vida como ela é, e me pediu o autógrafo. Senti que estava vivendo um momento da pobre ternura humana. Eis o que eu queria dizer: o amigo possível e certo é o desconhecido com que cruzamos por um instante e nunca mais. A esse podemos amar e por esses podemos ser amados. O trágico na amizade é o dilacerado abismo da convivência.

- Mas Hélio Pelegrino é seu amigo, e Otto Lara Rezende é seu amigo.

- Não. Eu é que sou amigo de ambos. É possível que um de nós ame alguém. O difícil (não quero dizer impossível) é que esse alguém nos ame de volta. Hoje mesmo almocei com Hélio Pelegrino. Por causa de uma opinião minha, ele, com sua cálida e bela voz de barítono de igreja, dizia para mim: é mentira, é mentira! Nunca me ocorrera nesta encarnação ou em vidas passadas, chamar Hélio de mentiroso. Naquele momento ele pôs entre nós a mais desesperada e radical solidão da terra. Tal agressividade não de-

1971 (CONT.)

via existir na história da amizade. E o Otto nunca me deu um telefonema! Estou dizendo isso com a maior, a mais honrada, a mais inconsolável amargura.

- Isso não quer dizer nada: Otto é meu amigo, e já provou várias vezes, no entanto é raríssimo um telefonema seu. Nelson, você fala em encarnação e em vidas passadas. Você é esotérico? ou teosofista? acredita na reencarnação?

- Sou apenas cristão, se é que eu sou. A única coisa que me mantém de pé é a certeza da alma imortal. Recuso-me a reduzir o ser humano à melancolia do cachorro atropelado. Que pulhas seríamos se morrêssemos com a morte.

- Mas aonde vai a nossa alma, depois de mortos?

- Aí está o mistério e o mistério não impede evidentemente que a alma seja imortal. Você antes me perguntou em quantos empregos eu trabalhava, escrevendo. Tenho três colunas diárias, obrigatórias (escrevo muito mais para atender a pedidos insuportáveis): num jornal faço duas crônicas e no outro faço também uma crônica de futebol. Quando vou escrever um romance ou uma peça de teatro estou em plena estafa e tenho que fazer um superesfôrço. Acho que minhas condições de trabalho são desumanas. Eu me considero um fracassado. Não me realizei nem acho que alguém se realize. Mas a coisa mais importante no mundo é o amor, e, para uma pessoa como indivíduo, é a solidão. Sou um romântico num sentido quase caricatural. Acho que todo o amor é eterno e, se acaba, não era amor. Para mim, o amor continua além da vida e além da morte. Digo isso a você e sinto que se insinua nas minhas palavras um ridículo irresistível, mas vivo a confessar que o ridículo é uma das minhas dimensões mais válidas.

- Nelson, você tem conversado, como todo mundo, com muitas pessoas. Todas as suas conversas se parecem com esta nossa?

- Não, eu estou fazendo um esfôrço, um abnegado esfôrço, para não trapacear com você.

É preciso dizer que, durante os minutos que demorou nossa conversa, ele não sorriu nenhuma vez: com a verdade grave não se sorri, parecia dizer.

- Você é um homem de sucesso. Até que ponto o sucesso interfere na sua vida pessoal?

- Não interfere justamente porque eu e Lúcia funda-

1971 (CONT.)

mos a nossa solidão.

- Você está gostando de conversar comigo?

- Profundamente. O que conta na vida são os momentos confessionais.

30 jan

Come, meu filho

- O mundo parece chato mas eu sei que não é. Sabe por que parece chato? Porque, sempre que a gente olha, o céu está em cima, nunca está embaixo, nunca está de lado. Eu sei que o mundo é redondo porque disseram, mas só ia parecer redondo se a gente olhasse e às vezes o céu estivesse lá embaixo. Eu sei que é redondo, mas para mim é chato, mas Ronaldo só sabe que o mundo é redondo, para ele não parece chato.

- ...

- Porque eu estive em muitos países e vi que nos Estados Unidos o céu também é em cima, por isso o mundo parecia todo reto para mim. Mas Ronaldo nunca saiu do Brasil e pode pensar que só aqui é que o céu é lá em cima, que nos outros lugares não é chato, que só é chato no Brasil, que nos outros lugares que ele não viu vai arredondando. Quando dizem para ele, é só acreditar, pra ele nada precisa parecer. Você prefere prato fundo ou prato chato, mãe?

- Chat... - raso, quer dizer.

- Eu também. No fundo, parece que cabe mais, mas é só para o fundo, no chato cabe para os lados e a gente vê logo tudo o que tem. Pepino não parece unreal?

- Unreal.

- Por que você acha?

- Se diz assim.

- Não, por que é que você também achou que pepino parece unreal?

Eu também. A gente olha e vê um pouco do outro lado, é cheio de desenho bem igual, é frio na boca, faz barulho de um pouco de vidro quando se mastiga. Você não acha, que pepino parece inventado?

- Parece.

- Aonde foi inventado feijão com arroz?

- Aqui.

- Ou no árabe, igual que Pedrinho disse de outra coi-

1971 (CONT.)

sa?

- Aqui.

- Na Sorveteria Gatão o sorvete é bom porque tem gosto igual da côr. Para você carne tem gosto de carne?

- Às vezes.

- Duvido! Só quero ver: da carne pendurada no açouque?!

- Não.

- E nem da carne que a gente fala. Não tem gosto de quando você diz que carne tem vitaminas.

- Não fala tanto, come.

- Mas você está olhando dêsse jeito para mim, mas não é para eu comer, é porque você está gostando muito de mim, adivinhei ou errei?

- Adivinhou. Come, Paulinho.

- Você só pensa nisso. Eu falei muito para você não pensar só em comida, mas você vai e não esquece.

6 fev

Carnaval

Quis o "destino" (!) que meu caminho cruzasse com o do Sr. Clóvis Bornay, que dispensa apresentações. Confesso que imaginava - quando e se pensava por um instante nele - um Clóvis Bornay pernóstico, fútilmente antipático. Para a minha agradável surpresa encontrei um Bornay de conversa mansa, que fala com simplicidade e com amor de suas coisas, usando uma sinceridade quase ingênua de quem não tem medo de ser ridicularizado ou atacado.

Nesse dia eu estava com um humor péssimo que foi melhorando à medida que, espantada, eu me inteirava da vida de um dos maiores, senão o maior, carnavalescos de todos os tempos. O mais curioso é que nem se pode chamá-lo de "carnavalesco" prôpriamente dito, uma vez que não brinca no carnaval: êle apenas se mostra. Mas, enfim, carnaval é carnaval, e vale tudo.

Bornay é brasileiro, filho de pais brasileiros de origem francesa por parte de pai e de espanhola por parte de mãe. Acha êle que começou a se interessar pelo carnaval logo após o nascimento, que se deu no auge da folia. Diz que se lembra de que, ainda no colo, os mascarados o apavoravam (Essa lembrança deve ser posterior pois é pouco provável que Bornay guarde memórias tão primeiras). Passou

1971 (CONT.)

do pavor ao amor ao perceber que os mascarados eram pessoas amigas e alegres, e começou a participar das festas desde a infância, quando já se fantasiava: aqui no Rio as casas viravam verdadeiras oficinas de fantasias usadas pela família inteira. Perguntei-lhe com jeito se alguma vez êle chegara a se fantasiar de mulher. Disse que não, sua fantasia era um lençol amarrado na cabeça e na cintura até os pés, e no rosto uma máscara de caveira; barato e prático. Mas em 1937, completando idade suficiente, compareceu ao Municipal com uma fantasia idealizada por êle mesmo, e com o título de Príncipe Hindu, confeccionada com o aproveitamento de pedras de cristal de um lustre abandonado no porão da casa. Tal foi o sucesso dessa primeira aparição em público que se tornou um hábito em sua vida, nos 34 anos consecutivos. As idéias da fantasia vêm exclusivamente dêle, porque precisa se identificar primeiro com o personagem, depois ir em busca do material adequado ao estilo, à forma, à época. E tudo isso sob o maior segredo, até os meados da confecção, quando passa a precisar de botas ou sapatos, ou do joalheiro para a montagem de coroas e ou anéis ou do fabricante de armas, espadas, lanças. Então a notícia se espalha um pouco. E mais no fim do ano os locutores da televisão fazem-lhe perguntas, e "não seria elegante ocultar". Nunca mede de antemão os gastos de uma roupa: o material e a mão-de-obra atingem a preços tão elevados que o desanimariam. Adquire o material aos poucos e paga parceladamente a mão-de-obra, já que vive de honorários de trabalhos. Com as economias, os desenhos de fantasias para outros, e os prêmios já ganhos é que custeia a fantasia do ano seguinte. A economia é possível pois, como é óbvio, é solteiro, não faz vida noturna, não bebe nem fuma nem joga e, ao contrário do que aconselham os amigos, não compra carro e continua a andar de ônibus, tal é seu "amor à cidade do Rio de Janeiro": acho justo contribuir pessoalmente para "esta bela terra". Cada ano apresenta três fantasias diferentes.

Perguntei-lhe:

- Que fantasia o senhor me aconselharia a vestir no carnaval?

- Espere, espere... já estou quase sabendo... estou só pensando no nome... Achei! É Firmamento. Seria uma tú-

1971 (CONT.)

nica de renda negra cravejada de estrêlas e de brilhantes. Na cabeça a meia-lua e numa das mãos uma taça de prata deramando estrêlas...

Considera seu concorrente Evandro Castro Lima um grande nome da alta costura que descobriu a mágica forma de embelezar o carnaval carioca. Quanto a si mesmo, seu maior desejo é atingir a perfeição... Perguntei-lhe se tivesse um filho, gostaria que este se fantasiasse com luxo e tudo. Disse que gostaria porque era uma forma de arte. O mais importante era interpretar a personalidade para ser então um modelo da fantasia, e para isso era preciso ser um bom ator:

- Faz-se mister ter a inteligência de um gênio, a fôrça de um Hércules, a bondade de um Cristo, as alegrias de uma criança, a ternura como de uma mulher e as artimanhas de um demônio: eis então o bom ator.

Mas não passa o ano inteiro pensando nos três dias de carnaval. Porque o maior amor de sua vida é o Museu Histórico Nacional, onde exerce a função de museólogo: seu trabalho é tão apaixonante que o absorve o ano inteiro, restando apenas a fuga de quatro dias de folia. Na quarta-feira de cinzas já é encontrado a postos no seu gabinete de trabalho, a cabeça no lugar. - Quem ficou de cabeça virada fui eu, que não sou museóloga: fiquei querendo ardentemente minha túnica de renda negra cravejada de cristais, a espargir estrêlas numa taça de prata.

13 fev

Um brasileiro pouco conhecido: Leopoldo Nachbin

Pouco conhecido e no entanto é honra para nosso país.

Trata-se do maior matemático do Brasil e um dos quatro maiores do mundo. Insegura como sempre, mas audaciosa como sempre, eu disse a Leopoldo que para mim a Matemática e a Física não eram resultados apenas de um alto raciocínio: eram uma arte tão arte que eu as comparava à de uma fuga de Bach, por exemplo. Para a minha alegria, Leopoldo contou-me que o matemático Jean Dieudonné pensava e dissera a mesma coisa.

No Ginásio Pernambucano descobriu espontaneamente sua vocação. A paixão pela Matemática ficou ligada à satisfação intelectual de, graças a seu próprio esforço, ter com-

1971 (CONT.)

preendido alguns aspectos do mecanismo do raciocínio matemático: descobriu sozinho certos fatos matemáticos, e depois teve uma mistura de alegria e tristeza ao constatar que já eram resultados conhecidos, tais como a teoria da aceleração normal e o desenvolvimento de Laplace de um determinante.

Por causa de sua vocação, sua mãe, a irmã e ele transferiram-se para o Rio, onde havia melhores condições de estudo. Aos 19 anos publicou seu primeiro artigo de pesquisa, nos Anais da Academia Brasileira de Ciências. No ano seguinte, publicou artigos na Itália e na Argentina, ampliando suas relações internacionais. Beneficiou-se muito no contato pessoal com André Weil, um dos maiores do nosso tempo e que passara 3 anos no Brasil, de 1945 a 1947. Também lucrou do contato com Jean Dieudonné, que viveu dois anos entre nós. A inclinação de analista de Leopoldo Nachbin foi anterior à influência de Weil, Dieudonné e Stone. Aos 20 anos recebeu uma oferta de estudar com Gleb Wataguin, famoso físico italiano, mas recusou porque reconhecia que sua estrutura mental era mais a de um matemático que a de um físico. Sob a influência de Weil e Stone, passou dois anos na Universidade de Chicago. Convidado a permanecer definitivamente nos Estados Unidos, optou pelo retorno ao Brasil para inscrever-se, em 1950, num concurso à cátedra da Universidade do Brasil: já decorreram 20 anos e o concurso ainda não foi realizado.

Sua pesquisa é mais próxima da francesa do que da norte-americana, embora tenha passado mais tempo nos Estados Unidos que na França. Mas a Matemática é universal, não tem caráter nacional. E a troca pessoal de informações entre os pesquisadores é importante.

Fala-se hoje em operação-retorno ao Brasil dos nossos cientistas radicados no estrangeiro; mas é indispensável assegurar-lhes oportunidades frequentes de visitas curtas ou prolongadas aos grandes centros internacionais: só assim se elevará o nosso nível científico.

Nachbin foi professor do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, quando fundado pelo grande César Lattes. Em 1952 participou da criação do Instituto de Matemática Pura e Aplicada, que se tornou o maior centro matemático do Brasil. Em 1959-60 passou quatro meses na Universidade

1971 (CONT.)

Brandeis, instituição famosa nos EUA: foi quando desenvolveu seu trabalho sobre a teoria da aproximação ponderada. Em 1960 foi convidado para um simpósio internacional na Universidade Hebraica de Jerusalém. De 1961 a 63, foi professor na Sorbonne. Nesse período realizou conferências em várias universidades da Alemanha, Bélgica, Escócia, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Polônia, Suécia e Suíça. Em 62, concederam-lhe o Prêmio Moinho Santista e foi convidado para ser o primeiro coordenador do Instituto Central de Matemática da Universidade de Brasília, a de melhor estrutura. Em 63 a Universidade de Chicago convidou-o para ser professor permanente, em condições muito favoráveis. Não aceitou por estar por demais ligado sentimentalmente ao Brasil. Em 65 dois de seus livros foram traduzidos para o inglês. Em 1966, teve o gosto de receber o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Pernambuco, sua terra natal.

Em setembro de 1970 houve em Nice, França, o Congresso Internacional de Matemática, e Nachbin foi o único sul-americano a fazer parte da comissão organizadora do Congresso e a presidir uma de suas sessões. Em seguida participou do Simpósio Internacional de Análise Funcional (sua especialidade), na Bélgica, como conferencista convidado. Nessa ocasião recebeu uma medalha da Universidade de Liège, prêmio concedido a mais três matemáticos mundialmente conhecidos: professor Kothe (Alemanha), professor Yosida (Japão) e professor Nirenberg (Estados Unidos).

20 fev

A pesca milagrosa

(Vide Escrever as entrelinhas JB e DM 6 nov 1971)(NP: *Só aparece na DM na segunda publicação*)

Lembrar-se

(Vide Lembrar-se do que não existiu, JB e DM 6 nov 1971)(NP: *Só aparece na DM na segunda publicação*)

Crônica social

- ... perfeito, perfeito, perfeito, o jantar. Poderia ser transportado na íntegra - mesa, comensais sentados nas cadeiras em torno dela, comidas, garçons com bandejas de prata - para outra casa, quicá outro país, como se diz de obra de arte "que não conhece "fronteiras"."

1971 (CONT.)

E a consciência de cada conviva de que é de cada um deles que depende a falta de êrro, a perfeição? Reunião, algumas finíssimas, é uma reunião em torno de uma gafe que não é cometida? A tensão do grande jantar, a tensão da perfeição crescendo, a pele do tambor esticando-se. Risco excitante.

Para cada um, a gafe própria que não será cometida. Que gafe, afinal? É o eu aparecer de súbito, como não convidado. Cada um e a própria gafe muda sob a delicada conversa. Gafe que sob o sorriso quase de sonho atrai, atrai sádica, perseguidora, estou chegando perto, estou chegando perto, numa sorridente tortura de pesadelo. Porque mais um minuto, mais um instante - e - e o eu acontece.

Depois, entre conhaque, licores e fumaças, a perfeição esticada cada vez mais tênue, cada vez mais tênue, o melhor é voltar depressa para casa e o eu suspirar aliviado. Está cada vez mais tênue. Esporte perigoso, êsse.

A Academia Brasileira de Letras

O que me fez nunca ir assistir a sessões públicas da Academia? Falta de motivação? Ou talvez simplesmente considerasse a Academia uma espécie de clube de cavalheiros ingleses, onde se lê jornal, conversa-se, bebe-se alguma coisa, sem a interferência sempre perturbadora de mulheres.

Deve haver algo de secreto e profundo e que age como chamariz na Academia Brasileira de Letras. Senão, como explicar que um candidato, em vez de ter o prazer de ser escolhido, tenha para ser eleito, que ir pessoalmente pedir voto a todos os acadêmicos, um por um? Como explicar que João Cabral de Melo Neto, que é tímido, o tenha feito? Senão como explicar que um homem como Guimarães Rosa adiasse sua posse por três anos, por ter intuído que, ao pôr o fardão, ficaria emocionado a ponto de sofrer um enfarte? No entanto achou que valia a pena arriscar. Mistério.

Tive oportunidade de me avistar com o Acadêmico Autregêsilo de Ataíde, quarto presidente da ABL, portanto um acadêmico típico. Há 11 anos que êle é presidente. Homem simpático, afável. Fiquei sabendo de várias coisas. Por exemplo, a finalidade principal da Academia está nos estatutos: defender a língua portuguesa e promover a literatura.

1971 (CONT.)

Eles promovem a literatura através da concessão de prêmios literários. Distribuem por ano 16 prêmios, de 1 milhão antigo cada. O Prêmio Machado de Assis para o conjunto de obra, no valor de 10 milhões antigos. Os recursos desse prêmio são oferecidos pela Fundação Jurzizowski, que criou a Mercedes-Benz do Brasil e que, ao morrer, deixou em testamento 6 mil dólares para a Academia. Esta também distribui prêmios com verbas oriundas da herança do livreiro Francisco Alves. A Academia ainda publica um dicionário mandado fazer sob os seus auspícios. Publica, além de seus anais, a Revista Brasileira e os Discursos Acadêmicos.

Tive curiosidade de saber o que acontecia na reunião das quintas-feiras: depois do chá com bolinhos, estudam personalidades literárias ou acontecimentos literários.

Quanto à já clássica pergunta sobre a entrada de mulheres na Academia disse: "A objeção feita não é a entrada da mulher na Academia e sim à reforma dos estatutos para permitir essa entrada. Os acadêmicos de três gerações consideram que não se deve alterar a lei fundamental da instituição."

27 fev

O primeiro beijo

DM

6 mar

Um poeta mulher

Eu mesma não sei como consegui quebrar o pudor que Marli de Oliveira tem de aparecer em público. E nem todos talvez saibam quem ela é. Vou apresentá-la com grande alegria: trata-se de um dos maiores expoentes de nossa atual geração de poetas, que é rica em poesia. É muito jovem, mas, quando ainda mais jovem, já era professora de língua e literatura italianas e de literatura hispano-americana na PUC, na Faculdade Católica de Petrópolis e na Faculdade Católica de Fraiburgo, o que a obrigava a cansativas viagens semanais.

Já escreveram sobre Marli, entre outros, Alceu Amoroso Lima, Walmir Ayala, José Guilherme Merquior, Antônio Houaiss. E, em Roma, um dos maiores poetas italianos, Ungaretti.

Por que o grande público não a conhece? Por que se

1971 (CONT.)

compram menos livros de poesia? Porque Marli é modesta a ponto de me espantar que chegue a permitir a publicação de seus livros. Acontece, porém, que há um ciclo fatal no escritor: a obra entra em gestação, é executada, e depois, como um filho que tem de nascer, é publicada, já não pertence mais ao autor. Basta, porém, ler Marli para admirá-la, respeitá-la e, o que é tão importante, amá-la.

Pessoalmente, é muito bonita, com bastos cabelos negros e uma voz feita para amar adultos e ninar criança: Marli é casada com um diplomata, Lauro Moreira, e tem uma filhinha. Além de poeta, faz críticas da maior erudição, agudeza e sensibilidade. Até agora publicou cinco livros de poesia: Cêrco de primavera (ganhou o prêmio do Instituto Nacional do Livro), Explicação de Narciso, A suave pantera (prêmio da Academia Brasileira de Letras, dedicado a mim e, segundo ela, em mim inspirado, porque eu tinha a suavidade e a possibilidade de violência de uma pantera...!?) O quarto e o quinto foram reunidos num só volume: O sangue na veia e A vida natural. Está agora em Buenos Aires onde vive há poucos anos, escrevendo outro livro de poemas.

Transcrevo aqui um poema seu, Contato, dedicado a Carlos Drummond de Andrade:

Baixa um frio, uma luz
 sôbre o ansioso invocar, a numerosa
 vã espera de lábios dissonantes;
 no entanto, ah se conforta,
 em meio aos desencontros inditosos,
 ao desejo de amar que não encontra
 senão em si pegadas indicantes
 de amor, saber que o mesmo já pode
 prescindir do que se lhe deveria,
 em vez da chama, a fria
 luz de um deserto frio, em vez do órgio
 festim, êste calado,
 indefeso aceitar que me consome,
 de tal modo em mim vive o não-deserto
 e o longe simulado é aceso perto.

E de tal modo penso
 na seiva que circula, na água viva
 sob o vivo deserto, o quente, o único

1971 (CONT.)

de sombra que se esquivava,
 não ao amor, não ao entendimento,
 àqueles de que dispomos para ouvir
 e ver e então gostar: parques sentidos,
 fonte imprecisa de um comunicar,
 sensível quanto mais firme e disposto,
 tanto pode o alvoroço
 do descobrir, tanto desconcertar
 o que se entende ou faz,
 naquela distração ditosa e vaga
 de quem passeia silencioso um cais,
 sem pensar em mistério ou nunca mais.

Cobiçada verdura,
 sonhos que abrem janelas ao sem-fim
 do intocado e perfeito, onde os dissimiles
 do que existe e de mim
 não se repelem, buscam-se amorosos
 no real, como o entendo, sempre firme,
 e tão de certo modo irreversível,
 apesar dessa vida viva sucessão
 de espelhos, que bem pode confundir
 o aprender e o sentir
 duplicativos, que na aceitação
 talvez sem entender
 esteja o que procura a minha mão
 tocando a tua mão, num mesmo ato
 de amor ou de contato.

13 mar

Bichos I

DM

20 mar

Bichos (conclusão)

DM

17 mar

"Criar um quadro é criar um mundo novo"

Um homem alto, um pouco curvo, olhar de grande mansidão, pele morena, ar ascético de monge: eis Iberê Camargo, um dos nossos grandes pintores. Estávamos no seu atelier, que fica numa cobertura na Rua das Palmeiras: como Iberê nota, parecia-nos que o terraço era um tombadilho e que em breve, no calor que fazia, iríamos zarpar. Bebemos

1971 (CONT.)

água gelada, tomamos café requeentado - até que mais tarde sua espôsa, Maria, uma das mais simpáticas Marias, vem e nos faz um café expresso que me dá saudade da Itália. Conversamos sôbre assuntos gerais.

- Iberê, por que é que você pinta? - perguntei-lhe de repente.

- Sabe que essa pergunta já me foi feita no questionário da Editôra Vozes? Dei a seguinte resposta: só poderia responder por que é que pinto quando tiver descoberto o que eu sou como ser.

- Essa resposta bem serviria para quando eu mesma me pergunto por que escrevo. Teria antes de ir ao profundo último de meu ser. Você crê que se realizaria em outra forma de arte?

- No meu modo do entender, a obra só existe realizada e portanto só o realizado é que pode responder à pergunta, sem risco de um indivíduo se julgar, por exemplo, um autor possível. Há tanta gente que diz "se eu fizesse", "se eu pudesse", "se eu tivesse tempo", mas não faz nada, talvez porque realmente nada tenha a fazer.

- Qual é o processo criador de um pintor versus o processo criador de um escritor em prosa ou poesia?

- Suponho, Clarice, que a diferença que existe esteja apenas na diferença de elementos. O pintor usa a cõr, a tinta, a linha. O escritor usa a frase. Mas o impulso criador deve ser o mesmo. Que é que você acha? que é de uma natureza diversa?

- Acho que a fonte é a mesma. Mas fiquei impressionada com Lúcio Cardoso que, depois da doença, não conseguia nem ditar, pois não falava, mas pintava com a mão esquerda, já que a direita estava inutilizada: por que não escrevia com a mão esquerda? O médico explicou-me que no cérebro existe, se entendi bem, uma parte de onde sai a escritura, a palavra, e outra de onde sai a pintura.

- Mas êle pintava como escrevia? Não. Pintar é um artesanato, é saber usar os instrumentos. Assim como o escritor luta por criar com a palavra. Não há caso de um pintor que tenha feito uma obra definitiva na primeira tentativa. Na literatura, há?

- Talvez Rimbaud.

Ficamos pensando um pouco, em silêncio. Perguntei-lhe

1971 (CONT.)

então:

- Antes de começar a pintar um quadro você o visualiza já pronto ou vai passo a passo descobrindo o mundo particular desse quadro?

- Criar um quadro é criar um mundo novo. O artista é o primeiro espectador de sua obra. As soluções anteriores, os conhecimentos adquiridos não servem para a obra nova. Eu só consigo pintar quando consigo esquecer o que aprendi. Se não fosse assim, creio que estaria apenas a refazer os quadros já pintados. E, portanto, teriam apenas o mérito de uma cópia, de uma réplica. Não, Clarice, acho que quando empreendemos uma viagem, buscando alguma coisa que intuimos, nós marcamos o rumo, escolhemos o ponto cardinal de nossa meta. Mas não é antever o que, só a chegada, se revela. Um amigo meu, psicanalista, prof. Décio de Souza, falecido em outubro de 1970, costumava dizer que quando se espera um filho não se sabe de que cor serão seus olhos, sabe-se apenas que vai nascer um filho. Clarice, você sabe melhor do que eu que o personagem vive a sua vida à revelia do autor?

- Há lugares onde você trabalha melhor do que em outros, você disse. Será por isso que vai tanto a Porto Alegre?

- Eu só trabalho bem... como se pode dizer? Com os meus chinelos? Na tranquilidade de meu ambiente, com minhas coisas, na minha teia. Você sabe que o grande obstáculo que encontrei em Genebra, onde fui pintar o grande painel para a Organização Mundial de Saúde, foi exatamente Genebra. O Rio Grande do Sul, que é o pátio onde nasci, me leva a trabalhar bem. Você sabe que nasci em Restinga Sêca, que naquela ocasião não passava de um vilarejo. Saí de lá com quatro anos de idade. Mas a paisagem de Restinga Sêca me ficou impressa de um modo indelével. Alguém me disse: você saiu de lá aos quatro anos, portanto não pode se lembrar... Respondi: como poderei eu esquecer o lugar onde engoli o primeiro gole de ar e senti nos olhos o primeiro clarão?

- Como se processou em você o abandono da figura, para tornar-se um não figurativo?

- Eu não abandonarei a figura, apenas a transformei. Quanto à sua pergunta sobre se lutei para ser um pintor

1971 (CONT.)

realizado e com nome, não, eu jamais tive essas preocupações. E fico até muito surpreendido quando alguém me considera com destaque... E você, acha importante ter nome?

- Não, isso é apenas a parte social do problema. O que importa realmente é estar diante do papel em branco à espera das palavras que exprimam. Esse é que é o momento crucial. Iberê, mudando de assunto, por que os carretéis foram ponto de partida na sua obra?

- Os carretéis foram também as minhas fantasias de criança, o meu brinquedo. É natural que se tivessem transformado em símbolos na obra que faço.

- O rosto humano chega a lhe interessar de algum modo?

- Assim, com a visão de pintor, não tive um interesse especial pelo rosto humano. Mas como pessoa acho que o rosto reflete muito o indivíduo. O rosto revela a pessoa. Acho que quem se corrompe por dentro se corrompe por fora. Se não, Clarice, não haveria necessidade de maquilar os atôres, de lhes dar um aspecto especial.

- Diga-me: até que ponto uma cor exprime, e só ela, aquilo que o pintor está sentindo? Por que exatamente o marrom e depois em seu lugar o vermelho?

- Na minha opinião, a cor vale no seu contexto, nas suas relações. Enquanto que uma cor isolada será fria ou quente. E a intensidade de sua medida é também estabelecida no confronto com outras cores.

- Até que ponto você se sente liberado depois que dá à luz um quadro? Para por um tempo? ou a ânsia de criar se segue imediatamente?

Profunda reflexão de Iberê. Fico esperando. Até que ele diz: após a realização de um quadro, ou de uma série, segue-se um esvaziamento que por seu turno é substituído por uma gestação que se processa, e o período criador renasce então. Você tem a mesma experiência?

- Igual. Sinto um esvaziamento que quase se pode chamar sem exagero de desesperador. Mas para mim é pior: a germinação e a gestação para o novo trabalho podem demorar anos, anos esses em que feneço. Qual o conselho que você daria aos novos pintores?

- Deixe eu pensar nisso. (Ficou com a cabeça metida entre os dois braços cruzados, depois disse: vou tomar um

1971 (CONT.)

copo de água, e quando voltou disse: esta pergunta é a mais difícil.)

Tomei também um copo de água e ficamos em silêncio esperando. Pergunta terrível, sabe? disse Iberê. "Tome o tempo que quiser", respondi-lhe. Afinal Iberê Camargo disse:

- Não se persuadirem de que inventaram a pintura. E você? que conselho daria a novos escritores?

- Trabalhar, trabalhar e trabalhar.

- Jaspers - disse Iberê - escreveu que a nova geração tem as mãos furadas.

Confesso que não entendi bem o que Jaspers quis dizer e que Iberê repetira.

3 abr

De Natura Florum

DM

Dicionário

DM

10 abr

Vocês se lembram de Glória Magadan?

Um dia dêsses recebi inesperadamente uma carta de Glória Magadan, a que distraiu milhares de pessoas com suas novelas pela televisão. A carta era para me enviar uma crítica da Venezuela sobre a Paixão Segundo G.H. e a tradução de um de meus contos de Laços de família numa revista. A editora Monte Ávila, da Venezuela, não teve a delicadeza de me mandar a crítica. E o conto, publicado numa revista, é ilícito: não me pediram permissão para traduzi-lo, nada me pagaram, o livro Laços de família tem contrato de edição com a Editorial Sudamericana, de Buenos Aires, enquanto que meu contrato com a Venezuela é com outro livro de contos, além de Paixão. E ainda por cima me estropiaram o título, em vez de Imitação da Rosa puseram Convite à Rosa. Meu advogado, Dr. Sílvio Campelo, vai tomar conta disso.

Mas vocês se lembram de Glória Magadan? Está escrevendo para diversos canais de televisão da América Latina, o que a obriga a viajar constantemente, mas vai se radicar em Caracas. Está trabalhando intensamente, e lamentando que o dia tenha só 24 horas. Mas trata-se de um negócio próprio e, como diz ela, sumamente estimulante. "Representa um desafio, e isso gera entusiasmo. Eu sempre trabalhei pa-

1971 (CONT.)

ra os outros. Quero passar pela experiência de trabalhar para mim mesma."

Com a carta, relembrei de meu encontro com Glória Magadan. O que tem de prolixa nas novelas, tem de lacônica na vida real. Não é lacônica no sentido de se furtar a falar, mas responde suscintamente às perguntas.

Trata-se de uma criatura jovem ainda, vaidosa mas sem excessos. Morava num apartamento de alto luxo: novela dá dinheiro.

Conversei antes com sua secretária. Esta estava de minivestido vermelho com muitos dizeres psicodélicos impressos. O que ainda mais vem a provar que a juventude de hoje, por assumir trajes ou cabeleiras estranhas para os mais velhos, e séria e capaz de um trabalho altamente eficiente. Perguntei-lhe quando Glória Magadan trabalhava.

- Levanta pelas cinco da manhã e trabalha mais ou menos, até 10 e meia. Eu é que trabalho de 10 da noite em diante, quando tudo está calmo.

- Que espécie de trabalho?

- Traduzir os capítulos do espanhol para o português. Ela fala português mas escreve em espanhol.

A secretária trabalhava bem: nas novelas não se sentia o menor travo de outra língua. E de dia cuida do interesse de Glória. Invejei de novo Glória: eu que precisaria de uma secretária que se ocupasse de minha vida inteira, não tinha nenhuma. (Por favor, que não se apresente ninguém, vou me aarranjando como posso, e tenho a ajuda de uma amiga que não quer que eu diga o seu nome). Finalmente Glória Magadan estava ali. Simples, e até com um tom modesto.

- Glória, você sabe que você é uma glória nacional?

- Não sabia não. Alegra-me sobretudo você ter dito nacional.

- Como é que você julga suas próprias novelas?

- Honestamente? É tanto uma forma de escape para o público quanto é uma catarse para mim.

- Em que você aplicaria sua imaginação tremenda, se não houvesse novela pela televisão?

- Ih! francamente não sei. Acho que meu tipo de imaginação é muito dirigida. Nunca pensei que podiam não existir novelas.

- Eu soube que você recebe muitas cartas pedindo, por

1971 (CONT.)

exemplo, que mude o destino de um ou outro personagem. Nesse caso, o que é que você faz, sabendo que esta carta representa o desejo das massas?

- Eu mudo.

- Você tem tempo para ler?

- Ler é um vício. Eu faço o tempo. Leio de seis a sete livros por semana (estudei leitura dinâmica). E durmo muito pouco também.

- Que livros de literatura moderna você lê?

- Nesse momento ando lendo Miller, Truman Capote. (Sinceramente, surpreendi-me).

- O que é que você fazia em Cuba, seu país?

- O mesmo: escrevia novelas.

- Há quantos anos você escreve novelas?

- Vou parecer uma múmia egípcia... Mas faz 20 anos.

Não só ela não tem aparência de múmia, como é uma mulher em florescente maturidade.

- Qual é o seu modo de trabalhar: planejando tudo ou inventando aos poucos?

- Eu invento aos poucos. Faço um esquema muito geral. Meu modo de escrever é muito espontâneo.

- Você, com a penetração que tem no grande público, não poderia elevar um pouco seu nível?

- Perderia a penetração.

- Glória, qual é a sua própria novela?

- Ih! Sou uma pessoa que nasceu numa época de transição, e subitamente se viu enfrentando uma das mudanças mais radicais. Sendo uma pessoa da classe média, me vi num país em que a classe média foi esmagada, destruída. E onde todos os valores espirituais foram substituídos violentamente por outros. Senti-me estrangeira no meu próprio país. E nunca me senti estrangeira em outros países. É uma experiência novelesca.

- Você é quem escreveu O Sheik de Agadir?

- Fui, sim.

- Então, muito obrigada. Há alguns anos passei três meses no hospital por causa de queimaduras. E de noite o que me aliviava a dor continua era a sua novela. As enfermeiras vinham clandestinamente ao meu quarto ver e ouvir.

Muito obrigada.

1971 (CONT.)

17 abr

Ao correr da máquina

DM

24 abr

O passeio da família

DM

Enciclopédia para mulheres

Ando traduzindo, para a Editôra Delta, uma enciclopédia para as mulheres. E estou aprendendo um bocado de coisas, é um gôsto traduzi-las e saber que as informações, em estilo simples, serão lidas. Tôda mulher deveria ter uma (ainda não está pronta), pois vai da cultura (parte que me coube até agora, sô tomara que me dêem também a parte de maquilagem) a coisas estritamente femininas como maquilagem, saber viver, trabalhos manuais (eu bordei inúmeras toalhas de mesa, mas sô em ponto simples ou ponto cheio, não sei aprender ponto complicado), etc. Nós, mulheres, afinal temos a nossa vez: julgaram-nos importantes a ponto de nos darem uma enciclopédia.

Rio São Francisco

Um amigo meu, O Chico, me contou que estava no sertão e foi com sua namorada a um banho de rio, o rio São Francisco. Mal chegaram - foi questão de dois minutos, o tempo suficiente de a namorada tirar a saída - apareceram milagrosamente, ninguém sabe de onde, uns 50 garotos de cinco a 15 anos de idade. Todos prêtos, filhos da beira (beira é como êles chamam as margens do rio São Francisco), boquiabertos. Disseram que nunca haviam visto mulher branca, a quem logo chamaram de galega. E ainda mais de biquíni. O Brasil é enorme e tem de tudo, é só questão de lhe dar oportunidade de sair da ignorância.

Por falar em banho

Numa dessa manhãs fui muito cedo à praia. Era um dia de calor insuportável, mês de março, mas a praia ainda estava deserta, pelo menos essa foi a primeira impressão que tive. Logo desfeita pela visão de quatro freiras, duas de prêto e duas de branco, tôdas apanhando alguma coisa na areia. Pareciam, as de branco, duas pombas. Estavam as quatro descalças. Não aguentei a curiosidade, fui para uma delas. E perguntei: "Posso ajudar em alguma coisa? O que é que as senhoras estão procurando?" "Nada, só conchas, estamos sô brincando, enquanto esperamos que nos venham bus-

1971 (CONT.)

car." Uma era do Rio mesmo e mora na Rua Oriente, as três outras são de Belo Horizonte e vieram aqui para se tratar: devem ir à praia todos os dias, embora lhes seja proibido entrar no mar.

Foi muito bonito ver e ouvir as quatro religiosas chilreando e brincando.

1 maio

Uma novidade, uma grandeza

Sempre que se encontra alguém não visto há um certo tempo, pergunta-se: que é que há de novo? E na maioria das vezes a resposta é: nada, tudo como sempre. Mas desta vez há coisa nova.

Tive o privilégio de ser convidada por Humberto Franceschi para ver previamente sua exposição que começa, no Museu de Arte Moderna, no dia 11 de maio e termina em 11 de junho. Mas é melhor ir logo, antes que se vendam todos os painéis. O meu já está reservado. É uma exposição de fotografias em cores, formando grandes painéis. Franceschi nunca quis, por uma espécie de timidez, reconhecer sua própria grandeza. Quando o conheci, disse que nunca faria uma exposição, que não passava de um fotógrafo de publicidade muito bem sucedido. Eu lhe disse que sua fotografia seria aceita até por um Cartier-Bresson.

Por que então esta de agora? Minha interpretação é a seguinte: êle finalmente teve que aceitar a pesada e grave responsabilidade da grandeza. É indescritível o que êsse homem faz em arte com uma máquina fotográfica. Há painéis em cores experimentais onde êle simplesmente nos dá a luz. É por um processo de fracionamento de movimento: determina-se uma seqüência e fixa-se a fração desta seqüência. Tem um painel lindíssimo que foi fotografado com simples elementos de papel, vidro e metal. Como é que êle conseguiu essa variedade de tons? Conseguiu com uma combinação de luzes, freqüência e exposições simultâneas.

Outro painel é a fotografia em cores de uma solução de aspirina ampliada basicamente 400 vezes e depois transformada por filtros em contraste de combinações ordenada. Um outro é uma verdadeira explosão de cor: simplesmente nos dá a paixão - a paixão de viver - partindo do mesmo processo, abandonando a cor real e usando, como artista, a

1971 (CONT.)

liberdade na seleção das cores. É, juro, inteiramente diferente de tudo o que a gente já tenha visto. Vi outro que nem sei descrever: trata-se apenas de um canto de janela e de uma parede com vários azulejos, deixando porém uma parte nua e crua: tudo isso em cor é inimaginável. Mas é por assim dizer tocável pelas mãos. Tem outro painel que parece arte bizantina, num alto nível de abstração e só ornamento como que também chinês.

Abre parêntesis: deram-me um disco onde, entre outras músicas, cantadas em português pelo grupo The Fevers, há uma, *Sufferin' in the Land*, que foi traduzida por Sinto Mas Não Sei Dizer. Esta frase é, aliás, o refrão da música, muito boa. Lá pelo meio cantam assim: "Espelharam por aí que Clarice gosta de sofrer - sinto mas não sei dizer." Respondo por todas as Clarices, sejam elas quem forem: não gosto nada de sofrer simplesmente porque dói muito, está bem?, mas às vezes é inevitável. Em relação aos painéis de Franceschi é que eu digo: sinto mas não sei dizer. Fecha o parêntesis.

Quem tiver, como eu tenho às vezes, uma sede de verde - vou de quando em quando banhar este meu coração perplexo na floresta da Tijuca - terá em casa um repousante e vivo verde.

Tem um painel em que Humberto Franceschi consegue o mais difícil em arte: a pura simplicidade. É uma natureza morta que capta o que há de mais silente nas frutas da terra que representam a vida. Enriquece uma casa com o seu vivo silêncio.

Tem um em que ele capta a luz em movimento (sinto mas não sei dizer). Em outro, partindo de um cartaz já existente há mais de três anos, foi feita uma nova transformação de cores, com escala cromática mais bem definida. Tem um painel que fotografa (não se esqueçam de que tudo é em cor) o fogo e a levíssima fumaça: ele consegue nos dar essa quase palpável coisa etérea.

Um dos quadros é um recanto de jardim com cores tão alegres, mas tão felizes, que fazem a gente sorrir sem querer. Eu poderia descrever um outro painel com uma frase que publiquei não me lembro em que livro meu: "Não faz sentido mas eu entendo" (sinto mas não sei dizer).

Há um painel que nos dá a paz e a tranquilidade a

1971 (CONT.)

que aspiramos: parece uma aurora iluminando o verde da floresta da Tijuca. Outro que de tal modo - talvez por questão de perspectiva - é vivo que eu tive a tentação de entrar nêle e caminhar. Não, ninguém segura Franceschi.

Há uma fotografia com cores alaranjadas e luminosas, e também cor de terra, onde se vê a majestosa tranquilidade de montanhas.

Essa exposição é importante: ela nos coloca no plano universal da arte.

Tenho em casa um Franceschi em painel preto e branco, a quem devo muitas de minhas inspirações, e que acalma os nervos, quando erçados. Todos os que entram na minha sala ficam imediatamente impressionados. Tenho a sorte de ter alguns quadros dados muitos bonitos mesmo. Diante do painel de Franceschi as pessoas se espantam e dizem: "Eu não poderia ter um assim?" Acho que êsse meu painel é um refúgio na doçura maternal da natureza. Sinto mas não sei dizer.

Outro é uma combinação de retículas gráficas de cores combinadas que permite uma multiplicação de formas e dá uma variação infinita. Isto eu sei que nunca antes foi feito no mundo: trata-se de uma experiência altamente bem sucedida.

Ele não queria vender os painéis, queria guardá-los consigo. Mas eu lhe expliquei que não tinha direito de não vendê-los: feita a gestação, feita a produção, é como com filhos: têm o próprio destino. E que as pessoas tinham pleno direito de tê-los na sua própria casa.

Enfim, estou confusa com tanta beleza: sinto mas não sei dizer.

8 maio

Dia da mãe inventada

DM

15 maio

Um escritor na Escandinávia

Estive com o escritor José Luis Silveira Neto, escritor ótimo, diga-se de passagem, que acaba de vir da Europa. Começou a me contar coisas tão interessantes que lhe pedi para escrevê-las para mim. Dias depois, escreveu-me então a carta que se segue, reproduzida, como êle quer, ip-

1971 (CONT.)

sis litteris: as palavras, a pontuação, o tom geral, tudo isso é d'ele. Eis a carta:

"Estive na Europa e percorri 10 países, mas dentre eles os que mais me fascinaram foram os países escandinavos, e, em especial, a Suécia. A Suécia parece ter alcançado um grau de perfeição tão grande que é difícil imaginar um outro lugar em que a civilização tenha atingido um nível quase utópico.

Na Suécia existe liberdade completa e absoluta em todos os sentidos, não apenas no sexual (que é particularmente o de que todos ouvem falar), mas há também completa liberdade política, liberdade de pensamento, liberdade de expressão. A censura, por exemplo, não existe. O sexo, em vez de ser considerado como algo de pecaminoso, ao contrário, é encarado com muita naturalidade, sem o aspecto sórdido com que nós, latinos, o encaramos.

Como não existe censura, a pornografia é inteiramente livre e as revistas pornográficas mostram, através de fotografias, relações heterossexuais, homossexuais ou sado-masoquistas. (Embora, não haja quase desvios de natureza sexual entre os escandinavos). Essas revistas são vendidas em qualquer banca ou através de máquinas automáticas. Quem atende nessas bancas são senhoras de meia-idade, com todo o aspecto de respeitáveis matronas puritanas.

Ao visitar uma igreja, conversando com um pastor, ele me afirmou que a melhor forma de combater a pornografia é através da própria pornografia. Talvez a razão esteja com ele, pois os escandinavos parecem ter perdido o interesse por essas formas de erotismo artificial. Os produtos pornográficos são comprados quase exclusivamente por turistas ou são exportadas para outros países.

O povo sueco é extremamente polido e aristocrático mas pouco expansivo (ao contrário do dinamarquês, que é uma espécie de carioca da Escandinávia). As mulheres são realmente muito bonitas. Mas não são mulheres fáceis como se pensa. O que mais estranhei nas suecas foram os olhos. Elas têm um olhar longínquo, parecem estar com os olhos fixos no infinito. Possuem muito de Greta Garbo. O olhar delas lembra muito o seu, Clarice.

Se o olhar expressa alguma coisa, a expressão do olhar das suecas tem muito de triste. Muitos fatores con-

1971 (CONT.)

correm para a introversão e uma certa tristeza do povo. Talvez um dos principais seja o excesso de frio, a falta de sol e o crepúsculo das três horas. No inverno, escurece entre três e quatro horas da tarde (ou melhor, lâ, se diz: "quatro horas da noite").

Conversando com um escritor sueco, perguntei-lhe a que atribuiu o grande número de suicídios. Ele me respondeu dizendo que a solidão, o tédio e a tristeza talvez sejam os fatores que mais concorrem para isto, e acrescentou: "As sociedades altamente evoluídas trazem ao indivíduo um certo tédio e o sueco, já por temperamento, é um povo um tanto apático. Somando o excesso de introversão a essa natural apatia, resulta numa falta de outra saída, de outra evasão que não seja a própria morte deliberada."

Na verdade, o nível social, econômico e cultural do povo é altíssima, tanto que a pequena classe média praticamente já nem existe mais. Para certas atividades como a de motoristas, operários, empregados de hotel, etc. eles precisam importar mão-de-obra de outros países menos desenvolvidos.

Visitando a Universidade de Estocolmo, tive oportunidade de conhecer alguns professores e alunos de Português. Com grande satisfação observei que o Brasil e a nossa literatura são relativamente conhecidos. Guimarães Rosa e você, Clarice, são citados entre os grandes escritores da atualidade. (É favor não omitir esta frase, sim?) Mas parte dos alunos de Português, Literatura e Realidade Brasileira estão interessados em conhecer, do Brasil, sobretudo, o aspecto financeiro e econômico, pois alguns desses alunos trabalham em empresas que possuem estreitas relações comerciais com o nosso país.

Embora tenha gostado imensamente da Suécia e de seu povo, confesso a você, Clarice, que não entendi inteiramente a Escandinávia. Talvez precisasse passar mais tempo entre eles para poder assimilar seus costumes e compreendê-los mais profundamente. Por outro lado, conheci lâ uma sueca que morou um ano aqui e que também me confessou não ter entendido o Brasil e, muito menos, os brasileiros. Quando lhe perguntei por que não nos tinha entendido, sua resposta foi um tanto enigmática: "Pois a dificuldade está justamente em saber o porquê. Não entendi o Brasil e tam-

1971 (CONT.)

bém não entendi por que não consegui entender."

Assinado: José Luis Silveira Neto.

- 22 maio
 Antes de o homem aparecer na terra DM
 O poema da pedra DM
 Desculpem, mas se morre DM
 Mas há a vida DM
 A tempestade de 28 de março, domingo DM
- 29 maio
 Máquina escrevendo DM
- 5 jun
 Viajando por mar 1ª parte DM
 (NP: na DM, à p.545, o título é: *Viajando por mar (1ª parte)*)
 Viagem de trem DM
- 12 jun
 Já andei de camelo, a esfinge, a dança do ventre DM
 (conclusão)
 Falando em viagens DM
 Estive na Groenlândia... DM
 Estive em Bolama, África DM
- 19 jun
 Sem título DM
- 26 jun
 Xico Buark me visita DM
- 3 jul
 Conversa meio a sério com Tom Jobim (I) DM
- 10 jul
 Conversa meio a sério com Tom Jobim (II) DM
- 17 jul
 Conversa meio a sério com Tom Jobim (conclusão) DM
 (NP: Na DM, p.565, o título é: *Conversa meio a sério com Tom Jobim (III)*)
- 24 jul
 Um fenômeno de parapsicologia DM
 Salmo de Davi nº 4 DM

1971 (CONT.)

Desencontro	<u>DM</u>
Viver	<u>DM</u>
É preciso parar	<u>DM</u>

31 jul

Genaro

Tanto na cõr como nas formas, as tapeçarias e pinturas de Genaro de Carvalho tinham uma criatividade audaciosa, sem ser chocante. Sente-se em cada tapête o rigoroso artesanato que o próprio Genaro exigia: êle era hoje o tapeceiro como os da Idade Média e da Renascença. Era o maior artista que tínhamos no gênero, além de pioneiro da tapeçaria no Brasil. Há mais de 20 anos Genaro se dava, com calmo fervor, a seu métier, sempre se renovando, tanto na temática como na técnica. "Nunca fui interessado em ser um artista dernier cri sõmente original." Foi a busca de novas soluções práticas que o levou a realizar às vêzes, na tapeçaria, a textura de várias camadas com aplicação de materiais insólitos.

Quando estive em Salvador, conheci-o e conversamos. Como lhe veio a idéia de fazer tapeçaria? amor pela textura do material ou amor pelo objeto?

- Porque sobretudo acho a tapeçaria uma coisa lindíssima. Criar é sobretudo não morrer. É uma necessidade vital, orgânica, indispensável. E cotidiana. Se eu não criasse artes, certamente criaria outra coisa de que gostasse.

Reproduzirei parte de um texto que o próprio Genaro escreveu no catálogo de uma de suas exposições. "A arte que faço é uma arte de amor, sempre foi. Faço porque gosto, e desejo que outros gostem também. Nunca foi nem será uma arte hermética, não é uma arte de revolta nem de protesto, mas isso não quer dizer que eu esteja de acõrdo com as dores do mundo contemporâneo. Sou participante e testemunha de todos os conflitos e acontecimentos. Vejo e sinto o grande desencontro, a luta pela sobrevivência. Considero que o homem atual, atingido no cerne de seu ser pelas mais diversas situações aflitivas, necessita pelo menos de uma pausa, ou de um alento que lhe retempere as forças, restituindo-lhe o ânimo. A arte que faço é uma tentativa de proporcionar êsse momento. Se puder contribuir com um pou-

1971 (CONT.)

co de alegria e otimismo, a missão a que me propus estará cumprida. Sou um anti-shocking, um antiimpacto, um anti-trágico. A vida está cheia de choques, de impactos e tragédias. Para que lembrar na arte? Ademais, há muitas coisas que não se podem remediar."

- Genaro, não estou completamente de acordo com você. Acho que a arte, denunciando o sofrimento humano, consola o homem com sua compreensão. Acho que arte serve de base para se poder mais profundamente sentir e pensar. Mas voltemos à tapeçaria: você usa o tear e o que mais?

- Uso o tear, as mãos, o pincel, a tela, o amor e a vontade.

- A experiência brasileira na tapeçaria difere da experiência européia?

- Minha volta ao Brasil foi uma volta necessária. Eu começava a olhar os céus azuis, as folhinhas, e a sonhar com uma arte tropical exuberante, e sobretudo regionalista. Falar de mim, Clarice, é falar de minha mulher, Nair, que sempre me incentivou, é falar de meus amigos que sempre me incentivaram e que me ensinaram a gostar do que faço como gosto dos quadros de Di Cavalcanti, Milton Dacosta, etc. Como todo homem, sou uma data: tenho compromissos com minha geração. Considero que a tapeçaria é um trabalho regional. Cada lugar tem a sua tradição e o seu processo, que às vezes remonta a séculos. Isso faz com que a tapeçaria realizada na França, por exemplo, difira da realizada na Tcheco-Eslováquia ou na Pérsia: Portugal tem um tipo de valor popular que se tornou famoso.

- Qual a fagulha que faz com que você queira criar?

- O momento de inspiração pode nascer das mais simples coisas, de um pequeno detalhe, de uma planta balançando ao vento, de heras subindo por um muro. Às vezes me inspiro em meus próprios quadros. Mas é preciso que eu esteja alegre. Acho que uma pessoa alegre pode fazer grandes coisas.

- Sua arte reflete exuberância, mas vinda da introspecção. Estou certa ou errada?

- Está certa.

- Você acha que sua tapeçaria seria a mesma se você não morasse na Bahia? Refiro-me à influência de cores e luzes?

1971 (CONT.)

- A Bahia é minha eterna namorada, e realmente suas cores e luzes me fascinam, a luminosidade de seus pontos, o amarelo dos seus coqueiros inflexíveis e farfalhantes. Pode ser lugar-comum ou letra de samba, mas é a verdade.

Esse homem morreu.

7 ago

Você é um número

DM

Mistério: céu

DM

14 ago

Sou uma pergunta

DM

21 ago

Perdão, explicação e mansidão

DM

Três encontros que são quatro

DM

28 ago

Um instante fugaz

DM

4 set

Um homem chamado Hêlio Pelegrino

Considero Hêlio Pelegrino um dos seres humanos mais completos que conheço. Qual o seu traço marcante? Um amor que ele distribui quase sem sentir, amor no sentido de amizade e tolerância. Mas nem por isso ele é um bonzinho: pelo contrário, é firme como ele só, é capaz de entrar em violentas discussões e agregar-se ao que for importante. Com todo o seu temperamento, é no entanto capaz de julgar uma situação com grande isenção de espírito ou fazer uma crítica literária de muita agudez. Como poeta é ótimo. E, segundo me disseram, também como psicanalista. Mas felizmente não se trata de uma pessoa perfeita: é mais uma pessoa se aperfeiçoando dia a dia.

É bom estar com Hêlio: a gente se sente compreendida, sente-se alegre porque ele é capaz de alegria, sente-se profundo porque ele é um ser humano profundo; rir com ele é ótimo, e chorar perto dele também deve dar certo, imagino. Quando estou com Hêlio Pelegrino sinto-me valorizada como pessoa. E faço-lhe muitas perguntas, algumas infantis, mas acontece que com ele se aprende muito. Eu, pelo menos, aprendi.

1971 (CONT.)

- Hélio, é bom viver, não é? É pelo menos a impressão que você me dá - disse-lhe eu um dia dêsses.

- Viver - essa difícil alegria. Viver é jogo, é risco. Quem joga pode ganhar ou perder. O começo da sabedoria consiste em aceitarmos que perder também faz parte do jogo. Quando isso acontece, ganhamos alguma coisa de extremamente precioso: ganhamos nossa possibilidade de ganhar. Se sei perder, sei ganhar. Se não sei perder não ganho nada, e terei sempre as mãos vazias. Quem não sabe perder acumula ferrugem nos olhos e se torna cego de rancor. Quando a gente chega a aceitar com verdadeira e profunda humildade as regras do jogo existencial, viver se torna mais do que bom: se torna fascinante. Viver bem é consumir-se, é queimar os carvões do tempo que nos constitui. Somos feitos de tempo, e isso significa: somos passagem, movimento sem trêgua, finitude. A quota de eternidade que nos cabe está encravada no tempo. É preciso garimpá-la com incessante coragem para que o gosto do ouro possa fulgir em nosso lábio. Se assim acontece, somos alegres e bons, e a nossa vida tem sentido.

Uma vez perguntei-lhe por que escrevia esporadicamente e não assumia de uma vez por todas o seu papel de escritor e criador. Respondeu que escrevia menos esporadicamente do que publicava; que escrever e criar constituíam para ele uma experiência radical de nascimento. Gostaria de permanecer para sempre fiel a um pequeno trecho do Diário Íntimo de Kafka, fazendo dêle a sua fórmula de vida: "Há dois pecados humanos capitais, dos quais todos os outros decorrem: a impaciência e a preguiça. Por causa de sua impaciência, foi o homem expulso do paraíso. Por causa de sua preguiça, não retornou a êle. Talvez não exista senão um pecado capital, a impaciência. Por causa da impaciência foi o homem expulso, por causa dela não consegue voltar. Tenhamos paciência - uma longa, interminável paciência - e tudo nos será dado por acréscimo."

Eu lhe disse que meu sonho impossível seria o de ter várias vidas: numa eu seria só mãe, em outra eu só escreveria, em outra eu só amava. Respondeu-me que era um homem de muitos amôres, isto é, de muitos interesses, e para tão longos amôres tão curta era a vida: não havia ninguém que conseguisse, no tempo de uma vida, esgotar tôdas as suas

1971 (CONT.)

possibilidades. Que, se tivesse várias vidas, gostaria de ser 1º) filósofo profissional; 2º) romancista; 3º) marido de Clarice Lispector, a quem se dedicaria com veludosa e insone dedicação... 4º) chofer de caminhão; 5º) morador em Resende, apaixonado por uma moça triste, debruçada à janela de uma casa, saída de um quadro de Volpi; 6º) seresteiro, poeta, cantor, com a música de Chico Buarque.

Para Hélio a coisa mais importante do mundo é a possibilidade de ser-com-o-outro, na calma, cálida e intensa mutualidade do amor. O Outro é o que importa, antes e acima de tudo. E amor é surpresa, susto esplêndido - descoberta do mundo. Amor é dom, demasia, presente. "Dou-me ao Outro e, aberto à sua alteridade, por mediação d'ele, recebo e dom de mim, a graça de existir, por ter-me dado."

Perguntei uma vez ao Hélio: você, que é analista e me conhece, diga - sem nenhum elogio - quem sou eu, já que você me disse quem é você, pois preciso conhecer o homem e a mulher. Respondeu-me: você é uma dramática vocação de integridade e de totalidade. Você busca, apaixonadamente, o seu self - centro nuclear de confluência e de irradiação de força - e esta tarefa a consome e faz sofrer. Você procura casar, dentro de você, luz e sombra, dia e noite, sol e lua. Quando o conseguir - e este é trabalho de uma vida - descobrirá em você o masculino e o feminino, o côncavo e o convexo, o verso e o averso, o tempo e a eternidade, o finito e a infinitude, o Yang e o Yin, na harmonia do Tao - totalidade. - Você então conhecerá homem e mulher - eu e você: nós.

11 set

Amor

DM

18 set

Trechos

DM

25 set

"Dies Irae"

DM

2 out

Carta sobre Maria Bonomi

Amigo,

ouça-me pois quero falar. Desejo explicar a você -

1971 (CONT.)

que deve ter ficado surpreendido - por que não fui ao encerramento da exposição de gravuras de Maria Bononi. Exposição esta a que eu daria como título geral: Exposição Águia. Se bem que Maria tenha, entre outras, exposto uma série impressionante sobre o terror e nesse caso também poderia ser chamada Exposição Terror.

A exposição atraiu uma multidão que precisava de uma verdade. E nesta se abeberou até sentir-se saciada e plena. As gravuras de Maria são tocáveis e no entanto delas emana, como um véu o inefável. Mesmo no MAM Maria improvisou um atelier e na frente dos visitantes fazia matrizes e gravava. O trabalho criador é tão misterioso que se podem ver os processos se elaborando e no entanto continuarem no seu mistério.

Não fui ao encerramento porque estava tão cansada - mas tão cansada que só podia fazer uma coisa: deixar-me cair na cama e dormir. E resolvi que merecia ir para fora do Rio dormir por assim dizer uma semana. Meu subconsciente estava exausto, de tanto ser mexido, e sobrecarregado por eu ter caído - sem o ter provocado - no chamado tumulto criador: não conseguia mais parar de escrever. Eu dava, dava e dava como sangue irrompe de uma veia seccionada. Estava também machucada e o meu bico de águia se partindo. Pretendia, quando refeita, de novo levantar-me e ter o impulso para um novo vôo talvez de águia, quisera eu.

É que a idéia de Águia de Maria Bonomi me persegue.

A águia de grandes asas abertas e de longo bico adunco de marfim - pois é o que vejo na sua abstração - por um instante imobilizada. O suficiente para que Maria pudesse lhe capturar a imagem majestosa e projetá-la na solidez maciça de madeira, matéria-prima assaz nobre.

Imagino Maria no seu atelier usando as mãos - instrumento mais primitivo do homem. Com suas belas mãos potentes é que pega os instrumentos e imprime a heróica força humana do espírito, cortando e alisando e entalhando. E pouco a pouco os dormentes sonhos de Maria vão se transformando em madeira feita forma. Esses objetos são tocáveis e por assim dizer estremeçíveis. E delicados no seu grande vigor aniquilável. Objetos insólitos que por vezes clamam e protestam em nome de Deus contra a nossa condição, que é dolorosa porque existe inexplicavelmente a morte.

1971 (CONT.)

Meu amigo, há entre Maria Bonomi e eu um tipo de relação extremamente confortador e bem lubrificado. Ela é eu e eu é ela a de novo ela é eu. Como se fôssemos gêmeas de vida. E o livro que eu estava tentando escrever e que talvez não publique corre de algum modo paralelo com a sua xilogravura. Inclusive o ela-eu-eu-ela-ela-eu é devidamente e publicamente registrado e lacrado pelo fato de eu ser madrinha de batismo de seu filho Cássio. Maria escreve meus livros e eu canhestramente talho a madeira. E também ela é capaz de cair em tumulto criador - abismo do bem e do bem e do mal - de onde saem formas e cores e palavras.

Vi as matrizes. Pesada devia ter sido a cruz de Cristo se era feita desta sólida madeira compacta e opaca e real que Maria Bonomi usa. Nada sei sobre o exercício interior, espiritual de Maria até que nasça a gravura. Desconfio que é o mesmo processo que o meu ao escrever alguma coisa mais séria do que a seção dos sábados, mais séria no sentido de mais funda. Mas que processo? Resposta: mistério.

Disse-me Maria que escolhesse uma gravura para mim. E eu - ingenuizada por um instante - pedi logo o máximo: não a gravura mas a própria matriz. E escolhi a Águia. Foi depois que me dei conta do muito que havia pedido e assustou-me a própria audácia: como é que eu havia ousado querer esta enorme e pesada jóia de madeira de lei? Arrependi-me imediatamente. Vi que não era merecedora de possuir tanta e tal vitalidade na minha sala. Mas Maria insistiu em atender o meu anterior desejo ambicioso. Pedi-lhe então que pelo menos guardasse o objeto de arte. Até que chegasse o momento que eu esperava atingir em que me sentiria pronta para receber a matriz e pendurá-la na parede. E então chamaria pessoas para comemorarmos a Águia.

Mas quando voltei do lugar onde tinha ido dormir - eis que vejo surpresa na sala a própria Águia. Foi um choque de magnificência. Eu ainda não merecia, mas ela estava não (sic) bela que pensei: os que não merecem talvez sejam os que mais carecem.

A matriz grande e pesada - dá uma tal liberdade à sala! É que Maria Bonomi gravou a íntima realidade vital da águia e não sua simples aparência.

Convido desde já meus amigos para virem ver. Está bem

1971 (CONT.)

na entrada da sala, e com luz especial para serem notadas as saliências e reentrâncias da escura madeira imantada. É como se eu estivesse sentindo a constante e subjetiva presença de Maria em casa. Fiquei feliz.

Sua

Clarice.

9 out

Amor, Quati, Cão, Feminino e Masculino

DM

16 out

De como evitar um homem nu

DM

23 out

Cérebro eletrônico

(Vide "Cérebro eletrônico: o que sei é que é tão pouco", JB e DM 13 jul 1968)

O meu próprio mistério

(Vide JB e DM 13 jul 1968)

Peço licença para existir

(Vide "A opinião de um analista sobre mim", JB e DM 13 jul 1968)

(NP: Estes três módulos aparecem repetidos no JB. Transcrevem-se na DM apenas quando da primeira publicação)

30 out

Prêmio Nobel de Literatura no Rio

(Vide "Entrevista relâmpago com Pablo Neruda (I) (II)" JB e DM 12 e 19 abr 1969)

(NP: Esta crônica aparece repetida no JB. Na DM insere-se apenas quando da primeira publicação)

6 nov

O uso do intelecto

DM

A experiência maior

DM

Mentir, pensar

DM

Escrever as entrelinhas

DM

Lembrar-se do que não existiu

DM

Humildade como técnica

(Vide "Humildade e técnica", JB e DM 4 out 1969)

(NP: Este módulo aparece repetido no JB. Na DM transcreve-se apenas a primeira publicação)

1971 (CONT.)

13 nov	Perfil de um ser eleito	<u>DM</u>
20 nov	As pontes de Londres	<u>DM</u>
27 nov	A antiga dama	<u>DM</u>
	Cisne	<u>DM</u>
	Domingo de tarde	<u>DM</u>
	O êrro dos inteligentes	<u>DM</u>
4 dez	Fugir como o circo	

Paulo Autran tem mais de 20 anos de palco. E Paulo Autran é um nome que vale o mesmo que dizer: bom teatro. Em mais de 20 anos, quanta experiência acumulada. O fruto dessa experiência: cada vez mais, melhor com ator e, tenho certeza, mais aperfeiçoado como ser humano. Trata-se de um homem mōço particularmente belo. Trata-se de uma pessoa que compreende os outros. Fora do palco não age como vedete. Eis o homem.

Paulo Autran não é pseudônimo, é seu nome mesmo. Boa sorte a sua com um nome harmonioso dêstes, que promete tanto, e que soa aos ouvidos como o nome de alguém como êle, que está cumprindo os desígnios de bom ator. Conhecemo-nos há vários anos. E um dia, conversando, perguntei-lhe até que ponto Morte e Vida Severina nos representava. Respondeu: João Cabral nos apresenta o subdesenvolvimento e a peça, sendo profundamente brasileira, é universal na medida em que êsse tema tem interêsse mundial.

- Você se refere aos países chamados subdesenvolvidos ou à condição humana e o fruto da falta de justiça social?

- O poema de João Cabral mostra o homem desamparado diante de uma natureza hostil e de condições sociais adversas. É o subdesenvolvimento com tōdas as suas implicações humanas e sociais.

Nas suas excursões por diversos Estados do Brasil, Autran tem levado em cena principalmente Liberdade, Liberdade, Édipo Rei, de Sófocles, O Burguês Fidalgo e Morte e Vida Severina.

1971 (CONT.)

Lembrei-me de quando assisti com grande emoção à Morte e Vida Severina pelo TUCA. E, ainda por cima, sou muito amiga de João Cabral. Paulo Autran bem que gostaria de conhecê-lo pessoalmente, não só por carta. Mas quando João Cabral passou pelo Rio, Autran estava viajando no Sul, exatamente representando Morte e Vida Severina.

Autran era advogado de "promissora carreira", já ganhando algum dinheiro mas totalmente enfastiado e irritado com a profissão, sem o menor horizonte além dela. Começou a fazer teatro amador como diversão, até que Tônia Carrero o convidou para juntos ingressarem no teatro profissional.

- Foi minha descoberta, foi minha sorte.

O diretor que mais influenciou na sua carreira, dando-lhe base técnica e teórica, foi Adolfo Celi. Também aprendeu muito com Ziembinski, Luciano Salce, Silveira Sampaio, Flávio Rangel, etc.

Autran me diz que em todas as capitais brasileiras se encontra gente interessada por teatro, e sensível e inteligente, nem podia dizer especificamente que platéia era a melhor. Os papéis que mais lhe agradaram foram muitos: Otelo, Entre Quatro Paredes, Liberdade, Depois da Queda.

Por intermédio das excursões de Paulo Autran pelos Estados, ele dá aos brasileiros, não somente aos cariocas e paulistas, a oportunidade de assistirem a teatro bom. Nunca sonhou em escrever para o teatro. Tem ótima voz: de qualquer ponto da platéia ouve-se cada sílaba que ele pronuncia. Estudou muito a impostação da voz, a sua colocação, mas dicção nunca. Esta lhe é natural. Felizmente está conseguindo viver razoavelmente só com o teatro, e isso porque jamais teve a finalidade de enriquecer na vida.

Perguntei-lhe, ao falar das excursões, como é que ele se tinha dado nessa vida de circo ambulante.

- Circo. É. É bem a palavra e eu gosto sim. Gosto talvez porque eu esteja realizando o sonho de todo menino em fugir com o circo.

Paulo Autran calcula que já deve ter feito em teatro umas 100 peças. O século XX será forçosamente o século de Brecht, segundo Autran. Dos novíssimos gosta regularmente de Albee, José Vicente (autor de O Assalto), Plínio Marcos e muitos outros.

Joaquim Cardozo impresso por João Cabral

Poucas pessoas sabem que existe uma pequena antolo-

1971 (CONT.)

gia de poemas de Joaquim Cardozo, tirada a 100 exemplares em papel de linho, e realizada, como homenagem ao poeta em seus 50 anos, por João Cabral de Melo, que a compôs e imprimiu em Barcelona, em 1948. E dêsse pequeno e tão precioso livro que tiro um poema:

"Asa e flor do azul profundo,
 primazia do mar alto,
 vela branca predileta;
 na transparência do dia
 és flâmula discreta.
 És a lâmina ligeira
 Cortando a lã dos cordeiros,
 ferindo os ramos dourados;
 - chama intrépida e minguate
 nos ares maravilhados.
 E enquanto o sol vai crescendo
 o vento recolhe as nuvens
 e o vento desfaz a lã;
 vela branca desvairada,
 maripôsa da manhã."

11 dez

Destino

(Vide "O intransponível", JB e DM 25 out 1969).*(NP: Este módulo aparece repetido no JB. Na DM registra-se apenas a primeira publicação)*

18 dez

Estudo de um guarda-roupa

DM

Reconstituição histórica de uma dama nobre

DM

Lembrança de um homem que desistiu

DM

24 dez

Hoje nasce um menino

DM

1972

- 8 jan
Conversa descontraída: 1972 DM
- 15 jan
O estado atingido DM
Caderno de notas DM
Exercício DM
Supondo o certo DM
Supondo o errado DM
- 22 jan
Tentativa de descrever sutilezas DM
- 29 jan
A mo placenta gelêia viva co DM
(NP: Na DM o título é: A gelêia viva como placenta)
- 5 fev
A lucidez perigosa DM
Como adormecer DM
Em busca do prazer DM
Eu me arranjaría DM
Até a máquina? DM
- 12 fev
A menina que era uma rosa
(Vide "Restos de Carnaval", JB e DM 16 mar 1968)
(NP: Este módulo está repetido no JB. Na DM aparece apenas a primeira publicação)
- 19 fev
O pianista DM
Por quê? DM
Ainda impossível DM
- 26 fev
(NP: O primeiro módulo do JB não tem título e está ausente da DM)

Morro de pena de meus personagens. Se eu pudesse, ah se eu pudesse, como facilitaria a vida dêles, como lhes daria mais amor. Mas nada posso fazer senão lhes dar esperança, e leves empurrões para a frente. Só há um livro meu em que o personagem morre no fim. A todos os outros, eu deixo o caminho aberto: é só ter fôrça ou querer passar. É

1972 (CONT.)

com piedade e resignação que os deixo sofrer: que assombra coragem a minha: são filhos meus e no entanto abaixo a cabeça às suas dores. Por isso adio tanto em escrever um livro. Já sei como vou ser torturada e castigada, e como muitas vezes me sentirei impotente. Mas nada posso fazer: tudo o que vive sofre.

Desencontro

(Vide JB e DM 24 jul 1971)

Viver

(Vide JB e DM 24 jul 1971)

Darel

Vi quadros de Darel. Parece-me que seus sonhos - sonhos mesmo de quando se dorme - são transportados todos para a tela. As cidades inexistentes que êle cria e que parecem despovoadas, os sêres esmagados pela máquina - e tudo isso na atmosfera penumbrosa do sonho, num realismo que nós reconhecemos como se o sonho fôsse nosso: beleza e pesadelo marcaram a obra de Darel. Como se podem unir estas duas palavras - só Darel sabe, porque êle vive os seus sonhos não como homem irreal, mas como homem. Quem habita as enormes cidades, senão o próprio Darel que sonha e idealiza? Sonhar e realizar são o ideal de um homem, de uma mulher. Em Darel, além da parte artística propriamente, há uma preocupação com a totalidade do ser humano na sua plenitude. O choque imponente do indivíduo diante da máquina. As cidades escuras onde uma ou outra janela de luz acesa atesta que elas são habitadas. Trata-se de um grande artista e tenho que falar no resplandecente mistério de sua obra. Dela emana, tanto da gravura quanto do óleo e do desenho, o grande mistério de viver.

É preciso viver

(Vide "É preciso parar", JB e DM 24 jul 1971).

(NP: Estes módulos estão repetidos no JB. Na DM aparecem apenas quando da primeira publicação)

4 mar

Verão no baile

DM

Aldeia nas montanhas da Itália

DM

Saguão na Tijuca

DM

A cozinheira feliz

DM

Antes era perfeito

DM

As negociatas

DM

1972 (CONT.)

Por discreção (sic)

DM

11 mar

Uma história policial para crianças

Um livro meu, O mistério do coelho pensante (publicação da José Álvaro Editôra, com ilustrações muito belas de Eurídice), tem causado muita perplexidade. Pois lá eu faço uma pergunta e ainda não encontrei uma resposta que me servisse. O núcleo da história é verídico. Começo com um pequeno prefácio:

"Esta história só serve para criança que simpatiza com coelho. Foi escrita a pedido-ordem de Paulo, quando êle era pequeno e ainda não tinha descoberto simpatias mais fortes. O mistério do coelho pensante é também minha discreta homenagem a dois coelhos que pertenceram a Pedro e a Paulo, meus filhos. Coelhos aquêles que nos deram muita dor de cabeça e muita surpresa de encantamento. Como a história foi escrita para exclusivo uso doméstico, deixei todas as entrelinhas para as explicações orais. Peço desculpas a pais e mães, tios e tias, e avôs, pela contribuição forçada que serão obrigados a dar. Mas pelo menos posso garantir, por experiência própria, que a parte oral desta história é o melhor dela. Conversar sobre coelho é muito bom. Aliás, êsse mistério é mais uma conversa íntima do que uma história. Daí ser muito mais extensa que o seu número de páginas. Na verdade, só acaba quando a criança descobre mistérios."

E agora começa a história:

Pois olhe, Paulo, você não pode imaginar o que aconteceu com aquêle coelho.

Se você pensa que êle falava, está enganado. Nunca disse uma só palavra na vida. Se pensa que era diferente dos outros coelhos, está enganado. Para dizer a verdade, não passava de um coelho. O máximo que se pode dizer é que se tratava de um coelho muito branco.

Por isso tudo é que ninguém nunca imaginou que êle pudesse ter algumas idéias. Veja bem: eu nem disse "muitas idéias", só disse "algumas". Pois olhe, nem de algumas achavam êle capaz.

A coisa especial que acontecia com aquêle coelho era também especial com todos os coelhos do mundo. É que ele pensava essas algumas idéias com o nariz dêle. O jeito de

1972 (CONT.)

pensar as idéias dêle era mexendo bem depressa o nariz. Tanto franzia e desfranzia o nariz que o nariz vivia cõr-de-rosa. Quem olhasse podia achar que pensava sem parar. Não é verdade. Só o nariz dêle é que era rápido, a cabeça não. E para conseguir cheirar uma só idéia, precisava franzir 15 mil vêzes o nariz.

Pois bem. Um dia o nariz de Joãozinho - era assim que se chamava êsse coelho - um dia o nariz de Joãozinho conseguiu farejar uma coisa tão maravilhosa que êle ficou bôbo. De pura alegria, seu coração bateu tão depressa como se êle tivesse engolido muitas borboletas. Joãozinho disse para êle mesmo:

- Puxa, eu não passo de um coelho branco, mas acabo de cheirar uma idéia tão boa que até parece idéia de menino!

E ficou encantado. A idéia que tinha cheirado era tão boa quanto o cheiro de uma cenoura fresca.

Joãozinho começou então a trabalhar nessa idéia. E para isso precisou mexer tanto o nariz que dessa vez o nariz ficou quase vermelho. Coelho tem muita dificuldade de pensar, porque ninguém acredita que êle pense. E ninguém espera que ele pense. Tanto que a natureza do coelho até já se habituou a não pensar. E hoje em dia êles estão conformados e felizes. A natureza dêles é muito satisfeita: contanto que sejam amados, êles não se incomodam de ser burrinhos.

(continua no próximo sâbado.)

NOTA: reli sua carta, Candy. Você não me deu o número de seu telefone. Pode me telefonar. A Manuel Antônio: você mudou de enderêço?

18 mar

O mistério do coelho pensante - II

Desconfio que você não sabe bem o que quer dizer natureza de coelho.

Natureza de coelho é o modo como o coelho é feito. Por exemplo: a natureza dêle dá mais filhinhos do que a natureza das pessoas. É por isso que êle é meio bôbo para pensar, mas não é nada bôbo quando se trata de ter filhinhos. Enquanto um pai e uma mãe tem de cada vez devagar um só filho-gente, o coelho vai tendo muitos, assim, como quem

1972 (CONT.)

não quer nada. E bem depressa, igual como franze e desfranze o nariz.

Natureza de coelho é também o modo como êle adivinha as coisas que fazem bem a êle, sem ninguém ter ensinado.

Natureza de coelho é também o modo que êle tem de se ajeitar na vida.

Como eu ia contando, Joãozinho começou a trabalhar na idéia. A idéia era a seguinte: fugir da casinhola tôdas as vêzes que não houvesse comida na casinhola.

Você talvez esteja decepcionado, Paulinho. Você talvez esperasse outro tipo de idéia, você que tem tantas. Mas acontece que esta história é uma história real. E todo o mundo sabe que essa idéia é exatamente a espécie de idéia que um coelho é capaz de cheirar. Pois a natureza dêle só é esperta para as coisas de que êle precisa.

Como eu ia contando, Joãozinho lembrou-se de fugir cada vez que faltasse comida na casinhola.

Mas o problema era o seguinte: como é que ia poder sair de lá de dentro?

A casinhola - é preciso não esquecer - tinha grades muito estreitas, e Joãozinho, além de branco, era gordo mesmo. É claro que não podia passar pelas grades. O único modo de se abrir a casinhola era levantando o tampo. E o tampo, Paulo, era de ferro pesado, só gente é que sabia levantar.

Durante dois dias Joãozinho franziu e desfranziu o nariz milhares de vêzes para ver se cheirava a solução.

E a idéia finalmente veio. Dessa vez, Paulo, foi uma idéia tão boa que nem mesmo criança, que tem idéias ótimas, pode adivinhar.

A idéia foi a seguinte: êle descobriu como sair da casinhola. E se bem pensou, melhor fêz.

De repente os donos do coelho viram o coelho na calçada, gritaram, correram atrás dêle, chamaram as outras crianças da rua - e tôdas juntas cercaram Joãozinho e finalmente conseguiram prendê-lo de novo. Foi um dificuldade tirar o coelho do lugar onde êle se tinha escondido. Sabe aonde? Embaixo de um carro parado. Então com um cabo de vassoura conseguiu-se afugentá-lo e puderam enfim perseguir-lo e prendê-lo.

Você na certa está esperando que eu agora diga qual

1972 (CONT.)

foi o jeito que êle arranhou para sair da casinhola.

Mas aí ê que está o mistério: não sei!

E as crianças também não sabiam. Porque, como eu lhe disse, o tampo era de ferro pesado. Pelas grades? Nunca! Lembre-se de que Joãozinho era um gordo e as grades eram apertadas.

Enquanto isso, as crianças, que não têm natureza bôba, foram notando que o coelho branco só fugia quando não havia comida na casinhola. De modo que nunca mais se esqueceram de encher o prato dêle. Mas aí vem o pior. (continua)

25 mar

O mistério do coelho pensante (conclusão)

E a vida, para aquele coelho branco, passou a ser muito boa. Comida era o que não lhe faltava.

Mas, Paulo, acontece que Joãozinho, tendo fugido algumas vêzes, tomou gosto.

E passou a fugir sem motivo nenhum: só mesmo por gosto. Comida, até sobrava. Mas êle sentia uma saudade muito grande de fugir. Você compreende, criança não precisa fugir porque não vive entre grades.

Ê claro que o coração de Joãozinho batia feito louco quando êle fugia. Mas faz parte de ser coelho ter o coração muito assustado. Assim como faz parte da natureza do coelho farejar idéias com o nariz.

Pouco a pouco a vida de Joãozinho passou a ser a seguinte: comer bem e fugir, e sempre de coração batendo pela aventura. Um programa ótimo. Êle fugia, as crianças o agarravam, êle tinha comida, êle era muito feliz. Era tão feliz que às vêzes seu nariz se mexia tão depressa como se êle estivesse cheirando o mundo inteiro.

Por falar nisso, quero lembrar a você que o mundo cheira muito mais para um coelho do que para nós. Nariz de coelho vale mais para êle do que nariz de gente vale para a gente. Você não reparou que nariz de coelho parece estar sempre recebendo e mandando telegramas urgentes? Ê porque êle compreende as coisas com o nariz. Isso não quer dizer que a natureza do coelho seja melhor do que a nossa. Cada natureza tem suas vantagens.

Vou te dizer como ê que o mundo ê feito: Ê assim: quando se tem natureza de coelho, a melhor coisa do mundo ê ser

1972 (CONT.)

coelho, mas quando se tem natureza de gente não se quer outra vida.

Você acha, Paulo, que os donos de Joãozinho zangavam com êle?

Zangavam, sim. Mas zangavam como pai e mãe zangam com os filhos: zangavam sem parar de gostar. Aquêles coelhos, então, nem se precisava ser parente para gostar d'êles. Vou te dizer: Joãozinho tinha cara de bobão e era lindo. Dava até vontade de apertar êle um pouco. Não demais, porque Joãozinho ficava logo espantado. Coelho e como passarinho: se assusta com carinho forte demais, fica sem saber se é por amor ou por raiva. A gente tem que ir devagar para êle ir se acostumando, até que êle ganha confiança.

Que é que você acha que Joãozinho fazia quando fugia?

As vezes penso que fugia para ver a namorada d'êles. A namorada era uma coelha muito da enjoada e muito da caprichosa que vivia dizendo para Joãozinho:

- Se você não vier me ver, eu te esqueço. Era mentira, porque ela adorava o coelho dela, mas com êsse truque a coelha ia arrumando a vida dela. Não era por maldade que ela dizia isso para Joãozinho, mas natureza de coelha é assim. E o modo de coelha gostar é um modo sabido. Aliás quase tôda natureza de namorada se parece um pouco.

Acho também que Joãozinho fugia porque cada vez êle tinha mais filhinhos e gostava de ir fazer carinho nos filhinhos. Os filhinhos eram todos gordos, pequenos e bobos, e todos êles tinham natureza de coelho. Olhe, Paulinho, se para as pessoas é bom gostar de coelho, imagine então como deve ser ótimo gostar de coelho quando se é pai ou mãe d'êles. Aí nem se fala.

As vezes também Joãozinho fugia só para ficar olhando as coisas, já que ninguém levava êle para passear. Nessa hora é que virava mesmo um coelho pensante. Foi olhando as coisas que seu nariz adivinhou, por exemplo, que a terra era redonda.

Só há dois modos de descobrir que a terra é redonda: ou estudando na escola, ou sendo feliz. Coelho feliz sabe um bocado de coisas.

Outra coisa que o nariz d'êles descobriu é que as nuvens se mexem devagar e às vezes formam coelhões no céu.

1972 (CONT.)

Nas suas fugidas também descobriu que há coisas que é bom cheirar mas que não são de se comer. E foi aí que ele descobriu que gostar é quase tão bom como comer.

Bem, Paulo - mas eu continuo a lhe perguntar o seguinte: como é que o coelho branco saía de dentro das grades?

Paulinho, essa é uma verdadeira história de mistério. É uma história tão misteriosa que até hoje não encontrei uma só criança ou gente grande que me desse uma resposta boa. É verdade que nem eu, que estou lhe contando a história, conheço a resposta.

O que posso lhe garantir é que não estou mentindo: Joãozinho fugia mesmo.

Você me pediu para eu descobrir o mistério da fuga do coelho. Tenho tentado descobrir do seguinte modo: fico franzindo meu nariz bem depressa. Só para ver se consigo pensar o que um coelho pensa quando franze o nariz.

Mas você sabe muito bem o que tem acontecido. Quando franzo o nariz, em vez de ter uma idéia, fico é com uma vontade doida de comer cenoura. E isso é claro, não explica de que modo Joãozinho farejou um jeito de fugir das grades.

Se você quiser adivinhar o mistério, Paulinho, experimente você mesmo franzir o nariz para ver se dá certo. É capaz de você descobrir a solução, porque menino e menina entendem mais de coelho do que pai e mãe. Quando você descobrir, você me conta. Eu é que não vou mais franzir meu nariz, porque já estou cansada, meu bem, de só comer cenoura.

- | | | | |
|----|-----|---------------------------------------------|-----------|
| 1 | abr | Minha próxima e excitante viagem pelo mundo | <u>DM</u> |
| 8 | abr | O ato gratuito | <u>DM</u> |
| 15 | abr | Taquicardia a dois | <u>DM</u> |
| | | Assim também não | <u>DM</u> |
| 22 | abr | Refúgio | <u>DM</u> |
| | | Estilo | <u>DM</u> |

1972 (CONT.)

Um degrau acima: o silêncio

DM

29 abr

Uma história estranha e inacabada

Uma vez comecei uma história tão esquisita que me deixou num impasse e interrompi-a. Quem quiser, que a prosiga.

É assim:

Tratava-se de uma ave de asas abertas. Com este silêncio das coisas que nenhuma expressão de rosto pode imitar, salvo os olhos das estátuas. Era uma tranquilidade ter alguma coisa realmente morta ao lado de si, como uma pedra, como um repouso. Tratava-se de uma ave embalsamada. A princípio fora-lhe repugnante, com as penas cor de rato, em alguns pontos um pouco brilhante como se ainda guardasse a unidade da vida. Mas aos poucos foi-se habituando à suas asas espalmadas e tranquilas, à sua total falta de beleza ou graça. Era a sua coisa mais neutra. Nem ao menos a comprara, o que equivaleria a uma escolha e dar-lhe-ia um sentido. A tia distribuíra os objetos do marido, quando este morrera. E a ela coubera a ave embalsamada. Num quarto uma ave de asas abertas é sempre um motivo de surpresa.

Até que ele começou a se interessar por espiritismo. Tudo o que era morto devia ter tido um espírito. Talvez sempre se tivesse falado nisso, mas o fato é que para ele foi como se descobrisse naquela época a sobrevivência de alguma coisa. Seu quarto deixou de ser o simples quarto de um homem para tornar-se o abrigo de um pensamento. E de uma ave. Tudo o que ele pensava, a ave parecia aprovar com as asas abertas. E o mais curioso era aquela sensação de nunca deixar o quarto vazio quando saía.

Pode ser que haja muitas coisas mais importantes; e de fato há. Os problemas gerais o são, por exemplo. E o que não pode interessar um grande número de pessoas não deve ter importância. Mas que se conte, embora sem acen-tuar demais, o que sucedeu a este homem.

Em primeiro lugar, ele morreu. Acontece que morrera preocupado com os problemas da alma, e assim como morrera, assim continuou, por assim dizer esquecido do principal: de que morrera. Com isto se quer dizer que ele estava tão ocupado com certos pensamentos que, digamos, não perce-

1972 (CONT.)

beu que havia morrido. Depois foi um choque notar que já atravessara, sem sentir, certas fronteiras. Grandes angústias o dominaram. E pode-se mesmo imaginar o que sentia. Em primeiro lugar, uma solidão grande porque, se quisesse falar, não tinha quem quisesse ouvi-lo. É verdade que não podemos nem por um instante calcular bem o que é não ter esperança. Ele não tinha. E a sensação de não ter ninguém para quem apelar? Pode-se, pois, dizer que ele falecera sem estar já maduro para isto, embora mesmo quando morre uma criança ela está madura, de tal modo é infalível e tranqüila a natureza. Mas a este homem de quem falamos escapou-lhe a própria morte.

Quantos anos passou ele estranhando? Ou quantos séculos, pois o tempo, a essa altura, já se identificava com o espaço infinito.

Talvez eu o tivesse conhecido poucos momentos depois de morrer. Mas não creio, porque, ao encontrá-lo, já havia alguns pontos secos e inatingíveis na sua personalidade.

Não falemos de mim, senão o necessário. O necessário é dizer que numa certa noite, por vários momentos, eu estava em disponibilidade para a própria morte. Foi quando a ave - a tia do homem redistribuía os objetos que haviam pertencido ao finado marido - que eu herdara pareceu falar, de tanta fixidez nos seus olhos mortos, o que causava nos meus o pavor.

Assim falou a ave empalhada:

- Que fará minha alma sem um corpo para sofrer? Aonde terá suas angústias? Precisarás andar de porta em porta, pedindo fresta por onde entrar. Doerei no vento que bate nas janelas e...

(Chegando a esse ponto, interrompi a história).

6 maio

A impossível definição

(Vide "O que é o que ê?", JB e DM 7 jun 1969)

(*NP: Módulo repetido no JB. Na DM aparece apenas a primeira publicação*)

Flor mal-assombrada e vida demais

(Vide "A noite mais perigosa", JB e DM 7 jun 1969)

(*NP: Módulo repetido no JB e presente na DM nas duas publicações*)

Diálogo do desconhecido

DM

1972 (CONT.)

13 maio

Dias das mães

DM

20 maio

Sem aviso

DM

Aceitando o risco

(Vide "Aventura", JB e DM 4 out 1969)*(NP: Este módulo aparece repetida no JB. Na DM transcreve-se apenas a primeira publicação)*

27 maio

Saudade

(Vide DM 27 maio 1968)*(NP: Este módulo foi inserido na DM com data de 27 maio 1968 quando não se publicou nenhuma crônica de Clarice Lispector no JB)*

O pouco que se pede

"Eu sei que a vida me agrada", continuei com aquela cruel vontade de descrever uma coisa para sempre perdida. "E não tem nada a ver com uma casa bonita como esta... me bastariam dois quartos e cozinha... mas com todas as minhas coisas... e limpa como um espelho... e ficar tranquilo... no domingo passearmos juntos... comer juntos, dormir juntos... pense, Gino, como será bom!"

("La romana", romance do italiano Alberto Moravia).

Moravia

Por falar em Moravia, lembro-me de quando estive aqui no Rio. Era por ocasião do primeiro festival de escritores, e ele estava em uma das barracas. Fui-lhe apresentada e Moravia, que iria depois a um restaurante com um grupo de amigos e conhecidos, convidou-me para ir também. No jantar o meu lugar era a seu lado. Mas que conversa. Quase impossível. Um homem amargo e terrivelmente irônico. O desprezo pelos outros e por si mesmo. Fazia-me perguntas atrás de perguntas, brincando com o garfo. Jantei mal. Terminei zangada: "Por que o senhor me faz tantas perguntas, se não parece nem um pouco interessado pelas respostas. O senhor nem sequer me ouve". Ao que ele respondeu com inesperada doçura, quebrando pela primeira vez o tom irônico e mordaz: "Estou ouvindo tudo". Fiquei com tanta pena.

Mas a mulher dele é um caso. Faz perguntas sem ironias nem desprezo, mas com que rispidez. É muito consciên-

1972 (CONT.)

te do próprio valor, embora sem vaidades. Vai direto ao assunto, olha inquisitivamente o interlocutor, interrompe sem mais nem menos as respostas que não lhe interessam: o interlocutor, surpreendido com a súbita interrupção, fica um pouco desarvorado. Chama-se Elsa, se não me engano. Dizem que é uma ótima escritora, alguns acham-na superior a Moravia; nunca a li. O que sei é que formam um casal difícil. Mas que jantar, perdi a fome, o que não perdoou.

Quarup

E por falar em escritores, estou relendo com gosto o romance "Quarup", de Antônio Callado. É muito, é muitíssimo excelente. Prende desde a primeira página à última. Eu ia dizer que as leitoras de espírito delicado não o deviam ler, pois trata-se de um livro franco, realmente sem meias palavras em matérias de fatos. Mas resolvi, muito pelo contrário: as de espírito delicado também o devem ler, para ficarem menos delicadas, para se fortalecerem. Vida é vida, e não adianta fugir: quando a gente foge, ela corre atrás. É melhor ir de encontro a ela. É mais bonito para uma pessoa.

3 jun

Por medo do desconhecido (trecho)

(Vide "Medo do desconhecido", JB e DM 7 out 1967)

(*NP: Este módulo aparece repetido no JB e está presente na DM nas duas publicações.*)

Depoimento de um artista.

Abelardo Zaluar, que faz pintura e colagem, escreveu algumas reflexões sobre seu trabalho atual:

"Ao atingir a maturidade, o artista vive uma dupla situação: ao mesmo tempo em que observa o trepidante avanço das feições vanguardistas mais ousadas, possui dentro de si uma realidade construída pelo tempo e que se expressa em termos de estabilidade, de sedimentação, de continuidade.

"É neste ponto em que o artista "se encontra e consegue ouvir o som da própria voz". Dentro de um entendimento coletivo, de vitalidade e validez, o artista fixa uma linguagem pessoal que sintetiza suas obras.

"Encontrando-me nesse momento de minha carreira, construí coerentemente a minha linguagem pessoal dentro do

1972 (CONT.)

chamado abstracionismo geométrico, denominação que utilizo com impropriedade pois a época das classificações já era".

Sobre escrever

(Vide "Sobre escrever", JB e DM 20 dez 1969)

(NP: Este módulo aparece repetido no JB. Na DM transcreve-se apenas a primeira publicação)

"Rosas silvestres"

(Vide "Rosas silvestres", JB e DM 25 maio 1968)

(NP: Este módulo aparece repetido no JB. Na DM transcreve-se apenas a primeira publicação)

10 jun

Energia atômica e o Brasil

Quem diria, na minha infância, que um dia eu me defrontaria com um dos meus ídolos de Recife? E logo um de quem Einstein disse: "Só você é capaz de seguir meus passos."

Eu tinha meus sete anos e Mário Schemberg era rapaz feito, e sua fama corria em Recife, minha terra. Não sei quando ele abriu suas grandes asas e foi para o mundo, no caso, São Paulo. Agora é físico, principalmente teórico, embora também tenha participado de equipes experimentais. Em 1968, quando entrei em contato com ele, estava redigindo um trabalho sobre eletromagnetismo e gravitação, além de participar da colaboração Brasil-Japão sobre raios cósmicos. Estava ensinando Mecânica Racional, Celeste e Superior no Departamento de Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, e, no ano anterior, dera um curso de pós-graduação no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas do Rio de Janeiro.

A maioria de nós não alcança esses assuntos e fica na escuridão. O que eu alcancei foi a idéia de alguma coisa de uma extraordinária beleza. Algo assim como a música de câmara. Quando estudei no ginásio Matemática e Física, percebi que nesses dois ramos do conhecimento humano a intuição tinha um papel preponderante, embora meus professores achassem que se tratava apenas de uma capacidade aguda de raciocínio. E claro, o raciocínio tem enorme importância, mas também é claro que a intuição tem seu papel na Física e na Matemática. E para mim tudo aquilo em que entra intuição é uma forma de arte; Física e Matemática são

1972 (CONT.)

de um poético tão alto que já é banhado de luz. São uma arte tão arte que as comparo a Bach. Para a minha alegria, eu depois vim a saber que o matemático Jean Dieudonné pensava e dissera a mesma coisa.

Mário Schemberg tem uma bela cabeça de homem que lembra muito a cabeça de um imperador romano. Quando fala, fecha os olhos por longo tempo.

Desde 1934, quando foi criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, vêm sendo realizadas no Brasil pesquisas sobre Física Atômica, Física Nuclear e Física das Partículas Elementares. Naquela ocasião o professor Gleb Watghin fundou o Departamento de Física da Faculdade. Depois da última guerra, os estudos sobre aproveitamento de energia nuclear começaram a ser feitos em São Paulo, Guanabara e, mais tarde, em Belo Horizonte, Recife e outros pontos do país. O principal centro de pesquisas sobre as aplicações da energia nuclear, fundado pelo prof. Marcelo Damy de Sousa Dantas.

Mas não existe um volume suficiente de pesquisas atômicas no Brasil. O número de pesquisadores e as instalações de que dispomos são ainda inteiramente inadequados para o trabalho a ser realizado. Perguntei a Mário se haveria para o mundo o perigo da reação em cadeia. Respondeu-me que houvera receios de que uma reação nuclear em cadeia pudesse se propagar, escapando inteiramente ao controle do homem, mas era receio infundado: a humanidade pode ser destruída numa guerra atômica mas não por esse processo. Em relação à paz, a energia atômica será num futuro não muito remoto a principal fonte de energia à disposição da humanidade: dentro de algumas décadas as reservas de combustíveis fósseis, sobretudo petróleo e carvão, estarão provavelmente esgotadas, e restarão a energia atômica e a energia solar como principais fontes de energia utilizadas, sobretudo a atômica. No caso de um país subdesenvolvido, terá importância extraordinária a aplicação de explosivos atômicos em grandes obras de engenharia, de mineração, na produção de petróleo ou de gás, etc. Quanto aos isótopos radioativos artificiais (substâncias produzidas artificialmente em reatores ou em aparelhos nucleares), possuem numerosas aplicações de extraordinária importância na indústria, na agricultura, na medicina e na pesquisa

1972 (CONT.)

tecnológica em geral. Basta citar uma aplicação de excepcional importância para o Brasil, grande produtor de alimentos: a esterilização destes por radiações permite a sua conservação por períodos imensos.

17 jun

Uma lição de escultura

Uma vez o escultor Mário Cravo, num catálogo de sua exposição, escreveu: "Três estados de ferro, título dado a presente mostra, surge de 16 anos de colóquio mantido com ferro, material insólito e frágil, ao mesmo tempo bárbaro e terno. Os estados são os diferentes tipos de tratamento de superfície das esculturas". E explica o primeiro estado de ferro: é encontrado nas esculturas lixadas ou levemente polidas, protegidas por uma tênue camada de verniz sintético e incolor, para evitar a ferrugem e a perda do brilho. O segundo estado, segundo Mário Cravo, está em esculturas de menor porte, de cor amarelo-brilhante: aplicação de latão em fusão sobre a superfície do ferro ao rubro. "Em alguns casos adiciono o cobre a tal técnica de revestimentos e notamos sua presença através de tons levemente róseos". E o último e terceiro estado: as esculturas oxidadas, que deixaram o escultor frente a frente com a matéria. "A predominância é de marrom-avermelhado, característica do óxido de ferro. A superfície grossa vem dos respingos da solda elétrica". E, acrescenta Cravo, "finalmente o ferro descobre sua quietude baça, presente ao escultor, que tantos anos levou para aceitar a oxidação como valor imanente à própria matéria".

Mário Cravo trabalha num enorme atelier: todo o porão de uma casa imensa. Acha que o que faz de um homem um artista, é primeiro ser essencialmente homem. Segundo, ter uma dose acima da média de sensibilidade. Terceiro, a capacidade de controlar e orientar em termos construtivos essa força interior. Quarto, querer, como todo homem, transformar o mundo, interferir nele.

Teve como primeiro mestre um velho santeiro baiano, o último de sua estirpe: Pedro Ferreira. Este o introduziu nas técnicas tradicionais da escultura em madeira. Depois, no Rio de Janeiro, Humberto Gozzo transmitiu-lhe seus conhecimentos da modelagem em barro. Seu último mestre foi um iugoslavo: Ivan Mastrovic, com quem aprendeu a traba-

1972 (CONT.)

lhar em pedra e mármore. Mas só aprende o indivíduo que tem potencializadas certas características fundamentais. Por exemplo, um homem que tem aversão ao uso das mãos estará menos aparelhado para absorver a técnica. Há necessidade de perseverança, continuidade, intensidade, etc. A escultura tem muito a ver com a ação física, embora esta seja resultante de uma válvula sensorial e intelectual. Parte do "eu" é transmitida. O "eu" construtivo, no sentido de contribuir para a existência do próprio homem. Cravo crê firmemente que o trabalho de arte é carregado de responsabilidades éticas, não importa a forma exterior que ele toma. A arte é feita por homens e para homens. O resto são variações sobre temas de interesses pessoais, ou de serventia ideológica. Na sua opinião, os maiores escultores do mundo no momento são Marino Marini, César. David Smith também é um grande escultor. No Brasil, no passado, Frei Agostinho da Piedade, Francisco Chagas, o "Cabra", e obviamente o Aleijadinho. Contemporâneos: Bruno Giorgi, Franz Weissman.

Considera-se um escultor figurativista mesmo quando faz coisas não figurativas. As suas formas mais puras, mais despojadas, têm relação com o mundo orgânico: são núcleos, formas germinantes, óvulos ou ovulação, crescimento etc, todos eles termos essencialmente figurativos, embora não apresentados em forma humana ou animal. Está preocupado em sintetizar estruturalmente, economicamente, o universo baiano, em princípio. A passagem da forma humana à forma atual: a todo parto antecede uma gestação. Não quer dizer que não esteja excluída a volta à figura humana. Não aceita a qualidade, da mesma forma que recusa limitar o problema de arte da humanidade à estreita faixa do figurativo e do não-figurativo. O rosto humano lhe interessa como tema para fazer escultura quando está na sua fase esse detalhe do corpo humano. O dedão grande do pé pode ser mais expressivo se feito por um grande artista do que a mais linda face de uma donzela executada por uma senhora rica e entediada que se dedique à escultura.

Mário Cravo vive exclusivamente da arte: vende bastante bem para um escultor brasileiro que nasceu, vive e trabalha em Salvador. Se desejasse viver em alguma parte do mundo que conhece, já estaria lá: é um homem integrado

1972 (CONT.)

no seu meio. E baiano, já adulto, descobriu a terra ideal para o trabalho: senão estaria no Rio, em São Paulo, em São Francisco, etc., pois já teve chances.

Trabalha com modelos, por que não? Os seus modelos são a planta que brota no chão junto de sua casa, os pássaros, a natureza, os deuses, os homens com seus costumes, seus mitos e tudo o mais.

24 jun

Autocrítica

(Vide "Autocrítica no entanto benévola", JB e DM 14 jun 1969)

Solidão e falsa solidão

(Vide JB e DM 14 jun 1969)

(NP: Estes módulos aparecem repetidos no JB. Na DM, eles são transcritos apenas quando da primeira publicação)

1 jul

Brownea Grandeps: rosas da montanha

Deus e Roberto Burle-Marx fazem paisagens. Sem que uma fira a outra: a paisagem do grande artista não machuca a natureza. Sua vegetação lembra a de uma paisagem submersa ondulante que às vezes atrai como tentáculos de animais submarinos. Às vezes sua paisagem parece simplesmente erguida da terra como fruto desta. São delicadíssimas as paisagens que ele cria, mas reais, isto é, abrangendo também a violência e a singularidade que a vegetação natural tem.

Nunca teve a intenção de imitar a natureza. O que procura fazer, é ordenar seus elementos, segundo sua necessidade interior. Para Burle-Marx fazer jardins é organizar, é ordenar, baseando-se em leis estéticas, leis de composição, onde volumes, texturas, cores se harmonizam ou são utilizados em contrastes, em composição para estabelecer choques, dramatizando, às vezes, as plantas enquanto as outras acompanham em surdina.

Uma vez pedi a Roberto alguns nomes de plantas que anotei: alguns me fascinam. Falou em esterhasia, que é esplêndido, em himanaea coubaril, brownea grandeps, que são rosas de montanhas, Elizabeth princeps e esta atinge com suas folhagens até trinta metros; marime grande. E clusia,

1972 (CONT.)

grande flora.

Quase sempre ele desenha antes no papel o tipo de paisagem que lhe vem por inspiração. Em muitos casos os projetos estão ligados à arquitetura: a paisagem deve ser sempre uma obra de arte, quer seja idealizada para um indivíduo ou para uma comunidade. As qualidades artísticas devem ser as mesmas, porém Roberto tem mais prazer quando o jardim é arquitetado para uma cidade onde haja grande número de indivíduos.

Há algo de matemático na criação de seu mundo: a matemática está sempre ligada a problemas de ordenação. No desenho de jardins existe um lado imponderável, porém como na própria natureza. Como nesta ele trabalha com elementos perecíveis, que vivem, crescem e também morrem, é inevitável. A idéia de criar com elementos vivos veio do seu amor à planta: cada uma se lhe revela de maneira diferente, na cor, no ritmo das florações. E as plantas, por seu turno, sofrem a ação da luz que pode acentuá-las ou em Brasília a luminosidade é esmaecê-las. Por exemplo: diferente da luminosidade do Rio. E lá, onde o número de fábricas ainda não é suficiente para brumas e fog, e também pela altitude, a forma das plantas tem uma nitidez diferente.

Esse grande amor por plantas vem da infância: lembra-se de sua mãe podando roseiras. Mas a flora brasileira lhe foi revelada em inúmeras visitas ao Jardim Botânico de Dahlen, em Berlim: teve vontade de utilizá-la. Depois quando morava na rua Ribeiro da Costa (aliás, tio do Lúcio Costa), começou a fazer uma série de experimentos com plantas, plantando tinhorões brancos ao lado de coléus de folhagem violeta e marrom, Lúcio Costa viu e logo o convidou para fazer o jardim de uma casa moderna, e esse convite induziu-o a fazer jardins.

Como outros artistas, o seu problema é o de não cair na facilidade de fórmulas. A tendência da vida é imitar ou aceitar o estabelecido, é tão difícil procurar a "porta estreita". Burle-Marx procura comparar o seu trabalho com o que existe de melhor, não só em matéria de jardins, mas também de literatura e música.

De animais nós entendemos e adivinhamos, porque também nós os somos. Mas na vegetação e paisagem, o que temos

1972 (CONT.)

dentro de nós que faz amá-las e entendê-las? É o ciclo de vida até que a planta se transforma em frutos, que por sua vez contém sementes e todos os elementos para ser raiz, tronco e folhas.

Burle-Marx dialoga sempre com os seus auxiliares: a vontade de ser útil à comunidade, de induzi-la a compreender suas intenções, é para êle necessidade de continuação. Deseja que suas experiências possam vir a ser úteis depois dele.

No seu trabalho, se às vêzes não consegue expressar exatamente o que queria, seu desejo é o de sempre consegui-lo na nova obra que esteja realizando. A pintura está intimamente ligada à sua vocação artística. Aliás, começou por pintar, fazer jóias, tapeçarias, painéis pintados, murais. É fascinado também pela música, pelo teatro, pela literatura. Mas o tempo de uma vida não é suficiente para se fazer tudo o que se gosta. Tem que haver uma grande dose de renúncia.

8 jul

O presente	<u>DM</u>
Comer	<u>DM</u>
Homem se ajoelhar	<u>DM</u>
Dar-se enfim	<u>DM</u>

15 jul

Um nome a não esquecer: Lara

Foi assim. Recebi um convite da Galeria do Grupo B (Rua das Palmeiras, 19, Botafogo) para a exposição de Lara, de quem eu nunca havia ouvido falar. Mas ao abrir o envelope tive logo uma surpresa-choque-feliz: lá estava a reprodução de um desenho que imediatamente me fascinou e me chamou.

Não vou tentar descrever a arte do desenhista Lara. Só quero falar de sua voluptuosa força, da sensualidade vital das estruturas nítidas, de suas curvas que são organicamente ligadas a outras formas curvas. O grafismo de Lara lembra apenas vagamente Didier Moreau, só que o nosso desenhista é mais potente e usa menos do que eu chamaria de liberdade arbitrária. (Lara não conhece o trabalho de Moreau nem nunca ouviu falar dele). Moreau desenha figuras humanas muito eróticas. Mas em Lara o erotismo - próprio

1972 (CONT.)

do que é vivo, do ar, do mar, das plantas, de nós - o erotismo está espalhado pela veemência do traço, dispensando nudez ou movimentos que insinuem lubricidade. É de um vigor que lembra o de um tronco robusto de árvore, o de raízes entranhadas na terra viva, energia anímica. E tudo isto no fantástico. Fantástico que é uma nossa verdade secreta, a verdade do sonho. E acontece que é exatamente a arte que meu coração anda pedindo.

Suas formas parecem em perpétua transmutação - como prestes a mover-se e constituir novas composições. (Nota: ando escrevendo particularmente mal atualmente - espero poder ultrapassar este impasse - de modo que não estou sabendo usar as palavras certas para falar da obra do autodidata Lara, esse corajoso). O traço é finalmente depurado e no entanto o conjunto tem a crueza nua dos sonhos livres e das grandes realidades. Seu grafismo não parece conhecer a proibição. E de algum modo nos libera, essa arte plena que transborda. É todo intuitivo o seu trabalho. E tenho certeza de que ele nada planeja: as formas, elas próprias, inspiram a sequência de outras.

No convite vem impressa uma apresentação-poema de Nelson Xavier que diz muito mais do que eu conseguiria exprimir e que agora transcrevo por causa de sua verdade tão bela:

Criar é um ato de sobrevivência
da identidade

não tenho nada
além desta linguagem
essa imagem
única testemunha de mim mesmo
fiel de humanidade
certidão
documento que eu me peço
se ingresso
na escuridão
nosso hoje de 3º ou 4º mundo
sem identificação

então
como um mistério
eu me decifro e abro

1972 (CONT.)

referências no espaço
 num código refeito a
 cada traço um passo
 Perseguindo a identidade

e segue cega a pena
 sábia diz por mim o que não sei mas sou
 nessa perseguição eu sobrevivo
 que outra mágica lança espelho ou balança
 pode manter-me vivo?

propor o enigma me salva
 da condenação a esfinge

ah estoy flaco como um bordel banhado de vermelho
 e o policial grita cogito ergo sum
 e tudo o que eu tenho é esta linguagem para gritar meu horror
 ah nada tenho a proclamar
 que as verdades se acabaram
 erro entre ruínas
 mas as ervas já brotaram

parir o horror parir
 parir o amor ah
 se o medo da loucura fosse banido
 como um feitiço banido
 banido
 todas as portas se abrindo como pernas no parto
 e cada um
 de suas flores roncoss sonhos e venenos carregado
 pelos rios rindo
 por estradas indo
 soltando da boca seus mundos
 num carnaval de verdade
 a loucura daria um novo mundo florido
 esquecido
 onde os monstros e vísceras são o mel de quentes favas
 é a vida um pão cheiroso
 que é comido.

22 jul

Paul Klee e o processo da criação

Traduzo do italiano G. di San Lazzaro sobre Paul

1972 (CONT.)

Klee:

"Os quadros nos olham, disse Paul Klee na conferência famosa que realizou em janeiro de 1924, quando fez uma exposição de suas obras em Iêna. O teórico tem sempre em sua pessoa um antagonista poderoso: o místico. Conciliá-los, uni-los no esforço criador, tal foi o alvo que ele perseguiu com tenacidade até a morte. A conferência de Iêna foi, de algum modo, seu Discurso sobre o Método. A maneira de Kandinsky, trata dos aspectos mais abstratos dos problemas da criação. Publicada a conferência em 1945, com o título de Sobre a Arte Moderna, teve profunda repercussão."

Klee começa por uma confissão: teria preferido considerar antes de tudo as fases do processo criador que se desenvolvem no subconsciente, isto é, pôr a ênfase sobre o conteúdo da obra. Mas isso significaria o desconhecimento de que a maioria dos espectadores tem mais familiaridade com o conteúdo da obra que com o seu aspecto exterior. Sente-se obrigado a abordar a questão da forma. "Vamos dar juntos uma espiada no atelier do pintor..." E prossegue Klee:

"Afim de haver um terreno comum aos artistas e aos outros, onde é possível um encontro entre os dois, sem que o artista seja sempre considerado como um fenômeno de exceção. O artista é um ser que, sem que lhe tenham pedido opinião, foi, como vocês, jogado num mundo confuso e que, como vocês, deve, bem ou mal, acomodar-se nele. Ele só se distingue por um único traço: sai da situação pelos seus próprios meios e, por isso, pode, talvez às vezes, ser mais feliz que o não-criador, que permanece estranho em relação ao ato de criação real e liberadora..."

"Permitam-me", continua Klee, "recorrer a uma parábola, a parábola da árvore. Tomemos um artista bastante bem orientado no mundo e na vida, à altura de organizar fenômenos e experiências. Esta orientação nas coisas da natureza e da vida, essa organização complexa, de múltiplas ramificações, eu gostaria de compará-la as raízes da árvore. De lá sobe a seiva para o artista a fim de atravessá-lo e ao seu olho: ele assume portanto a função do tronco. Pressionado e agitado por esse fluxo poderoso, ele transmite à sua obra o que viu. E a obra, como a copa da árvore, se desdobra no tempo e no espaço. Ninguém exigiria da árvore que ela formasse sua copa à imagem de suas raí-

1972 (CONT.)

zes... É claro que, nos domínios diferentes, as diversas funções terminam necessariamente em diferenças consideráveis. Mas querem proibir o artista de se separar de seus modelos. Até acusam-no de impotência ou de falsificação voluntária. Ora, como a árvore, ele não faz senão recolher e transmitir as forças surgidas das profundezas. Nem servir, nem dominar, somente transmitir. Ele tem, pois, uma função verdadeiramente modesta. Ele próprio não é a beleza da copa, ela só faz é passar por ele..."

Até suspeita de esquizofrenia

Em fevereiro de 1940, alguns meses antes de sua morte, Klee aceitou expor suas obras em Zurique. A crítica acolhe muito mal esta manifestação magnífica.

"Quando vi Paul Klee pela última vez, no seu apartamento em Berna, senti nele" - diz madame Carola Giedion-Welcker - "apesar de manter sua atitude habitual de calma e de impassibilidade, uma certa agitação interior. Falou-me da agressão da imprensa suíça. A grande exposição em Zurique, a abundante colheita dos sete últimos anos em Berna tinham provocado toda espécie de ataques e mal-entendidos. Um crítico ousou mesmo falar de esquizofrenia. Klee me pareceu exasperado pelas críticas da imprensa que ameaçavam - temia ele - influir perigosamente na sua vida na Suíça, incomodando-o e até comprometendo o sucesso de suas gestões junto às autoridades quanto à sua naturalização. Só o notei quando lhe respondi aturdidamente que essas críticas destinadas a divertir o público, também provocavam grosseiras alusões a uma anomalia intelectual, e que eu não consideraria o caso senão do ponto-de-vista da sensibilidade pura. Ele não prestou atenção a esse aspecto da questão. Estava acima disto. Limitou-se a notar secamente que a suspeita de esquizofrenia sem dúvida não encorajaria as autoridades a lhe dar autorização de residência. Klee, que iria morrer algumas semanas mais tarde em Locarno-Muralto, tinha razão. O país de sua mãe e de sua juventude, o país cuja língua ele falava - mesmo quando vivia na Alemanha só empregava o mais autêntico dialeto de Berna - não devia jamais tornar-se oficialmente sua pátria."

29 jul

As imaginações demoníacas

DM

1972 (CONT.)

Escrever para jornal é escrever livro

DM

5 ago

Daniela

Daniela tem pouco mais de quatro anos de idade e pergunta muito - pergunta sempre. E às vezes também responde.

Vou tentar reproduzir perguntas, considerações e respostas de Daniela.

- Pensar? disse para a madrinha que é professora de universidade. O que é pensar? Por que se pensa? Mas por que não se pensa?

Pausa.

- Por que é preciso que se pense? Por que o Moacir Franco canta na música assim: "Não, não posso parar, se eu paro eu penso, se eu penso, eu choro..."

A madrinha levou Daniela e mostrou-lhe uma estátua de O Pensador e disse-lhe:

- Daniela, aquele ali é o pensador.

A menina olhou atentamente e nada falou. Bem mais tarde disse:

- Pensador... pensa-a-dor? Então por que dizemos pensar-a-dor? Bacana tudo isso!

Passado algum tempo a madrinha resolveu fazer perguntas na esperança de receber respostas:

- Daniela, o que é pensar?

- Pensar é que nem aquele homem que você me mostrou.

A madrinha insistiu: o que é pensar?

- Bem, então pensar é fechar os olhos.

Pela última vez a madrinha insistiu: Daniela, o que é pensar?

E a resposta finalmente veio:

- Bem, disse muito categoricamente, pensar é colocar um monte de coisas na cabeça, fazer mistério e dar a surpresa.

Viver é perigoso

É uma alegria de encontro. E logo com quem: com Guimarães Rosa.

Acontece que há séculos publiquei um livro pelo Ministério da Educação e Cultura, nos Cadernos de Cultura, dirigidos por Simeão Leal - sob o título de Alguns Contos.

1972 (CONT.)

Um desses contos - Amor - foi republicado anos depois em Laços de Família. Nesse conto há uma frase mais ou menos assim, não me lembro totalmente e estou com preguiça de ir ver: "... segurou-lhe a mão, guiando-a, afastando-a do perigo de viver."

Minha vaidade é que Guimarães Rosa, com o seu célebre "viver é perigoso", tenha tido a mesma sensação que eu. Só que a frase dele - como é de se entender facilmente pois trata-se de um mestre - é mais bonita, é sobretudo uma sentença. Mas o sentido é o mesmo.

Deus de barro

Mas se Deus não lhe servia: fora feito à sua própria imagem, parecia-se demais com ele, tinha a mesma espécie de ansiedade por soluções, e também a mesma auto-severidade. E quando esse Deus era bom, era-o como ele seria se tivesse bondade consigo mesmo. O verdadeiro Deus, um que não fosse feito à sua imagem e semelhança, era por isso totalmente incompreendido por ele, e não sabia se Ele por seu turno poderia compreendê-lo. Seu Deus até então fora terrestre. E de então em diante, se quisesse rezar, seria como rezar às cegas e ao Nada. Sobretudo não podia mais pedir a Deus. Descobriu então que até agora na verdade rezara para um eu-mesmo, só que poderoso, engrandecido e onipotente. Custou a admitir um Deus abstrato.

Seu erro foi tentar compreender Deus.

12 ago

Para acabar de "fundir a cuca"

DM

19 ago

Um anticonto

Nota: este relatório-mistério, este anticonto geométrico foi publicado na revista Senhor; de São Paulo. Na sua apresentação, Nélson Coelho diz que tento matar em mim a escritora. Cita vários escritores que tentaram o suicídio da palavra escrita. Nenhum deles conseguiu. "Como Clarice não conseguirá", escreve Nélson Coelho.

O que tentei com essa espécie de relatório? Acho que queria fazer um anticonto, uma antiliteratura. Como se assim eu desmistificasse a ficção. Foi uma experiência valiosa para mim. Não importa que eu tenha falhado. Chama-se:

1972 (CONT.)

Objecto (sic)

Esta coisa é a mais difícil de uma pessoa entender. Insista. Vou falar de uma coisa que aos outros parece óbvia. Mas é extremamente difícil de se saber dela, pois envolve o tempo.

Nós dividimos o tempo quando ele na realidade não é divisível. Ele é sempre imutável. Mas só precisamos dividi-lo. E para isso criou-se uma coisa monstruosa: o relógio. Não vou falar sobre relógios. Mas sobre um relógio eletrônico. O meu jogo é aberto: digo logo o que tenho a dizer. Este relógio eletrônico tem despertador. A marca é Sveglia, o que quer dizer "acorda". Acorda para o que, meu Deus? Para o tempo. Para a hora. Para o instante. Esse relógio não é meu. Mas é como se fosse. Não é de pulso: é solto portanto. Tem exatamente dois centímetros. Seu mecanismo é muito simples. Não tem a complexidade de uma gente, mas é mais gente do que gente. É super-homem? Não, deve vir diretamente do planeta Marte, ao que parece. Se é de lá que ele vem, um dia para lá voltará. É tolo dizer que ele não precisa de corda, isso já acontece com outros relógios comuns, como o meu que é de pulso, não precisa de corda, é antichoque, pode-se molhá-lo à vontade. Esses até que são mais gente. Mas são da Terra e criados por homens. O Sveglia é de Deus. Foram usados cérebros divinos para captar o que devia ser este relógio.

Estou escrevendo sobre ele mas ainda não o vi. Vai ser o encontro. Se bem que sua dona o descreveu com todos os detalhes. Sveglia: acorda, mulher, acorda para ver o que tem que ser visto. É importante estar acordada para ver. Embora também seja importante dormir para poder sonhar com as realidades nas quais não acreditamos.

Sveglia é objecto. (sic)

Será que Sveglia me vê? Vê, sim, como se eu fosse outro objecto (sic). Ele reconhece também que às vezes a gente vem de Marte.

Estão me acontecendo coisas que mais parecem um sonho. Acorda-me, Sveglia, eu quero ver a realidade. Mas é que a realidade é um sonho. Sinto-me agora melancólica porque estou feliz. Não é paradoxo. Depois do ato do amor não dá uma certa melancolia? A da plenitude. Estou com vontade de chorar. Sveglia não chora. Aliás, ele simplesmente não

1972 (CONT.)

tem circunstâncias. Dorme, Sveglia, dorme um pouco, eu não suporto tua vigília nem teu despertador. Você não pára de ser. Você não sonha. E nem se chama de "funcionar": você não é funcionamento, você é. Há coisas que são.

Você é todo magro e enxuto. E nada lhe acontece. Mas é você que faz acontecerem as coisas. Me aconteça. Sveglia, me aconteça. Estou precisando de um determinado acontecimento. Dá-me de volta o desejo, Sveglia. Mas eu não te quero para mim. Não gosto de ser vigiada. E você é o olho único aberto sempre. Você não me quer mal, mas também não me quer bem. Será que estou ficando assim, sem sentimento? Um objecto? (sic) Sei que estou começando a ter pouca capacidade de amar. Minha capacidade de amar foi pisada demais, Deus. Só resta um fio de desejo. Eu preciso que ele se fortifique. Não é como você pensa que só a coisa morta, é portanto eterna, importa.

Viver - coisa que você não conhece - importa muito. Viver seco, viver o essencial.

Se ele se quebrar, pensam que morreu? Não, foi simplesmente embora. Mas, Sveglia, você tem fraquezas. Soube pela dona que você precisa de uma capa de couro para protegê-lo contra a umidade. Soube também que você uma vez parou. A dona não se afobou: deu a ele-nele uma mexidinha muito da simples e você nunca mais parou para todo o sempre. Eu te compreendo, eu te perdôo: você veio da Suíça e precisou de um mínimo de tempo para se aclimatar, não é?

Já ouvi o despertador de Sveglia por telefone, dar o alarme. É estranhíssimo: é como se estivesse soando dentro da gente. Parece que o seu eletrônico-Deus se comunica com o nosso cérebro eletrônico: o som é macio, íntimo demais e sem nenhuma estridência. Parece vir de um instrumento de sopro. (Sugiro que guarde esta primeira parte para dar sentido à continuação, no próximo sábado).

26 ago

Objecto - Um anticonto (continuação)

Há coisas que são Sveglia. Eu soube de um homem a quem aconteceu Sveglia. Ele estava andando com o filho de 10 anos, de noite, e o filho disse: cuidado pai, tem macumba aí. O pai recuou, e não é que foi logo pisar em cheio na vela acesa, apagando-a? Não pareceu ter acontecido na-

1972 (CONT.)

da, o que é também muito de Sveglia. O homem foi dormir. Quando acordou viu que um de seus pés estava inchado e negro. Era médico e chamou colegas. Estes não viram nenhuma marca de ferimento: o pé estava intacto - só preto e muito inchado, daquele inchado que deixa a pele toda esticada. E decidiram, os nove médicos, que era caso de gangrena. Tinham que amputar o pé. Marcou-se a operação para o dia seguinte e com hora certa. O paciente dormiu. E teve um sonho terrível de esplendor. Um cavalo branco queria agredi-lo e ele fugia como um louco. Passava-se tudo isso no Campo de Santana. O cavalo branco era belíssimo e enfeitado com prata. Mas não houve jeito. O cavalo pegou-o bem no pé, pisando-a. Aí ele acordou gritando de dor. Pensaram que estava nervoso, explicaram que isso acontecia perto de operação, deram-lhe um sedativo, ele dormiu de novo. Quando acordou, olhou logo para o pé. Surpreso: o pé estava branco e de tamanho natural. Chamou os médicos. Vieram os nove. E não souberam explicar. Era um enigma, como Sveglia, e os nove médicos viram que não havia mais motivo de operação. Ele voltou para casa. Só que, para que se lembre sempre, não pode se apoiar nesse pé: este fraqueja. Era a marca do cavalo branco, da vela apagada, do Sveglia. Os médicos continuaram sem explicação. "Pero que las hay, las hay." (Não sei se se escreve assim, e se digo isto é porque faço jogo limpo, aberto e sem subterfúgios.)

A esse homem aconteceu mais uma coisa. Sua mulher, na mesa do jantar, começou a sentir fortes dores nos intestinos, a ponto de insuportáveis. (sic) Interrompeu o jantar e foi deitar-se. O marido, preocupadíssimo, foi vê-la. Estava branca como papel branco. Tomou-lhe o pulso. Não havia. O único sinal de vida é que sua testa perlava de suor, como se diz. E o coração não batia. Ela imóvel, de olhos fechados. O homem chamou os médicos. Eles disseram que talvez fosse caso de catalepsia. Ele não se conformou. Descobriu-lhe a barriga e, esquecendo toda a sua sapiência de médico, fez sobre ela movimentos simples - como a dona do Sveglia fez com este quando parou - movimentos que ele não sabia explicar.

E a mulher abriu os olhos.

Em saúde perfeita. E está viva, continua bem, que Deus assim a conserve.

Mas que isso tem a ver com Sveglia, tem sim. Não sei

1972 (CONT.)

como. Mas que tem, tem. E o cavalo branco do Campo de Santana, que é praça de passarinhos, pombos e quatis? Todo paramentado, com enfeites de prata, de crina alta e altiva. Correndo com um movimento ágil, embora sem nenhuma pressa. Não quero nunca apagar vela de macumba. Estou em perfeita saúde física e mental. Mas uma noite eu estava dormindo profundamente e uma pessoa que dormia no mesmo quarto me ouviu dizer bem alto: eu quero um filho!

Maria Betania é Sveglia. Fauzy Arap é. Um homem que conheço é: entende tudo, mas tudo mesmo. Eu não sei compreender com a cabeça o que ele fala, só com o coração. Um outro que conheço bebe muito, está se autodestruindo: só Sveglia o salvaria.

Apesar de não dormir, Sveglia ainda deixa dormir. E deixa sonhar. Não é por bondade dele. É por desprezo, é superioridade.

Eu creio no Sveglia. Ele não crê em mim. Acha que minto muito. E minto mesmo. Na Terra se mente muito. Outro que é Sveglia e do qual estou me lembrando é o físico Mário Schemberg. Eu passei cinco anos sem me gripar: isso é Sveglia. E quando me gripei, durou dois dias. Depois ficou uma tosse seca. Mas o médico me receitou antibiótico e curei. Antibiótico é Sveglia.

Este é um relatório. Sveglia não admite conto, ou romance, ou poesia. Mal admite que chame isto de relatório. Faço o possível para escrever um relatório, seco como champanha ultra-seco. Mas às vezes, me desculpe, Sveglia, fica molhado. O telefone é Sveglia. Já a televisão é molhadíssima. Uma coisa Sveglia é de prata de lei. Ouro já é molhado. Poderia eu falar em diamante em relação à Sveglia?

Sveglia não tem na verdade um nome: conserva o anonimato cósmico. Aliás, Sveglia é burro. Vou agora dizer uma coisa muito grave que vai parecer heresia: Deus é burro. Não tem inteligenciazinhas. Vai reto em frente. É verdade que é de uma burrice que não podemos sequer atingir nem com a imaginação, de tão bela ela é. Mas Ele comete. Basta vermos a nós, seus seres errados e o modo como nos organizamos em sociedade e intrinsecamente. Mas um erro Ele não comete: Ele não morre. (Continua no próximo sábado).

1972 (CONT.)

2 set

Um anticonto (conclusão)

Objecto (sic)

Por enquanto não vi o Sveglia. Talvez seja molhado vê-lo. Sei tudo a respeito dele mas parece que a dona não quer que o veja? Tem ciúme. Ciúme chega a pingar de tão molhado. Aliás, a Terra é molhada de sentimentos, quando o que faltam são os atos. O galo é Sveglia. O ovo, então, é puro Sveglia. Mas o ovo inteiro, completo, branco, de casca seca, todo oval. Por dentro é vida molhada. Gema é molhadíssima. Mas comer gema crua é Sveglia.

Suécia é Portugal, não. Israel é. Água, apesar de ser molhada por excelência, é. Escrever é. Mas estilo não é. Ter seios é, e barriga também. O órgão reprodutor masculino é.

E por incrível que pareça, Coca-Cola é, enquanto Pepsi-Cola nunca foi. Estou fazendo propaganda de graça? Isto está errado ouviu Coca-Cola?

Seu fiel é. O ato do amor é terrivelmente abstrato, portanto é.

Enjoei de cigarro mentolado e passei para o Carlton. Carlton é seco, é tabaco, é áspero. Não me incomodo de fazer propaganda de graça de Carlton. Mas de Coca-Cola não perdão.

E com este relatório eu quero que me paguem. E me paguem muito bem.

A dança espanhola é. Acho que vou acabar. Mas não sei o que fazer. Ah, vou me vestir.

Até nunca mais, Sveglia. As ondas brancas do mar na praia, elas são. O cheiro do mar mistura masculino com feminino e vira um e único.

A dona do relógio - na verdade ele é que é dono dela - disse que ele tem uns furinhos pretos por onde sai o som. O disco exterior é prateado, quase sem cor, como acontece com o aço.

Stravinski é. Quarteto é muitíssimo mais do que sinfonia. Flauta é. Violino, quando tocado sem estridência, é.

Sveglia, já tentei me despedir e você não deixou. Quando, afinal quando é que você me deixará em paz? Não vai me perseguir por toda a minha vida, vai? Já te odeio. Já queria poder escrever uma história, pouco importa se

1972 (CONT.)

Sveglia ou não. Qual vai ser o meu futuro literário? Desconfio que não escreverei mais. Ou talvez - só talvez - escreva. O que porém hei de escrever, meu Deus?

O mais formidável do Sveglia, comigo, eu não quero contar. Envolve outra pessoa, e mais outras.

E agora vou definitivamente terminar este relatório-mistério. Acontece que meu mecanismo está muito cansado. Vou sair com Maria Bonomi (ela é). Usarei um perfume que é segredo meu. Só digo uma coisa dele: é agreste, um pouco áspero, muito misterioso, com uma grande doçura escondida, ocultamente Sveglia.

Sveglia, fique sabendo que eu não sei explicar o que escrevi. Sei que quero dizer alguma coisa muito importante, mas não sei qual é: Deixo-te e a mim em mistério. Sei que o que escrevi não é "bonito".

E agora adeus, Sveglia. Adeus para nunca sempre. Você me matou. Eu morri. E agora - agora adeus.

16 set

Psicanálise e psicoterapia

Como Psiquiatria interessa a todo mundo, resolvi há tempos entrevistar um às no assunto para uma revista e não sei por que terminou não sendo publicada: prof. Cincinato Magalhães de Freitas. Ele é docente-livre da Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, diretor do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, membro da Associação Mundial de Psiquiatria, ex-presidente da Associação Psiquiátrica do Rio de Janeiro. É, portanto, mais do que credenciado.

O que pode à Psiquiatria fazer hoje por um homem mentalmente doente? - perguntei-lhe.

- Muito. Sem força de expressão, podemos afirmar que nenhuma outra especialidade médica cura mais do que a Psiquiatria. Ah, se a ética permitisse, quantos nomes ilustres e notáveis poderíamos apontar e que se curaram com tratamento psiquiátrico!

- Qual a diferença básica entre a Psiquiatria e Psicanálise?

- Parece-me que a jornalista pretende uma definição de minha parte, quando, ao formular a pergunta, de certo modo encampa a crença de ser a Psicanálise adversária da

1972 (CONT.)

Psiquiatria. Não sou psicanalista, sou apenas psiquiatra. Tenho em face da Psicanálise posição definida. A sua contribuição para o progresso da Psiquiatria é inegável. Como terapêutica tem indicações precisas. As suas limitações, contudo, são grandes. No terreno da pesquisa, e a psicoterapia de grupo, tentativa técnica que visa atingir maior massa de clientes e parece abrir novas perspectivas. A Psicanálise ou Psicoterapia Analítica é um método terapêutico. Os psicanalistas são exclusivistas. Todos os demais métodos de tratamento situam-se no campo da Psiquiatria. Psiquiatras e psicanalistas mais experimentados entendem-se muito bem. Alguns ainda muito jovens é que julgam a Psicanálise onipotente. A maior restrição que se faz à Psicanálise reside na impossibilidade de atingir a grande massa de doentes. Tratamento caro e de longa duração reserva-se exclusivamente a uma pequena elite privilegiada. Não se pode conceber tal procedimento em Medicina. Urge, pois, uma revisão da técnica no sentido de encurtar o tratamento que é, sem dúvida, válido e, desta forma, tornar-se acessível a maior número de pacientes.

- O Senhor manda alguns de seus pacientes para um analista?

- Mando. A quase todos os analistas do Rio, pelo menos os mais conhecidos, tenho enviado pacientes: não só após debelada a fase aguda de certas doenças, como também casos cuja terapêutica é essencialmente analítica. Devo acrescentar que, em contrapartida, recebo muitos pacientes enviados por analistas para tratamento psiquiátrico.

- Quais são os casos para a análise e quais os casos para Psiquiatria?

- São indicados para a análise os casos clínicos que exigem tratamento psicoterápico e que a Psicoterapia comum de reassuramento, de esclarecimento, de apoio, etc., não é suficiente para levar o paciente à cura. Há, nestes casos, necessidade de maior profundidade da técnica, competência dos psicanalistas. Os demais casos exigem tratamento psiquiátrico propriamente dito, ressaltando-se que Psicoterapia Analítica não deixa de ser terapêutica psiquiátrica.

- Uma pessoa dada como mentalmente curada pode ter recidiva da moléstia? E em que casos?

1972 (CONT.)

- Não se pode afirmar num caso concreto que, depois de completamente curado, haja a fatalidade da recidiva, até mesmo em doenças, por exemplo, como a psicose maniaco-depressiva, tida como caracteristicamente recidivante, doentes há que sofreram apenas um surto durante toda a existência. Mas só as doenças imunizantes oferecem esta garantia, sem fugir a exceções, embora raras.

- A Psiquiatria pode curar definitivamente?

- O conceito de recuperação em Psiquiatria difere do conceito de cura das demais doenças. Afinal, qual o limite exato entre o normal e o anormal? Considera-se recuperação em Psiquiatria todo aquele que se torna capaz de retomar suas atividades anteriores à doença. E isto é obtido, na maioria das vezes, definitivamente. Há também a cura parcial, quando o paciente, embora não reassumindo totalmente a sua capacidade o faz em parte, mas de um modo susceptível de prover a sua existência.

- Que é que o senhor acha dos métodos assistenciais psiquiátricos em prática nos hospitais públicos do Brasil?

- Muito aquém dos países desenvolvidos. Entre estes, para citar apenas um, a Inglaterra - defrontando-se com o aumento progressivo das internações, e consequentes superlotação dos hospitais - iniciou uma reforma baseada na terapêutica comunitária, transformando o hospital em verdadeiro instrumento de tratamento, com a adoção da terapêutica no seio da própria família, a instalação de numerosas clínicas externas, e hospital-dia, o hospital-noite, às oficinas protegidas, um bom serviço social psiquiátrico, a criação de leitos psiquiátricos em hospitais gerais. Tudo isso acabou com a superlotação, os hospitais passaram a dispor de vagas à vontade e, em alguns lugares, a tendência é fechar hospitais por se tornarem desnecessários. No decurso do tratamento psiquiátrico, o hospital já não é uma etapa indispensável em muitos casos e, quem sabe se em futuro não muito remoto, se transforme em museu ou tenha outro destino. No Brasil, apesar dos esforços de todas as direções do Serviço Nacional de Doenças Mentais, a assistência psiquiátrica é bem indicativa do país subdesenvolvido, mesmo porque a grande ênfase da política sanitária brasileira, no que toca pelo menos ao vulto das verbas, é dada às endemias rurais e o próprio Ministério da Saúde que

1972 (CONT.)

só se acha empenhado na luta contra os transmissores. Em outras palavras, luta contra os mosquitos e, no dizer de Stanislaw Ponte Preta, "estamos perdendo a batalha". O problema de saúde mental, nos países desenvolvidos, é problema número um de Saúde Pública e diz respeito às relações do homem com o lar, com o trabalho e com a sociedade.

23 set

A mágoa mortal

DM

Estilo

Já foi dito que só quem não tem estilo tem verdadeiro estilo. Seria melhor dizer que não ser maneiroso é a primeira condição do estilo. Assim como os teólogos afirmam que o que todo homem pode fazer para obter de si mesmo a santidade positiva é o evitamento negativo dos obstáculos do pecado, assim o estilo, a santidade da arte, somente pode surgir no artista cujos caminhos sejam purgados, pelo menos à hora da criação efetiva, de todos os maneirismos, excentricidade e outras ofuscações egoístas da vida exterior. (Coventry Patmore)

A rosa branca

DM

30 set

A festa do termômetro quebrado

DM

De Vila Isabel para o Brasil

DM

7 out

Brasília de ontem e de hoje

DM

14 out

Vergonha de viver

DM

21 out

Preguiça

DM

28 out

Scliar em Cabo Frio

Passei um fim de semana inesquecível em Cabo Frio, hospedada por Scliar que pintou dois retratos meus. O sobrado de Scliar é uma beleza mesmo.

Cabo Frio inspira Scliar. Perguntei-lhe sobre tanta criatividade. Resposta:

- Acho que viver é um ato criativo. Tento fazer tudo

1972 (CONT.)

aquilo que eu gosto e tento descobrir tudo aquilo que me inquieta. Creio que em Cabo Frio tenho essa possibilidade de concentração que me permite descobrir o fio da meada. Aí é só trabalhar. Não entendo viver sem trabalhar. A coisa que eu acho mais importante na vida de qualquer pessoa é descobrir naquilo que gostaria de trabalhar.

Scliar tem três cães e brinquei com amor com eles. Todo o mundo em Cabo Frio conhece a casa de Scliar. Verifiquei isso quando de manhã bem cedo fui comprar o JORNAL DO BRASIL, eu que não consigo começar o dia sem ler este jornal. Mas me perdi pois sou muito desorientada. Eu pedia informações à medida que de novo me perdia - e todos sabiam onde Scliar morava. Visitei José do Dome que me deu um quadro lindo e me trouxe selvagens pitangas. Scliar fez, antes de pintar, vários desenhos de meu rosto. Conte-lhe de quando posei para De Chirico. Ele disse que aparentemente é fácil me pintar: basta por maçãs salientes, olhos um pouco oblíquos e lábios cheios: sou caricaturável. Mas a expressão é difícil de pegar. Scliar retrucou: todo quadro é difícil.

- Quando começou a pintar?

- Desde que me conheço, desenho e pinto. Cabo Frio no inverno é tranquilo e me permite horas de solidão voluntária. São nessas horas que trabalho. Vai-se tecendo um processo aparentemente racional. As duas coisas são contraditórias, mas que elas existem, existem e entrelaçadas. Aproveito essas horas para desencadear o tempo prático de trabalho, sempre acotovelado às horas de lazer em que escuto música e leio.

De repente tocou o telefone e Scliar foi atender. E por incrível que pareça, o telefonema vinha da Espanha. Barcelona, e era do Farnese com quem Scliar falou muito tempo.

- Que é que você sente quanto pinta? Fica alvoroçado como eu quando escrevo um livro?

- Eu nem sei bem, porque o processo é tão diferente para cada quadro. Muitas vezes o quadro, apesar do desenho já estar estruturado, o quadro me parece estranho até desencadear-se. E isso começa pela descoberta de certos relacionamentos entre as cores, por um plano num tom definido que orienta a proposição num sentido diverso daquele inicialmente proposto. Outras vezes é um gesto que arma um

1972 (CONT.)

valor, uma vibração não prevista. Ou uma observação através da vista de uma janela que me traz a cor de um barco que passa. Que sei eu. Tudo vale e o resultado final é que conta.

Quase esqueci de João Henrique que tem cor de verde e que me deu a dama da noite para perfumar minhas noites. Ele é maravilhoso e vende muito bem. Sempre gostei mais de homens e filhos homens. João Henrique é muito homem. Não fosse ele muito homem. José do Dome gosta muito de amarelo.

Há também Dalila e Mercedes que cozinham muito bem. Mercedes está com Scliar há 12 anos e ele a chama de mãe. Dalila faz um macarrão com palmito que eu vou te contar. Mercedes tem os cabelos inteiramente brancos e beija Scliar.

- Você gosta de natureza morta, isso eu sei porque já vi as mais fantásticas.

- Como de tudo o mais que eu pinto. Talvez elas me permitam maior liberdade para sua organização e posterior destruição dessas procissões que vi e modificando até sua armadura de maneira que me surpreenda. É quando o trabalho realmente começa.

- Fale do silêncio de sua casa e do que ela lhe dá.

- Acho que o meu silêncio é estar cercado de todos os ruídos de som que eu gosto e que permitem o clima que eu busco para meu trabalho. Acho que a vida é tão rica e inesperada que todo instante preciso estar aberto ao que me rodeia para, se possível, não perder nada. Estás escutando esse ruído que vem da cozinha ou do rapaz que lá em cima mudou o vidro quebrado? São sinais vivos que provam que também o estamos. Acho isso importante para o meu trabalho que tento refletir numa permanente reflexão e integração com tudo o que acontece e me chega. Acho a vida uma coisa simples. Mas a dificuldade é transmiti-la. Quando gostamos das pessoas e para elas trabalhamos estabelecemos uma relação da qual nem sempre temos imediata consciência que é essencial.

Quanto aos mutantes, conversando a respeito deles, Scliar disse:

- É o meu trabalho continuando. Finalmente o que procuramos em cada trabalho senão essa possibilidade de ele se renovar permanentemente. Claro que isso acontece em

1972 (CONT.)

cada pessoa nova que o observa e descobre. Feliz o trabalho que se renova constantemente para a mesma pessoa. Todo trabalho deve conter essa possibilidade de um permanente desdobrar-se. Meus instantes são jogos de três ou mais quadros, cada um com seu próprio equilíbrio, capaz de reestruturar-se em comunhão com os outros. Como cada quadro contém suas próprias proposições, eu multiplico essas descobertas em cada mutação proposta. Você vê, é o mesmo problema inicial ampliado.

- Você trabalha todos os dias?

- Sim, mesmo quando não trabalho.

4 nov

O silêncio dos portais

Na pintura de Gastão Manoel Henrique a surpresa de ver que ele começa por não recer inclusive a simetria. É preciso experiência ou coragem para revalorização, quando facilmente se pode imitar o "falso assimétrico", uma das originalidades mais comuns. A simetria de Gastão Manoel Henrique é concentrada, conseguida. Mas não dogmática. É também hesitante, como a dos que passaram pela esperança de que duas assimetrias encontrar-se-ão na simetria. Esta como solução terceira: a síntese. Daí talvez o ar despojado, a delicadeza de coisa vivida e depois revivida, e não um certo arrojo dos que não sabem. Não é propriamente tranquilidade o que está ali.

Há uma dura luta de coisa que apesar de corroída se mantém de pé, e nas cores mais densas há uma lividez daquilo que mesmo torto está de pé. Suas cruces são entortadas por séculos de mortificação. São altares? Pelo menos o silêncio de altar. O silêncio de portais. O esverdeamento toma um tom do que estivesse entre a vida e morte, uma intensidade de crepúsculo.

Há bronze velho nas cores quietas e aço: e tudo ampliado por um silêncio de coisas encontradas na estrada. Sentem-se longa estrada e poeira antes de chegar ao pouso do quadro de algum modo este é um pouco, enfim, e recebe. Mesmo que os portais de Gastão Manoel Henrique não se abram. Ou já é igreja e portal da igreja e diante dele já se chegou?

Ainda há em Gastão Manoel Henrique a luta para não transpô-lo. E em nenhum quadro está dito igreja. São muros

1972 (CONT.)

de um Cristo que está ausente, mas os muros estão ali, e tudo e tocável, as mãos também a olham. Gastão Manoel Henrique cria o material antes de pintá-lo, e a madeira torna-se tão imprescindível para a sua pintura como o seria para um escultor de madeira. E o material criado é religioso: tem o peso de vigas de convento. É compacto, fechado como uma porta fechada. Mas nele foram esfoladas aberturas, rasgadas quase por unhas. E é através dessas brechas que se vê o que está dentro de uma síntese. Cor coagulada, violência, martírio são as vigas que sustentam o silêncio de uma simetria religiosa.

Espelhos de Vera Mindlin

O que é um espelho? Não existe a palavra espelho, só espelhos, pois um único é uma infinidade de espelhos. Em algum lugar do mundo deve haver uma mina de espelhos? Não são precisos muitos para se ter a mina faiscante e sonambúlica: bastam dois, e um reflete o reflexo do que o outro refletiu, num tremor que se transmite em mensagem intensa e insistente ad infinitum, liquidez em que se pode mergulhar a mão fascinada e retirá-la escorrendo de reflexos dessa dura água. O que é um espelho? Como a bola de cristal dos videntes, ele me arrasta para o vazio que no vidente é o seu campo de meditação, e em mim o campo de silêncios e silêncios.

Esse vazio cristalizado que tem dentro de si espaço para se ir para sempre em frente sem parar: pois espelho é o espaço mais fundo que existe. E é coisa mágica: quem tem um pedaço quebrado já poderia ir com ele meditar no deserto. De onde também voltaria vazio, iluminado e translúcido, e com o mesmo silêncio vibrante de um espelho. A sua forma não importa: nenhuma forma consegue circunscrevê-lo e alterá-lo, não existe espelho quadrangular ou circular: um pedaço mínimo é sempre o espelho todo: tire-se a sua moldura e ele cresce assim como águas se derrama. O que é um espelho? É o único material inventado que é natural.

Quem olha um espelho conseguindo ao mesmo tempo insensação de si mesmo, quem consegue vê-lo sem se ver, quem entende que a sua profundidade é ele ser vazio, quem caminha para dentro de seu espaço transparente sem deixar nele o vestígio da própria imagem - então percebeu o seu misté-

1972 (CONT.)

rio. Para isso há de se surpreendê-lo sozinho, quando pendurado num quarto vazio, sem esquecer que a mais tênue agulha diante dele poderia transformá-lo em simples imagem de uma agulha.

Vera Mindlin deve ter precisado de sua própria delicadeza para não atravessá-lo com a própria imagem, pois, espelho em que eu me veja sou eu, mas espelho vazio é que é o espelho vivo. Só uma pessoa muito delicada pode entrar no quarto vazio onde há um espelho vazio, e com tal leveza, com tal ausência de si mesma, que a imagem não marca. Como prêmio, essa pessoa delicada terá então penetrado num dos segredos invioláveis das coisas: viu o espelho propriamente dito.

E descobriu os enormes espaços gelados que ele tem em si, apenas interrompidos por um ou outro alto bloco de gelo. Em outro instante, este muito raro - e é preciso ficar de espreita dias e noites, em jejum de si mesmo, para poder captar esse instante - nesse instante conseguiu surpreender a sucessão de escuridões que há dentro dele. Depois, apenas com preto e branco. Vera recapturou sua luminosidade arco-irisada e trêmula. Com o mesmo preto e branco recapturou também, num arrepio de frio, uma de suas verdades mais difíceis: o seu gélido silêncio sem cor. É preciso entender a violenta ausência de cor de um espelho para poder recriá-lo, assim como se recriasse a violenta ausência de gosto da água.

11 nov

Dois meninos

DM

Romance

DM

18 nov

Escrever

DM

Prazer no trabalho

DM

Horas para gastar

DM

Quebrar os hábitos

DM

De "O Profeta"

(Khalil Gibran)

E uma mulher que trazia ao colo uma criança

Pedi: "Fala-nos das crianças."

E ele disse:

"Vossos filhos não são vossos filhos:

1972 (CONT.)

São os filhos e filhas da saudade que a vida sente de si mesma

Vêm por meio de vós, mas não de vós,

E ainda que estejam convosco, não vos pertencem.

Podeis dar-lhes o vosso amor, não o vosso pensamento,

Pois eles têm o seu próprio pensar.

Podeis dar agasalho aos seus corpos, não porêm às suas almas,

Porque as suas almas se vão acolher num amanhã que não podeis visitar nem mesmo em sonhos.

Podeis desejar ser como eles, mas não tentar fazê-los parecidos convosco.

Porque a vida não retrocede nem se detém no dia de ontem."

(Tradução de Manuel Bandeira)

25 nov

Comer gato por lebre

DM

O que é angústia

DM

Lavosier explicou melhor

DM

2 dez

Os obedientes - I

DM

(NP: Na DM, p.695, o título é: Os obedientes (I))

9 dez

Os obedientes (conclusão)

DM

16 dez

"Desculpem, mas não sou profundo"

DM

23 dez

Anunciação

(Vide JB e DM 21 dez 1968)

Alegria

(Vide "Ele seria alegre", JB e DM 21 dez 1968)

São José

(Vide "A humildade de São José", JB e DM 21 dez 1968)

Meu natal

(Vide JB e DM 21 dez 1968)

(NP: Estes módulos estão repetidos no JB. Na DM aparecem apenas quando da primeira publicação)

30 dez

Diante do que é grande demais

1972 (CONT.)

(Vide "Se eu fosse eu", JB e DM 30 nov 1968)

(NP: Este módulo está repetido no JB. Na DM aparece apenas a primeira publicação)

1973

Recebi de um leitor, João Bosco de Araújo, uma página com o título de Declaração de votos. A mensagem que me enviou foi lavrada no 3º Ofício de Notas, de Belo Horizonte: Cartório Triginelli. Assim autenticada, segue-se a declaração de João:

"Declaro, para os devidos efeitos, que, baseado em inumeráveis artigos e respectivos parágrafos da Constituição (irrevogável) de nossa amizade, desejo-lhe neste fim de ano:

Um Natal cheio de sinos interiores repicando em suas prestações. Uma passagem de ano que encontre você sorrindo para os seus e ao mundo. E um ano novo, como direi? por exemplo, desejo que você acerte na Loteria Esportiva. Não receba visitas na hora da novela, nem pague excesso de telefonemas. Vã a Londres, Paris, e, se der pé, ao Mineirão. Veja diversos banguês-banguês. Pague um sorvete para o pobre comprar um sorriso. Consiga ver um disco voador, descubra nova fração da verdade e outra marca de vinho. Contribua para que o Brasil chegue a campeão mundial de transigência. Guarde umas piadas de Nenem Prancha e umas frase de Hugo Bidet para me contar num dia desses. Vibre com a posse do seu vereador. Encontre na esquina, no jardim, na igreja, na simplicidade, no amigo, no detalhe, no livro, na surpresa, no amor, na mágica, aquilo que você procura. Esteja em sintonia com seu sonho, tentando construir seus dias com pedaços de luz. E suba diariamente na vida, melhor dizendo, procure sempre o horizonte mais alto para enxergar mais longe, melhor compreender e mais depressa perdoar. Exercite seu dom de pressentir a próxima chuva, a próxima alegria, o próximo espanto, o próximo encontro, a próxima estação, o próximo fenômeno, a próxima palavra, o próximo minuto, a próxima fase, na antevisão de sua gradativa e harmoniosa integração no seio do universo. Assovie debaixo do chuveiro um sambinha do último festival. Reze pelas almas dos jovens sacrificados na guerra por causa do egoísmo dos velhos. E entenda os jovens de Woodstock que estão morrendo drogados e marginais, por repelirem as men-

1972/1973

tiras dos velhos. Compre um canário no mercado, aquela camisa envenenada de Lui e aquele sapato do Guido. Não precisa bater ponto, reconhecer firma e frequentar a burocracia. Consiga que seu diálogo com o sol e o mar fale a brisa. Veja as coisas de tal forma e com tal intensidade que acabe saindo de dentro de sua casca para abraçar as criaturas e falar com elas. Mande tirar aquele grilo na porta do carro. Repare que nossa amizade precisa atravessar 1973 incorporando renovadas motivações a fim de podermos sentir melhor o cheiro de novos e muitos Natais.

Estando, pois, certo e declarado quase nada de tudo o que tenho a dizer-lhe, não aproveitarei o ensejo para apresentar saudações convencionais, em respeito à ocasião muito particular.

Belô, Mundo, nas proximidades do fim do ano sem-graça de 1972."

E a assinatura: "João Bosco de Araújo Moreira, seu fã e leitor."

Desejo a você, João, tanta coisa boa nos próximos anos que nem sei dizer. Levei a sério, mais do que seus votos, os conselhos implícitos na Declaração. E mais: considere estas minhas palavras autenticadas num cartório, 3º Ofício de Notas.

1973

6 jan

Uma tarde plena

O saguim é tão pequeno como um rato, e da mesma cor.

A mulher, depois de se sentar no ônibus e de lançar uma tranqüila vista de proprietária pelos bancos, engoliu um grito: ao seu lado, na mão de um homem gordo, estava aquilo que parecia um rato inquieto e que na verdade era um vivíssimo saguim. Os primeiros momentos da mulher versus saguim foram gastos em procurar sentir que não se tratava de um rato disfarçado.

Quando isso foi conseguido, começaram momentos deliciosos e intensos: a observação do bicho. O ônibus intei-

1973 (CONT.)

ro, aliás, não fazia outra coisa.

Mas era privilégio da mulher estar ao lado do personagem principal. De onde estava podia, por exemplo, reparar na minimeza que é uma língua de saguim: um risco de lápis vermelho.

E havia os dentes também: quase que se poderiam contar cerca de milhares de dentes dentro do risco da boca, e cada lasca menor que a outra, e mais branca. O saguim não fechou a boca um instante.

Os olhos eram redondos, hipertireóidicos, combinando com um ligeira prognatismo - e essa mistura, se lhe dava um ar estranhamente impudico, formava uma cara meio oferecida de menino de rua, desses que estão permanentemente resfriados e que ao mesmo tempo chupam bala e fungam o nariz.

Quando o saguim deu um pulo no colo da senhora, esta conteve um frisson, e o prazer encabulado de quem foi eleita.

Mas os passageiros olharam-na com simpatia, aprovando o acontecimento e, um pouco ruborizada, ela aceitou ser a tímida favorita. Não o acariciou porque não sabia se esse era o gesto a ser feito.

E nem o bicho sofria a mínima de carinho. Na verdade o seu dono, o homem gordo, tinha por ele um amor sólido e severo, de pai para filho, de dono para mulher. Era um homem que, sem um sorriso, tinha o chamado coração de ouro. A expressão de seu rosto era até trágica, como se ele tivesse missão Missão de amar? O saguim era o seu cachorro na vida.

O ônibus, na brisa, como embandeirado, avançava. O saguim comeu um biscoito. O saguim caçou rapidamente a redonda orelha com a perna fina de trás. O saguim guinchou. Pendurou-se na janela, e espiou o mais depressa que podia - despertando nos ônibus opostos caras que se espantavam e que não tinham tempo de averiguar se tinham mesmo visto o que tinham visto.

Enquanto isso, perto da senhora, uma outra senhora contou a outra senhora que tinha um gato. Quem tinha poses de amor, contou.

Foi nesse ambiente de família feliz que um caminhão quis passar à frente do ônibus, houve quase encontro fatal, os gritos. Todos saltaram depressa. A senhora, atra-

1973 (CONT.)

sada, com hora marcada, tomou um táxi.

Só no táxi lembrou-se de novo do saguim.

E lamentou com um sorriso sem graça que - sendo os dias que correm tão cheios de notícias nos jornais e com tão poucas para ela - tivessem os acontecimentos se distribuído tão mal a ponto de um saguim e um quase desastre sucederem na mesma hora.

"Aposto" - pensou - "que nada mais me acontecerá durante muito tempo, aposto que agora vou entrar no tempo das vacas magras." Que eram em geral seu tempo.

Mas nesse mesmo dia aconteceram outras coisas. Todas até que dentro da categoria de bens declaráveis. Só que não eram comunicáveis. Essa mulher era, aliás, um pouco silenciosa para si mesma e não se entendia muito bem consigo própria.

Mas assim é. E jamais se soube de um saguim que tenha deixado de nascer, viver e morrer - só por não se entender ou não ser entendido.

De qualquer modo fora uma tarde embandeirada.

Bilhete a Érico Veríssimo

Não concordo com você que disse:

"Desculpem, mas não sou profundo."

Você é profundamente humano - e que mais se pode querer de uma pessoa? Você tem grandeza de espírito.

Um beijo para você, Érico.

13 jan

Minha máquina escrevendo automaticamente

(Vide "Ao correr da máquina", JB e DM 20 set 1969)

À procura do livro

(Vide "O livro desconhecido", JB e DM 20 set 1969)

O gerente

(Vide "O erudito", JB e DM 20 set 1969)

(NP: Estes módulos aparecem repetidos no JB. Na DM transcreve-se apenas a primeira publicação)

20 jan

Desmaterialização da catedral

DM

Ao que leva o amor

DM

O alistamento

DM

Domingo

(Vide "Domingo de tarde", JB e DM 27 nov 1971)

1973 (CONT.)

(NP: Este módulo aparece repetido no JB. Na DM transcreve-se apenas a primeira publicação)

- Submissão ao processo DM
- 27 jan
Quase briga entre amigos DM
- 3 fev
Um caso para Néilson Rodrigues DM
- 10 fev
Arte, artesanato, insatisfação

Sinto amizade por Fayga Ostrower mas raramente nos vemos. Daquela vez acho que a procurei porque andava em fase de seca para escrever e sabia que algum ânimo me viria dela, mesmo que fosse para eu aceitar com tranquilidade nunca mais escrever. Realmente saí de sua casa mais plena e mais calma.

Gostei de tantas coisas que ela me disse. Falei pouco, ouvi muito. Achei belo, por exemplo, ela me dizer que é uma intelectual e que tem talento didático, mas na hora do trabalho esquece as teorias e começa da estaca zero. Eu que vivo na estaca zero, e não tenho talento didático. Mas Fayga me disse que quanto mais se sabe, mais se volta a raízes que nem se sabia que se tinha. Contou-me que se transformara: fora francamente para a cor, e isso implicava uma reestruturação do próprio trabalho.

Eu quis saber se ela, ao começar um trabalho, já sabia o que ia fazer, pois eu não sei. Mas respondeu melhor do que um simples "não sei". Disse: "sei e não sei; obviamente tenho que ter uma idéia mesmo inconsciente, como bússola, se não como é que eu saberia se estava acertando e em relação a quê?"

Mas de novo nos encontramos em outro aspecto do trabalho: Fayga disse que no decorrer da tarefa podem acontecer coisas que mudem inteiramente o rumo desse trabalho, e são as chamadas descobertas. Ela me disse com um sorriso que lhe adoçou o rosto todo - ela não sorri muito - "cada vez o trabalho me parece mais milagroso."

Nesses últimos anos Fayga começou a experimentar certos problemas técnicos que abriram milhares de outros problemas, como o de ligar a cor com a própria luminosidade

1973 (CONT.)

da cor.

Durante meses preparara o Itamarati, em Brasília, uma série de sete gravuras verticais que eram interligadas horizontalmente - e para escolher essas sete, na época em que estive com ela, já fizera 80 experiências. Admirei-a, primeiro, não consigo escrever sob encomenda, a menos que seja trabalho estritamente jornalístico; segundo, logo que inicio o trabalho a base desconhecida está ali, e não sei reformular, sei é copiar tantas vezes que o sentido se esclareça a mim mesma.

Tive o gosto de ver uma de suas possíveis escolhas dos sete, e formam uma diáfana música de luminosidade. As cores são claras mas muito intensas. Quando começou a trabalhar sabia apenas que iria do laranja ao vermelho, sobretudo por causa do tipo de luz de Brasília.

Lembrei-me de que há anos ela me dera um quadro que representa uma mãe segurando o filho no colo. E me dá a impressão de uma simbiose perfeita: "tem a forma geral de um ovo", expliquei para Fayga. E acrescentei: você toca neste quadro numa verdade porque, quando grávida, a mulher é um ovo completo. Fayga riu com um riso límpido. Eu disse: mas quando você reviu o quadro na minha casa, pareceu renegá-lo. Ela disse que no momento não estava figurativo, era uma fase que passara. Mas que aquela fase de figurativo tinha sido muito boa e autêntica, e que não a renegava. Ela até hoje tem paixão por Cézanne.

Conversando, tive um desânimo em relação à utilidade da arte, do modo como vivemos. A arte não preenche a carência em que estamos. Mas Fayga disse: creio que não é útil como o pão, mas tem utilidade específica. Quando se pensa que as pessoas vão ver quadros, ler livros, ouvir música, vê-se que não é por curiosidade: é que a obra de arte está ligada ao homem e este a sente como o homem de amanhã.

Fayga teve uma experiência rara: foi contratada para ensinar arte aos operários de uma fábrica, operários que nem tinham bem o que comer. E viu que a arte toca mesmo numa corda de sensibilidade que é espiritualmente e vitalmente necessária. Um dos operários lhe disse: a senhora sabe, homens como Leonardo da Vinci nunca deveriam morrer. Outro operário disse que tinha em casa um tio velho que

1973 (CONT.)

quase não enxergava mais, mas quando era moço "gostava de coisas bonitas". O sobrinho transmitia ao tio todas as aulas que Fayga dava. E seu tio lhe disse: "Luís, o que essa moça fala não é só para você, é para transmitir para seus filhos." Então Fayga me disse: "você vê, a arte não é problema de erudição nem de intelecto mas uma procura de se viver o mais plenamente possível."

17 fev

Carência do poder criador

DM

O grupo

DM

24 fev

O primeiro livro de cada uma de minhas vidas

DM

3 mar

Dar os verdadeiros nomes

DM

Trecho

DM

Mário Cravo

Quando estive em Salvador entrevistei Mário Cravo, um dos nossos grandes escultores. Perguntei-lhe: como é que você descobriu em si mesmo o artista, e, particularmente, o escultor? Ele respondeu:

- Eu terei que resumir primeiro a fase inicial e fundamental da descoberta da vocação, o que abrange uma média de cinco a oito anos. Essa fase de procura determinou as linhas básicas do temperamento e da maneira de ser. Esse ciclo fornece subsídios para a segunda fase, mais intensa e ativa, já compromissada profissionalmente. Mais outros 10 anos, esse segundo ciclo. Finalmente, o ciclo de definição do estilo como artista, o que ocupa os restantes anos de vida. A resposta está situada em cada uma dessas etapas, porque eu não tenho uma definição ortodoxa do artista. As primeiras experiências foram quando descobri que era capaz de criar, no sentido de fazer dimensionalmente um objeto. Foi uma intensa sensação, porém de duração curta, pois o ato de criar aos poucos foi se dissolvendo na prática cotidiana da profissão. O escultor em mim foi cuidado através da prática sensorial, com materiais primeiro naturais, depois artificiais. Me senti escultor quando descobri um imenso amor pelos materiais e pelas formas. Tenho uma especial necessidade de contato com a matéria que será

1973 (CONT.)

o instrumento de minha comunicação. Entre o escultor e a matéria tem que haver um diálogo, antes que a resultante venha a se transformar em mensagem.

10 mar

Os grandes amigos

DM

17 mar

Darel e a psicanálise

Vi os quadros de Darel. Parece-me que seus sonhos - sonhos mesmo, de quando se dorme - são transportados para a tela. As cidades inexistentes que ele cria e que parecem despovoadas, os seres humanos esmagados pela máquina - e tudo isso na atmosfera penumbrosa do sonho, um realismo que nós reconhecemos como se fosse nosso o sonho. Beleza e pesadelo marcam a obra de Darel. Como se podem unir estas duas palavras - só Darel sabe, porque ele vive os seus sonhos, não como homem irreal, mas como um homem. Quem habita as enormes cidades, senão o próprio Darel que sonha e idealiza? Sonhar e realizar são o ideal de um homem, de uma mulher. Em Darel há uma preocupação com a totalidade do ser humano na sua plenitude. O choque onipotente do indivíduo com a máquina. As cidades escuras onde uma ou outra janela de luz acesa atestam que elas são habitadas. Psicanalisado ou não, trata-se de um grande artista e, tenho que falar no resplandecente mistério de sua obra.

Quanto a Darel, ele próprio, trata-se de um homem moço que irradia a serena alegria dos que se realizam.

Eu sabia que ele tinha sido psicanalisado e que não se incomodava de falar no assunto. Ora, acontece que este assunto interessa a muitos, inclusive a mim. De modo que transmito aqui a nossa conversa a respeito.

Perguntei-lhe por que procurara um analista. Respondeu-me que tinha fortes dores de cabeça e, de um modo geral, sentia todos os seus órgãos afetados. Em suma, era hipocondríaco. Via-se dentro de um grande problema existencial: profunda angústia, por exemplo. Então recorreu a um tratamento analítico.

Depois de um tempo de análise obtive não só novo relacionamento com sua família, mas um relacionamento mais fluente com todas as pessoas e principalmente uma compreensão maior do próprio mecanismo interior.

1973 (CONT.)

Hoje, para mim, a coisa mais importante do mundo é me realizar plenamente como artista. Evidentemente, sem vangoghismo. Quanto ao amor, este tem uma infinidade de gamas. A pessoa que só conhece uma forma de amar tem um conhecimento limitado em relação ao amor.

- O que é que você esperava da análise?

- No fundo, eu esperava uma coisa e encontrei outra. Esperava que o analista resolvesse todos os meus problemas e hoje sinto que posso resolvê-los sozinho.

- Darel, dói muito quando o analista mexe em coisas já doloridas?

- O analista não mexe em coisas doloridas. A pessoa em análise é uma imensa chaga, e apenas o analista reflete, como num espelho, essa imagem que nós desconhecemos.

- A impressão do povo é que a análise trata sobretudo de sexo.

- A pessoa em análise está inteira e, evidentemente, analisa-se também a parte sexual.

- Você imagina que será, depois da análise, uma pessoa pronta a viver ou uma pessoa perfeita?

- Uma análise nunca pára de ser feita. Quando já não se necessita de um analista, a pessoa tem o espírito da análise introjetado e a luta continua com uma diferença: a vida deixa de ser uma aventura incômoda.

- Todas as pessoas deviam fazer análise?

- Não. Existem pessoas com poderes de percepção que resolvem seus problemas sem ajuda de analista.

Darel em seguida falou-me do começo da análise. Relacionava-se malísimamente com todos. Um ano e oito meses depois, a possibilidade de ter afeto ampliou-se. Esse período de desajuste no início da análise pode destruir de forma irremediável certos tipos de relações implantadas com grande dose de conflito, mas a realidade é que ele não sabia viver de outra maneira.

- Você teve medo de, analisando-se, perder seu poder criador?

- Não, porque na verdade parece que é a parte saída de uma pessoa que cria, a despeito de sua neurose.

- Você aconselharia análise para um artista, no sentido de libertá-lo da cruz que quase todos os artistas carregam?

1973 (CONT.)

- O artista não carrega uma cruz. O homem neurótico, artista ou não, sofre mais do que o necessário.

- Você acha, como alguns dizem, que todos os artistas são neuróticos?

- Não.

- O que é ser normal?

- Não creio em padrões de normalidade. Conheço verdadeiros construtores de impérios que, sem a menor dúvida, são grandes neuróticos. Sua pergunta me desconcerta um pouco, porque não sei se realmente a parte sadia de uma pessoa está separada da parte doente, no ato de criação. Acho que não.

24 mar

Um ser livre

(Vide "O artista perfeito", JB e DM 6 set 1969)

(NP: Este módulo está repetido no JB e aparece na DM nas duas publicações)

Hindemith

(Vide JB e DM 6 set 1969)

(NP: Este módulo aparece repetido no JB. Na DM transcreve-se apenas a primeira publicação)

31 mar

Meus símios

Da primeira vez que tivemos em casa um mico foi perto do Ano Novo. Estávamos sem água e sem empregada e o calor rebentara - foi quando, muda de perplexidade, vi o presente entrar em casa, já comendo banana, já examinando tudo com grande rapidez e um longo rabo. Mais parecia um macacão ainda não crescido, suas potencialidades eram tremendas. Subia pela roupa estendida na corda, de onde dava gritos de marinheiro, e jogava cascas de banana onde caíssem. E eu exausta. Quando me esquecia e entrava distraída na área de serviço, o grande sobressalto: aquele homem alegre ali. Meu menino menor sabia, antes de eu saber, que eu me desfaria do gorila: "E se eu prometer que um dia o macaco vai adoecer e morrer, você deixa ele ficar? e se você soubesse que de qualquer jeito ele um dia vai cair da janela e morrer lá embaixo?" Meus sentimentos desviavam o olhar. A inconsciência feliz e imunda do macacão-pequeno tornava-me responsável pelo seu destino, já que ele pró-

1973 (CONT.)

prio não aceitava culpas. Uma amiga entendeu de que amargura era feita a minha aceitação, de que crimes se alimentava meu ar sonhador, e rudemente me salvou: meninos de morro apareceram numa zoadinha feliz, levaram o homem que queria, e no desvitalizado Ano Novo eu pelo menos ganhei uma casa sem macaco.

Um ano depois, acabava eu de ter uma alegria, quando ali em Copacabana vi o agrupamento. Um homem vendia macaquinhos. Pensei nos meninos, nas alegrias que eles me davam de graça, sem nada a ver com as preocupações que também de graça me davam, imaginei uma cadeia de alegria: "Quem receber esta, que a passe a outro", e outro para outro, como o frêmito num rastro de pólvora. E ali mesmo comprei a que se chamaria Lisete.

Quase cabia na mão. Tinha saia, brincos, colar e pulseira de baiana. E um ar de imigrante que ainda desembarca com o traje típico de sua terra. De imigrante também eram os olhos redondos.

Quanto a essa, era mulher em miniatura. Três dias esteve conosco. Era de uma tal delicadeza de ossos. De uma tal extrema doçura. Mais que os olhos, o olhar era arredondado. Cada movimento, e os brincos estremeciam; a saia sempre arrumada, o colar vermelho brilhante. Dormia muito, mas para comer era sóbria e cansada. Seus raros carinhos eram só mordida leve que não deixava marca.

No terceiro dia estávamos na área de serviço admirando Lisete e o modo como ela era nossa. "Um pouco suave demais", pensei com saudade do meu gorila. E de repente foi meu coração respondendo com muita dureza: "Mas isso não é doçura. Isto é morte. "A secura da comunicação deixou-me quieta. Depois eu disse aos meninos: "Lisete está morrendo." Olhando-a, percebi então até que ponto de amor já tínhamos ido. Enrolei Lisete num guardanapo, fui com os meninos para o primeiro pronto-socorro, onde o médico não podia atender porque operava de urgência um cachorro. Outro táxi - Lisete pensa que está passeando, mamãe - outro hospital. Lá deram-lhe oxigênio.

E como o sopro de vida, subitamente revelou-me uma Lisete que desconhecíamos. De olhos muito menos redondos. Mais secretos, mais aos risos e na cara prognata e ordinária uma certa altivez irônica; um pouco mais de oxigênio,

1973 (CONT.)

e deu-lhe uma vontade de falar que ela mal aguentava ser macaca; era, e muito teria a contar. Breve, porém, sucumbia de novo, exausta. Mais oxigênio e dessa vez uma injeção de soro e cuja picada ela reagiu com um tapinha colérico, de pulseira tilintando. O enfermeiro sorriu: "Lisete, meu bem, sossega!"

O diagnóstico: não ia viver, a menos que tivesse oxigênio à mão e, mesmo assim, improvável. "Não se compra macaco na rua", censurou-me ele abanando a cabeça, "às vezes já vem doente". Não, tinha-se que comprar macaca certa, saber da origem, ter pelo menos cinco anos de garantia do amor, saber do que fizera ou não fizera, como se fosse para casar. Resolvi um instante com os meninos. E disse para o enfermeiro: "O senhor está gostando muito de Lisete. Pois se o senhor deixar ela passar uns dias perto do oxigênio, no que ela ficar boa, ela é sua. Mas ele pensava. "Lisete é bonita!", implorerei eu. "É linda", concordou ele pensativo. Depois ele suspirou e disse: "Se eu curar Lisete ela é sua". Fomos embora de guardanapo vazio.

No dia seguinte telefonaram, e eu avisei aos meninos que Lisete morrera. O menor me perguntou: "Você acha que morreu de brincos?" Eu disse que sim. Uma semana depois o mais velho me disse: "Você parece tanto com Lisete!" "Eu também gosto de você", respondi.

7 abr

Anúncio classificado

(Vide "Precisa-se", JB e DM 19 out 1968)*(NP: Este módulo aparece repetido no JB. Na DM transcreve-se apenas a primeira publicação)*

Conversinha sobre chofer de táxi

DM

O mar de manhã

DM

Jasmim

DM

14 abr

Respeito à fraqueza

(Vide "Quando chorar", JB e DM 25 nov 1967)

O que apareceu

(Vide "A mineira calada", JB e DM 25 nov 1967)

A vidente

(Vide JB e DM 25 nov 1967)

Agradecimento original

1973 (CONT.)

(Vide "Agradecimento", JB e DM 25 nov 1967)

"A coisa"

(Vide JB e DM 25 nov 1967)

(NP: Estes módulos aparecem repetidos no JB. Na DM aparece apenas a primeira publicação)

21 abr

A mesa de 13 comensais

Giorgio de Chirico, um dos primeiros pintores metafísicos, casou-se muito moço com uma arqueóloga. Uma noite, num jantar em sua casa, notaram os dois que haveria 13 pessoas à mesa. De Chirico não quis sentar-se enquanto não chegasse a décima quarta.

Sua esposa finalmente conseguiu à última hora arranjar uma amiga. Pois a décima quarta convidada deve ter preenchido todos os requisitos exigidos por de Chirico. Deve ter sido considerada a mulher ideal pois - depois daquela noite - ela não deixou a casa do pintor. Quem saiu foi a arqueóloga. Até hoje de Chirico vive com a décima quarta. E vive muito bem.

Um encontro com o futuro

(Vide JB 15 nov 1969)

(NP: Este módulo aparece repetido no JB. Está ausente da DM nas duas publicações)

28 abr

Lucidez do absurdo

DM

5 maio

Vida natural

(Vide "A volta ao natural - Trecho", JB e DM 4 maio 1968)

(NP: Este módulo aparece repetido no JB e na DM)

12 maio

Doçura

(Vide "Corças Negras", JB e DM 5 abr 1969)

A perigosa aventura de escrever

(Vide JB e DM 5 abr 1969)

(NP: Estes módulos aparecem repetidos no JB. Na DM inclui-se apenas a primeira publicação)

Futuro improvável

(Vide JB e DM 28 fev 1970)

1973 (CONT.)

(NP: Este módulo aparece repetido no JB e na DM)

19 maio

Para os casados

DM

Os segredos

DM

Um adolescente: CJ

DM

26 maio

Artistas que não fazem arte

DM

Tarde ameaçadora

DM

Truman Capote

"Creio que minhas superstições podem ser chamadas de singularidades. Tenho de multiplicar todos os números: há certas pessoas para as quais jamais telefono porque os números de seus telefones multiplicados, formam algarismo que não dá sorte. Ou então não aceitarei um quarto de hotel por essa mesma razão. Não suporto a presença de rosas amarelas - o que é triste, pois são minha flor predileta. Não permito três tocos de cigarro no mesmo cinzeiro. Não começo nem termino nada numa sexta-feira. Não viajarei num avião em que haja duas freiras. É infundável o número de coisas que não posso fazer e que não faço. Mas sinto um conforto curioso ao obedecer a esses conceitos primitivos."

O mais engraçado é que, contando algumas das singularidades de Truman Capote, eu agrado muito os supersticiosos. Porque notei que, em vez de quererem se livrar da escravidão das superstições, adoram conhecer novas que logo aplicam.

Uma vantagem

"A mente do homem, esticada até uma nova idéia, nunca volta às suas dimensões primeiras." (O Wendel Holmes)

Que nome dar à esperança?

DM

Dificuldade de expressão

DM

Mais do que jogo de palavras

DM

2 jun

Lúcio Cardoso

(Vide JB e DM 11 jan 1969)

(NP: Este módulo aparece repetido no JB: Na DM recolheu-se apenas a primeira publicação)

1973 (CONT.)

9 jun

O arranjo

(Vide JB e DM 20 jul 1968)

Em busca do outro

(Vide JB e DM 20 jul 1968)

E amanhã é domingo

(Vide JB e DM 8 jun 1968)*(NP: Estes módulos aparecem repetidos no JB. Na DM transcrevem-se apenas na primeira publicação)*

16 jun

No meio da noite

(Vide "Insônia infeliz e feliz", JB e DM 20 jan 1968)

A César o que é de César

(Vide "Gratidão à máquina", JB e DM 20 jan 1968)

A irrealidade do realismo

(Vide JB e DM 20 jan 1968)*(NP: Estes módulos aparecem repetidos no JB. Na DM transcrevem-se apenas na primeira publicação)*

23 jun

Lição de moral

DM

"Não sei"

DM

Jorge Luís Borges

De seu livro "El Hacedor", um epílogo: "Queira Deus que a monotonia essencial desta miscelânea (que o tempo compilou, não eu, e que admite trechos passados que não me atrevi a emendar, porque os escrevi com outro conceito de literatura) seja menos evidente que a diversidade geográfica ou histórica dos temas. Dos livros entregues à imprensa, nenhum, creio, é tão pessoal como esta desordenada selva de variada leitura, precisamente porque é farta em reflexões e interpolações. Poucas coisas me ocorreram e muitas terei lido. Melhor dizendo: poucas coisas me ocorreram mais dignas de recordar que o pensamento de Schopenhauer ou a música verbal da Inglaterra.

Um homem se propõe a tarefa de esboçar o mundo. No decorrer dos anos povoa um espaço com imagens de província, de reinos, de montanhas, de baías, de naves, de ilhas, de habitações, de instrumentos, de astros, de cavalos e pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto de linhas traça a imagem de seu próprio rosto."

1973 (CONT.)

30 jun

Um romancista

DM

7 jul

À procura de uma dignidade

A Sra. Jorge B. Xavier simplesmente não saberia dizer como entrara. Por algum portão principal não fora. Pareceu-lhe vagamente sonhadora ter entrado por uma espécie de estreita abertura em meio a escombros de construção em obras, como se tivesse entrado de esquelha por um buraco feito só para ela. O fato é que quando viu já estava dentro.

E quando viu, percebeu que estava muito, muito dentro. Andava interminavelmente pelos subterrâneos do Estádio do Macaranã ou pelo menos pareceram-lhe cavernas estreitas que davam para salas fechadas e quando se abriam as salas só havia uma janela dando para o estádio. Este, aquela hora torradamente deserto, reverbarava ao extremo sol de um calor inusitado que estava acontecendo naquele dia de pleno inverno.

Então a senhora seguiu por um corredor sombrio. Este a levou igualmente a outro mais sombrio. Pareceu-lhe que o teto dos subterrâneos eram baixos.

E aí este corredor a levou a outro que a levou por sua vez a outro.

Dobrou o corredor deserto. E aí caiu em outra esquina. Que a levou a outro corredor que desembocou em outra esquina.

Então continuou automaticamente a entrar pelos corredores que sempre davam para outros corredores. Onde seria a sala da aula inaugural? Pois junto desta encontraria as pessoas com quem marcara encontro. A conferência era capaz de já ter começado. Ia perdê-la, ela que se forçava a não perder nada de cultural porque assim se mantinha jovem por dentro, já que até por fora ninguém adivinhava que tinha quase 70 anos, todos lhe davam uns 57.

Mas agora, perdida nos meandros internos e escuros do Maracanã, a senhora já arrastava pés pesados de velha.

Foi então que subitamente encontrou num corredor um homem surgido do nada e perguntou-lhe pela conferência que o homem disse ignorar. Mas esse homem pediu informações a

1973 (CONT.)

um segundo homem que também surgira repentinamente ao dobramento do corredor.

Então este segundo homem informou que havia visto perto da arquibancada da direita, em pleno estádio aberto, "duas damas e um cavalheiro, uma de vermelho." A Sra. Xavier tinha dúvida de que essas pessoas fossem o grupo com quem devia se encontrar antes da conferência, e na verdade já perdera de vista o motivo pelo qual caminhava sem nunca mais parar. De qualquer modo seguiu o homem para o estádio, onde parou ofuscada no espaço oco de luz escancarada e mudez aberta, o estádio nu desventrado, sem bola nem futebol. Sobretudo sem multidão. Havia uma multidão que existia pelo vazio de sua ausência absoluta.

As duas damas e o cavalheiro já haviam sumido por algum corredor?

Então o homem disse com desafio exagerado: "Pois vou procurar para a senhora e vou encontrar de qualquer jeito essa gente, eles não podem ter sumido no ar."

E de fato de muito longe ambos os viram. Mas um segundo depois tornaram a desaparecer. Parecia um jogo infantil onde gargalhadas amordaçadas riam da Sra. Jorge B. Xavier.

Então entrou com o homem por outros corredores. Aí este homem também sumiu numa esquina.

A senhora já desistira da conferência que no fundo pouco lhe importava. Contanto que sáísse daquele emaranhado de caminhos sem fim. Não haveria porta de saída? Então sentiu como se estivesse dentro de um elevador enguiçado entre um andar e outro. Não haveria porta de saída?

Então eis que, subitamente lembrou-se das palavras de informação da amiga pelo telefone: "fica mais ou menos perto do Estádio do Maracanã." Diante dessa lembrança entendeu o seu engano de pessoa avoada e distraída que só ouvia as coisas pela metade, a outra ficando submersa. A Sra. Xavier era muito desatenta. Então, pois, não era no Maracanã o encontro, era apenas perto dali. No entanto o seu pequeno destino quisera-a perdida no labirinto.

Então a luta recomeçou pior ainda: queria por força sair de lá e não sabia como nem por onde. E de novo apareceu no corredor aquele homem que procurava as pessoas e que de novo lhe garantiu que as acharia porque não podiam ter sumido no ar. Ele disse assim mesmo:

1973 (CONT.)

- As pessoas não podem ter sumido no ar.

A senhora informou.

(Continua no próximo sábado. Sugiro que se guarde esta 1ª parte até sábado vindouro).

14 jul

A procura de uma dignidade (II)

- Não precisa mais se incomodar de procurar, sim? Muito obrigada, sim? Porque o lugar onde preciso encontrar as pessoas não é no Maracanã.

O homem parou imediatamente de andar para olhá-la perplexo:

- Então que é que a senhora está fazendo aqui?

Ela quis explicar que sua vida era assim mesmo, mas nem sequer sabia o que queria dizer com o "assim mesmo" nem com "sua vida". Nada respondeu. O homem insistiu na pergunta, entre desconfiado e cauteloso: que é que ela estava fazendo ali? Nada, respondeu apenas em pensamento a senhora, já então prestes a cair de cansaço. Mas não lhe respondeu, deixou-o pensar que era louca. Além do mais ela nunca se explicava. Nem para casar a senhora se explicara. Sabia que o homem a julgava louca - e quem dissera que não? pois não sentia aquela coisa que ela chamava de "aquilo" por vergonha? Se bem que soubesse ter a chamada saúde mental tão boa que só podia se comparar com sua saúde física. Saúde física já agora arrebatada pois rastejava os pés de muitos anos de caminho pelo labirinto. Sua via crucis. Estava vestida de lã muito grossa e sufocava suada ao inesperado calor de um auge de verão, esse dia de verão que era um aleijão do inverno. As pernas lhe doíam ao peso da velha cruz. Já se resignara de algum modo a nunca mais sair do Maracanã e a morrer ali de coração exangue.

Então, e como sempre, era só depois de desistir das coisas desejadas, que elas aconteciam. O que lhe ocorreu de repente foi uma idéia: "mas que velha maluca eu sou". Por que em vez de continuar a perguntar pelas pessoas que não estavam lá, não procurava o homem e indagava dele como se saía dos corredores? Pois o que queria era apenas sair e não encontrar-se com ninguém.

Achou finalmente o homem, ao dobrar de uma esquina. E falou-lhe com voz um pouco trêmula e rouca por cansaço

1973 (CONT.)

e por medo de ter esperança. O homem desconfiado concordou mais do que depressa que era melhor mesmo que ela fosse embora para casa e disse-lhe com cuidado: "A senhora parece que não está muito bem da cabeça, talvez seja esse calor esquisito."

Dito isto, então simplesmente o homem entrou com ela no primeiro corredor e na esquina avistavam-se os dois largos portões abertos. Apenas assim? tão fácil assim? Apenas assim.

Então a senhora pensou sem nada concluir que só para ela é que se havia tornado impossível achar a saída. A Sra. Xavier estava apenas um pouco espantada e ao mesmo tempo habituada. Na certa cada um tinha o próprio caminho a percorrer interminavelmente, fazendo isto parte do destino, no qual ela não sabia se acreditava ou não.

E havia o táxi passando. Mandou-o parar e disse-lhe controlando a voz que estava cada vez mais velha e cansada:

- Moço, não sei bem o endereço, esqueci. Mas o que sei é que a casa fica numa rua - não-me-lembro-mais-o-que mas que fala em "Gusmão" e faz esquina com uma rua se não me engano chamada Coronel-não-sei-que.

O chofer foi paciente como com uma criança: "Pois então não se afobe, vamos procurar calmamente uma rua que tenha Gusmão no meio e Coronel no fim", disse virando-se para trás num sorriso e aí piscou-lhe um olho de conivência que parecia indecente. Partiram aos solavancos que lhe sacudiam as entranhas.

Então de repente reconheceu as pessoas que procurava e que se achavam na calçada defronte de uma casa grande. Era porém como se a finalidade fosse chegar e não a de ouvir a palestra que a essa hora estava totalmente esquecida pois a Sra. Xavier se perdera de seu objetivo. E não sabia em nome de que caminhara tanto. Então viu que se cansara para além das próprias forças e quis ir embora, a conferência era um pesadelo. Então pediu a uma senhora importante e vagamente conhecida e que tinha carro com chofer para levá-la em casa porque não estava se sentindo bem com o calor estranho. O chofer só viria daí a uma hora. Então a Sra. Xavier sentou-se numa cadeira que tinham posto para ela no corredor, sentou-se empertigada na sua cinta, fora

1973 (CONT.)

da cultura que se processava defronte na sala fechada. De onde não se ouvia som algum. Pouco lhe importava a cultura. E ali estava nos labirintos de 60 segundos e de 60 minutos que a encaminhariam a uma hora. (continua no próximo sábado. Sugiro que se guarde esta 2ª parte até o sábado vindouro).

21 jul

A procura de uma dignidade

Então a senhora importante veio e disse assim: que a condução estava a porta mas que lhe informava que, como o chofer avisara que ia demorar muito, em vista da senhora não estar passando bem, mandara parar o primeiro táxi que vira. Por que a Sra. Xavier não tivera ela própria a idéia de chamar um táxi, em vez de dispor-se a se submeter aos meandros do tempo de espera? Então a Sra. Jorge B. Xavier agradeceu-lhe com extrema delicadeza. A senhora era sempre muito delicada e educada. Entrou no táxi e disse:

- Leblon, por obséquio.

Tinha o cérebro oco, parecia-lhe que sua cabeça estava em jejum.

Dai a pouco notou que rodavam e rodavam mas que de novo terminavam por voltar para uma mesma praça. Por que não saíam de lá? Não havia caminho de saída? O chofer acabou confessando que não conhecia a Zona Norte, que só trabalhava na Zona Sul. E ela não sabia como ensinar-lhe o caminho. Cada vez mais a cruz dos anos pesava-lhe e a nova falta de saída apenas renovava a magia negra dos corredores do Maracanã. Não havia meio de se livrarem da praça? Então o chofer disse-lhe que tomasse outro táxi, e chegou mesmo a fazer sinal para um que passava ao lado. Ela agradeceu comedidamente, fazia cerimônia com as pessoas, mesmo com as conhecidas. Além do que era muito gentil. No novo táxi disse a medo:

- Se o senhor não se incomodar, vamos para o Leblon.

E simplesmente saíram logo da praça e entraram por novas ruas.

Foi ao abrir com a chave a porta do apartamento que teve vontade apenas mental e fantasiada de soluçar bem alto. Mas ela não era de soluçar nem de reclamar. De passagem avisou à empregada que não atenderia telefonemas. Foi direto ao quarto, tirou toda a roupa, engoliu sem água uma

1973 (CONT.)

pílula e então esperou que esta desse resultado.

Enquando isso, fumava. Lembrou-se de que era mês de agosto e diziam que agosto dava azar. Mas setembro viria um dia como porta de saída. E setembro era por algum motivo o mês de maio: um mês mais leve e mais transparente. Foi vagamente pensando nisso que a sonolência finalmente veio e ela adormeceu.

Quando acordou horas depois então viu que chovia uma chuva fina e gelada, fazia um frio de lâmina de faca. Nua na cama ela enregelava. Então achou muito curioso uma velha nua. Lembrou-se de que planejara a compra de uma écharpe de lã. Olhou o relógio: ainda encontraria o comércio aberto. Tomou um táxi e disse:

- Ipanema, por obséquio.

O homem disse:

- Como é que é? É para o Jardim Botânico?

- Ipanema, por favor - repetiu a senhora, bastante surpreendida. Era o absurdo do desencontro total: pois, que havia em comum entre as palavras Ipanema e Jardim Botânico? Mas de novo pensou vagamente que "era assim mesmo a sua vida".

Fez rapidamente a compra e viu-se na rua já escurificada sem ter o que fazer. Pois o Sr. Jorge B. Xavier viajara para São Paulo no dia anterior e só voltaria no dia seguinte.

Então, de novo em casa, entre tomar nova pílula para dormir ou fazer alguma outra coisa, optou pela segunda hipótese, pois lembrou-se de que agora poderia voltar a procurar a letra de câmbio perdida. O pouco que entendia era que aquele papel representava dinheiro. Há dois dias procurava minuciosamente pela casa toda, e até pela cozinha, mas em vão. Agora lhe ocorria: e por que não embaixo da cama? Talvez. Então ajoelhou-se no chão. Mas logo cansou-se de só estar apoiada nos joelhos e apoiou-se também nas duas mãos.

Então percebeu que estava de quatro.

Assim ficou um tempo, talvez meditativa, talvez não. Quem sabe, a Sra. Savier estivesse cansada de ser um ente humano. Estava sendo uma cadela de quatro. Sem nobreza nenhuma. Perdida a altivez última. De quatro, um pouco pensativa talvez. Mas embaixo da cama só havia poeira.

1973 (CONT.)

Levantou-se com bastante esforço das juntas desarticuladas e viu que nada mais havia a fazer senão considerar com realismo - e era com um esforço penoso que via a realidade - considerar com realismo que a letra estava perdida e que continuar a procurá-la seria nunca sair do Maracanã.

E como sempre, já que desistira de procurar, ao abrir a gavetinha de lenços para tirar um - lá estava a letra de câmbio.

Então a senhora, cansada pelo esforço de ter ficado de quatro, sentou-se na cama e começou à toa a chorar de manso. Parecia mais uma lengalenga árabe. Há 30 anos não chorava, mas agora estava tão cansada. Se é que aquilo era choro. Não era. Era alguma coisa. Finalmente assoou o nariz. Então pensou o seguinte: que ela forçaria o "destino" e teria um destino maior. Com força de vontade se conseguia tudo, pensou sem a menor convicção. E isso de estar presa a um destino ocorreria-lhe porque já começara sem querer a pensar em "aquilo".

Mas aconteceu então que a senhora também pensou o seguinte: era tarde demais para ter um destino. Ela pensou que bem faria qualquer tipo de permuta com outro ser. Foi então que lhe ocorreu que não havia com quem permutar: que quer que ela fosse, ela era ela e não podia se transformar numa outra única. Cada um era único. A Sra. Jorge B. Xavier também era.

28 jul

A procura de uma dignidade - Conclusão

Mas tudo o que lhe acontecera ainda era preferível a sentir "aquilo". E aquilo veio com seus longos corredores sem saída. "Aquilo", agora sem nenhum pudor, era a fome dolorosa de suas entranhas, fome de ser possuída pelo inalcançável ídolo da televisão. Não perdia um só programa dele. Então, já que não pudera se impedir de pensar nele, o jeito era deixar-se pensar e lembrar o rosto de menina-moça de Roberto Carlos, meu amor.

Foi lavar as mãos sujas de poeira e viu-se no espelho da pia. Então a Sra. Xavier pensou assim: "Se que quiser muito, mas muito mesmo, ele será meu por ao menos uma noite." Acreditava vagamente na força de vontade. De novo se emaranhou no desejo que era retorcido e estrangulado.

1973 (CONT.)

Mas, quem sabe? Se desistisse de Roberto Carlos então é que as coisas entre ele e ela aconteceriam. A Sra. Xavier meditou um pouco sobre o assunto. Então espertamente fingiu que desistia de Roberto Carlos. Mas bem sabia que a desistência mágica só dava resultados positivos quando era real, e não apenas um truque como modo de conseguir. A realidade exigia muito da senhora. Examinou-se ao espelho para ver se o rosto se tornara bestial sob a influência de seus sentimentos. Mas era um rosto quieto que já deixara há muito de representar o que sentia. Aliás, seu rosto nunca exprimira senão boa educação. E agora era apenas a máscara de uma mulher de 70 anos. Então sua cara levemente maquiada pareceu-lhe a de um palhaço. A senhora forçou sem vontade um sorriso para ver se melhorava. Não melhorou.

Por fora - viu no espelho - ela era uma coisa seca como um figo seco. Mas por dentro não era esturricada. Pelo contrário. Parecia por dentro uma gengiva úmida, mole assim como gengiva desdentada.

Então procurou um pensamento que o espiritualizasse ou que a esturricasse de vez. Mas nunca fora espiritual. E por causa de Roberto Carlos a senhora estava envolta nas trevas da matéria onde ela era profundamente anônima.

De pé no banheiro - era tão anônima quanto uma galinha.

Numa fração de fugitivo segundo quase inconsciente vislumbrou que todas as pessoas são anônimas. Porque ninguém é o outro e o outro não conhecia o outro. Então - então a pessoa é anônima. E agora estava emaranhada naquele poço fundo e mortal, na revolução do corpo. Corpo cujo fundo não se via e que era a escuridão das trevas malignas de seus instintos vivos como lagartos e ratos. E tudo fora de época, fruto fora de estação? Por que as outras velhas nunca lhe tinham avisado que até o fim isso podia acontecer? Nos homens velhos bem vira olhares lúbricos. Mas nas velhas não. Fora de estação. E ela viva como se ainda fosse alguém, ela que não era ninguém.

Então quis ter sentimentos bonitos e românticos em relação à delicadeza de rosto de Roberto Carlos. Mas não conseguiu: a delicadeza dele apenas a levava a um corredor escuro de sensualidade. E a danação era a lascívica. Era

1973 (CONT.)

4 ago

Estudo de cavalos (I)

Despojamento

Cavalo livre é a nudez completa do corpo. O cavalo é nu.

A falsa domesticação

O que é um cavalo? É a liberdade tão indomável que é inútil aprisioná-lo para que sirva ao homem. Deixa-se domesticar mas com um simples movimento de rebelde safanão de cabeça, sacudindo a crina como a uma solta cabeleira, mostra que sua íntima natureza é sempre bravia, límpida e livre.

Forma

A forma do cavalo é o melhor do ser humano. Tenho um cavalo dentro de mim que raramente se exprime. Mas ao ver outro cavalo, o meu se expressa. Sua forma fala.

Doçura.

O que é que faz o cavalo ser de brilhante cetim? É uma doçura, não é piegas ou sentimental, mas aquela de quem assumiu a vida e seu fulgor - essa doçura se objetiva no seu pelo macio que deixa adivinhar os elásticos músculos ágeis e controlados.

Vi uma vez um cavalo cego: a natureza nele, errara. Era doloroso senti-lo irrequieto, atento ao menor rumor provocado pela brisa nas ervas, com os nervos prestes a se eriçarem num arrepio que lhe percorria o corpo alerta. O que é que um cavalo vê, a tal ponto que não ver o torna perdido como de si próprio? É que, quando enxerga, vê fora dele o que está dentro de si. É um animal que se expressa pela forma. Quando vê montanhas, relvas, gente, céu - usufrue sua própria natureza.

Sensibilidade.

Todo cavalo é selvagem e arisco quando mãos inseguras o tocam.

Ele e eu

Tentando pôr em frases a minha mais oculta e sutil sensação - e desobedecendo à minha necessidade exigente de veracidade - eu diria: se pudesse ter escolhido queria ter nascido cavalo. Mas, quem sabe, talvez o cavalo ele-mesmo não sinta o grande símbolo da vida livre que nós sentimos nele. Devo então concluir que o cavalo seria sobretudo para ser sentido por mim? O cavalo representa a animalidade

1973 (CONT.)

bela e solta do ser humano? O melhor do cavalo o ente humano já tem? Então abduco de ser um cavalo e com glória passo para a minha humanidade. O cavalo me indica o que sou.

Adolescência da menina-potro

Já me relacionei de um modo perfeito com o cavalo. Lembro-me de mim-adolescente. De pê com a mesma altivez do cavalo e a passar a mão pelo seu pêlo lustroso. Pela sua agreste crina agressiva. Eu me sentia como se algo meu nos visse de longe. Assim: "A Moça e o Cavalo".

O alarde

Na fazenda o cavalo branco - rei da natureza - lançava para o alto da acuidade do ar seu longo relincho de esplendor.

O cavalo perigoso

Na cidadezinha do interior, que se tornaria um dia uma pequena metrópole, ainda reinavam os cavalos como proeminentes habitantes. Sob a necessidade cada vez mais urgente de transporte, levadas de cavalos haviam invadido o lugarejo, e nas crianças ainda selvagens nascia o secreto desejo de galopar. Um baio novo dera um coice mortal num menino que ia montá-lo. E o lugar onde a criança audaciosa morrera era olhado pelas pessoas numa censura que na verdade não sabiam a quem dirigir. Com as cestas de compras nos braços, as mulheres paravam olhando. Um jornal se inteirara do caso e leu-se com certo orgulho uma nota com o título de O Crime do Cavalo. Era o Crime de um dos filhos da cidadezinha. O lugarejo então já misturava ao seu cheiro de estrebaria a consciência da força contida nos cavalos.

(Continua no próximo sábado)

11 ago

Estudo de cavalos (II)

Na rua seca de sol

Mas de repente - no silêncio do sol de duas horas da tarde e quase ninguém nas ruas do subúrbio - uma parêlha de cavalos desembocou de uma esquina. Por um momento imobilizou-se de patas semi-erguidas. Fulgurando nas bocas como estátuas. Os poucos transeuntes que afrontavam o calor do sol olharam, duros, separados, sem entender em palavras o que viam. Entendiam apenas. Passado o ofiscamento da aparição - os cavalos encurvaram o pescoço, abaixaram as

1973 (CONT.)

patas e continuaram seu caminho. Passara o instante de vislumbramento. Instante imobilizado como por uma máquina fotográfica que tivesse captado alguma coisa que jamais as palavras dirão.

No pôr do sol

Nesse dia, quando o sol já ia se pondo, o ouro se espalhou pelas nuvens e pelas pedras. Os rostos dos habitantes ficaram dourados como armaduras e assim brilhavam os cabelos desfeitos. Fábricas empoeiradas apitavam continuamente avisando o fim do trabalho, a roda de uma carroça ganhou um nimbo. Nesse ouro pálido à brisa havia uma ascensão de espada desembainhada. Porque era assim que se erguia a estátua equestre da praça na doçura do ocaso.

Na madrugada fria

Podia-se ver o morno bafo úmido - o bafo radioso e tranquilo que saía das narinas trêmulas extremamente vivas e frementes dos cavalos em certas madrugadas frias.

No mistério da noite

Mas à noite os cavalos liberados das cargas e conduzidos à ervagem galopavam finos e soltos no escuro. Potros, rocins, alazões, longas éguas, cascos duros - ou de repente uma cabeça fria e escura de cavalo! - os cascos batendo, focinhos espumantes erguendo-se para o ar em ira e murmúrio. E às vezes uma longa respiração esfriava as ervas em tremor. Então o baio se adiantava. Andava de lado, a cabeça encurvada até o peito, cadenciado. Os outros assistiam sem olhar. Ouvindo o rumor dos cavalos, eu adivinhava os cascos secos avançando até estacarem no ponto mais alto da colina. E a cabeça a dominar a cidadezinha, lançando o longo relincho. O medo me tomava nas trevas do quarto, o terror de um rei, eu queria responder com as gengivas à mostra em relincho. Na inveja do desejo o rosto adquiria a nobreza inquieta de uma cabeça de cavalo. Cansada, jubilante, escutando o trote sonambulo. Mal eu saísse do quarto minha forma iria se avolumando e apurando-se, e, quando chegasse à rua, já estaria a galopar com patas sensíveis, os cascos escorregando nos últimos degraus da escada da casa. Da calçada deserta eu olharia: um canto e outro. E veria as coisas como um cavalo as vê. Essa era a minha vontade. Da casa eu procurava ao menos escutar o morro de pastagem onde nas trevas cavalos sem nome galopa-

1973 (CONT.)

ram retornados ao estado de caça e guerra.

As bestas não abandonavam sua vida secreta que se processa durante a noite. E se no meio da ronda selvagem aparecia um potro branco - era um assombro no escuro. Todos estacavam. O cavalo prodigioso aparecia, era aparição. Mostrava-se empinado um instante. Imóveis os animais aguardavam sem se espiar. Mas um deles batia o casco - e a breve pancada quebrava a vigília: fustigados moviam-se de súbito álacres, entrecruzando-se sem jamais se esbarrarem e entre eles se perdia o cavalo branco. Até que um relincho de súbita cólera os advertia - por um segundo atentos, logo se espalhavam de novo em nova composição de trote, o dorso sem cavalheiros, os pescoços abaixados até o focinho tocar no peito. Eriçadas as crinas; eles cadenciados, incultos.

Noite alta - enquanto os homens dormiam - vinha encontrá-los imóveis nas trevas. Estáveis e sem pês (sic). Lã estavam eles invisíveis respirando. Aguardando com a inteligência curta. Embaixo, na cidadezinha adormecida, um galo voava e empoleirava-se no bordo de uma janela. As galinhas espiavam. Além da ferrovia um rato pronto a fugir. Então o tordilho batia a pata. Não tinha boca para falar mas dava o pequeno sinal que se manifestava de espaço a espaço na escuridão. Eles espiavam. Aqueles animais que tinham um olho para ver de cada lado - nada precisava ser visto de frente por eles, e essa era a grande noite, os flancos de uma égua percorridos por rápida contração. Nos silêncios da noite a égua esgazeava o olho como se estivesse rodeada pela eternidade. O potro mais inquieto ainda erguia a crina em surdo relincho. Enfim reinava o silêncio total.

Até que a frágil luminosidade da madrugada os revelava. Estavam separados, de pé sobre a colina. Exaustos, frescos. Tinham passado no escuro pelo mistério da natureza dos entes.

(Continua no próximo sábado)

18 ago

Estudo de cavalos (III)

Estudo do cavalo demoníaco

→ Nunca mais repousarei porque roubei o cavalo de caçada de um Rei. Eu sou agora pior do que eu mesma! Nunca

1973 (CONT.)

mais repousarei: roubei o cavalo de caçada do Rei no enfeitiçado Sabbath. Se adormeço um instante, o eco de um relincho me desperta. E é inútil tentar não ir. No escuro da noite o resfolegar me arrepia. Finjo que durmo mas no silêncio o ginete respira. Todos os dias será a mesma coisa: já ao entardecer começo a ficar melancólica e pensativa. Sei que o primeiro tambor na montanha do mal fará a noite, sei que o terceiro já me terá envolvido na sua trovoadas. E no quinto tambor já estarei com a minha cobiça de cavalo fantasma. Até que de madrugada, aos últimos tambores levíssimos, me encontrarei sem saber como junto a um regato fresco, sem jamais saber o que fiz, ao lado da enorme cansada cabeça de cavalo.

Mas cansada de que? Que fizemos, eu e o cavalo, nós, os que trotam no inferno da alegria de vampiro? Ele, o cavalo do Rei, me chama. Tenho resistido em crises de suor e não vou. Da última vez que desci de sua sela de prata, era tão grande a minha tristeza humana por eu ter sido o que não devia ser, que jurei que nunca mais. O trote porém continua em mim. Converso, arrumo a casa, sorrio, mas sei que o trote está em mim. Sinto falta dele como quem morre.

Não, não posso deixar de ir.

E sei que de noite, quando ele me chamar, irei. Quero que ainda uma vez o cavalo conduza o meu pensamento. Foi com ele que aprendi. Se é pensamento esta hora entre latidos. Começo a entristecer porque sei, com o olho - oh sem querer! não é culpa minha! - com o olho sem querer já respandecendo de mau regozigo - sei que irei.

Quando de noite ele me chamar para a atração do inferno, eu irei. Desço como um gato pelos telhados. Ninguém sabe, ninguém vê. Só os cães ladram pressentindo o sobrenatural.

E apresento-me no escuro, ao cavalo que me espera, cavalo de realeza, apresento-me muda e em fulgor. Obediente à Besta.

Correm atrás de nós dois 53 flautas. À frente uma clarineta nos alumia, a nós, os despidorados cúmplices do enigma. E nada mais me é dado saber.

De madrugada eu nos verei exaustos junto ao regato, sem saber que crimes cometemos até chegar à inocente madrugada.

1973 (CONT.)

Na minha boca e nas suas patas a marca do grande sangue. O que tínhamos imolado?

De madrugada estarei de pé ao lado do ginete agora mudo, com o resto das flautas ainda escorrendo pelos cabelos. Os primeiros sinos de uma igreja ao longe nos arrepiam e nos afugentam, nós desvanecemos diante da cruz.

A noite é a minha vida com o cavalo diabólico, eu feiticeira do horror. A noite é minha vida, entardece, a noite pecadoramente feliz é a vida triste que é a minha orgia - ah rouba, rouba de mim o ginete porque de roubo em roubo até a madrugada eu já roubei para mim e para o meu parceiro fantástico, e da madrugada já fiz um pressentimento de terror de demoníaca alegria malsã.

Livra-me, rouba depressa o ginete enquanto é tempo, enquanto ainda não entardece, enquanto é dia sem trevas, se é que ainda há tempo, pois ao roubar o ginete tive que matar o Rei, e ao assassiná-lo roubei a morte do Rei. E a alegria orgiaca do nosso assassinato me consome em terrível prazer. Rouba depressa o cavalo perigoso do Rei, rouba-me antes que a noite venha e me chame.

OK!

25 ago

Djanira

Como não amar Djanira, mesmo sem conhecê-la pessoalmente? Eu amava o seu trabalho, e quanto. Mas quando se abriu a porta e eu a vi - parei e disse: "Espere um pouco". E vi - vi mesmo - que ia ser minha amiga. Ela tem qualquer coisa nos olhos que dá a idéia de que o mistério é simples. Não estranhou o fato de eu ficar olhando para ela, até eu dizer: "Pronto, agora já conheço você e posso entrar."

Djanira tem a bondade no sorriso e no rosto mas não uma bondade morna ou agressiva. Tem em si o que dá ao seu trabalho. É pouco? Nunca, isso é tudo: isso significa a veracidade do ser humano dignificado pela simplicidade profunda que existe em trabalhar. Sentamo-nos, eu sem tirar os olhos dela, ela me examinando com bondade, sem me estranhar nem um pouco. Seu marido, o Motinha, como é chamado, entrou. O que vou repetir são frases de que me lembro perfeitamente, por assim dizer palavra por palavra (pois, saindo de lá, anotei várias, para uso próprio).

1º - A gente pinta como quem ama, ninguém sabe por que ama, a gente não sabe por que pinta.

1973 (CONT.)

29 - Minha infância foi muito sofrida, não vale a pena falar, não vale a pena relembrar.

39 - Fui uma menina criada no Sul do Brasil, entre Paraná e Santa Catarina. A maior parte do tempo vivi numa cidadezinha, em Porto União, União da Vitória: são duas cidades juntas, metade é Paraná e a outra Santa Catarina. Aí meu pai teve consultório de dentista. Muito criança ainda, meus pais se separaram. Passei mais de 20 anos sem ver meu pai. E um dia publiquei um anúncio no jornal A Noite procurando meu pai. Apareceu um dentista que conhecia meu pai e esta foi a primeira notícia que tive dele. Ele era muito conhecido porque era dentista itinerante: nunca teve pouso, ia tratando de dentes de cidade em cidade. Quando foi embora, disse: vou viajar e depois venho buscar Djanira. E não veio. Então uma família tomou conta de mim. Mas nessa casa fiquei enfeitada, trabalhando. Comecei a pintar com 24 anos e foi a maior alegria quando encontrei a pintura. Nasceu de uma brincadeira quando eu estava internada no sanatório de tuberculosos. Eu disse que sabia fazer um quadro melhor do que o que estava pendurado na secretaria. Desenhei Cristo. Então o interesse acordou em mim. Quando fui para o Rio, cada vez eu desenhava mais, não parava: desenhava tudo, tudo. Até que conheci Marcier, que me descobriu e tornou-se meu professor. E então eu me vi num mundo que era novo para mim.

Ficamos em grande silêncio. Provavelmente mergulhadas ambas nas nossas vidas mútuas. Como não posso transmitir aos leitores a profundidade de nosso silêncio, preencho-o reproduzindo um poema de Djanire. Chama-se Viagem. É assim:

Eu vi nas cores de marfim/um elefante/selvagem/que viera das Índias/oferecendo-me caminhos/onde poderia/perigosamente/fechar meus olhos/e partir, partir... Mas era pecado/ e viajei no pecado./ Ao infinito viajei/ e perdi-me no tempo que era pecado.

49 - Quando uma pessoa se faz por ela própria é porque tem algo dentro de si que não se acomoda a uma vida comum, não é? Você diz que é para sobreviver. Mas para sobreviver. Mas para sobreviver naquilo que a gente quer. Uma criatura como eu, que sou autodidata em tudo, que tenho as minhas dificuldades e que toda a minha vida tem sido pro-

1973 (CONT.)

curar superar a vida comum, na sociedade em que vivemos, procurar um meio de alcançar aquilo que é uma profissão e uma vocação. Porque tudo o que se faz, o que eu faço, não basta. O que quero alcançar é uma coisa ainda mais imponderável que está dentro da gente. Acho que vamos descobrir finalmente o que procurávamos. Se um dia a gente chegasse a ficar satisfeita com o que a gente produziu, seria o fim. A evolução da arte é muito lenta, todas as coisas do espírito são lentas. (Eu: Você quer dizer com isso que a procura dura o tempo de uma vida?)

5? - É. A época em que nós vivemos é dinâmica, já se vai à Lua. O mistério que existia na vida já não é mais mistério. (Eu: Discordo, Djanira. O ser humano nunca descobrirá o mistério, mesmo que chegue a morar na Lua).

6? - O que você hoje em dia com todas essas descobertas científicas é um mundo que vive em grande insatisfação. Só se ouve falar em guerras. Politicamente os homens não se entendem. Sim, acho que você tem razão: o homem descobre todas essas coisas mas o mistério ele não descobre. (Eu: Como é o seu processo de elaboração no trabalho?)

7? - Minha pintura é cheia de Brasil, pelo menos é esse o meu propósito. E por isso, então, viajo muito pela nossa terra.

P.S.: Acho que esqueci de dizer que, quando Djanira quebrou a clavícula direita, ficou desesperada por não poder pintar. Mas de repente deu um grito que fez o marido correr para ela. É que, no desespero de querer pintar, experimentou usar a mão esquerda e, para sua surpresa e enorme alegria, havia descoberto que era uma perfeita am-videstra.

1 set

Tempestade de almas

(Vide "Brain Storm", JB e DM 22 nov 1969)

(NP: Este módulo aparece repetido no JB. Na DM transcreve-se apenas a primeira publicação)

8 set

Na Grécia

(Vide JB e DM 26 abr 1969)

Charlatões

(Vide JB e DM 26 abr 1969)

1973 (CONT.)

Enigma

(Vide JB e DM 26 abr 1969)*(NP: Estes módulos aparecem repetidos no JB. Na DM registram-se apenas na primeira publicação)*

15 set

Grauben revisitada

(Vide JB "Uma tarde feliz como embandeirada", 7 set 1968)*(NP: Este texto aparece repetido no JB e está ausente da DM nas duas publicações)*

Não perdoar

(Vide "É preciso também não perdoar", JB e DM 21 set 1968)*(NP: Este módulo está repetido no JB. Na DM aparece apenas a primeira publicação)*

29 set

Trajetória de uma vocação

DM

6 out

Ano-novo: 2000

(Vide "Teosofia", JB e DM 13 dez 1969)

Liberdade

(Vide JB e DM 13 dez 1969)

Nossa truculência

(Vide JB e DM 13 dez 1969)

O homem imortal

(Vide JB e DM 13 dez 1969)*(NP: Estes módulos estão repetidos no JB. Na DM aparecem apenas na primeira publicação)*

13 out

As águas do mar

(Vide "Ritual"-Trecho JB e DM 27 jul 1968)*(NP: Este módulo está repetido no JB e na DM)*

20 out

Melhorando uma frase

(Vide ainda "Para uma frase soar melhor", JB 23 maio 1970)*(NP: Este módulo está repetido no JB e está ausente da DM nas duas publicações)*

27 out

Silêncio

(Vide "Noite na montanha", JB e DM 24 ago 1968)

1973 (CONT.)

(NP: Este módulo aparece repetido no JB. Na DM transcreve-se apenas a primeira publicação)

3 nov

Enquanto vivia

(Vide "Entrevista - relâmpago com Pablo Neruda", JB e DM 12 e 19 abr 1969 e JB 30 out 1971)

(NP: Este módulo aparece repetido três vezes no JB. Na DM aparece apenas a primeira publicação)

10 nov

Mulher demais

(Vide JB e DM 8 jun 1968)

Ideal de uma burguesa

(Vide "Ideal burguês", JB e DM 8 jun 1968)

(NP: Estes módulos aparecem repetidos no JB. Na DM transcrevem-se apenas na primeira publicação)

17 nov

O que Pedro Bloch me disse

DM

24 nov

Uma "prosa" de Jorge Luís Borges

(Vide JB 22 mar 1969)

(NP: Este módulo aparece repetido no JB e está ausente da DM nas duas publicações)

Um pedido

(Vide JB, "Um fato inusitado e um pedido", 21 out 1967)

(NP: Este módulo aparece repetido no JB e está ausente da DM nas duas publicações)

1 dez

Transviada

É mocinha, frequenta a PUC. Não direi seu nome, mas parece com o equivalente doce a Angela.

Dela disseram que é mais para feia. Outros disseram que tinha tipo. Imagino-a bem: deve ser desse feio moderno que agora se chama bonito.

Bem que andava esquisita. Até que os pais encontraram-na fora de si de tão embriagada. E descobriram escondida no seu quarto uma garrafa de cachaça já consumida pela metade.

Tinha dado para beber. Por que? Ela se recusa a di-

1973 (CONT.)

zer. A mim disse que não queria perder a mocidade. É pela sensação, me disse. Às vezes fica exatíssima, o que revela que andou tomando drogas. Foram inúteis as conversas de seus pais, gente esclarecida e ainda jovem, com Angela. Ela bebia, e, quando lhe tiraram a cachaça, bebeu álcool de farmácia.

Um dia o pai voltou do trabalho e encontrou-a inteiramente bêbeda. Perdeu a cabeça e, por puro desespero causado pela sua própria impotência diante da menina, bateu tanto nesta "quase a ponto de matá-la", contou à mãe com remorso. Ele assustou-se com o que fizera: "ela é tão frágil, tão magrinha."

Levaram-na a um psiquiatra, este aconselhou um internamento para desintoxicação. A mocinha aceitou, indiferente. Só na hora de comprar os pijaminhas novos para levar para o hospital é que teve o pânico de sua extrema solidão no mundo, onde não adiantava mais pai nem mãe, nem ela mesma. Quem vai se internar comigo? Perguntou. E a mãe com dor: o médico quer que você se afaste da família e fique sozinha.

Por enquanto a situação: ela implorou ao psiquiatra que não a internasse, ele concordou sob a promessa de que se comportaria de um modo mais razoável.

Sejamos razoáveis também nós. Transviar-se significa sair fora do caminho. De que caminho os transviados estão querendo sair?

A vontade de Angela é de ter supersensação, pois a sensação não basta. O que não é apenas atual: sempre se quis a super-sensação, a aventura humana aspira ao cume e à degradação. Mas é se controlado pelo ambiente, por uma família que entenda que desejar supersensação é uma fuga. Qual é o nosso erro? Francamente, não sei.

"Falei com Deus"

Henry de Monfreid, escritor e aventureiro que por si só mereceria um longo estudo, esteve durante suas viagens com Teilhard de Chardin, encontrando-se com este várias vezes na Etiópia.

Monfreid mantém segredo sobre as confidências que Chardin lhe fez. "Não posso repeti-las porque dei a ele a minha palavra de honra que não as passaria adiante."

No entanto, premido pelo seu entrevistador, Monfreid

1973 (CONT.)

disse que alguma coisa podia contar - e contou que uma vez Teilhard estava pensando alto, a modo de dizer. E, ao que dissera, acrescentara:

"Falei com Deus, mas, não falei aos homens, porque as idéias que hoje tenho não devem ser divulgadas, já que a humanidade ainda não está madura para recebê-las. Quanto a mim, cheguei ao alto da montanha e agora vejo um horizonte que os outros, aqueles que atrás de mim continuam a subir, não vêem. E se eu lhes revelar o que vi, eles se arriscam a perder a fé simples e ingênua que os sustenta nesse momento e que lhes permite subir a montanha que eu mesmo subi. Eis porque é preciso silenciar sobre minhas idéias, e que elas só venham à luz quando a humanidade tiver evoluído o bastante para recebê-las."

8 dez

Dureza necessária

Escrevi um conto de umas 10 páginas sobre uma senhora de quase 70 anos. Esta senhora passa por situações difíceis, embaraçosas, pela perplexidade, pela vergonha. Doeu-me ela o tempo todo, e eu tinha o impulso de interromper para dizer: coitada de minha filha. Mas não podia. Eu tinha que ser neutra e fingir de dura.

E por que não tirá-la das situações difíceis, já que eu mesma as inventei? Por que não melhorar a sua sorte. Foi impossível pois estas eram as suas realidades e eu não posso mentir. Quando minto sobre a verdade de um personagem, não estou sendo honesta. Há que haver uma ética a observar.

Que seja dito de passagem que o conto, chamado de A Procura de uma Dignidade, não é inspirado em nenhum fato real acontecido: tudo é inventado, assim como o nome da senhora.

Pergunto-me eu agora: inventando? Inventa-se? O que a gente inventa já existe de algum modo. Eu devo ter captado expressões sutilíssimas de algumas senhoras e calculei o resto. Será isto o que sucedeu?

Resposta: mistério.

Também tenho começado um outro conto sobre uma senhora sentada no trem. Ainda não sei para onde vai esse trem. Tenho pena também: ela precisaria de companhia, de um guia, de uma segurança: interrompi o conto porque no mo-

1973 (CONT.)

mento não me interessou mais. Provavelmente eu o recomeçarei de novo.

Já tenho quatro velhas descritas ao longo do meu percurso.

O mais curioso é que essas quatro velhas são tão diferentes uma das outras e de tal modo diferem seus acontecimentos e temperamentos que elas não teriam possibilidade de diálogo. Seriam estranhas uma para a outra. E tem a questão do nome, que acho muito importante. A velha de Feliz Aniversário é chamada por mim de velha, por outras de vovó, por uma vizinha de Dona Anita. A de Passeio a Petrópolis chama-se Margarida, mas tem o apelido de Mocinha. A de A Procura de uma Dignidade chama-se Sra. Jorge B. Xavier. É como se ela não tivesse identidade própria. A velha do trem não vai ter oportunidade de dizer seu nome: é apenas uma velha senhora no trem.

O problema de velhice não foi resolvido pelos humanos. Raras vezes se vê pessoa de idade com uma harmonia interna e com vida externa correspondente. Materialmente muito se poderia fazer pelas pessoas idosas, dando-lhes o conforto possível, deixando-as serem úteis, não as afastando como a um ser de outra espécie.

É. Mas não resolve não. É um dos sofrimentos humanos.

Como um robô

Nós somos tão comandados pelas nossas próprias profundezas que o homem se torna um autômato de si próprio. Pois existe uma grande parte nossa que não tem piedade sequer de si mesma, não liga para o problema de consciência, não tem escrúpulos em avançar e passar à nossa frente.

Só que esse robô não é máquina cega: é guiado pelo que há de verdadeiro em cada homem.

Nós também, de algum modo

Conheço uma pessoa que tem um ótimo gravador, daqueles ao qual nada escapa em matéria de som. Essa pessoa, na euforia da compra recente, pediu à cozinheira para gravar sua voz. Ela disse: "eu?; ouvir a minha voz? Nunca! É como tirar a alma da gente!"

Quanto ao dono do aparelho, esse gravador no começo o inibia, deixava-o encabulado, era com dificuldade que gravava. Até que tanto o gravador insistiu que passou a

1973 (CONT.)

controlá-lo: sua tendência era não parar jamais de gravar. Fez o possível para não obedecer. Mas inútil. A máquina que tira a alma da gente já o viciara e tornara-o dependente. Ele vive se gravando.

15 dez

Análise mediúnic

DM

As "fugidas" da mãe

DM

Propaganda de graça

DM

22 dez

Um natal assustado

(Vide "Quase", JB e DM 18 jan 1969)*(NP: Este módulo aparece repetido no JB. Na DM transcreve-se apenas a primeira publicação)*

29 dez

Por causa de um bule de bico rachado

DM

Apenas um cisco no olho

DM

III - ALGUMAS CONSTATAÇÕES

A leitura atenta das crônicas que Clarice Lispector publicou no JB, e o confronto criterioso que procuramos fazer entre a antologia em questão e o periódico, nos levaram a algumas constatações que, embora distanciadas de nossa proposta maior, configuram-se significativas a ponto de merecerem registro. Não pretendemos partir para a análise das crônicas da escritora porque temos consciência de que isto exigiria uma maior reflexão. Sabemos também que as peculiaridades que a pesquisa desenvolveu são de um significado literário que exige um estudo aprofundado, capaz de revelar muito mais do que conseguimos apurar.

As questões que levantamos, em forma de mostragem, não pretendem mais do que registrar ocorrências que, talvez, se imponham decisivas numa reedição da antologia A Descoberta do Mundo.

Estas questões relacionam-se, de um lado, com a repetição de módulos e a intertextualidade existente entre as crônicas do JB e outros textos ficcionais de Clarice Lispector; de outro lado, dizem respeito ao resultado do confronto entre DM e o JB, e têm implicações com o critério de edição da antologia.

. Em Relação aos Textos

No primeiro caso, a pesquisa demonstrou que Clarice Lispector não só reaproveitou textos publicados anteriormente, mas retrabalhou estes textos de forma a revelar a preocupação da escritora com a elaboração da linguagem. O mesmo ocorre quando da publicação de uma mesma crônica mais de uma vez no JB. Os textos repetem-se modificados, apontando para adaptações, as mais variadas, que vão desde as do tipo gramatical até a exclusão/inclusão de períodos e/ou parágrafos inteiros.

O rastreamento que fizemos nos textos que compõem a produção integral de Clarice Lispector no JB mostrou-nos que a cronista trabalhou o gênero em todas as suas possibilidades, desde as crônicas de composição referencial como "Antes da Copa" de 7 nov 1970, até as mais ousadas inovações do tipo "Desafio aos analistas", módulo inserido na coluna de 3 ago 1970, cujo conteúdo integral limita-se, a apenas uma linha.

A coluna do jornal transformou-se, para Clarice, numa espécie de laboratório experimental capaz de permitir as mais férteis realizações da escrita, enquanto material de perceptiva literária. Com incursões pelo conto e romance, ela trabalhou o texto da forma mais diversa, num jogo intertextual surpreendente, estabelecendo uma relação de trocas dentro de seu próprio discurso.⁷

É pertinente, e ao mesmo tempo curioso, lembrar que, em entrevista concedida a Eric Nepomuceno, e estampada na revista Crisis, nº 39 de jul 1976, Clarice Lispector afirma não trabalhar o estilo e nada retocar em seus textos.⁸

O resultado da pesquisa aponta exatamente para o contrário, já que ela nos permitiu apurar quatro tipos diferentes de

reaproveitamento textual.

O primeiro, já apontado, é o que se dá no espaço do próprio jornal, e corresponde à republicação de crônicas, com modificações acentuadas no nível estrutural da linguagem e implicações gramaticais. Um exame minucioso destes textos repetidos, com finalidade analítica, apontaria um número significativo de transformações desta natureza. No entanto, as alterações também ocorrem - ainda que com menor intensidade - no nível de significação do discurso, pela exclusão de partes da crônica quando de sua republicação no JB. Algumas vezes, ao repetir um mesmo texto no periódico, Clarice elimina partes dele, quase sempre aquelas ligadas a sua intimidade e reveladoras de sentimentos pessoais. Estas omissões podem ser justificadas se considerarmos o receio da cronista em se revelar, pois ela mesma via no fato uma "coisa extremamente desagradável." (JB, 21 set 1968) A necessidade de manter a impessoalidade aparece nas crônicas de Clarice de forma quase obsessiva, e a questão é retomada a cada oportunidade.⁹

" (...) sem perceber, à medida que escrevia para aqui, ia me tornando pessoal demais, correndo o risco daqui em breve de publicar minha vida passada e presente (...)" (JB 22 jun 1968).

Para uma melhor compreensão do significado e abrangência das modificações existentes entre os módulos repetidos, transcrevemos, a seguir, o resultado do cotejo integral das variantes. Cotejo que justifica, também, a ausência dos módulos repetidos na transcrição que fizemos anteriormente dos textos que não foram inseridos na DM.

Este confronto será feito tão somente entre as duas publicações de uma mesma crônica, no JB, em ocasiões diferentes.

Distribuímos o conteúdo das variantes em duas colunas: Jornal do Brasil (I), referente a primeira publicações da crônica no periódico; Jornal do Brasil (II), referente a sua segunda publicação no jornal. Transcrevemos apenas as variantes, adotando os sinais gráficos: § para designar o término de parágrafo, e # para final de texto.

JORNAL DO BRASIL (I)JORNAL DO BRASIL (II)

1 mar 1969

11 jul 1970

"A tão sensível"

"A crise"

sua vida - uma crise de profun-
da piedade.

sua vida: uma crise de pro-
funda sensibilidade.

piedade. (...) A cabeça tão

E um dos sintomas era a pie-
dade pelos outros e por si
própria. E a cabeça tão

A cabeça tão limitada, tão bem
penteada, mal podia

E a cabeça tão limitada, tão
bem penteada pelo cabele-
reiro da moda, mal podia

perdoar tanto. Não podia olhar
o rosto de um tenor enquanto
ele cantava-virava o rosto ma-
goada, insuportável, não tole-
rando a glória do cantor.

perdoar tanto. No Teatro Mu-
nicipal na sua frisa, não
podia olhar o rosto de um
tenor enquanto este cantava
alegre virava para o lado o
rosto magoado, era insupor-
tável, ela não suportava o
patético da glória efêmera
do cantor.

do cantor. E às vezes compri-
mia o peito com as mãos bem en-
luvadas - assaltada de perdão.

do cantor. Na rua, de re-
pente, comprimia o peito -
assaltada de perdão.

perdão. Sofria sem recompensa,
sem mesmo a simpatia por si
própria. Até que um dia se cu-
rou assim como uma ferida se-
ca.

perdão. Ela sofria muito.

Essa mesma

Foi essa mesma

seca. Foi essa mesma senhora ,
que sofria de sensibilidade co-
mo de doença, que escolheu um
domingo

seca. Essa mesma senhora, que
sofreu de sensibilidade co-
mo se passa por sarampo, es-
sa mesma senhora escolheu
um domingo

um passeio. Quanto a isso nada se podia dizer contra: ah ela sabia passear

fosse uma menina

Sobretudo quando sentia que seu marido a enganava. §

de manhã. Desceu uma rua cheia de lama, de galinhas, de crianças nuas. A bordadeira

A bordadeira, na casa cheia de filhos em vias de fome, o marido tuberculoso - a bordadeira recusou-se a fazer a blusa porque não gostava de ponto de cruz! §

Saiu afrontada e perplexa, com a liberdade da bordadeira. Sentia-se

Sentia-se tão suja pelo calor da manhã. Um de seus prazeres era o de pensar que sempre, desde pequena, fora muito limpa.

Em casa

quarto meio escurecido, cheia de pensamentos maduros e sem amargura. Oh por uma vez ao menos não sentia nada. Senão essa espera. Na meia escuridão. (...). #

um passeio que uma necessidade. Isso ela sempre soubera: passear.

fosse a menina

Sobretudo, nesse sarampo-de-sensibilidade, passeava muito quando sentia que o marido a enganava. §

de manhã. Teve que subir por uma rua cheia de lama, de galinhas soltas e de crianças semi-nuas e barrigudas - onde fora se meter! No próprio centro da piedade. A bordadeira

A bordadeira, na casinhola cheia de filhos, com carade fome, o marido tuberculoso - a bordadeira se deu ao luxo de se recusar a bordar a toalha porque não gostava de fazer ponto de cruz! §

Saiu afrontada e perplexa. (...) Sentia-se

Sentia-se tão suja pelo calor da manhã, e um de seus prazeres era pensar que sempre fora imaculada.

Em casa

quarto meio escurecido, oh pelo menos uma vez não sentia nada. Senão a perplexidade diante da liberdade-de-criação da bordadeira que no entanto necessita de di-

nheiro. Deitada talvez com um sentimento de espera. A liberdade?

Até que, dias depois, num chá de caridade, a sensibilidade se curou assim como uma ferida seca. Aliás, um mês depois, teve o seu primeiro amante, o primeiro de uma alegre série." #

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "A tão sensível" de 1 mar 1969)

20 fev 1971

"A pesca milagrosa"

a palavra pescando o que não é meramente palavra, é mais entrelinha. Quando

Quando essa não palavra morde a isca, escreveu-se alguma coisa. Uma

a entrelinha, podia-se com alívio

incorporou-se em si própria a palavra indispensável. O que salva

então é distraidamente (não sei explicar melhor. Às vezes não consigo explicar melhor e 25

6 nov 1971

"Escrever nas entrelinhas"

a palavra pescando o que não é palavra. Quando

Quando essa não-palavra - a entrelinha - morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma

a entrelinha, poder-se-ia com alívio

incorporou-a. O que salva

então é escrever distraidamente. (...). #

anos depois encontro o meio)."

#

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "Escrever as entrelinhas" de 6 nov 1971)

20 fev 1971

6 nov 1971

"Lembrar-se"

"Lembrar-se do que não existiu"

nem ao menos sei? Assim: como se (...)

nem ao menos sei? assim como se (...)

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "Lembrar-se do que não existiu" de 6 nov 1971)

13 jul 1968

23 out 1971

"Cérebro eletrônico: o que sei é tão pouco"

"Cérebro eletrônico"

a falta de memória mas exatamente é minha falta de

a falta de memória, mas é exatamente minha falta de

vão para a memória: que é outro órgão computador

vão para a memória: outro órgão computador

mas mesmo tudo, o que sei a respeito do cérebro eletrônico. (...)

mas mesmo tudo o que sei a respeito de cérebro eletrônico. (...)

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "Cérebro eletrônico"

co: o que sei é que é tão pouco", de 13 jul 1968)

13 jul 1968

23 out 1971

"A opinião de um analista sobre mim"

"Peço licença para existir"

E imagino como o Dr. Lourival deve estar farto de ouvir meu nome.

E imaginei como Dr. Lourival deveria estar farto de ouvir meu nome.

Há dias uma das analisadas por ele esteve aqui

Há tempos, uma de suas analisadas esteve aqui

ao desgaste dos ouvidos do analista sobre mim, enviar-lhe

ao desgaste dos ouvidos do analista, enviar-lhe

dedicatória pedi desculpas pela minha letra que não está boa desde que minha mão direita sofreu incêncio. §

dedicatória pedia desculpas pela minha letra, que não estava boa desde que minha mão direita sofrera o incêncio. §

a dedicatória, ele fizera um

a dedicatória, fizera um

Dr. Lourival tinha dito: "Clarice dá tanto aos outros, (...)

o Dr. Lourival tinha dito: "Essa moça Clarice dá tanto aos outros (...)

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "A opinião de um analista sobre mim", de 13 jul 1968)

12 abr 1969

30 out 1971

"Entrevista relâmpago com Pa-

"Prêmio Nobel de Literatu-

blo Neruda"

(...) Cheguei

apartamento onde mora

se hospedavam

cheguei à porta exatamente

Não brinca porém em serviço:
disse-me que se me desse

as perguntas que eu iria fazer

fazer. Inteiramente sem confi-
ança em mim mesma, dei-lhe a
página onde anotara as pergun-
tas, esperando só Deus sabe o
quê. Mas o quê foi um confor-
to. Disse-me

seguinte. Saí com alívio por-
que estava adiada a minha timi-
dez em fazer perguntas. Mas
sou uma tímida ousada e é as-
sim que tenho vivido, o que, se
me traz dissabores, tem-me
trazido também alguma recompen-
sa. Quem sofre de timidez ousa
da entenderá o que quero dizer.

Antes

em seguida escreveu Residência

em fase surrealista. A tercei-
ra

ra no Rio"

Quando Pablo Neruda esteve
no Rio, não há muito tempo,
entrevistei-o rapidamente.
Agora que recebeu o mereci-
do prêmio máximo de litera-
tura, lembro-me da conversa.

Cheguei

apartamento em que mora

se hospedariam

cheguei exatamente

Falou que se me desse

as perguntas que eu anotara

anotara. (...). Disse-me

seguinte. (...)

Antes

em seguida, Residência

em sua fase surrealista. A
terceira

e despertou-o para os problemas

vê-lo. Já havia respondido às minhas perguntas, infelizmente: pois a partir de uma resposta, é sempre ou quase sempre provocada outra pergunta, às vezes aquela a que se queria chegar. As respostas

sucintas. Tão frustrador receber resposta curta a uma pergunta longa.

Contei-lhe sobre a minha timidez em pedir entrevistas, ao que ele respondeu: Que tolice!

Perguntei-lhe

fizemos.

(...) Você

- O que é angústia? - Indaguei-lhe.

- Sou feliz - foi a resposta. #

19 abr 1969

no deserto aos mineiros

aos tosquiadores

- Qual de seus livros

- O próximo. §

e o despertou para problemas

vê-lo. (...) As respostas

sucintas. (...)

Perguntei-lhe

fizemos.

(Meu caso, na verdade, é diferente: não gosto do que escrevo exatamente porque é meu) Você

- O que é angústia, (...)

- Sou feliz. (...)

(continuação do módulo de 30 out 1971)

no deserto para os mineiros

para os tosquiadores

- De qual dos livros

- Do próximo. §

que os seus leitores acham vo-
cê o

- Muitos. São os melhores. Es-
te é um

deseja para você mesmo como

- Estou disposto a sofrer mais.§

primeira entrevista que ele
dava no dia seguinte

frases. (...). #

que os seus leitores o acham

Muitos. São os melhores.§

deseja para si mesmo como

- Disposto a sofrer mais.§

primeira entrevista que ele
dava a alguém, no dia se-
guinte

frases. Pablo Neruda mere-
ceu o Prêmio Nobel. #

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "Entrevista relâmpago com Pablo Neruda", de 12 e 19 abr 1969. No JB este módulo aparece ainda em 3 nov 1973, com o título "Enquanto vivia", não aparece na DM nesta data)

4 out 1969

"Humildade e técnica"

Nunca tive um só problema de

em humildade, não me refiro à
humildade

consciência de ser realmente

me assustei com minha falta de
pudor; mas é que não é. Humil-
dade

6 nov 1971

"Humildade como técnica"

Nunca tive problema de

em humildade, refiro-me à
humildade

consciência de se ser real-
mente

me assustei com a minha fal-
ta de pudor. Humildade

um erro grave, e, com todo o atraso que o erro dá à vida; faz perder muito tempo. (...). #

um erro grave, com todo atraso que erro dá à vida, faz perder muito tempo. Enquanto que a humildade leva adiante. #

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "Humildade e técnica" de 4 out 1969)

25 out 1969

11 dez 1971

"O intransponível"

"Destino"

Na rua deserta nenhum sinal de táxi.

Na rua deserta nem um sinal de ônibus.

insolente uma cabeça de mulher?

insolente uma cabeça ruiva de mulher?

faiscante da porta, às duas horas. O que

faiscante da porta, às duas horas em Grajaú. O que

quando se aproximou

quando se apresentou

um irmão em Grajaú

um irmão Grajaú

uma senhora, e encarnada

uma senhora, encarnada

Entre tantos seres que estão

Entre outros seres que estão

afinal despregou-se da menina (...)

afinal despregou-se do olhar da menina (...)

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "O intransponível de 25 out 1969)

16 mar 1968

12 fev 1972

"Restos de Carnaval"

"A menina que era uma rosa"

Não, não deste último carnaval,

Não, não vou falar deste último carnaval.

Mas não sei por que este me transportou para a minha

Mas não sei porque este de agora me transportou para a minha

de serpentina e confete.

de serpentina e de confete.

Como se as ruas e praças do Recife enfim explicassem

Como se as ruas e praças enfim explicassem

ã porta do pé de escada so sobrado onde morávamos

ã porta do pé da escada do edifício onde morávamos

também ruge nas minhas faces.
Então

também ruge nas minhas faces afogueadas. Então

Embora de pétalas o papel crepom nem de longe lembrasse, eu

Embora o papel crepom nem de longe lembrasse pétalas, eu

não posso sequer entender agora: o jogo

não posso sequer entender: o jogo

a atmosfera em casa acalmou-se

a atmosfera em casa se acalmou

minha irmã me penteou e pintou-me (...)

minha irmã me penteou e pintou (...)

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "Restos de carnaval" de 16 mar 1968)

24 jul 1971

26 fev 1972

"É preciso parar"

"É preciso viver"

Enfim, mas que medo - de mim
mesma. #

enfim, mas que medo - comi-
go mesma. #

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "É preciso parar"
de 24 jul 1971)

7 jun 1969

6 maio 1972

"O que é o que é?"

"A impossível definição"

O único modo de chamar é per-
guntar: como se chama?

Será que o único modo de cha-
mar é perguntar assim: como
se chama?

com a própria pergunta. Qual é
o nome? e este é o nome. #

Com a própria pergunta: qual
é o nome? E este é o nome. ##

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "O que é o que é?"
de 7 jun 1969)

7 jun 1969

6 maio 1972

"A noite mais perigosa"

"Flor mal-assombrada e viva demais"

a sala de visitas estava escu-
ra - mas a música chamou para
o centro da sala - uma coisa
acordada estava ali -

a sala de visitas estava es-
cura mas a música chamou
para o centro da sala uma
coisa que acordada estava a
li -

agasalhei-me no medo - como já
agasalhei de ti em ti mesmo -
que foi que encontrei? - nada

enchia-se de uma claridade que
não iluminava - e que eu tre-
mia no centro dessa difícil
luz - acredita em

sou alguma coisa perfeita e
graciosa - como se eu nunca vi-
ra uma flor - e com medo pen-
sei que aquela flor é a alma
de quem acabara de morrer

iluminado que se movia e deslo-
cava - e a flor me impressio-
nava como se houvesse uma abe-
lha perigosa rondando a flor -
uma abelha gelada de pavor -
diante da irrespirável graça
desse bruxuleio que era a flor
- e a flor depois ficava gela-
da de pavor diante da abelha
que era muito doce das flores
que ela no escuro chupava - a-
credita em mim

tratava-se apenas de um embran-
quiçar das trevas - não ficou

agasalhei-me do medo no pró-
prio medo - como já me aga-
salhei de ti em ti mesmo -
o que foi que encontrei? -
nada

enchia-se de uma claridade
que parecia a claridade de
um sorriso - e que era ima-
nente na flor - e eu estre-
mecia no centro dessa difí-
cil luz - acredita em

era como se eu nunca tives-
se visto uma flor - era al-
guma coisa perfeita e cheia
da graça que parece sobre-
humana mas é vida - e com
medo inventei que aquela
flor era a alma de alguém
que acabara de morrer

centro iluminado que tinha
uma energia levíssima a pon-
to de parecer se mover e
destacar-se e a flor estava
tão vibrante como se houves-
se uma abelha perigosa ron-
dando-a - uma abelha gelada
de pavor? - não - o melhor
dizer que a abelha e a flor
emocionadas se encontravam,
vida contra vida, vida a fa-
vor da vida - ou gelada de
pavor diante da irrespirável
graça desse bruxuleio de ve-
la acesa que era a flor - a
abelha era eu - e a flor tre-
mia diante da doçura perigo-
sa da abelha - acredita em
mim

tratava-se no entanto de
apenas um embranquiçar das

não ficou nenhuma prova - nada
te posso

e assim te explico o que os ou
tros não entendem e me põe no
hospital - não entendo

experimentaram com violetas que
eram mais delicadas - mas

me chamam - não sei como não ir
- na verdade eu quero ir - não
lamente a minha morte - já sei
o que vou fazer e aqui mesmo
no hospital - não será suicí-
dio, meu amor, amo demais a vi-
da e por isso nunca me suicida-
ria, vou mas é ser a clarida-
de móvel, sentir o gosto de
mel se eu for designada para
ser abelha. #

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "A noite mais peri-
gosa" de 7 jun 1969)

25 maio 1968

"Rosas silvestres"

como se o mundo fosse uma rosa
crua.

quando em quando rosas silves-
tres. E o perfume delas, meu
Deus

trevas - não ficou

não ficou nenhuma prova do
que eu senti - nada te pos-
so

e dando-me explico o que só
eu, eu, que vi, posso expli-
car - não entendo

jã a experimentei com viole-
tas que eram muito delicadas
- mas

me chamam - o pior é que não
sei como não ir - o apelo
é para que eu vá - e na ver-
dade profundamente eu quero
ir - é o encontro meu com meu
destino - esse encontro te-
merário com a flor. #

3 jun 1972

"Rosas silvestres"

como se o mundo fosse uma ro-
sa viva.

quando em quando rosas sil-
vestres (ela parou de me
mandar e sinto falta) e o

e lembra as perfumadas noites
de lua de Recife. Quando

como uma flor renascida no berço

embriaga. Estão mortas, feias,
em vez de brancas, ficaram amarrotadas. Mas como jogá-las fora se, mortas, elas têm a alma viva? Resolvi a situação das rosas silvestres mortas, despetalando-as e espalhando as pétalas perfumadas na minha gaveta de roupas. Da última vez que minha amiga me mandou rosas silvestres, quando estas estavam morrendo e ficando mais perfumadas ainda, eu disse para meus filhos:

Era assim

alma viva.

Esqueci de dizer que as rosas silvestres são de planta trepadeira e nascem várias no mesmo galho. Rosas silvestres, eu vos amo. Diariamente morro por vosso perfume. #

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "Rosas silvestres" de 25 maio 1968)

7 out 1967

"Medo do desconhecido"

perfume delas, meu Deus

e lembra as noites perfumadas das ruas desertas de Recife. Quando

como uma flor nascida no berço

embriaga. (...)

Era assim

alma viva. (...)

Rosas silvestres, eu vos amo. Diariamente, se estais presentes, morro por vosso perfume. #

3 jun 1972

"Por medo do desconhecido"

a felicidade. E por assim dizer sem motivo. De início

O amor pela vida mortal

E o que é que eu faço? Que faço da

assusta? Não, não quero ser feliz. Prefiro a mediocridade. Ah, milhares de pessoas não tem coragem de pelo menos prolongar-se um pouco mais nessa coisa desconhecida que é sentir-se feliz, e preferem a mediocridade. (...). #

a felicidade. De início

O amor por essa vida mortal

E o que é que se faz quando se fica feliz? Que faço da

assusta? Não, ela não queria ser feliz. Por medo de entrar num terreno desconhecido. Preferia a mediocridade de de uma vida que ela conhecia. Depois procurou rir para disfarçar a terrível e fatal escolha. E pensou com falso ar de brincadeira: "Ser feliz? Deus dá nozes a quem não tem dentes". Mas não conseguiu achar graça. Estava triste, pensativa. Ia voltar para a morte diária." #

(NP: Na antologia DM constam as duas publicação)

4 out 1969

"Aventura"

de entender, sem ser através do processo de escrever. Se tomo um ar

sem que o monta - mentir

20 maio 1972

"Aceitando o risco"

de entender se não usar o processo de escrever. Escrever é compreender melhor. Se às vezes tomo sem querer um ar

sem que mentisse - e mentir

Depois da coisa escrita, eu poderia friamente torná-la mais clara? Mas é que sou obstinada. E por outro lado, respeito uma certa clareza, peculiar ao mistério natural, não substituível por clareza outra nenhuma. (...)

Depois da coisa escrita, poderia eu torná-la menos herética, mais explicativa? Mas é que respeito um certo tom peculiar ao mistério natural da criação, não substituível (esse mistério) por clareza outra nenhuma. (...)

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "Aventura", de 4 out 1969)

14 jun 1969

24 jun 1972

"Autocrítica no entanto benévola"

"Autocrítica"

Tem que ser benévola, porque se fosse aguda isso talvez me fizesse nunca mais escrever. E eu quero escrever, algum dia talvez.

Esta autocrítica tem que ser complacente, porque se fosse aguda demais isso talvez me fizesse nunca mais escrever. Mas eu queria escrever, algum dia talvez.

que se voltar a escrever, será de um

que se voltasse a escrever, seria de um

que escrevo, por exemplo, não importa

que escrevo, não importa

se boas ou más: mas falta a elas

se boas ou más, é: falta a elas

a quantas vezes não consegui o

e quantas vezes não conseguimos o

de dizer tão claramente que quero o máximo - e o máximo deve

de dizer tão claramente o que eu quereria para o futu

ser atingido

uma vez senti, no entanto, que seria conseguido através da misericórdia. #

ro: quereria o máximo e o máximo deve ser atingido

uma vez senti, no entanto, que se fosse conseguido seria através da misericórdia. #

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "Autocrítica no entanto benévolo" de 14 jun 1969)

21 dez 1968

23 dez 1972

"Anunciação"

Tenho em casa uma pintura do italiano Savelli - depois compreendi muito bem quando soube

vitrais no Vaticano.

Por mais

O arcanjo, de pé ao seu lado, olha-a. E ela,

humanidade futura através dela, Maria aperta a garganta com a mão em surpresa e angústia. §

O anjo, que veio pela janela, é quase humano: só suas longas asas é que lembram que ele pode se transladar sem ser pelos pés. As asas são muito humanas: carnudas, e seu rosto

"Anunciação"

Tenho em casa uma pintura do italiano Savelli. Depois compreendi quando soube

vitrais no Vaticano: suas cores são de igreja iluminada pelo sol.

Por mais

O arcanjo de pé ao seu lado quase toca com a mão a sua cabeça. E ela,

humanidade futura através dela, leva a mão à garganta em surpresa e angústia. §

O anjo é humano: só as longas vermelhas asas carnudas sugerem que ele se transladou sem ser pelos pés.

Cada

é o rosto de um homem.

É a mais bela e cruciante
verdade do mundo.

Cada

anunciação: e, grávido de alma,
leva a mão

anunciação e leva a mão

angústia. Como se houvesse para
cada um, em algum momento da
vida, a anunciação de que há
uma missão a cumprir.

angústia. Para cada um de
nós - em algum momento da
vida - anuncia-se uma missão
a cumprir? (...) #

A missão não é leve: cada
homem é responsável pelo mundo
inteiro. #

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo de 21 dez 1968)

21 dez 1968

23 dez 1972

"Ele seria alegre"

"Alegria"

precisasse mostrar ao mundo a
dor do mundo: como homem era
um ser perfeito e por isso te-
ria alegrias perfeitas. #

precisasse encarnar no mun-
do a dor do mundo. Se, como
homem e como diz a lenda,
era um ser perfeito, teria
a alegria perfeita. #

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "Ele seria alegre"
de 21 dez 1968)

21 dez 1968

23 dez 1972

"A humildade de São José"

"São José"

São José é o símbolo da humildade.

São José é a humildade.

ele a tivesse germinado. §

ele a tivesse fecundado. §

é a bondade humana. É o auto-pagamento no grande momento histórico. Ele é o que vela pela humanidade. #

é bondade. E o auto-pagamento diante de um momento maior do que ele. #

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "A humildade de São José" de 21 dez 1968)

21 dez 1968

23 dez 1972

"Meu natal"

"Meu natal"

Como as crianças eram pequenas e não conseguiram se manter acordadas para uma ceia, ficou como hábito que o Natal seria comemorado não à meia-noite, mas sim no almoço do dia seguinte. Depois os meninos cresceram mas o hábito ficou. E é no dia 25 pela manhã que vêm os presentes.

(...) Falando

Pelo fato da ceia de Natal ser no dia 25, eu fiquei sempre livre na noite de 24 de dezembro. Mas há três ou quatro anos tenho um compromisso sagrado para a noite de 24.

É que falando

É que, falando com uma moça que não era ainda minha amiga mas hoje é, e muito cara, perguntei-lhe o que ia fazer

Falando com uma moça perguntei-lhe que ia fazer

noite de Natal, com que ia pas-
sar. Ela respondeu

tomo umas pílulas que

Surpreendi-me, assutada, per-
guntei-lhe por quẽ.

pai e mãe, se não me engano
perto de um Natal, e não supor-
tava passã-lo sem eles. Fiz-
lhe antes ver o perigo de tais
pílulas: podia, em vez de 48
dormir para sempre. §

jantando num restaurante. En-
contrar-nos-íamos os oito e
pouco da noite, ela veria como

rua. Depois do jantar, ela me
deixa em casa com o seu carro,
e vai para casa buscar a tia
para irem à Missa do Galo. Nós
combinamos

Nós combinamos que cada uma pa-
ga a sua parte no jantar e que
não trocaremos presentes: o
presente é a presença de uma
para a outra.

Mas houve um Natal em que
minha amiga quebrou a combina-
ção e, sabendo-me não religio-
sa, deu-me um missal. Abri-o, e
nele ela escrevera: reze por
mim.

No ano seguinte, em setem-
bro, houve o incêndio em meu
quarto que me atingiu tão gra-
vemente que fiquei alguns dias
entre a vida e morte. Meu quar-
to foi inteiramente queimado: o
estuque das paredes do teto

noite de Natal. Ela respon-
deu

tomo pílulas que

Surpreendi-me, quis saber
por quẽ.

pai e mão perto de um Natal
e não suportava passã-lo sem
propriamente um lar. Falei
do perigo das pílulas: um
dia em vez de 48 horas, dor-
miria para sempre. §

jantando fora de casa. E ela
veria como

rua.

(...) Combinamos

Combinamos que o presen-
te seria a presença de uma
para a outra. Só nos encon-
tramos uma vez por ano e to-
mamos juntas o vinho da ami-
zade. #

caiu, os móveis foram reduzidos a pó, e os livros também.

Não tento sequer explicar o que aconteceu: tudo se queimou, mas o missal ficou intato, apenas com um leve chamuscado na capa. #

(NP: Na antologia DM aparece apenas o módulo de 21 dez 1968)

30 nov 1968

30 dez 1972

"Se eu fosse eu"

"Diante do que é grande demais"

me sinto bem. Experimente: se você fosse você como seria e o que faria? Logo de início se sente um constrangimento: a mentira em que

me sinto bem. Um vago mal-estar diante dessa criatura que eu seria se fosse realmente eu. Um constrangimento: a mentira em que

acomodara. No entanto já li biografias de pessoas

acomodara.

Já li biografias de pessoas

futuro.

futuro.

Se eu fosse eu parece representar

Mas se eu fosse eu parece representar

as primeiras chamadas loucuras da festa que seria, teríamos en fim a experiência

as primeiras loucuras da orgia comigo mesma teria en fim a experiência

Bem sei, experimentaríamos en fim em pleno a dor do mundo. E a nossa dor, aquela que aprendemos a não sentir.

E sentiria a minha própria dor, aquela que, por covardia explicável aprendemos a não sentir.

Mas também seríamos por vezes

Sim, mas também seria por vezes

porque me senti sorrindo e tam
bém senti uma espécie de pudor
que se tem diante do que é
grande demais.(...) #

porque de repente me senti
sorrindo. E também senti
uma espécie de pudor que se
tem diante do que é grande
demais: a vida. #

(NP: Na antologia DM aparece apenas o módulo "Se eu fosse eu"
de 30 nov 1968)

20 set 1969

13 jan 1973

"Ao correr da máquina"

"Minha máquina escrevendo
automaticamente"

Não porque momentos sejam pou-
cos,

Não porque momentos são pou-
cos,

Responde, a vida que me meta

Respondei, oh vida que me
mata

o trabalho da manhã na Zona
Sul,

o trabalho na Zona Sul,

Adiantaria matar a criancinha
- fantasma e ficar livre?(...)

Adiantaria matar a crianci-
nha - fantasma, que sou eu,
e ficar livre da infância?
(...)

(NP: Na antologia DM aparece apenas o módulo "Ao correr da má-
quina" de 20 set 1969)

20 set 1969

13 jan 1973

"O livro desconhecido"

"A procura do livro"

de um livro que eu mesma es-
creveria. Não sei. Mas

de um livro que eu mesma es
creveria: se soubesse como.
Não sei. Mas

libertação: "Mas é que eu não
sabia que se pode tudo, meu
Deus!" #

libertação: "É porque eu não
sabia que se pode tudo, meu
Deus!" #

(NP: Na antologia DM aparece apenas o módulo "O livro desconhecido" de 20 set 1969)

20 set 1969

13 jan 1973

"O erudito"

"O gerente"

ao seu destino, queria ele di-
zer. Não há grandes motivos
a procurar

ao seu destino - era isto o
que ele talvez quisesse
dizer. Não havia grandes mo
tivos a procurar

mesmo se pergunta e estende sa
patos

mesmo se perguntava e esten
dia sapatos

histórica ou arqueológica, (...)

histórica ou arqueologis-
ta, (...)

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "O erudito" de 20 set 1969)

27 nov 1971

20 jan 1973

"Domingo de tarde"

"Domingo"

empinadas. O temporal de verão
aumenta. O que me pergunto mui-
to pensativa atrás da vidraça:
em que terá dado a alegria do
Concurso Hípico? #

empinadas. Então é que cho-
ve mais. O que me pergunto
muito pensativa: em que te-
rá dado a alegria do concu-
so hípico? #

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "Domingo de tarde"
de 27 nov 1971)

6 set 1969

24 mar 1973

"O artista perfeito"

"Um ser livre"

pudesse educar, ou não educar
uma criança

dessem-lhe umas (...)

pudesse educar uma criança

lhe dessem umas (....)

(NP: Este módulo consta da antologia DM nas duas publicações)

6 set 1969

24 mar 1973

"Hindemith"

"Hindemith"

de Hindemith não conta sobre,
antes se conta, antes se desdo-
bra. Ele não é grave, ele é
gravidade. E em nada

De Hindemith não é grave, ele
é gravidade. E em nada

vibrações dolorosas, que ner-
vos expostos sejam expressão de

vibrações dolorosas, senão
seria quarteto de nervos.

25 nov 1967

14 abr 1973

"A mineira calada"

"O que apareceu"

abafada. Raramente fala. Eu, que
(...)

abafada. É pessoa que raramente
fala. Eu, que (...)

(NP: Na antologia DM aparece apenas o módulo "A mineira calada" de 25 nov 1967)

25 nov 1967

14 abr 1973

"A vidente"

"A vidente"

irmãs estava visitando-me, Janira
entra (...)

irmãs estava me visitando
quando Jandira entrou (...)

(NP: Na antologia DM aparece apenas o módulo de 25 nov 1967)

25 nov 1967

14 abr 1973

"Agradecimento?"

"Agradecimento original"

meu ombro esquerdo. Eu hein!
#

meu ombro esquerdo. (...) #

(NP: Na antologia DM aparece apenas o módulo "Agradecimento?" de 25 nov 1967)

25 nov 1967

14 abr 1973

"A coisa"

"A coisa"

vezes e outras vezes vem pes-
soalmente visitar-me. #vezes e nas outras vem pes-
soalmente me visitar. Desem-
bestou. (...) #*(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo de 25 nov 1967)*

15 nov 1969

21 abr 1973

"Um encontro com o futuro"

"Um encontro com o futuro"

do Homem, da brasileira Rose

do Homem, de Rose

Kahn, a maior autoridade mun-
dial no assunto, descreve

Kahn descreve

Eis o futuro dos nossos fi-
lhos. Inveje-os. #E eis o futuro dos nossos
filhos. (...) #*(NP: Este módulo está ausente da DM nas duas publicações)*

4 maio 1968

5 maio 1973

"A volta ao natural - trecho"

"A vida natural"

(NP: Este módulo aparece na antologia DM nas duas publicações)

5 abr 1969

12 maio 1973

"Corças negras"

"Doçura"

e sua voz é tão cantante (...)

e sua voz é tão cortante(...)

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "Corças negras" de 5 abr 1969)

5 abr 1969

5 maio 1973

"A perigosa aventura de escrever"

"A perigosa aventura de escrever"

E quando, meu Deus, pode-se dizer que o coração

E quando é que se pode dizer que o coração

às vezes no amor ilícito está toda a pureza do corpo (...)

às vezes no amor aparentemente vulgar está toda a pureza do corpo (...)

(NP: Na antologia DM aparece apenas o módulo de 5 abr 1969)

28 fev 1970

12 maio 1973

"Futuro improvável"

"Futuro improvável"

dois e dois são quatro e isso é contrário de uma solução, e beco sem saída, puro problema enrodilhado em si. Para voltar de "dois e dois são quatro" é preciso voltar, fingir (...)

dois e dois são quatro (...) é preciso voltar, fingir (...)

(NP: Este módulo aparece na antologia DM nas duas publicações)

20 jul 1968

"Em busca do outro"

que entendo os que

caminho. Como busquei arduamente o meu! E como hoje busco com sofreguidão e aspereza o meu melhor modo de ser, o meu atalho já que não ousa

Eu que tinha querido

hoje me agarro

o atalho onde eu seja finalmente eu, isso não encontrei

Mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é outro, é os outros. Quando eu puder sentir (...)

9 jun 1973

"Em busca do outro"

que entende os que

caminho. Buscou arduamente o seu. E como hoje busca com sofreguidão e aspereza o seu melhor modo de ser, o seu atalho, já que não ousa

Ele que tinha querido

hoje se agarra

o atalho onde ele seja finalmente ele mesmo, isso não encontrou

Mas sabe de uma coisa: seu caminho não é ele, é o outro, é os outros. Quando puder sentir (...)

(NP: Na antologia DM aparece apenas o módulo de 20 jul 1968)

8 jun 1968

"E amanhã é domingo"

Bom domingo para vocês. Segunda

meus papéis, já que a governanta eu não vou ter mesmo. Quanto aos sonhos (...)

9 jun 1973

"E amanhã é domingo"

Bom domingo para nós. Segunda

meus papéis. Quanto aos sonhos (...)

(NP: Na antologia DM aparece apenas o módulo de 8 jun 1968)

20 jan 1968

16 jun 1973

"Insônia infeliz e feliz"

"No meio da noite"

Saio da cama, tomo café. E ainda por cima com um desses horríveis substitutos de açúcar porque Dr. José Carlos Cabral de Almeida, dietista, acha que precisó perder os quatro quilos que aumentei com a superalimentação depois do incêncio. E o que se passa

Saio da cama, tomo café. (...) E o que se passa

Pensa-se uma escuridão clara. Não

Pensa-se uma escuridão. Não

um nome: solidão. Ler? Jamais. Escrever? Jamais. Passa-se um tempo

um nome: solidão que não seria quebrada por ninguém no mundo. Ler? Jamais. Trabalhar? Jamais. Passa-se um tempo

como o sol subindo, a casa vai acordando e há o reencontro com meus filhos sonolentos. #

como o sol subindo, as casas vão acordando. (...) #

(NP: Na antologia DM aparece apenas o módulo "Insônia infeliz e feliz" de 20 jan 1968)

20 jan 1968

16 jun 1973

"Gratidão à máquina"

"A César o que é de César"

(NP: Na antologia DM aparece apenas o módulo "Gratidão à máquina" de 20 jan 1968)

22 nov 1969

1 set 1973

"Brain Storm"

"Tempestade de almas"

mortal. Ibrahim Sued disse que era um imortal sem fardão. O objeto

mortal. (...) O objeto

antiquário em Berna, e estilo

antiquário (...) e estilo

vermelho. Eu amo os objetos

vermelho. (...) Amo os obje
tos

salvaria. A pior cegueira é a dos que não sabem que estão cegos. Abro bem

salvaria (...) Abro bem

quebrada, o conserto é muito caro, e não viver

quebrada, (...) e não viver

de Haendel. Aquela Abraço, eu já não aguento essa canção que no entanto é toda fraternal. Só posso

de Haendel. (...) Só posso

Uma vez uma estação de águas em Minas, para onde acompanhei meu pai, eu olhei (...)

Uma vez (...) eu olhei (...)

(NP: Na antologia DM aparece apenas o módulo "Brain Storm" de 22 nov 1969)

26 abr 1969

8 set 1973

"Na Grécia"

"Na Grécia"

Muito tarde da noite telefonei para (...)

(...) De noite telefonei para (...)

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo de 26 abr 1969)

26 abr 1969

"Charlatões"

nesse assunto.

Disseram-me que um crítico teria escrito que Guimarães Rosa e eu éramos dois embustes, o que vale dizer charlatões. Esse crítico não vai entender nada do que estou dizendo aqui. É outra coisa. Estou falando de algo muito profundo, embora não pareça, embora eu mesma esteja um pouco tristemente brincando com o assunto. #

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo de 26 abr 1969)

8 set 1973

"Charlatões"

nesse assunto. (...) #

7 set 1968

"Uma tarde feliz como embandeirada"

pura e suave. Tudo nesta tarde estava ameno e leve como brisa para preparar minha ida à casa de Grauben. Enfeitei-me

um pouco: queria estar bonita, imitando de longe a natureza desta tarde. E lá

Ela é a esperança

Grauben tem 78 anos. Era

15 set 1973

"Grauben revisitada"

pura e suave, a de ter uma vez visitado Grauben. Tudo naquela tarde estava ameno e leve como brisa para preparar minha ida à sua casa. Enfeitei-me

um pouco: queria imitar de longe a natureza desta tarde. E lá

Ela era a esperança

Grauben tinha 78 anos. Era

Ela é enxutinha,

e mexe-se com

anda com

É lindo: uma

Se esta é sua

ela usa como

batendo de emoção. Os sons

Hall e em setembro irá de novo se apresentar na mesma sala de concertos onde só

em casa. Quem não tem jamais saberá o que perde. E o preço dos quadros é perfeitamente acessível a um enorme número de pessoas. Grauben me

meu quadro. E atrás da fotografia - desculpem, mas a alegria me faz perder por um instante a modéstia objetiva com que vivo - atrás da fotografia escreveu: "A grande Clarice, obrigada por conhecê-la, a desde já grande amiga." Assinado o nome mais deleitoso entre nossa pintora: Grauben. #

Era enxutinha,

e mexia-se com

andava com

Era lindo: uma

Se esta era sua

ela usava como

baterdo de gosto. Os sons

Hall (...) onde só

em casa. (...) Grauben me

meu quadro. (...) #

(NP: Este módulo não consta da DM nas duas publicações)

21 set 1968

15 set 1973

"É preciso também não perdoar"

"Não perdoar"

pela vítima, e um partido, mes-
mo errado, contra o inimigo. E
tornar-se (...)

pela última. E tornar-se(...)

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "É preciso também não perdoar" de 21 set 1968)

13 dez 1969

6 out 1973

"Teosofia"

"Ano-Novo: 2000"

não podia o chofer - um senhor

não podia. O chofer - um se-
nhor

ultrapassamos o dois mil. O
que eu já aprendi com os chofe-
res de táxi daria para um li-
vro. Eles sabem muita coisa:
literalmente circulam. Quanto
a Antonioni eu sei, e eles não
sabem. Se bem que talvez, mes-
mo ignorando-o. Há vários mo-
dos de saber, ignorando. Co-
nheço isso: acontece comigo
também. #

ultrapassamos o 2000. (...)#

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "Teosofia" de 13 dez 1969)

13 dez 1969

6 out 1973

"Liberdade"

"Liberdade"

ponto de simplicidade ou liber
dade que às vezes (...)ponto de simplicidade que às
vezes (...)*(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo de 13 dez 1969)*

27 jul 1968

13 out 1973

"Ritual - Trecho"

"As águas do mar"

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "Ritual - Trecho" de 27 jul 1968)

23 maio 1970

20 out 1973

"Para uma frase soar melhor"

"Melhorando uma frase"

(NP: Este módulo está ausente da antologia DM nas duas publicações)

24 ago 1968

27 out 1973

"Noite na montanha"

"Silêncio"

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "Noite na montanha" de 24 ago 1968)

8 jun 1968

10 nov 1973

"Ideal burguês"

"Ideal de uma burguesa"

por arrumar. (Vou ter secretária por estar em estafa, segundo o mé^{di}do) Isso não

por arrumar. (...) Isso não

muletas, não só as nossas

muletas; não só as nossas

Eu mesma tomaria conta deles.

Eu mesma cuidaria deles.

Más

Mas

vão gostar. É que mãe de origem russa, quando vai beijar os filhos, em vez de dar um beijo, quer logo dar quarenta. Expliquei isso a um de meus filhos, e ele me respondeu que eu estava era arranjando pretexto, o que eu gostava mesmo era de beijá-los. #

vão gostar. (...) #

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "Ideal burguês" de 8 jun 1968)

22 mar 1969

24 nov 1973

"Uma prosa de Jorge Luís Borges"

"Uma prosa de Jorge Luís Borges"

desafio a tudo. Ele simplesmente é. Não há (...)

desafio a tudo. (...) Não há (...)

(El Hacedor, de J.L. Borges)

(El Hacedor (...))

(NP: Este módulo está ausente da antologia DM nas duas publicações)

21 out 1967

24 nov 1973

"Um fato inusitado e um pedido"

"Um pedido"

Falei pelo telefone com o escritor Umberto Peregrino, Diretor do Instituto Nacional do Livro, contei-lhe o caso, e ele prontamente mandou enviar uma relação de livros ao vigia de obras. (...)

Falei pelo telefone com o Instituto Nacional do Livro, contei o caso, e prontamente uma seleção livros foi enviada ao vigia de obras. (...)

(NP: Este módulo está ausente da antologia DM nas duas publicações)

18 jan 1969

22 dez 1973

"Quase"

"Um natal assustado"

(...). Meu táxi

Era véspera de Natal e o calor massacrava a alma. Meu táxi

forte: reconheci dentro da carne da alma, que sentia na dor, reconheci que seria na igreja que eu poderia encontrar

forte: reconheci que numa igreja eu poderia encontrar

táxi e senti que era com um andar humilde que eu entrava na penumbra

táxi e com andar humilde penetrei na penumbra

melancólica: eu dava minha

melancólica: eu que tinha dado minha

Porque não era paz o que eu sentia. Sentia

Porque não conseguia paz. Sentia

e que eu restara de pé

e que eu restava de pé

esquecendo minha dor e olhando
os santos

mais puro da palavra

misericórdia. E por que, meu
Deus, era tão necessário

Fiquei olhando.

(...) Alguma coisa

coisa porém eu estranhava

que a pele parecia

no peito, e as flores vivas e
rubras rebentando como um gri-
to de vida

verão, não podia pois ser. Era

visto. Eu sabia

Quando eu era pequena, nossa

menina tem os olhos

Eu só sabia ver pegando,
mas sabia que se o padre en-
trasse e visse

vazia, então furtivamente es-
tendi a mão para

ficaram. As duas moças tinham o
ar aborrecido

esquecendo de mim e olhei os
santos

mais puro e adorável da pa-
lavra

misericórdia. Mas por que
era tão necessário

Fiquei olhando. Mas um pou-
co perplexa, ainda não sa-
bia por quê.

Alguma coisa

coisa eu estranhava

que a sua pele parecia

no peito, e as flores amare-
las e vermelhas rebentan-
do como um berro de vida

verão, e portanto não podia
ser. Era

visto. Sabia

Quando eu era criança, nossa

menina nasceu com os olhos

Eu só sabia ver pegando
mas sabia também que se o
padre aparecesse e visse

vazia. Então estendi furti-
vamente a mão para

ficaram de pé. As duas ti-
nham o ar extremamente abor-
recido

para a outra: - Afinal

quando é que vem todo mundo
para o enterro de vovó? Ela

havia tocado com meus

morta. (...)

À idéia de

meio desmaiada. Meu coração ba-
tia muito fora do lugar do co-
ração: no pulso, na cabeça, nos
joelhos, e no peito também.

Sei que

se a morte faz parte de nossa
vida. Não

vida sem morte, e no entanto eu
quase desmaiara ao tocar no que
era também minha. Eu

o que vi lá fora? Vertiginosa

ainda fiquei vendo o sol aber-
to e uma

e eu quase morta por ter aspi-
rado as flores vermelhas aos
pés da morte.

Na rua

Depois mandei parar um táxi
e fraca, porém tão viva como um

para a outra com raiva: - A
final

quando é que eles vão che-
gar para finalmente enter-
rar vovó? Ela

havia alisado com meus

morta. Eu que morro de medo
quando vejo uma pessoa mor-
ta.

À idéia

meio desmaiada por dentro.
Meu coração batia muito for-
te e fora do lugar do cora-
ção: no pulso, na cabeça,
nos joelhos.

Sei que

se a morte era por assim di-
zer o nosso pão diário. Não

vida sem ela, e no entanto
eu quase desmaiara ao me a-
proximar da morte que era
também minha. Eu

o que estava lá fora? Verti-
ginosa

ainda e ofuscada fiquei ven-
do o sol extremamente aber-
to e uma

e eu quase morta. (...)

Na rua

Depois mandei parar um
táxi. Fraca, porém tão viva

botão fresco de rosa, fui toda
pálida para casa.(...) #

como uma rosa vermelha aos
pés dos que morrem, fui pa-
ra casa. À meia-noite os
sinos cantaram o nascimen-
to do Menino. #

(NP: Na antologia DM consta apenas o módulo "Quase", de 18 jan 1969)

(NP: Os módulos repetidos no JB que não aparecem neste confron-
to não apresentam variantes quando da republicação.)

A segunda constatação que fizemos refere-se ao (re)aproveitamento que Clarice faz de partes de seu livro Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres na coluna do JB. Ou, à inversa, o (re)aproveitamento que faz da coluna do JB no referido livro, visto não conseguirmos determinar com segurança qual o primeiro trabalho desenvolvido pela cronista.¹⁰

Ao detectarmos o estreito relacionamento existente entre os textos do periódico e o livro ALP, conseguimos, aos poucos, compor um quadro de dimensões amplas, cuja análise nos levaria a fugir de nossa proposta inicial. Movidas, de um lado, pela curiosidade, e de outro, pela certeza das implicações literárias de tais observações, tentamos levantar alguns pontos de contato entre os textos.

Nos detivemos, sem pretensões de análise, a apenas uma crônica, a título de exemplo, para demonstrar o trabalho de lapidação textual feito por Clarice Lispector nas páginas do periódico. A escolha foi casual, sem obedecer justificativas prévias, e recaiu, entre tantas outras, em "A Bravata", crônica publicada no JB em 26 out 1968, e que consta, com modificações, nas páginas 88-91 de ALP.¹¹

No confronto dos textos que mostramos a seguir, é possível observar deslocamentos, reduções e ampliações de parágrafos, obedecendo ao fluxo irregular do discurso.

Para facilitar a apreensão do confronto, dividimos os textos em blocos, e, através de setas, estabelecemos a relação de correspondência entre eles. A visualização dos textos assim estruturados já é suficiente para caracterizar de que maneira acontece a relação entre ambos.

Z.M. sentia que a vida lhe fugia por entre os dedos. Na sua humildade es- quecia que ela mesma era fonte de vida e de criação. Então saía pouco, não aceitava convites. Não era mulher de perceber quando um homem estava inte- resado nela a menos que ele o dissesse - então se surpreendia e aceitava.

Era um dia em que haveria o coquetel da Diretoria dos Cursos Primários, no Museu de Arte Moderna, antes de recomoçarem as aulas. Não iria, espera- ria pelo telefonema possível de Ulisses. Mas as horas se passavam, e ela intuiu que ele não lhe telefonaria. Lembrou-se de que fora num coquetel que encontrara um homem que viera a ser o seu amante por alguns meses. E pen- sou que talvez devesse ir a esse coquetel e "arranjar" outro homem para libertar-se da ideia de Ulisses.

De tarde - era primavera, primeiro dia de primavera - foi visitar uma ami- ga que a pôs em brios. Como então ela, uma mulher feita, era tão humilde? co- mo é que não percebia que vários homens a queriam? como não percebia que de- via, dentro de sua própria dignidade, ter um caso de amor? Disse ainda que a- vira entrar numa sala onde todos eram conhecidos. E por acaso nenhum dos pre- sentes chegava a seus pés. E no entanto entrou tímida como ausente, como uma corça de cabeça baixa. "Você precisa andar de cabeça levantada, você tem que sofrer porque você é diferente, cosmicamente diferente, então aceite que vo- cê não pode ter a vida burguesa, e entre numa sala com a cabeça levantada." "Mas entrar sozinho numa sala cheia de gente?" "Exatamente. Você não precisa de companhia para ir, você mesma é bastante."

Sentia que a vida lhe fugia de novo por entre os dedos. Na sua humildade esquecia que ela mesma era fonte de vida e de criação. Então saía pouco, não aceitava convites. Não era mulher de perceber sempre quando um homem estava interessado nela a menos que ele o dissesse - então se surpreendia e aceita- va.

Lembrou-se que no fim de tarde havia uma especie de coquetel para os pro- fessores primários, em férias. Lembrou-se da atitude nova que desejava, não combinou a ida com nenhum professor ou professora - arriscar-se-ia toda so.

Telefonou antes para a sua amiga cartonante que a pôs em brios. Como então ela, uma mulher feita, era tão humilde? Como é que não percebia que vários ho- mens a queriam? Como não percebia que devia, dentro de sua própria dignidade, ter um caso de amor?
- Naquela festa de Maria, disse-lhe a cartonante, eu te vi entrar na sala onde todos os que ali estavam eram teus conhecidos. E nenhum dos presentes, por um acaso, chegava a teus pés em matéria de talento didático, em matéria de compreensão intuitiva, e mesmo de graça feminina.
E no entanto você entrou tímida como ausente, como uma corça de cabeça baixa.
- Mas é que ..., tentou Lóri defender-se, é que eu me sinto tão ... tão nada.
- Não é o que as cartas dizem. Você precisa andar de cabeça levantada, vo- cê tem que sofrer porque você é diferente dos outros - cosmicamente diferente, é assim que dizem as tuas cartas, então aceite que você não pode ter a vida burguesa dos outros e va hoje ao coquetel, e entre na sala com tua cabeça le- vantada.
- Mas há tanto tempo que não vou mais que perdi a prática. E entrar sozi- nha numa sala cheia de gente? Não seria melhor eu combinar a ida com uma ami- ga?
- Não. Você não precisa de companhia para ir, você mesma é bastante.
O que sua amiga lhe dissera, pensou ao desligar o telefone, combinava com a atitude nova que desejava ter desde que estivera na piscina com Ulisses. Então corajosamente não combinou a ida à reunião com nenhum professor ou pro- fessora - arriscar-se-ia toda só.

Vestiu um vestido mais ou menos novo, mas a coragem não vinha. Então - só o entendeu depois - pintou demais os olhos e demais a boca até que seu rosto parecia uma máscara: ela estava pondo sobre si mesma alguém outro: esse alguém era fantásticamente desinibido, era vaidoso, tinha orgulho de si mesmo. Esse alguém era exatamente o que ela não era. Mas na hora de sair de casa, fraquejou: não estaria exigindo demais de si mesma? Toda vestida, com uma máscara de pintura no rosto - ah persona, como não te usar e enfim ser! - sem coragem, sentou-se na poltrona de sua sala tão conhecida e seu coração pedia para ela não ir. Parecia que ia se machucar - car muito e ela não era masoquista. Enfim apagou o cigarro-de-coragem, levantou-se e foi.

Pareceu-lhe que as torturas de uma pessoa tímida jamais foram completamente descritas. No táxi que rolava ela morria um pouco.

E ela de repente diante de um salão enorme com talvez muitas pessoas mas pareciam poucas dentro do desconunal espaço onde se processava como um ritual moderno o coquetel.

Quanto tempo suportou de cabeça falsamente erguida? A máscara a incomodava, ela sabia ainda por cima que era mais bonita sem pintura. Mas sem pintura seria a nudez da alma. E ela não podia se arriscar nem se dar esse luxo.

Falava sorrindo com um, falava sorrindo com outro. Mas como em todos os coquetéis, nesse era impossível a conversa e quando ela viu estava de novo sozinha.

Viu um homem que tinha sido seu amante. E ela pensou: por mais amor que este homem tenha recebido, fui eu que lhe dei toda a minha alma e todo o meu corpo. Os dois se olharam, prescrutaram-se, ele com certeza espantado com a máscara de pintura. Não soube o que fazer senão perguntar se ele era seu amigo, se podia ser. Ele disse que sim, para sempre.

Vestiu um vestido mais ou menos novo, pronta que queria estar para encontrar algum homem, mas a coragem não vinha. Então, sem entender o que fazia - só o entendeu depois - pintou demais os olhos e demais a boca até que alguém outro: esse alguém era fantásticamente desinibido, era vaidoso, tinha orgulho de si mesmo. Esse alguém era exatamente o que ela não era.

Na hora de sair de casa, fraquejou: não estaria exigindo demais de si mesma? Não seria uma bravata ir sozinha? Toda pronta, com uma máscara de pintura no rosto - ah "persona", como não te usar e ser! - sem coragem, sentou-se na poltrona de sua sala tão conhecida e seu coração pedia para ela não ir. Parecia prever que ia se machucar muito e ela não era masoquista. Enfim apagou o cigarro-de-coragem, levantou-se e foi.

Pareceu-lhe que as torturas de uma pessoa tímida jamais tinham sido completamente descritas - no táxi que rolava ela morria um pouco.

E de repente ela-la diante de um salão desconunal de grande com muitas pessoas, talvez, mas pareciam poucas dentro do espaço enorme onde como um ritual se processava o coquetel.

Quanto tempo suportou de cabeça falsamente erguida? A máscara a incomodava, ela sabia ainda por cima que era mais bonita sem pintura. Mas sem pintura seria a nudez da alma. E ela ainda não podia se arriscar nem se dar esse luxo.

Falava sorrindo com um, falava sorrindo com outro. Mas como em todos os coquetéis, nesse era impossível a conversa e, quando ela percebia, estava de novo sozinha.

Viu dois homens que tinham sido seus amantes, falaram-se palavras vas. E viu com dor que não os desejava mais. Preferia sofrer de amor do que sentir-se indiferente. Mas não estava indiferente: estava muito emocionada, há tanto tempo ela não via gente. Não sabia o que fazer: queria ir embora como quem soluça. Mas manteve a bravata e ficou mais tempo.

Até que sentiu que não suportava mais manter as cabeça de pé. Mas como atravessar a enorme extensão até a porta? Sozinha, como uma fugida? Então em meias palavras confessou seu drama a uma das professoras e ela levou-a pela enorme extensão até a porta.

Até que sentiu que não suportava mais manter a cabeça de pé, apesar dos dois uísques que tomara. Mas como atravessar a enorme extensão até a porta? Sozinha, como uma fugida? Viu que chegara ao impasse de si mesma. Então, em meias palavras, confessou seu drama a uma das professoras, disse-lhe que não queria sair sozinha e a moça, entendendo, levou-a até a porta.

É no escuro da noite primaveril era uma mulher infeliz. Sim era diferente. Mas sim, era tímida. Sim, era supersensível. Sim, vira um amor passado. O escuro e o perfume da primavera. O coração do mundo batia-lhe no peito. Sempre soubera sentir o cheiro da natureza.

E no escuro daquela noite que já renunciava o outono Lóri era uma mulher infeliz. Sim, era diferente. Mas sim, era tímida. Sim, era supersensível. Sim, vira dois homens que tinham sido seus amantes e agora era apenas semi-amigos. O escuro da noite outonal onde frescamente o vento soprava balançando com delicadeza os ramos pesados das árvores. O perfume da noite. Sempre soubera sentir o cheiro da Natureza. Atravessou com algum prazer - o único da festa - o viaduto de ... (como é o nome?)

Achou finalmente um táxi onde se sentou quase em lágrimas de alívio, lembrando-se de que em Paris lhe acontecera o mesmo porém pior ainda.

Achou finalmente um táxi onde se sentou quase em lágrimas de alívio, lembrando-se de que em Paris lhe acontecera o mesmo, porém pior ainda, pois agora estava mais enraizada na terra.

Foi para casa como uma foragida do mundo. Era inútil esconder: a verdade é que não sabia viver. Em casa estava agasalhada, ela se olhou no espelho quando estava levando as mãos e viu a pessoa na afevelada no seu rosto. A pessoa tinha um sorriso parado de palhaço. Então lavou o rosto e com alívio estava de novo de alma nua ... Tomou então uma pílula para dormir. Antes que chegasse o sono, ficou alerta e se prometeu que nunca mais se arriscaria sem proteção. A pílula de dormir começava a apaziguá-la. E a noite incommensurável dos sonhos começou.

O modo como o chofer olhou-a fê-la adivinhar: ela estava tão pintada que ele provavelmente tomara-a como uma prostituta. "persona". Lóri tinha pouca memória, não sabia por isso se era no antigo teatro grego ou romano que os atores, antes de entrarem em cena, pregavam ao rosto uma máscara que representava pela expressão o que o papel de cada um deles iria exprimir.

Da mesma forma que "é possível identificar o trânsito de situações e personagens entre o texto do jornal" e o livro ALP, a leitura atenta das crônicas de Clarice Permite constatar a intertextualidade existente entre os seus contos e a coluna do JB.

Entretanto, no que diz respeito à ligação intertextual conto/crônica, este (re)aproveitamento acontece quase que na íntegra, com modificações de menor significado (aparente), do que nos casos apontados anteriormente. Clarice manteve no JB a quase integridade dos contos, (ou, à inversa, manteve nos contos a redação original das crônicas) com exceção de dois ou três casos, os quais retomaremos mais adiante.

Adotamos, para ilustração, a crônica "Olhando longe, sem rancor", publicada no JB de 21 jun 1969, e o conto "A repartição dos pães", inserido no livro A Legião estrangeira, onde, apesar da sutileza das raras modificações, é possível pensar numa alteração subjacente, que transcende o conteúdo exposto. A alteração nos títulos é suficientemente significativa, se consideramos a abordagem temática dos textos em questão. Uma análise exaustiva dos contos inseridos no JB ilustraria ainda mais a preocupação estética da cronista.¹²

Convencionamos, para facilitar a localização das alterações que ocorrem nos textos que tomamos para ilustrarem nossas constatações, colocar em caixa alta as frases que foram omitidas, e sublinhar aquelas que sofreram modificações.¹³

"Olhava longe, sem rancor" - JB, 21 de junho 1969

Era sábadó e estávamos convidados para o jantar de obrigação. Mas cada um de nós gostava demais de sábadó para gastá-lo como um casal fora de moda. Cada um fora alguma vez feliz e ficara com a marca do desejo. Eu, eu queria tudo. E nós ali presos, como se nosso trem tivesse descarrilhado e fôssemos obrigados a pousar entre estranhos. Ninguém ali me queria, eu não queria a ninguém. Quanto a meu sábadó - que fora da janela se balançava em acácias e sombras - eu preferia gastá-lo mal, fechá-lo na mão dura, AQUELE SÁBADO PERDIDO, onde eu o amarganhava como a um lenço. A espera do jantar, bebíamos sem prazer, à saúde do ressentimento: amanhã já seria domingo. Não é com você que eu quero, dizia nosso olhar sem umidade, e soprávamos devagar a fumaça do cigarro seco. A avareza de não repartir o sábadó ia pouco a pouco roendo e avançando como ferrugem, até que qualquer alegria seria um insulto à alegria maior.

Só a dona da casa não parecia economizar o sábadó para usá-lo em melhor companhia. Ela, no entanto, cujo coração já conhecera outros sábados. Como pudera esquecer que se quer mais e mais? Não se impacientava sequer com o grupo heterogêneo, sonhador e resignado que na sua casa só esperava como pela hora do primeiro trem partir, qualquer trem - menos ficar naquela estação vazia, menos ter que refrear o cavalo que correria de coração batendo para outros, outros cavalos.

Passamos afinal à sala para um jantar que não tinha a bênção da fome. E foi quando surpreendidos deparamos com a mesa. Não podia ser para nós... Era uma mesa para homens de boa-vontade. Quem seria o conviva realmente esperado e que não viesse? Mas éramos nós mesmos. Então aquela mulher dava o melhor não importava a quem? E lavava contente os pés do primeiro estrangeiro. Constrangidos, olhávamos.

A mesa fora coberta por uma solene abundância. Sobre a toalha branca amontoavam-se espigas de trigo. E maçãs vermelhas, enormes cenouras amarelas, redondos tomates de pele quase estalando, chuchus de um verde líquido, abacaxis malignos na sua selvageria, laranjas alaranjadas e calmas, maxixes erigidos como porcos-espinhos, pepinos que se fechavam duros sobre a própria carne aquosa, pimentões ocos e avermelhados que ardiavam nos olhos - tudo emaranhado em barbas e barbas úmidas de milho, ruivas como junto de uma boca. E os bagos de uva. As mais roxas das uvas pretas e que mal podiam esperar pelo instante de serem esmaga-

das. E não lhes importava esmagadas por quem - COMO A DONA DA CASA TEMPOS ATRÁS. Os tomates eram redondos para ninguém: para o ar, para o redondo ar. Sábado era de quem viesse. E a laranja adoçaria a língua de quem primeiro chegasse. Junto do prato de cada mal-convidado, a mulher que lavava pés de estranhos pusera - mesmo sem nos eleger, mesmo sem nos amar - um ramo de trigo ou um cacho de rabanetes ardentes ou uma talhada vermelha de melancia com seus alegres caroços. Tudo cortado pela acidez espanhola que se adivinhava nos limões verdes. Nas bilhas estava o leite, como se tivesse atravessado com as cabras o deserto dos penhascos. Vinho, quase negro de tão pisado, estremecia em vasilhas de barro. Tudo diante de nós. Tudo limpo do retorcido desejo humano. Tudo como é, não como quiséramos. Só existindo, e todo. Assim como existe um campo. Assim como as montanhas. Assim como homens e mulheres, e não nós, os ávidos. Assim como um sábado. Assim, como apenas existe. Existe.

Em nome de nada, era hora de comer. Em nome de ninguém, era bom. Sem nenhum sonho. E nós pouco a pouco a par da noite, pouco a pouco anonimizados, crescendo, maiores à altura da vida possível. Então, como fidalgos camponeses, aceitamos a mesa.

Não havia holocausto: aquilo tudo queria tanto ser comido quanto nós queríamos comê-lo. Nada guardado para o dia seguinte, ali mesmo ofereci o que eu sentia àquilo que me fazia sentir. Era um viver que eu não pagara de antemão com o sofrimento da espera, fome que nasce quando a boca já está perto da comida. Porque agora estávamos com fome, fome inteira que abrigava o todo e as migalhas. Quem bebia vinho, com os olhos tomava conta do leite. Quem lento bebeu leite, sentiu o vinho que o outro bebia. Lã fora Deus nas acácias. Que existiam. Comíamos. Como quem dá água ao cavalo. A carne trinchada foi distribuída. A cordialidade era rude e rural. Ninguém falou mal de ninguém porque ninguém falou bem de ninguém. Era reunião de colheita, fez-se trégua MESMO ÀS SAUDADES. Comíamos. Com uma horda de seres vivos, cobríamos gradualmente a terra. Ocupados como quem lava a existência, e planta e colhe, e mata e vive, e morre, e come, e come. Comi com a honestidade de quem não engana o que come: comi aquela comida, não o seu nome. Nunca Deus foi tomado pelo que Ele é. A comida dizia, rude, feliz, austera: come, come e reparte. Aquilo tudo me pertencia, aquela era a mesa de meu pai. Comi sem ternura, comi sem a paixão da piedade. E sem me oferecer à esperança. Comi sem saudade nenhuma. E eu bem valia aquela comida. Porque nem sempre posso ser a guarda de meu ir-

mão, e não posso ser a minha guarda, ah não me quero mais: não quero formar a vida porque a existência já existe. Existe como um chão onde todos nós avançamos. Sem uma palavra de amor. Sem uma palavra. Mas teu prazer entende o meu. Nós somos fortes e nós comemos. Pão é amor entre estranhos.

LEGIÃO ESTRANGEIRA p.27-29 (op. cit.)

"A repartição dos pães"

Era sábado e estávamos convidados para o almoço de obrigação. Mas cada um de nós gostava demais de sábado para gastá-lo com quem não queríamos. Cada um fora uma vez feliz e ficara com a marca do desejo. Eu, eu queria tudo. E nós ali presos, como se nosso trem tivesse descarrilhado e fôssemos obrigados a pousar entre estranhos. Ninguém ali me queria, eu não queria a ninguém. Quanto ao meu sábado - que fora da janela se balançava em acácias e sombras - eu preferia, a gastá-lo mal, fechá-lo na mão dura, onde eu o amarfanhava como a um lenço. A espera do almoço, bebíamos sem prazer, à saúde do ressentimento: amanhã já seria domingo. Não é com você que eu quero, dizia nosso olhar sem umidade, e soprávamos devagar a fumaça do cigarro seco. A avareza de não repartir o sábado ia pouco a pouco roendo e avançando como ferrugem, até que qualquer alegria seria um insulto à alegria maior.

Só a dona da casa não parecia economizar o sábado para usá-lo numa quinta de noite. Ela, no entanto, cujo coração já conhecera outros sábados. Como pudera esquecer que se quer mais e mais? Não se impacientava sequer com o grupo heterogêneo, sonhador e resignado que na sua casa só esperava como pela hora do primeiro trem partir, qualquer trem - menos ficar naquela estação vazia, menos ter que refrear o cavalo que correria de coração batendo para outros, outros cavalos.

Passamos afinal à sala para um almoço que não tinha a bênção da fome. E foi quando surpreendidos deparamos com a mesa. Não podia ser para nós...

Era uma mesa para homens de boa-vontade. Quem seria o convida viva realmente esperado e que não viera? Mas éramos nós mesmos. Então aquela mulher dava o melhor não importava a quem? E levava contente os pés do primeiro estrangeiro. Constrangidos, olhávamos.

A mesa fora coberta por uma solene abundância. Sobre a toalha de mesa amontoavam-se espigas de trigo. E maçãs vermelhas, enormes cenouras amarelas, redondos tomates de pele quase estalando, chuchus de um verde líquido, abacaxis malignos na sua selvageria, laranjas alaranjadas e calmas, maxixes eriçados como porco-espinhos, pepinos que se fechavam duros sobre a própria carne aquosa, pimentões ocos e avermelhados que ardiam nos

olhos - tudo emaranhado em barbas e barbas úmidas de milho, rui-vas como junto de uma boca. E os bagos de uva. As mais roxas das uvas pretas e que mal podiam esperar pelo instante de serem esmagadas. E não lhes importava esmagadas por quem. Os tomates eram redondos para ninguém: para o ar, para o redondo ar. Sábado era de quem viesse. E a laranja adoçaria a língua de quem primeiro chegasse. Junto do prato de cada mal convidado, a mulher que lavava pés de estranhos pusera - mesmo sem nos eleger, mesmo sem nos amar - um ramo de trigo ou um cacho de rabanetes ardentes ou uma talhada vermelha de melancia com seus alegres caroços. Tudo cortado pela acidez espanhola que se adivinhava nos limões verdes. Nas bilhas estava o leite, como se tivesse atravessado com as cabras o deserto dos penhascos. Vinho, quase negro de tão pisado, estremecia em vasilhas de barro. Tudo diante de nós. Tudo limpo do retorcido desejo humano. Tudo como é, não como quiséramos. Só existindo, e todo. Assim como existe um campo. Assim como as montanhas. Assim como homens e mulheres, e não nós, os ávidos. Assim como um sábado. Assim como apenas existe. Existe.

Em nome de nada, era hora de comer. Em nome de ninguém, era bom. Sem nenhum sonho. E nós pouco a pouco a par do dia, pouco a pouco anonimizados, crescendo, maiores, à altura da vida possível. Então, como fidalgos camponeses, aceitamos a mesa.

Não havia holocausto: aquilo tudo queria tanto ser comido quanto nós queríamos comê-lo. Nada guardando para o dia seguinte, ali mesmo oferece o que eu sentia àquilo que me fazia sentir. Era um viver que eu não pagara de antemão com o sofrimento da espera, fome que nasce quando a boca já está perto da comida. Porque agora estávamos com fome, fome inteira que abrigava o todo e as migalhas. Quem bebia vinho, com os olhos tomava conta do leite. Quem lento bebeu o leite, sentiu o vinho que o outro bebia. Lá fora Deus nas acácias. Que existiam. Comíamos. Como quem dá água ao cavalo. A carne trinchada foi distribuída. A cordialidade era rude e rural. Ninguém falou mal de ninguém porque ninguém falou bem de ninguém. Era reunião de colheita, e fez-se trégua. Comíamos. Como uma horda de seres vivos, cobríamos gradualmente a terra. Ocupados como quem lavra a existência, e planta, e colhe, e mata, e vive, e morre, e come. Comi com a honestidade de quem não engana o que come: comi aquela comida e não o seu nome. Nunca Deus foi tão tomado pelo que Ele é. A comida dizia rude, feliz, austera: come, come e reparte. Aquilo tudo me pertencia, aquela era a mesa de meu pai. Comi

sem ternura, comi sem a paixão da piedade. E sem me oferecer à esperança. Comi sem saudade nenhuma. E eu bem valia aquela comida. Porque nem sempre posso ser a guarda de meu irmão, e não posso mais ser a minha guarda, ah não me quero mais. E não quero formar a vida porque a existência já existe. Existe como um chão onde nós todos avançamos. Sem uma palavra de amor. Sem uma palavra. Mas teu prazer entende o meu. Nós somos fortes e nós comemos. Pão é amor entre estranhos.

O resgate integral da produção de Clarice Lispector no JB permitiu-nos verificar uma quarta forma de trabalho intertextual que a cronista desenvolveu nas páginas deste periódico. Esta constatação diz respeito a textos que não estão incluídos em A Descoberta do Mundo, e se dá numa forma de camuflagem da escrita.

Em "Borges/Brasil", Antelo considerou duas crônicas especificamente: "Jorge Luís Borges", publicada no JB em 8 nov 1969 e "Uma prosa de Jorge Luís Borges" de 22 mar do mesmo ano, para demonstrar o jogo que Clarice faz com o discurso borgeano.¹⁴

O texto de 8 nov 1969, cujo relato parece ter sido feito por Borges, e que a cronista se limitaria a transcrever, oculta um processo de interversão da situação enunciativa. "Não parte de um enunciado específico de Borges mas de uma politopia. Combinam-se, no caso, duas inserções diferentes: a verbalização de um sonho, que potencializa a abertura polissêmica do texto e, ao contrário, sua linearização, que constrói, progressivamente, sua significação inequívoca. Na primeira operação cremos ler um sonho persecutório de Borges; na segunda, um texto dele. Apenas a primeira evidência é correta."¹⁵

Já, no texto de 22 nov 1969, Clarice transcreve dois textos supostamente borgeanos, que aparecem entre aspas, e com uma indicação final, em ambos, de sua fonte: El Hacedor.

O primeiro é "Borges e eu", texto bastante conhecido; o segundo, apesar da referência final, é um texto de Clarice Lispector que potencializa a interpretação, camuflando sua escrita.

Forjando um texto de Borges, ou atribuindo a ele a autoria de um discurso seu, a cronista joga com discursos que, situados no espaço do jornal, desafiam as convenções de espaço e

tempo, estabelecendo para um gênero efêmero, um estatuto de permanência.

. Em Relação ao Confronto Jornal do Brasil/A Descoberta do Mundo

As constatações que resultaram do confronto criterioso que fizemos entre Jornal do Brasil/A Descoberta do Mundo estão intimamente relacionadas com o critério de edição da antologia e com a nota introdutória ao livro, que promete oferecer ao leitor uma "visão geral" da produção de Clarice Lispector no periódico.

Verificada a ausência de um número significativo de módulos, à qual já nos referimos anteriormente, e analisados os conteúdos destes textos, algumas constatações impuseram-se definitivas para por em questão a promessa e a proposta do editor.

Não pretendemos analisar as crônicas omitidas da antologia, mas registrar certas discrepâncias observadas, para as quais não encontramos justificativas. Se de um lado, a exclusão de textos atende a um critério pessoal de edição, de outro lado, ela não corresponde ao objetivo da antologia.

A nota introdutória afirma que foram mantidos alguns textos publicados anteriormente "para preservar a continuidade". Se nos detivermos na transcrição que fizemos anteriormente, e que compõe a proposta maior deste trabalho, não conseguiremos apreender a que tipo de continuidade refere-se o editor. A continuidade cronológica de publicação das crônicas no JB não é observada na DM, considerando o número expressivo de módulos omitidos. Há alterações na distribuição dos módulos na coluna, inversão na seqüência dos textos e deslocamentos de algumas crônicas para datas que não conferem com os originais do JB.

Poderíamos, até, pressupor uma continuidade com base em manuscritos anteriores à publicação das crônicas no JB, fato este que não estaria em sintonia com a afirmativa de que o "livro reúne, em ordem cronológica, as contribuições de Clarice que apareceram aos sábados (...)"¹⁶

No entanto, o que nos parece mais questionável é a afirmação de que "foram subtraídas as anotações (...) muito circunstanciais".¹⁷

Caberia aqui um estudo pormenorizado e exaustivo do significado de crônica de circunstância ou referencial, estudo que dispersaria nossa proposta de resgatar textos e coletar dados. As constatações neste sentido se fazem tão somente com base na comparação entre o que existe originariamente nas páginas do periódico em questão e aquilo que foi publicado em DM.

Em relação aos módulos repetidos no JB, o fato de, às vezes, os textos aparecerem duplamente também na antologia, e, em outras, dela serem subtraídos nas duas publicações, ou em apenas uma delas, destitui o caráter de "anotação circunstancial" destes textos. Vale dizer que, uma crônica não pode configurar-se, em determinada ocasião, como anotação circunstancial, e em outra, deixar de sê-lo.

Alguns contos de Clarice Lispector inseridos na coluna do JB são incluídos na DM com raras modificações, às quais já nos referimos anteriormente. É o caso de "Miopia Progressiva", que consta no JB e em DM, com data de 1 e 8 ago 1970.¹⁸ Outros contos, entretanto, que estão no periódico na forma encontrada nos livros de contos da cronista, na DM aparecem com a exclusão de grande parte do texto.¹⁹ Há, ainda, contos que estão no JB e que não são inseridos na antologia.²⁰

Outras constatações que se referem à exclusão de textos da DM, resultaram da classificação em grupos temáticos que fi-

zemos, sempre na tentativa de apreender um possível critério implícito de edição. Sem pretensões de termos absorvido toda a complexidade dos temas aos quais a cronista se referiu, procuramos reunir as crônicas com base apenas em aproximações entre as mesmas. Estas aproximações permitiram observar que, excetuando-se os módulos repetidos e os contos, a maioria dos textos omitidos da DM têm um caráter referencial, haja vista versarem sobre artistas, autores, obras, cartas recebidas e entrevistas. Dos 70 módulos, aproximadamente, que desenvolvem esta temática, apenas 20 constam na DM, enquanto que, dos 130 módulos que tratam da escrita e de questões existenciais, apenas 7 não foram publicadas na antologia.

Esta observação parece, em princípio, corresponder ao critério de exclusão das crônicas circunstanciais. No entanto, foram incluídas em DM algumas entrevistas como a que Clarice Lispector fez com um casal que viveu em Brasília (vide JB e DM, 7 out 1972) e excluídas outras como "Scliar: trinta anos de pintura" (vide JB, 7 out 1970). Consta da antologia um poema de Sérgio Fonta, (vide JB e DM, 22 maio 1971) e se omite um de Drummond, que é tratado como uma visita ilustre pela cronista (vide JB, 16 jan 1971).

São omitidas da DM as crônicas nas quais Clarice Lispector transcreve textos de outros escritores, mas, algumas vezes, são feitas exceções neste sentido.

Foram subtraídas algumas crônicas, embora poucas, que tratam da literatura e escrita e de problemas existenciais, o que compromete definitivamente o critério da circunstancialidade.²¹

Todas estas considerações, e outras que poderão ser observadas através da transcrição integral dos módulos omitidos da DM, confirmam as afirmações de Paulo Gurgel Valente em relação ao critério pessoal, mas descaracterizam o objetivo da antologia.

dedicados especificamente à crônica.²²

Somados os elementos que aparecem na prática dos textos, é possível, ao apreender as inquietações da cronista, configurar a importância de todas as suas crônicas. Mesmo com receio de fazer concessões pelo fato de estar escrevendo para jornal, (Vide JB, 29 mar 1970) Clarice manteve sempre o seu discurso num nível de aprofundamento comparável ao todo de sua obra. A possibilidade de um discurso denso vir a compor uma crônica, sem prejuízo para sua relação com o leitor, se impôs como motivo de questionamento para a escritora que, consciente da necessidade de ser mais "leve" no jornal, resistiu a mudanças (Vide JB, 22 jun 1968). Prova está no reaproveitamento que fez, em maior ou menor escala, de partes de romances e contos para a coluna do periódico (ou, à inversa).

A necessidade de conquistar um leitor que se propõe, em princípio, a leitura de um texto distanciada de pressupostos literários; a posição deste mesmo leitor perante um livro e um jornal, e a forma de comunicação entre o autor e o público, específica no romance e no periódico, são motivos que Clarice Lispector aponta para estabelecer a distinção entre os dois gêneros. Embora a cronista demonstre, no discurso, a convicção de que escrever livros e escrever para jornal implica posicionamentos distintos, na prática, a inserção de contos e a diluição de um romance nas páginas do Jornal do Brasil, apontam mais para um amálgama de gêneros do que para uma distinção entre os mesmos.

Todas estas referências que Clarice Lispector faz ao gênero em questão, e outras mais que podem ser apreendidas nas próprias crônicas, vêm demonstrar o cuidado com que a escritora elaborou os textos contidos no periódico. A cronista não fez distinção entre as crônicas de maior ou menor grau de referencialidade, pois mesmo dos textos mais circunstanciais emerge uma

IV - À GUIZA DE CONCLUSÃO

Para um trabalho que se propõe, basicamente, resgatar textos esquecidos nas folhas de jornais e coletar dados capazes de justificarem a pesquisa, uma conclusão pode parecer destituída de sentido. No entanto, nossa intenção final direciona-se no sentido de, apontadas as constatações, estabelecer o questionamento.

Para tanto, cabe lembrar, antes, a importância que Clarice Lispector deu ao seu trabalho no Jornal do Brasil e que aparece, de forma transparente, nos próprios textos do periódico.

Compreender a crônica em toda sua complexidade foi também motivo para o trabalho desenvolvido pela escritora enquanto colunista semanal do Jornal do Brasil. Enquadrar-se, aos poucos, na nova função, numa espécie de acomodação gradativa, fez com que Clarice questionasse a tarefa remunerada de escrever para jornal. Isto, numa aparente tentativa de estabelecer normas capazes de regerem a coluna e revelarem a posição do escritor quando exposto num espaço de ampla difusão diária. Dos textos que compõem a produção de Clarice Lispector no Jornal do Brasil, 52 refletem sobre literatura e escrita, destes, 14 são

narrativa interiorizada, centrada num momento de vivência também interior, confirmando, desta feita, a importância literária do conjunto integral de sua produção.

Assim, a exclusão de textos, referenciais ou não, da antologia impede a apreensão da totalidade do trabalho de Clarice Lispector no Jornal do Brasil, e, conseqüentemente, traz implicações significativas para quem deseja uma "visão geral" de sua produção.

A ausência dos textos (aparentemente) borgeanos impede que o leitor da antologia, que não esteja de posse dos originais do Jornal do Brasil, constate o trabalho intertextual ali desenvolvido. Este exemplo, acreditamos, é suficientemente ilustrativo das implicações crítico/literárias das omissões.

Em relação aos módulos repetidos, a ausência, em A Descoberta do Mundo, da maioria das crônicas republicadas não permite ao leitor reconhecer todo um trabalho de elaboração da linguagem que a cronista desenvolveu nas páginas do periódico. Este fato adquire maiores proporções se considerarmos que a preocupação com o ato de escrever, em toda sua amplitude, é um dos eixos da obra de Clarice Lispector.

É sabido que a análise da maioria de seus romances, e até mesmo alguns de seus contos, confirma o compromisso da escritora com a essência da linguagem. As sempre apontadas implicações filosóficas e existenciais do conjunto de sua obra não se colocam a priori, mas resultam também da própria matéria verbal que, pela sua elaboração, intensifica a abordagem fenomenológica do des/conhecimento humano.

Romper a barreira da escrita através de períodos, às vezes, brevíssimos, da parataxe, do assíndeto, entre outras formas de criar uma escritura neutra, liberta de qualquer servidão a uma ordem pré-fixada da linguagem, foi uma tarefa que Clari-

ce Lispector desenvolveu ao longo de toda sua ficção. Ao dissociar as unidades narrativas e romper com a linguagem saturada de convenções, a escritora consegue uma des/organização estilística que, através de uma hermeticidade aparente, alcança uma coerência incomum. Vale dizer que, ao desestruturar a sintaxe Clarice desvela a ilogicidade das coisas, e, ao organizar a narrativa em ritmo lento, pela monotonia da repetição, a escritora define, no contraste, o caos do ser interior e o turbilhão de suas sensações.

E é a própria Clarice Lispector que, em crônica publicada no Jornal do Brasil e omitida de A Descoberta do Mundo, desvela sua quase obsessiva procura da linguagem neutra, e, conseqüentemente, define a abrangência e o significado que o trabalho de re/elaboração da linguagem adquire no conjunto de sua obra:

"Nota: este relatório - mistério, este anticonto geométrico foi publicado na revista Senhor; de São Paulo. Na sua apresentação, Nélson Coelho diz que tento matar em mim a escritora. Cita vários escritores que tentaram o suicídio da palavra escrita. Nenhum deles conseguiu. 'Como Clarice não conseguirá', escreve Nélson Coelho.

"O que tentei com essa espécie de relatório? Acho que queria fazer um anticonto, uma anti-literatura. Como se assim eu desmistificasse a ficção. Foi uma experiência valiosa para mim. Não importa que eu tenha falhado. (...)"
(JB 19 ago 1972 - Um anticonto)

Somadas as constatações que apontamos anteriormente e suas implicações no campo da crítica literária podemos, sem pretender afirmações por demais definitivas, afirmar que o critério de edição de A Descoberta do Mundo, embora pessoal, transformou a antologia numa amostra parcial daquilo que Clarice Lispector produziu no Jornal do Brasil entre 1967 e 1973. E, pelas omissões e falhas inerentes à publicação das crônicas no livro, A Descoberta do Mundo não propicia uma "visão geral" de Clarice Lispector cronista. Antes, reúne, pelo que foi possível observar no que se coletou e fichou, crônicas que visam preservar

a imagem de uma escritora que alicerçou sua posição no campo intelectual, como hermética, existencialista e voltada aos problemas da escrita.

Crônicas circunstanciais foram e são produzidas por muitos escritores, e, embora relegadas aos "e outros" nos manuais de literatura por tratar-se de gênero menor, tendem a desvendar, através de uma aparente despretensão, o pacto que organiza o corpo social, e como tal, são o elemento literário escolhido para fixar o semovente.

V - NOTAS EXPLICATIVAS

¹ Clarice Lispector, em crônica publicada no Jornal do Brasil em 30 maio 1970 com o título "Sô para mulheres", faz referência a esta coluna que escreveu para Ilka Soares.

² Foram entrevistados:

Elke Maravilha, Fatos e Fotos - nº 801, 26 dez 1976.
 Eduardo Portella, Fatos e Fotos - nº 808, 14 fev 1977.
 Pe. Quevedo, Fatos e Fotos - nº 819, 2 maio 1977.
 Ferreira Gullar, Fatos e Fotos - nº 821, 16 maio 1977.
 Fayga Ostrower, Fatos e Fotos - nº 825, 13 jun 1977.
 Maria Bonomi, Fatos e Fotos - nº 826, 20 jun 1977.
 Rubem Braga, Fatos e Fotos - nº 827, 27 jun 1977.
 Vinícius de Moraes, Fatos e Fotos - nº 838, 12 set 1977.
 Helena de Brito e Cunha, Fatos e Fotos - nº 840, 26 set 1977.

Constam ainda duas entrevistas, com Guilherme Figueiredo e com Haroldo Mattos Lemos, cuja data de publicação e número da revista não conseguimos precisar. Nesta mesma revista semanal, em 27 dez 1977, está registrada, à página 14, a notícia da morte de Clarice Lispector.

Não podemos afirmar que o trabalho jornalístico de Clarice Lispector compreenda apenas o que conseguimos levantar na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. No entanto, não apuramos nem temos informação de outros trabalhos, em periódicos, que tenham sido desenvolvidos pela escritora.

³ O fichamento descritivo integral do corpus desta pesquisa, primeiro trabalho que realizamos quando de posse do material que apuramos, consta em anexo neste trabalho (p.283).

⁴ A partir de agora adotaremos o termo módulo para designar os textos que compõem a coluna de Clarice no Jornal do Brasil.

⁵ A edição utilizada para este trabalho é: LISPECTOR, Clarice. A Descoberta do Mundo. Org. Paulo Gurgel Valente, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

Por tratar-se da 1ª edição da antologia, transcrevemos, na íntegra, a nota introdutória ao livro, na qual fundamentamos parte de nossas constatações.

"Nota

"Este livro reúne, em ordem cronológica, as contribuições de Clarice que apareceram aos sábados no Jornal do Brasil, de agosto de 1967 a dezembro de 1973.

"Julgamos que seria importante oferecer ao leitor esta visão geral, que de outra forma ficaria dispersa, destes textos que não se enquadram facilmente como crônicas, novelas, contos, pensamentos, anotações.

"Pelo período abrangido, em que foram escritos e publicados outros livros, é possível identificar o trânsito de situações e personagens entre o texto do jornal e estes livros. Há, até mesmo, novelas e contos que constam de outras publicações, mas que foram aqui mantidos para preservar a continuidade; foram subtraídas apenas as anotações que nos pareceram muito circunstanciais.

Paulo Gurgel Valente"

⁶ A carta manuscrita de Paulo Gurgel Valente data de 3 de outubro de 1985.

⁷ Este jogo intertextual é apontado pelo editor, embora de maneira sutil, já na nota introdutória ao dizer que "é possível identificar o trânsito de situações e personagens entre o texto do jornal e estes livros".

⁸ "Clarice Lispector: los libros son mis cachorros". In: Crisis 39, Buenos Aires, jul 1976. p.44-6.

"- Se sabe que usted no relee sus libros. Se dice incluso que usted no oculta un cierto desprecio por ellos. Es así?

- Mas o menos. Lo que siento es que un libro, una vez terminado, pasa a tener vida própria. Es como el cachorro de un animal. La realización del libro, sea cual fuere su contenido - el de un cuento, o el de toda una novela - siempre es algo doloroso. Um proceso angustiante. Terminado este sufrimento, o sea consumado el parto, quiero que el libro salga por ahí, que se las arregle. No retrabajo el estilo, no retoco nada." (grifo nosso)

⁹ Conferir:

"Amor imorredouro" - 9 set 1967;

"Bolinhas" - 9 dez 1967;

"Anonimato" - 10 fev 1968;

"Ser cronista" - 22 jun 1968;

"Fernando Pessoa me ajudando" - 21 set 1968;

"Perguntas grandes" - 29 mar 1969;

"Máquina escrevendo" - 29 maio 1971.

¹⁰ Adotaremos, daqui para a frente, a forma ALP sempre que nos referirmos ao livro Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres. A primeira edição de Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres, Rio de Janeiro, Sabiã, é de 1969.

A 3ª edição, ainda da Sabiã, é de 1973. As publicações posteriores, 4ª edição, 1974, 5ª edição 1976, 6ª edição 1978, foram feitas pela José Olympio. A 7ª edição, 1980, sai pela Nova Fronteira. Adotamos para o confronto: LISPECTOR, Clarice. Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres. 8.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

¹¹ Outras crônicas, além de "A Bravata", mantêm com o livro uma estreita relação textual. Como o trabalho de reaproveitamento que Clarice Lispector desenvolveu, neste caso, é por demais complexo, e se faz muitas vezes através de deslocamentos e encaixes, apresentaremos apenas a página do livro onde iniciam as aproximações intertextuais, tomando como base a 8ª edição de Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres.

<u>JB</u> 19 ago 1967	- "A surpresa"	- <u>ALP</u> p.19
<u>JB</u> 26 ago 1967	- "Vitória nossa"	- <u>ALP</u> p.49
<u>JB</u> 26 ago 1967	- "O processo"	- <u>ALP</u> p.142
<u>JB</u> 16 set 1967	- "Prece por um padre"	- <u>ALP</u> p.58
<u>JB</u> 16 set 1967	- "Prece por um padre"	- <u>ALP</u> p.125
<u>JB</u> 23 set 1967	- "Primavera ao correr da máquina"	- <u>ALP</u> p.127
<u>JB</u> 7 out 1967	- "O Medo do desconhecido"	- <u>ALP</u> p.77
<u>JB</u> 9 dez 1967	- "Uma coisa"	- <u>ALP</u> p.154
<u>JB</u> 13 jan 1968	- "Calor humano"	- <u>ALP</u> p.21
<u>JB</u> 2 mar 1968	- "Persona"	- <u>ALP</u> p.91
<u>JB</u> 6 abr 1968	- "Estado de graça"	- <u>ALP</u> p.146
<u>JB</u> 5 maio 1968	- "Volta ao natural"	- <u>ALP</u> p.114
<u>JB</u> 5 maio 1968	- "Alegria mansa"	- <u>ALP</u> p.158
<u>JB</u> 22 jun 1968	- "Uma experiência"	- <u>ALP</u> p.135

JB	20	jul	1968	- "Em busca do outro"	- ALP	p.59
JB	27	jul	1968	- "Ritual - Trecho"	- ALP	p.83
JB	3	ago	1968	- "Como tratar o que se tem"	- ALP	p.28
JB	24	ago	1968	- "Noite na montanha"	- ALP	p.35
JB	7	set	1968	- "Os perfumes da terra"	- ALP	p.16
JB	12	out	1968	- "Estilo"	- ALP	p.28
JB	19	out	1968	- "Faz de conta"	- ALP	p.12
JB	26	out	1968	- "O ritual"	- ALP	p.15
JB	26	out	1968	- "A Bravata"	- ALP	p.88
JB	30	nov	1968	- "Se eu fosse eu"	- ALP	p.139
JB	4	jan	1969	- "Condição humana"	- ALP	p.19
JB	28	jun	1969	- "A vida é sobrenatural"	- ALP	p.156
JB	28	jun	1969	- "A vida é sobrenatural"	- ALP	p.34
JB	28	jun	1969	- "Espera impaciente"	- ALP	p.34
JB	4	out	1969	- "Humildade e técnica"	- ALP	p.101
JB	13	dez	1969	- "Nossa truculência"	- ALP	p.107
JB	4	ago	1973	- "Estudos de cavalos"	- ALP	p.28

¹²A 1ª edição do livro Legião Estrangeira é do Autor, Rio de Janeiro, 1964. Não sendo possível a localização desta edição, não podemos afirmar quais os contos nela inseridos. Tomamos: LISPECTOR, Clarice. Legião Estrangeira. 2.ed. São Paulo, Ática, 1977, para o confronto. Sabemos, no entanto, que entre a 1ª e a 2ª edições de Legião Estrangeira foi editado, em 1971, pela Sabiã, o livro Felicidade Clandestina, onde constam os contos: Felicidade Clandestina, Miopia Progressiva, Uma amizade sincera, Restos de Carnaval, O grande passeio, Come meu filho, Perdoando Deus, Tentação, O ovo e a galinha, Cem anos de perdão, Os obedientes, A repartição dos pães, Uma esperança, Macacos, Os desastres de Sofia. A Criada, A mensagem, Uma história de tanto amor, A quinta história, Encarnação Voluntária, Duas histórias a meu modo, O primeiro beijo.

¹³Em vários outros casos verificamos sintonias genéticas. Assim, o conto "O ovo e a galinha" recolhe as crônicas "Atualidade do ovo e da galinha", publicadas nos jornais de 5, 12 e 19 de julho de 1969, o que ocorre também com "A quinta história", editado no Jornal do Brasil em 26 de julho de 1969 como "Cinco relatos e um tema"; "A legião estrangeira" aproveita as crônicas de 2, 9, 16, 23 e 30 de agosto de 1969, e corresponde ao título "A princesa"; em 25 de outubro de 1969, a crônica "O intransponível" remete ao conto "Tentação", enquanto que "Travessuras de uma menina" de 3, 10, 17, 24 e 31 de janeiro e 7 de fevereiro de 1970 corresponde a "Os desastres de Sofia"; as crônicas de 10 de março, "Os grandes amigos" e de 31 de março de 1973, "Meus símios", equivalem, respectivamente, aos contos "Uma amizade sincera" e "Macacos"; "Evolução de uma miopia" corresponde à crônica "Miopia Progressiva", publicada no jornal em 1 e 8 de agosto de 1970, enquanto que "Os obedientes" aparece como crônica em 2 e 9 de dezembro de 1972, como o mesmo título. Outras relações de convergência textual entre os contos e as crônicas poderiam ainda ser apontadas.

¹⁴ANTELO, Raúl. "Borges/Brasil". Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, (no prelo).

¹⁵Idem, ibidem.

¹⁶Cfr. VALENTE, Paulo Gurgel. "Nota". In: LISPECTOR, Clarice. A Descoberta do Mundo. (op.cit.), p.5.

¹⁷Idem, ibidem.

- ¹⁸ Este conto está no livro Felicidade Clandestina (5.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981. p.15)
- ¹⁹ Conferir: "Os desastres de Sofia". Felicidade Clandestina (5. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981. p.100) e "Travesuras de uma menina", A Descoberta do Mundo, op. cit. p. 393-407 e ainda Jornal do Brasil, 3 - 10 - 17 - 24 - 31 jan e 7 fev 1970.
- ²⁰ Sirvam para exemplo os contos: "Meus símios" (JB, 31 mar 1973); "Come, meu filho" (JB, 30 jan 1971) e "Um anticonto/objecto" (JB, 19, 26 ago e 2 set 1972).
- ²¹ Conferir, entre outras, as crônicas estampadas no JB em: 23 set 1972; 5 ago 1972; 8 dez 1973; 30 jan 1971.
- ²² Conferir: "Bolinhas" (JB, 9 dez 1967); "Amor imorredouro" (JB, 9 set 1967); "Anonimato" (JB, 10 fev 1968); "Outra carta" (JB, 24 fev 1968); "O grito" (JB, 9 mar 1968); "Adeus, vou-me embora!" (JB, 20 abr 1968); "Ser cronista" (JB, 22 jun 1968); "Fernando Pessoa me ajudando" (JB, 21 set 1968); "Perguntas grandes" (JB, 29 mar 1969); "Sábado com sua luz" (JB, 28 fev 1970); "Vietcong" (JB, 25 abr 1970); "Ao correr da máquina" (JB, 17 abr 1971); "Máquina escrevendo" (JB, 29 maio 1971); "Escrever para jornal e escrever livro" (JB, 29 jul 1972).

VI - ANEXOS

O fichamento descritivo do corpus deste trabalho, primeira tarefa que realizamos quando de posse do material pesquisado, foi, em princípio, o filão de onde brotaram todas as constatações posteriores. Considerando que, quando se sua execução, o livro A Descoberta do Mundo ainda não fora publicado e nem tínhamos informação de que o fosse, - notícia que só obtivemos, pelo professor orientador, em novembro de 1984 - este fichamento descritivo comporia o corpo da dissertação, visando permitir ao leitor um contato com as crônicas que, de outra forma, só seria possível consultando as fontes originais.

Os novos rumos impostos à pesquisa fizeram com que este fichamento, embora significativo para nós, já que a ele recorreremos durante todo o trabalho, deixasse de cumprir sua função inicial. Isto porque, passamos a transcrever, na íntegra, os textos ausentes em A Descoberta do Mundo, e os outros textos tornaram-se acessíveis ao leitor.

Este fichamento compreende um resumo das idéias principais de todos os textos que Clarice Lispector escreveu para o Jornal do Brasil, e segue à cronologia das publicações. Para permitir uma visão globalizada, até mesmo os módulos repeti-

dos estão registrados, ainda que na forma: Vide...

Se o resumo, algumas vezes, é mais extenso, fugindo das especificidades técnicas de um fichamento descritivo, é tão somente porque consideramos, quando de sua elaboração, o ineditismo dos textos.

O índice de autores citados, que também consta em anexo, foi uma forma que encontramos, única talvez, de constatar o horizonte de experiências de Clarice Lispector. Considerando o significativo número de autores citados, confiamos que este índice possa revelar novas pistas àqueles que pretendem examinar a obra da escritora com maior intensidade.

É parte deste anexo, a reprodução facsimilar de um número da coluna diária que Clarice Lispector escreveu, e que foi assinada por Ilka Soares, para Diário da Noite do Rio de Janeiro.

Anexo 1. Fichamento descritivo

LISPECTOR, Clarice. As crianças chatas - A surpresa - Brincar de pensar - Cosmonauta na terra.

As crianças chatas

Diálogo entre mãe e filho retratando uma situação de miséria e fome. A exigência do filho e a impossibilidade da mãe em lhe dar alimento. A miséria impõe a resignação em ambos, e instaura a revolta na escritora.

A surpresa

Olhar no espelho, como um objeto a ser olhado de fora, e surpreender-se consigo mesmo. Alegria pela possibilidade de confirmar a existência e poder encontrar no exterior traços e ecos do ser interior.

Brincar de pensar

Pensar como um dos modos de se divertir. Pensar sozinho, pensar com os outros no disfarçado das palavras. Um jogo perigoso que por vezes passa a brincar com o jogador. O rol das roupas/ o rol dos sentimentos, muitos dos quais não tem nome, são apenas sentimentos.

Cosmonauta na terra

A conquista do espaço representando um novo nascimento para toda a humanidade, e a responsabilidade de todos em relação ao acontecimento que impõe a reformulação do mapa de cada um.

Sentimentos atrasados em contraposição a velocidade dos acontecimentos, necessidade de pressa dos cientistas já que "nosso tempo pessoal urge".

JB, 19. ago 1967

LISPECTOR, Clarice. Vitória nossa - Tanto esforço - O processo

Vitória nossa

O texto desenvolve uma série de mecanismos que demonstram a relação do ser e a necessidade de parecer. Uma sequência de atitudes concretas dos homens que, através da máscara, dissimulam a verdade maior. "(...) temos sorrído em público do que não sorrimos quando estamos sozinhos (...) temos chamado de fraqueza a nossa candura (...) temo-nos temido um ao outro acima de tudo (...) e a tudo isso temos considerado a vitória nossa de cada dia."

Tanto esforço

Encontro de duas antigas colegas de colégio. Perturbação provocada na dona da casa pela visitante, a qual, através de lugares comuns, prova a necessidade de se sair à luta, de se cumprir com uma missão. Com a saída da visitante, a dona da casa "(...) sente o cansaço das decisões prematuras e o peso de uma compreensão constrangida, sem que jamais pudesse transformar a compreensão em ato."

O processo

Diálogo sobre a transitoriedade da vida, e a relação entre natureza/morte. Busca de respostas para a existência.

JB, 26 ago 1967

LISPECTOR, Clarice. Tortura e glória

Tortura e glória

Fato ocorrido na infância da escritora envolvendo uma colega de escola, filha do dono de uma livraria, a qual impunha humilhações a todas aquelas que lhe pediam livros emprestados. A vitória da escritora sobre a colega, e sua alegria em tomar posse do livro As reinações de Narizinho. "(...) não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante".

JB, 2 set 1967

LISPECTOR, Clarice. "Amor imorredouro"

Amor imorredouro

Retratção para os leitores da falta de jeito na nova função de colunista de jornal. Tentativa de nomear o gênero do texto, e de direcioná-lo para a mulher. História de um motorista de táxi que perde um grande amor. Justificativa para o final pouco feliz do caso, que por certo não corresponde aquilo que os corações sentimentais esperavam.

JB, 9 set 1967

LISPECTOR, Clarice. Prece por um padre - Não sentir - Ir para - Daqui a vinte e cinco anos .

Prece por um padre

Texto em forma de oração, dedicado para um padre. Ressalta a falta de respostas para muitas indagações, a conexão entre o mistério do mundo e do homem, e a relação amor/morte/eternidade.

Não sentir

O hábito amortece as quedas e a proximidade com a morte acaba trazendo

serenidade. Inexistência de limite entre estar morrendo e já ter morrido.

Ir para

O choro de um gato confirma a dor de "ir", "ir para". "(...) pois o que é vivo vai para".

Daqui a vinte e cinco anos

Conturbação dos movimentos atuais e a impossibilidade de uma previsão para o futuro do Brasil. Destaque das condições indignas de vida do povo brasileiro, e apelo aos líderes do país para a solução do problema da fome.

JB, 16 set 1967

LISPECTOR, Clarice. "Primavera ao correr da máquina".

Primavera ao correr da máquina

Desenvolve os temas do amor, da morte, da alegria, o sentido da vida, de forma a compor a existência como uma espera cheia de interrogações. Esperança de que a chegada da primavera traga consigo algumas mudanças. "(...) esse primeiro calor ainda fresco traz tudo. Apenas isso, e indiviso: tudo."

JB, 23 set 1967

LISPECTOR, Clarice. "Para os ricos que também são bons."

Para os ricos que também são bons

Apelo aos brasileiros de maior poder aquisitivo para que façam doações para as pesquisas científicas a exemplo da iniciativa estrangeira. Ressalta a má utilização do material enviado de outros países, que quase sempre são abandonados com desprezo.

JB, 30 set 1967

LISPECTOR, Clarice. "Medo do desconhecido - Dos palavrões no teatro - Chacrinha?!"

Medo do desconhecido

Afirmativas e interrogações alternadas que tratam da felicidade como

uma paz estranha e aguda, que dói como um grande silêncio. "(...) que faço da felicidade? (...) milhares de pessoas não tem coragem pelo menos de prolongar-se um pouco mais nessa coisa desconhecida que é sentir-se feliz, e preferem a mediocridade."

Dos palavrões no teatro

Justificativas para o uso do palavrão no teatro. O palavrão como parte da língua portuguesa. O papel da censura.

Chacrinha?

Análise do programa de auditório do Chacrinha. Sadismo/humilhação. Caracterização da pobreza de espírito do povo brasileiro e da televisão brasileira.

JB, 7 out 1967

LISPECTOR, Clarice. "Dies Irae"

Dies Irae

Exigências e imposições do mundo que conduzem o homem a um estado contraditório. A necessidade de parecer sobrepondo-se ao ser, e a constatação da semiparalisia de todos, inclusive da escritora que se confessa paralítica e muda, em estado de cólera.

JB, 14 out 1967

LISPECTOR, Clarice. "Potência e fragilidade - O livro de meu vizinho - Sim Um fato inusitado e um pedido".

Potência e fragilidade

Relato de um incidente: "(...) quatro vezes no decorrer de menos de um ano um objeto estranho entrou no meu olho esquerdo. "Justificativa do oftalmologista e a conclusão da paciente: "(...) será que a pessoa que mais vê, portanto a mais potente, é a que mais sente e sofre. E a que mais se estraçalha com dores tão reais quanto um cisco no olho".

O livro de meu vizinho

Comentários elogiosos a respeito de um livro enviado por um vizinho. Justificativas pela falta de detalhes no comentário por não se considerar uma crítica literária.

Sim

Diálogo entre a escritora e uma amiga. Superexigência da vida e superexigência das pessoas.

Um fato inusitado e um pedido

Publicação da carta de um vigia de obras que se diz admirador da colunista e de seus livros, e fala da impossibilidade de adquiri-los. Apelo para que os leitores enviem livros ao vigia.

JB, 21 out 1967

LISPECTOR, Clarice. "Suíte da primavera suíça".

Suíte da primavera suíça

Fim de inverno e início da primavera em Berna. O encontro com a primavera é descrito como um encontro de duas pessoas. A primavera como interlocutor da personagem, que fala com ele e marca um encontro. "(...) Ainda para nos reconhecermos, segurarei um livro na mão, e na outra tanta hesitação, sou alta e resfriada. (...) te reconhecerei pelo teu cego vento e pela minha orgulhosa floração de espirros..."

JB, 28 out 1967

LISPECTOR, Clarice. "As grandes punições".

As grandes punições

Lembranças da infância, do período escolar, e do caráter repressivo da escola. Incidentes envolvendo um grande amigo, "o primeiro protetor masculino", provocados pela instabilidade emocional da colunista na época. Hoje, o amigo vai bem, "quanto a mim choro menos".

JB, 4 nov 1967

LISPECTOR, Clarice, "A favor do medo".

A favor do medo

A origem do medo engravado numa vida anterior (reencarnação) e/ou numa neurose (inconsciente). As superstições, a estranheza do homem, que por ser inocente é natural. "A ilogicidade de meus medos me tem encantado, dá-me uma

aura que até me encabula."

JB, 11 nov 1967

LISPECTOR, Clarice. "Um encontro perfeito"

Um encontro perfeito

Encontro da colunista com Maria Bonomi e os assuntos que estiveram em pauta: amigos comuns, receio de ser forçada a escrever para o teatro e o cinema; necessidade de profissionalização dos escritores; conciliação de funções tão diversas quanto ser artista e dona de casa; filme Corpos Ardentes de Khouri; machismo.

JB, 18 nov 1967

LISPECTOR, Clarice. "Quando chorar - A mineira calada - A vidente - Agradecimentos? - "A coisa".

Quando chorar

O choro. Necessidade de chorar para respeitar a nossa fraqueza, e de 'as vezes conter o choro para parecer forte. Respeito ao homem que chora.

A mineira calada

Diálogo com a empregada que pede um livro emprestado. "(...) disse-lhe que ela não ia gostar de meus livros porque eles eram um pouco complicados. Gosto de coisas complicadas, não gosto de água com açúcar."

A vidente

Incidente com a cozinheira Jandira que sempre parecia vidente, e a conclusão da irmã da colunista: "(...) cada um tem a empregada que merece."

Agradecimentos?

Surpresa frente a empregada Jandira, que, ao receber o salário, beija o ombro esquerdo da patroa.

"A coisa"

Ivone, empregada grosseira e mal educada, é despedida pelo seu temperamento explosivo. Surpresa, a patroa recebe um "sim senhora" meloso e humilde.

JB, 25 nov 1967

LISPECTOR, Clarice. 'Por detrás da devoção'.

Por detrás da devoção

Episódios ocorridos com empregadas. Características pitorescas de muitas delas. Sentimento de culpa e exploração em relação às criadas. A peça "As criadas". Sentimento das empregadas em relação às patroas. Um ódio que por vezes toma forma de uma devoção e humildade especiais.

JB, 2 dez 1967

LISPECTOR, Clarice. 'Uma coisa - Lição de piano - Bolinhas'.

Uma coisa

Visão de uma rua inesquecível que não é descrita porque "ela é minha".

Lição de piano

Lembranças da infância. Vocaçãõ musical/imposiçãõ dos pais. A professora que deixou marcas mais profundas do que a música, na menina de 9 anos, curiosa por descobrir o que estava por trás daquela figura misteriosa.

Bolinhas

Repulsa às drogas por impedirem a pessoa de estar sempre alerta. Insistência das pessoas em conhecer pessoalmente a colunista, entre as quais Maria Betânia. Popularidade da coluna no JB. Ameaça de parar de escrever um dia. "(...) falta uma coisa Eu vou tê-la. É uma espécie de liberdade, sem pedir licença a ninguém. (...) e agora me comunico mesmo sem falar."

JB, 9 dez 1967

LISPECTOR, Clarice. 'Das doçuras de Deus'.

Das doçuras de Deus

O texto retoma Aninha, a mineira calada. Sua aparência física, suas características: calada, meiga, doce, pueril, límpida, e por fim o relato de seu internamento no Pínel. Questiona o mundo e a vida, para concluir que na da é "água com açúcar" como teria dito Aninha no texto anterior.

JB, 16 dez 1967

LISPECTOR, Clarice. 'O caso da caneta de ouro'

O caso da caneta de ouro

Justificativa para o título que deveria lembrar alguma coisa de Agatha Christie.

Recebimento de uma caneta de ouro, a qual acaba por provocar uma disputa de posse entre os filhos de CL. O resultado é um grande diálogo mãe/filho, um questionamento sobre educação e vida. "A caneta nos levara longe. Achei melhor parar. E por aí ficamos. Nem sempre esmiuçar demais dá certo."

JB, 23 dez 1967

LISPECTOR, Clarice. 'A entrevista alegre'.

A entrevista alegre

Relato de uma entrevista a que CL se submete a pedido de Paulo Francis. São discutidos problemas sociais e de engajamento político, a literatura e a mulher. O tema literário suplanta os demais: o comentário de Fausto Cunha de que Clarice e Guimarães Rosa são embusteiros; o papel da escritora brasileira; o engajamento político de CL; importância da literatura e da maternidade.

"(...) se tivesse que escolher entre as duas, eu desistiria da literatura (...) escrever é um dos modos de fracassar (...) por que escrevia? Eu não soube responder."

JB, 30 dez 1967

LISPECTOR, Clarice. 'San Tiago'

San Tiago

A doença e morte de San Tiago Dantas, um grande amigo. Lembrança dos jantares juntos, das noitadas em Paris, das flores e dos discursos políticos. "Ele falou muito de política comigo (...) não se fala de política com mulher. Estaria eu ficando menos mulher?"

Aceitação da morte. "(...) todo herói é um herói de si mesmo. Quem vence está se vencendo." "Não fui ao enterro. Porque nem todos morrem."

JB, 6 jan 1968

LISPECTOR, Clarice. Calor humano

Calor humano

Fim de tarde de verão. O calor e a seca. O vazio da personagem que sente uma secura interior. O calor vermelho e visível mesmo com os olhos fechados. A alucinação, a falta de dor e de sede, de amor, de sentimentos, de lágrimas. "Não havia senão faltas e ausências (...) e o nada era quente naquele fim de tarde eternizada."

O vazio da espera vazia, a falta de significado. "Não existe menstruação. Os ovários são duas pérolas secas. Vou vos dizer a verdade: por ódio enxuto, quero é isto mesmo, que não chova."

JB, 13 jan 1968

LISPECTOR, Clarice. Insônia feliz e infeliz - Gratidão à máquina - A irrealidade do realismo.

Insônia feliz e infeliz

Os dois lados da insônia. A angústia solitária de estar na sala vazia às duas horas da madrugada. O relógio, o telefone mudo, a falta de um colega de infortúnio, as pílulas e o risco do vício.

O dom da insônia: a solidão e o silêncio proporcionando um sentimento de posse, de propriedade do mundo. A beleza do amanhecer. "O mar é meu, o sol é meu, a terra é minha. Sinto-me feliz por nada, por tudo".

Gratidão à máquina

Gratidão à máquina de escrever, companheira das horas solitárias da criação, a qual parece saber captar as sutilezas e amenizar com o barulho do teclado "a solidão de quem escreve".

A irrealidade do realismo

Tradução de um trecho de Struthers Burt sobre a irrealidade do realismo. O texto questiona o realismo e a arte, buscando uma relação com a vida e a urgência do homem de se exprimir artisticamente.

JB, 20 jan 1968

LISPECTOR, Clarice. Como uma corça

Como uma corça

Retrato de Erenita, a criada. Suas características físicas e sua maneira de ser. "(...) a fome era de pão (...) o medo era de trovoadas (...) a vergonha era de falar".

As surpreendentes ausências de Erenita que "(...) se perdiam numa tristeza impessoal, sem rugas (...) até que, num movimento sem pressa (...) ela acordava como um cabrito. Voltava, não se pode dizer mais rica, porém garantida depois de ter bebido em não se sabe que fonte."

Os afazeres diários, a serenidade, e os roubos: "A roubar de leve também aprendera nas suas florestas."

JB, 27 jan 1968

LISPECTOR, Clarice. Que me ensinem - Um telefonema - Chico Buarque de Holanda - Ao linotipista.

Que me ensinem

Angústia da colunista por não saber rezar e por ter tanta gente rezando por por ela e fazendo promessas. Tentativa frustada de rezar em público pela coluna.

Um telefonema

Telefonema de uma leitora anônima para desejar felicidades para CL. A retribuição da colunista, e o pedido para "(...) que não leia tudo o que escrevo porque muitas vezes sou áspera e não quero que você receba minhas asperezas."

Chico Buarque de Holanda

Encontro com Chico Buarque de Holanda que confessa que "(...) eu estive lendo você ontem". Alegria em poder contar aos filhos, e o convite para ir a casa da colunista.

Ao linotipista

Desculpas ao linotipista do jornal por estar errando tanto, porque a mão direita está queimada. E um alerta: "(...) não me corrija (...) se você me acha esquisita respeite também (...) escrever é uma maldição."

JB, 3 fev 1968

LISPECTOR, Clarice. Um pedido - Deus - Um sonho - Um pintinho - Anonimato - Chico Buarque de Holanda.

Um pedido

Pedido a uma pessoa que a colunista não identifica; para que esta pare de beber.

Deus

Pedido de CL a Deus, para que a ajude ainda que ela "(...) não tenha ido a Ele (...). Relato das fraquezas pessoais, dos defeitos: "Sou inquieta, ciumenta, áspera e desesperançosa. Embora amor dentro de mim eu tenha. Só não sei usar amor: às vezes parecem farpas."

Um sonho

A colunista fala de um sonho que lhe pareceu realidade. "Sonhei que aquele dia era Ano Novo."

Confessa não entender de sonhos, mas acreditar "num desejo de mudança. É tão difícil mudar, às vezes escorre sangue."

Um pintinho

A chegada de um pintinho em casa, e a indecisão: "(...) matar e comer?".

Anonimato

As pessoas que aspiram a projeção não sabem da suavidade do anonimato. CL confessa que gostaria de parar de escrever, mas escreve porque precisa de dinheiro. Diz que preferia ficar calada "(...) e do silêncio tem vindo o que é mais precioso que tudo: o próprio silêncio."

Chico Buarque de Holanda

Texto direcionado para Chico Buarque de Holanda explicando o motivo do convite que CL fez a ele: "(...) você tem a coisa mais preciosa que existe: candura."

JB, 10 fev 1968

LISPECTOR, Clarice. "Carta ao Ministro da Educação".

Carta ao Ministro da Educação

Carta aberta ao Ministro da Educação pedindo verbas e vagas para os excedentes, e a adoção de testes vocacionais antes do vestibular. Fala do sacrifício das famílias e do preço dos livros. Termina com um protesto: "(...) que estas páginas simbolizem uma passeata de protesto de rapazes e moças."

JB, 17 fev 1968

LISPECTOR, Clarice. "Sentir-se útil - Outra carta - Hermética"?

Sentir-se útil

Trecho de uma carta e a resposta de CL. Agradecimento aos elogios quanto a capacidade literária, aos quais a colunista diz não merecer porque "a palavra literatura me eriça o pelo como um gato." "E o agradecimento maior: "(...) você me fez sentir útil ao dizer-me que sua capacidade de amar ainda se fortaleceu mais."

Outra carta

Resposta a uma carta que pede para que CL não deixe de escrever sob o pretexto de defender a intimidade. CL afirma que se delatar é fatal para o escritor, mas que ela não o faz na coluna e sim nos romances. Nega porém que eles sejam autobiográficos "(...) mas depois fico sabendo por quem os lê que eu me delatei."

Fala do desejo de defender a intimidade e de, ao mesmo tempo, se confessar em público. Relação escritor/leitor. "O personagem leitor é curioso e estranho (...) é tão terrivelmente ligado ao escritor que na verdade ele, o leitor, é o escritor."

Hermética

Registro do troféu recebido pelo livro infantil O Mistério do Coelho Pensante e a surpresa porque "(...) me chamam de escritora hermética". E a pergunta "Deveria eu escrever para os adultos com as palavras e sentimentos adequados a uma criança? Não posso falar de igual para igual?"

JB, 24 fev 1968

LISPECTOR, Clarice. "Persona"

Persona

Comentário sobre o filme de Bergan e direcionamento do texto para a palavra persona = pessoa. O uso da máscara pelos atores do teatro grego e a necessidade de todas as pessoas de escolher, na adolescência, uma máscara "para representar-se e representar o mundo."

A humilhação de depois "de anos de verdadeiro sucesso com a máscara (...) de repente a máscara de guerra da vida cresta-se toda no rosto como lama seca, e os pedaços irregulares caem (...) eis o rosto agora nu, maduro, sensível quando já não era mais para ser."

JB, 2 mar 1968

LISPECTOR, Clarice. "O grito - O maior elogio que já recebi - O vestido branco."

O grito

"Sei que o que escrevo aqui não se pode chamar de crônica nem de coluna nem de artigo. Mas sei que hoje é um grito". O texto é um desabafo de CL, que se diz cansada do mundo e da vida, pois seu amor nunca impediu guerras e mortes. Fala do amor que tem recebido, das afilhadas, mas se diz cansada de tanta gente lhe achar simpática, pois "tenho profunda antipatia por mim (...) há um limite de ser. Já cheguei a esse limite."

O maior elogio que já recebi

Um galanteio recebido em Nápoles, a certeza de não ter construído nada, a necessidade de reconstruir com urgência o que "não posso dizer o que é".

O vestido branco

A vontade de ter um vestido branco. A pureza e a inocência. Ser inocente e perigosa ao mesmo tempo. Pureza ou amor? "E eis que de repente agora mesmo vi que não sou pura."

JB, 9 mar 1968

LISPECTOR, Clarice. "Restos do carnaval".

Restos de carnaval

Lembranças dos carnavais da infância nas ruas e praças de Recife. O medo das máscaras, "a suspeita de que o rosto humano também fosse uma espécie de máscara".

A ânsia para sair de uma infância vulnerável "(...) e pintava minha boca com batom (...) e escapava da meninice".

O apelo mudo,, a conquista, a primeira fantasia, a expectativa de quem até então era apenas espectadora. A decepção. O estado de saúde da mãe agravando, o susto e o desencanto. "(...) e como nas histórias que eu havia lido (...) eu fora desencantada (...) com remorso eu lembrava do estado grave de minha mãe e de novo eu morria."

JB, 16 mar 1968

LISPECTOR, Clarice. "Oi, Chico! - Ana Luísa, Luciana e um polvo - Maria chorando ao telefone - Outra Maria, essa ingênua e Carlota".

Oi, Chico!

Texto para Chico B. de Holanda falando sobre a carta de uma leitora que diz "ter afinidade comigo pelo que escrevo e pelo fato de eu ter escrito sobre você. O pedido do encontro dos três".

LISPECTOR, Clarice. Adeus, vou-me embora!

Adeus, vou-me embora

Pedido de uma leitora para que CL escreva coisas engraçadas e a promessa de fazê-lo. "Sou mesmo de altos e baixos e aproveitarei desses a forte onda do mar para andar na sua crista".

Agradecimento a todas as cartas recebidas; "(...) sou uma colunista feliz. Escrevi nove livros que fizeram muitas pessoas me amar de longe. Mas ser cronista tem um mistério que não entendo (...) são muito amados."

As cronistas mulheres, Carlos Drummond de Andrade, Otávio Bonfim. Felicidade por ser jornalista e por poder se comunicar com o mundo. "Escrever é um divinizador do ser humano."

O amor pelo mundo e a dor por ser um amor impotente. "Não dou pão a ninguém, só sei dar palavras. E dói ser tão pobre (...) dói muito ter um amor impotente. Continuo porém a esperar."

JB, 20 abr 1968

LISPECTOR, Clarice. Escândalo inútil."

Escândalo inútil

Entrevista frustrada com uma prostituta para saciar uma curiosidade de adolescente. A prostituição como problema social e como uma forma de fugir do amor. As dificuldades para o encontro, o dia estragado, a frustração. "E aqui fica a entrevista que falhou. Nós todos falhamos quase sempre."

JB, 27 abr 1968

LISPECTOR, Clarice. A alegria mansa - Trecho - A volta ao natural - Trecho

A alegria mansa - Trecho

"Em pleno dia era noite, e essa coisa que não quero ainda definir é uma luz tranquila dentro de mim."

A dor, a ausência, o torpor, o não sentir nada, o estado indefinível. A alegria simples e tranquila, o consolo. Relação da personagem com a chuva. "A chuva cai não porque está precisando de mim, e eu olho a chuva não porque preciso dela (...) juntas como água da chuva está ligada a chuva."

A volta ao natural - Trecho

Um homem e uma mulher em frente da lareira. O movimento mecânico de colocar a acha no fogo. A chuva, a mão livre do homem que está ao alcance da mulher. "Ela sabe, e não a toma." A efemeridade de todos os momentos.

JB, 4 maio 1968

LISPECTOR, Clarice. Declaração de amor - As três experiências.

Declaração de amor

Confissão de amor à língua portuguesa. Uma língua difícil e pouco maleável, um "verdadeiro desafio". O gosto pelo seu manejo e o encantamento de "lidar com uma língua que não foi aprofundada". Camões. "Eu até não queria ter aprendido outras línguas: só para que minha abordagem do português fosse virgem e límpida."

As três experiências

As três coisas para as quais diz ter nascido CL: "(...) para amar os outros, nasci para escrever e nasci para criar meus filhos". A importância das três coisas e a brevidade da vida que não permite a perda de tempo.

Os filhos gerados voluntariamente mas que "(...) um dia abrirão asas para o vôo necessário." Escrever como o renovar constante, mas que não dá nenhuma garantia porque "(...) eu devo aprender também a parar." O amor como única experiência duradoura. "(...) amar eu posso até a hora de morrer."

O medo da morte/reencarnação.

JB, 11 maio 1968

LISPECTOR, Clarice. A matança de seres humanos: os índios - Enquanto vocês dormem.

A matança de seres humanos: os índios

Protesto da colunista contra o tratamento dado ao índio no Brasil. Testemunho de Nal Nutels, médico da expedição Roncador - Xingú. As formas de se matar um índio: "a bala de um trabuco (...) a interferência maciça na cultura do índio através da catequese (...) também arrebatando-lhe a terra..."

"(...) enquanto a terra for objeto de especulação o Brasil estará em perigo. Se continuarmos a ser objetivos da ambição alheia, o brasileiro será um pobre coitado e continuar-se-á a matar não só os índios, mas a nós também."

Enquanto vocês dormem

Uma noite de insônia, a tristeza sem dor. As alegrias do amanhã. "(...) mas não estou gostando muito desta pacto com a mediocridade de viver."

JB, 18 maio 1968

LISPECTOR, Clarice. Estritamente feminino - "Rosas silvestres" - O carinho de um leitor.

Estritamente feminino

Satisfação ao público e correção de uma notícia de jornal a respeito de um convite que CL teria recusado.

Rosas silvestres

As rosas silvestres enviadas frequentemente por uma amiga. Seu mistério. "(...) a medida que vão envelhecendo vão perfumando mais (...) quando estão mortas é que o perfume que se exala delas me embriaga."

Vontade expressa de ser como as rosas silvestres.

JB, 25 maio 1968

LISPECTOR, Clarice. Frase misteriosa, sonho estranho.

Frase misteriosa, sonho estranho

O mistério das frases que surgem de repente e não se ligam a nenhuma fonte. O sonho de uma leitora e a possível interpretação: CL cavando em busca de ouro, e tendo sempre as mãos cheias de lama. A leitora personagem do sonho e as flores enviadas a CL.

"Fiquei impressionada com o sonho e só sei que ele é simbólico (...) que interpretação dar ao ouro e também à minha frase."

JB, 1 jun 1968

LISPECTOR, Clarice. Mulher demais - Ideal burguês - E amanhã é domingo.

Mulher demais

Convite para escrever uma crônica sobre acontecimentos, dirigida para as mulheres. Recusa ao convite e justificativa: "(...) eu não pretendo invadir seções especializadas, por melhor que seja conversas sobre modas e sobre a nossa preciosa beleza fugaz."

Ideal burguês

A pessoa ordenada e desordenada. As gavetas desarrumadas. A preocupação com a ordem externa como consequência da desordem interna. "(...) precisam de um contraponto que lhes sirva de segurança." O desejo de possuir uma governanta-secretária.

E amanhã é domingo

O domingo à noite tratado como um reveillon modesto. O começo da semana nova com seus planos e sonhos. O propósito de arrumar as gavetas.

JB, 8 jun 1968

LISPECTOR, Clarice. "Pertencer".

Pertencer

O desejo de pertencer, não a clubes e associações mas "(...) de me dar a algo ou alguém (...) tenho medo de revelar de quanto preciso e de como sou pobre."

Escrever como forma de pertencer um pouco a si mesmo. Embora sem desejar, a popularidade, a alegria de pertencer a literatura brasileira. "(...) por motivos que nada têm a ver com literatura, pois nem ao menos sou literata ou uma intelectual. Feliz por fazer parte apenas."

A missão do próprio nascimento: curar a mãe da doença. "(...) só que não curei minha mãe (...) eu não me perdôo."

JB, 15 jun 1968

LISPECTOR, Clarice. "Ainda sem resposta - Uma experiência - Ser cronista".

Ainda sem resposta

Perder o jeito de escrever, e a vontade de dizer o que outras bocas não puderam falar. "(...) não saber escrever talvez seja exatamente o que me salvará da literatura." A certeza, porém, de que o que é importante só "(...) a através de literatura que poderá talvez se manifestar."

Uma experiência

A importância de se pedir socorro e ser atendida. O tigre ferido/ a gratidão. O silêncio como forma de agradecimento. "(...) como não é a palavra o que tem importância, afastei-me silenciosamente."

Ser cronista

CL confessa a certeza de não ser uma cronista e a vontade de conversar com Ruben Braga a respeito. A dúvida sobre a crônica. "(...) é um relato? é uma conversa? (...) é o resumo de um estado de espírito? "O medo de escrever pela primeira vez alguma coisa que não romances, e de se tornar pessoal demais. A certeza de estar mudando a forma de escrever. "(...) basta eu saber que estou escrevendo para o jornal (...) para que o modo de escrever se transforme. "Angústia por não saber se este é o caminho certo. "Vou dizer a verdade: não estou contente (...) vou ter uma conversa com Ruben Braga porque so

zinha não consegui entender."

JB, 22 jun 1968

LISPECTOR, Clarice. 'Correspondência'.

Correspondência

Resposta a várias cartas recebidas e transcrição de algumas delas. Cartas elogiosas, palavras de conforto e textos de escritores novos pedindo a avaliação de CL, a sua ajuda para a publicação. Relato da passeata de estudantes no Rio, da qual a colunista diz ter participado.

JB, 29 jun 1968

LISPECTOR, Clarice. 'A descoberta do mundo'.

A descoberta do mundo

Lembranças da adolescência, precocidade para muitas coisas e atraso em relação às coisas importantes: os fatos da vida. "(...) à relação profunda de amor entre um homem e uma mulher, da qual nascem os filhos."

O interesse pelos meninos, os primeiros flertes, e o fingimento frente as colegas para que "(...) não me desprezassem e à minha ignorância. "A descoberta através de uma colega, a decepção ao propósito de não se casar. "Mesmo depois de saber de tudo, o mistério continua intacto. Embora eu saiba que de uma planta brota a flor, continuo surpreendida com os caminhos secretos da natureza".

JB, 6 jul 1968

LISPECTOR, Clarice. 'Cérebro eletrônico:- o que sei é que é tão pouco - O meu próprio mistério - A opinião de um analista sobre mim.

Cérebro eletrônico:- o que sei é que é tão pouco

Os computadores, seus complicados mecanismos, a dificuldade para um leigo tratar do assunto. "(...) o amor é mais misterioso do que o cérebro eletrônico e no entanto já ousei falar de amor (...) "Pedido para que alguém que entenda do assunto explique, para que a colunista possa transmitir aos leitores algumas informações.

O meu próprio mistério

"Sou tão misteriosa que não me entendo."

A opinião de um analista sobre mim

CL fala do Dr. Lourival Coimbra, psicanalista do grupo de Melanie Klein, e das amigas que foram analisadas por ela. Do envio para ele do livro Laços de família, da dedicação e do comentário do analista: "Clarice dá tanto aos outros e no entanto pede licença para existir."

JB, 13 jul 1968

LISPECTOR, Clarice. "O arranjo - De uma conferência no Texas - Em busca do outro."

O arranjo

História de uma criada que "(...) era cria da casa grande desde menina", de sua maneira de ser e sua ingenuidade e consequentes gravidez. Os três filhos distribuídos logo após o nascimento, pelos patrões. "Dava à luz seus próprios filhos, distribuídos depois como gatos, amarelados como a mãe."

De uma conferência no Texas

O convite para uma conferência na Universidade do Texas, a execução do trabalho e as justificativas por não ser a pessoa indicada para a tarefa: "(...) não tenho acompanhado de perto a efervescência dos movimentos que se tantaram no Brasil (...) nunca tive o que se chama verdadeiramente de vida intelectual (...) faltou-me encarar a literatura de fora para dentro, isto é, como uma abstração (...) literatura para mim é o modo como os outros chamam o que nós fazemos."

Em busca do outro

A busca de um caminho e o contentamento em encontrar apenas o atalho. "(...) meu caminho não sou eu, é outro, é os outros."

JB, 20 jul 1968

LISPECTOR, Clarice. [↑]Ritual-Trecho.

[↑]Ritual-Trecho

A personagem e o mar. "(...) a entrega de dois mundos incognoscíveis feita com a confiança com que se entregariam duas compreensões." O contato com a água, a sensação de frio, "(...) e abre caminho na gelidez que, límpida se opõe a ela (...) como no amor em que a oposição pode ser um pedido."

O mar = homem. Doação e entrega.

JB, 27 jul 1968

LISPECTOR, Clarice. Como tratar o que se tem - Desafio aos analistas - Palavras de uma amiga - Miguel Angelo - O suéter - O embaixador escritor.

Como tratar o que se tem

O ser que mora no interior de CL: "(...) um cavalo preto e lustroso (...) jamais lhe puseram rédeas (...) apesar de inteiramente selvagem tem por isso mesmo uma doçura primitiva." Alerta àqueles que quiserem ficar com o cavalo.

Desafio aos analistas

"Sonhei que um peixe tirava a roupa e ficava nu."

Palavras de uma amiga

Transcrição de um pensamento enviado por uma amiga que diz respeito ao fortalecimento do eu.

Miguel Angelo

Transcrição de um soneto de Miguel Angelo dedicado a Giorgio Vasari intitulado A Beira da Morte.

O suéter

O recebimento de um suéter vermelho enviado por uma moça desconhecida. "Hoje vou sair com ele pela primeira vez (...) e estarei pronta para enfrentar o frio não só real como os outros."

O embaixador escritor

O livro de contos do amigo embaixador Henrique Vale. Opiniões e críticas elogiosas.

JB, 3 ago 1968

LISPECTOR, Clarice. Uma história de tanto amor.

Uma história de tanto amor

História de uma menina "(...) que observava tanto as galinhas que lhes conhecia a alma e os anseios íntimos." As diferenças entre o homem e a gali

na. A outra acepção do termo galinha e o inconformismo da menina. Comer os animais/ a explicação dos adultos: "(...) ficam mais parecidos com a gente, estando assim dentro de nós." A troca de amor: "(...) a menina era um ser feito para amar até que se tornou moça e havia os homens."

JB, 10 ago 1968

LISPECTOR, Clarice. Morte de uma baleia.

Morte de uma baleia

Uma baleia agonizante no Leblon, a curiosidade dos transeuntes e a perspectiva do alimento barato. A morte/o depois da morte. As várias formas de se morrer. Estar a beira da morte/ sentimento de libertação. Deus. Morrer de alegria.

Animalidade do ser humano. "(...) não se espera nem a morte para se comer um outro ser (...) ser feroz entre os ferozes. "Impossibilidade de ser humano: "(...) porque desistir de nossa animalidade é um sacrifício."

JB, 17 ago 1968

LISPECTOR, Clarice. Noite na montanha.

Noite na montanha

O silêncio de uma noite em Berna. Trabalhar para disfarçar o silêncio, inventar programas. A inutilidade de todos os mecanismos. "Mas é inútil esquivar-se: há o silêncio." Silêncio/morte. "Desse silêncio sem lembrança de palavras. Se és morte, como te alcançar." Impossibilidade de se falar do silêncio. Esperança inútil de combatê-lo e tentar enganá-lo. "(...) o livro cai dentro do silêncio e se perde na muda e parada voragem deste."

Reconhecer o silêncio mesmo nos momentos de barulho. "(...) ao atravessar a rua no meio das buzinas dos carros (...) depois de uma palavra dita (...) às vezes no próprio coração da palavra."

JB, 24 ago 1968

LISPECTOR, Clarice. A perseguida feliz.

A perseguida feliz

Relato de um episódio ocorrido no ginásio, envolvendo um escritor anônimo e as meninas colegas de CL.

"(...) insultos de amor" escritos na prancheta de desenho, que "quase não compreendera, tanto a terminologia era técnica e especializada." A revolta das meninas e a queixa à direção; a descoberta do autor, a punição, o desaparecimento das pranchetas.

O orgulho e a felicidade oculta das meninas que eram alvo do desenhista. "(...) nunca mais desenho de finesse. Também quem mandou reclamar."

JB, 31 ago 1968

LISPECTOR, Clarice. "Os perfumes da terra - Familiaridade - Dormir - Mistério - Uma tarde feliz como embandeirada."

Os perfumes da terra

O uso de perfumes e a individualidade dos mesmos. O segredo da escolha.

Familiaridade

Incidente envolvendo CL e um grupo de adolescentes numa tarde de domingo. A disputa pelo táxi.

Dormir

Frase do inspetor Maigret: "(...) para aguçar o prazer de dormir." Mecanismos adotados por CL para sentir "prazer de ter uma cama."

Mistério

Escrever para atingir alguma coisa indefinível, tal como, "ter realmente tocado no monumento." A certeza de estar escrevendo "coisas inteiramente diferentes."

Uma tarde feliz como embandeirada

Relato de uma visita que CL fez à Grauben, a pintora. A candura da artista de 78 anos, sua alegria, sua casa, sua filha Eunice Catunda, a concertista. O presente: uma fotografia da pintora com uma dedicatória elogiosa.

JB, 7 set 1968

LISPECTOR, Clarice. "Escrever - Fatura a carência - Conversas."

Escrever

Correção de uma frase dita anteriormente. "Eu disse uma vez que escrever é uma maldição (...) hoje repito: à uma maldição, mas uma maldição que sal-

va."

Escrever como forma de traduzir o indizível, de sentir o que é vago, de abençoar uma vida. Escrever como ato espontâneo, "(...) à mercê do tempo."

Fartura e carência

CL se diz cansada e com raiva de tudo que tem e anseia sentir falta de alguma coisa. Sequência de fatos e coisas que provocam o cansaço: "(...) raiva dos que não sabem nada (...) dos inteligentes (...) dos Beatles (...) do cinema novo (...) do sucesso (...) das crianças que morrem de fome (...) até escrever está sendo fácil (...)"

"É um pecado, bem sei, querer a carência (...) mas é tão mais plenitude do que essa espécie de fartura."

Conversas

Telefonemas recebidos de madrugada. Festa na casa de Pedro Bloch e encontro com Guimarães Rosa e Ivo Pitanguí. Confissão de Guimarães Rosa de que "(...) me lia não para a literatura mas para a vida." Comentários de Ivo Pitanguí "(...) de que parece que eu não quero ser escritora."

"Como vocês vêem isto não é coluna, é conversa apenas. Como vão vocês? Estão na carência ou na fartura?"

JB, 14 set 1968

LISPECTOR, Clarice. "Fernando Pessoa me ajudando - Os prazeres de uma vida normal - É preciso também não perdoar - Lição de filho."

Fernando Pessoa me ajudando

Preocupação com a coluna e com o fato de estar se revelando contrariamente ao que ocorre nos livros. Justificativas para o fato e o consolo: "(...) a frase de Fernando Pessoa que li citada: "Falar é o modo mais simples de nos tornarmos desconhecidos."

Os prazeres de uma vida normal

Os prazeres das coisas simples e normais e a "luta que se é obrigado a travar para obter o que simplesmente seria o normal." Comer, dormir, escrever, são coisas que fazem "bom ser uma pessoa."

É preciso também não perdoar

Um programa da BBC e as opiniões da entrevistada, prisioneira de guerra, justificando a maldade das pessoas. Opinião de CL sobre o assunto. "A hora da sobrevivência é aquela em que a crueldade de que é vítima é permitida, a crueldade e a revolta."

Lição de filho

Lição do filho de 14 anos para CL quando esta, emocionada frente a um programa de TV, disse que ia tomar um calmante. "Você não sabe diferenciar

emoção de nervosismo?"

JB, 21 set 1968

LISPECTOR, Clarice. Lembrança de filho pequeno - A fome - Mistérios de um sono - Seguir a força maior - Só como processo.

Lembranças de filho pequeno

A mãe que observa silenciosa o filho comendo sorvete e analisa o sentimento e a relação que envolve os dois. "Ali estou, recuada. Recuada diante de tanto."

A fome

A vontade de vencer a transitoriedade da vida.

Mistérios de um sono

O prazer de dormir. "(...) estou acordada e ainda sinto o gosto daquela zona rural onde subsolarmente eu espalhava de minhas raízes os tentáculos de um sonho."

Seguir a força maior

O determinismo do destino/ a liberdade em se ter um destino. "Este é o nosso livre arbítrio".

Só como processo

O bem/o mal. Julgar entre os dois polos é "apenas uma receita (...) um processo."

JB, 28 set 1968

LISPECTOR, Clarice. As dores da sobrevivência: Sérgio Porto - Eu sei o que é primavera - O terror.

As dores da sobrevivência: Sérgio Porto

A morte de Sérgio Porto, a dor de perder a quem se gosta. A alegria do escritor e a saudade. A vontade de ter morrido em seu lugar. "Perdoe eu ter sobrevivido. Estou muito cansada."

Eu sei o que é primavera

CL confessa ser humilde, "tão humilde que os outros me chamam a atenção." A chegada da primavera faz com que ela deixe a humildade de lado e diga: "(...) eu sei o que é primavera". A primavera que faz ser, que dá coisas, dá do que viver. "E sinto que um dia na primavera é que vou morrer".

O terror

O nascimento/ a dor de pertencer ao mundo. O terror das primeiras horas, as cólicas, as grades, as coisas ruins na boca. O choro como forma de defesa. Apreender a viver/acostumar. "Agora parecia fácil porque ele aprendera a manejar o seu terror secreto que duraria até a morte. Terror de estar na terra, como uma saudade do céu".

JB, 5 out 1968

LISPECTOR, Clarice. "Talvez assim seja - Fidelidade - Estilo - Delicadeza - Amor a êle - Mãe gente."

Talvez assim seja

O prazer do cansaço dolorido. O prazer no limiar da dor. A morte como sono que compensa o cansaço. "Será que morrer é o último prazer terreno?"

Fidelidade

O fato de continuar lendo Monteiro Lobato para compensar um certo "desamparo infantil".

Estilo

A vontade de escrever sem estilo, "sem nem mesmo o meu estilo natural. Estilo, até próprio, é um obstáculo a ser ultrapassado."

Delicadeza

Escrever nem sempre leva a uma realização, "(...) resulta mais numa tentativa (...) depois o que toca as vezes floresce e os outros podem pegar com as duas mãos."

Amor a êle

Amor ao nada, a consciência da permanente queda. Amar com horror.

Mãe-gente

A descoberta dos filhos de que a mãe também é uma pessoa e não apenas mãe. O interesse dos filhos pela literatura e a alegria de poder indicar "(...) nomes de escritores profundos brasileiros." O livro Contos da Velha Rússia de Tchecov, e a recomendação dele aos leitores da coluna.

JB, 12 out 1968

LISPECTOR, Clarice. "Faz de conta - "Precisa-se" - São Paulo."

Faz de conta

Sequência de atitudes de "faz de conta" para se evitar o sofrimento e para se realizar todos os sonhos. "(...) faz de conta que vivia e não estivesse morrendo (...) faz de conta que a infância era hoje (...) faz de conta que não precisava morrer de saudade (...) faz de conta que ela não estava chorando."

¶ Precisa-se ¶

Texto em ritmo de anúncio de jornal, onde alguém pede uma pessoa para compartilhar com ela uma grande alegria. É um apelo de quem não "pode ficar sozinha com a alegria, e precisa reparti-la."

São Paulo

Publicação de uma carta enviada a CL e assinada por Fernanda Montenegro. Fala da violência e dos assaltos nas ruas de São Paulo, da insegurança que toma conta de todos e da angústia pela certeza de que "(...) a nossa geração falhou." "Nossa geração sofre a frustração do repouso. É isso Clarice? A luta que fizemos, não oferecemos por nós (...) nossa geração está comendo a comungar com a barata. A nossa barata." (CL explica o porquê da barata: seu livro).

JB, 19 out 1968

LISPECTOR, Clarice. "A bravata."

A bravata

Uma personagem tímida e insegura resolve, a conselho de uma amiga, enfrentar sozinha e de cabeça erguida, uma reunião de colegas. "Toda vestida, com uma máscara de pintura no rosto - ah persona, como não te usar e enfim ser (...) levantou-se e foi."

O encontro com um ex amante, a insegurança, a tentativa frustrada. "Foi para casa como uma foragida do mundo. Era inútil esconder: a verdade é que não sabia viver."

JB, 26 out 1968

LISPECTOR, Clarice. "Sensibilidade inteligente - Intelectual? Não. - O que eu queria ter sido."

Sensibilidade inteligente

Ser inteligente. CL recusa ser chamada de inteligente por se considerar igual a maioria das pessoas, e afirma que às vezes ela é tão pouco inteligente "como se eu tivesse a mente cega." Não nega a sua capacidade de en -

tender textos considerados difíceis, mas faz uma distinção entre a inteligência/sensibilidade inteligente. "O que, suponho, eu uso quando escrevo e nas minhas relações com amigos, é esse tipo de sensibilidade."

Intelectual? Não

CL diz não ser uma intelectual e afirma que não se trata de modéstia, mas de uma realidade. Justifica os motivos pelos quais não se considera uma intelectual nem uma literata. "(...) ser intelectual é usar sobretudo a inteligência, o que eu não faço (...) uso é da intuição (...) sou tão má leitora, que agora já sem pudor, digo que não tenho mesmo cultura (...) durante anos só lia romance policial (...) não tornei o fato de escrever livros de profissão. Sou uma pessoa que pretendeu por em palavras um mundo inteligível."

O que eu queria ter sido

O sonho realizado de CL de ser uma lutadora. A revolta com as injustiças sociais que vem desde a infância "(...) e o que eu via me fazia como que prometer que não deixaria aquilo continuar. Eu queria agir."

A frustração: "(...) terminei sendo uma pessoa que procura o que profundamente se sente e usa a palavra que o exprima. É pouco, é muito pouco."

JB, 2 nov 1968

LISPECTOR, Clarice. Trecho - O sonho - Um conto se faz ao largo - Uma revolta.

Trecho

CL descreve um personagem criado por ela há um tempo atrás, e que "nunca cheguei a deixá-lo fazer parte de um romance."

O sonho

Descrição de um sonho que se transformou em pesadelo e que CL diz não ter conseguido decifrar. "(...) e meu quarto era como o interior de um cubo (...) uma primeira porta de alguém é alguma coisa que me atemoriza e me fascina...)"

Um conto se faz ao largo

CL escreve entre aspas e inicia com reticências uma parte do que diz ela, ser um conto. Não tem começo nem fim, e ela pede aos leitores para completá-lo porque "simplesmente não me lembro que história eu estava pretendendo contar (...) sei que era para ser um conto (...) deixo aos leitores (...) o trabalho de continuar (...) apenas enfinei uma vela e esta se fez ao mar. Mas e o rumo? Perdi a bússola."

Uma revolta

Necessidade de se ter equilíbrio no amor porque "quando o amor é grande demais torna-se inútil."

JB, 9 nov 1968

LISPECTOR, Clarice. 'Aprofundamento das horas - Comer, comer - Dor de museu Mário Quintana e sua admiradora.'

Aprofundamento das horas

Escrever como forma de aprofundar as horas e de alargá-las.

Comer, comer

Sequência de perguntas relacionadas com comidas. as quais fazem parte da vida diária de CL. "(...) na minha casa todos falam em comida (...) eu vivo abrindo a bolsa para tirar dinheiro para as compras."

Orgulho de ser mãe de casa das comidas, e a certeza de que "nós somos um lar."

Dor de museu

A dor no ombro esquerdo que aparece sempre que a colunista visita um mu seu. "è dor de emoção,"

Mário Quintana e sua admiradora

Carta do padre-poeta Armindo Trevisan contando um episódio envolvendo Má rio Quintana: Uma menina de oito anos, admiradora do escritor, pede para co nhecê-lo pessoalmente, e, depois do encontro, emite uma opinião sincera: (...) ele é tão bonito mas parece meio pateta.†

A opinião de CL: "Bendita patetice de um dos poetas que mais admiro."

JB, 16 nov 1968

LISPECTOR, Clarice. 'O ritual - O terremoto - A perfeição - O nascimento do prazer.'

O ritual

CL descreve o momento em que ela se arruma como sendo um ritual, e res - salta a importância da mulher se enfeitar. "(...) Bonita? Nem um pouco, mas mulher."

O terremoto

Os afazeres diários de uma personagem dona de casa, a automatização de seus atos, a explosão repentina/o choro. "Foi o seco terremoto de um choro."

A perfeição

A precisão absoluta de tudo o que existe e a certeza de que "a maior par te do que existe com essa exatidão nos é tecnicamente invisível (...) nós terminamos adivinhando, confusos, a perfeição."

O nascimento do prazer

A dor no peito provocada pelo nascimento do prazer. A impossibilidade de se compreender a alegria. A necessidade de se proteger para tolerar a vida.

JB, 23 nov 1968

LISPECTOR, Clarice. 'Angina^rpectoris^s' da alma - Se eu fosse eu - Como é que se escreve - Um diálogo - Conversa telefônica.

Angina^rpectoris^s da alma

A angústia do mal, as sensações que tomam conta do corpo, a dificuldade para se expressar o que se sente.

Se eu fosse eu

Um jogo difícil: agir como se "eu fosse eu". O constrangimento por ter que locomover a mentira da vida inteira. "(...) acho que se eu fosse realmente eu, os amigos não me cumprimentariam na rua (...) por um certo motivo eu terminaria presa numa cadeia (...) metade das coisas que eu faria se eu fosse eu, não posso contar."

Como é que se escreve?

"Quando não estou escrevendo eu simplesmente não sei como se escreve". Vontade de perguntar a um escritor como é que escreve. As dúvidas, a falta de respostas. "(...) não há aprendizagem então? O que é? Só me considerarei escritora no dia em que eu disser: eu sei como se escreve."

Um diálogo

Diálogo entre o pai-cachorro e o filho-cachorro sobre aulas de língua estrangeira. "Pai-cachorro: E o que é que você aprendeu em línguas estrangeiras? Filho cachorro: Miau."

Conversa telefônica

Uma amiga que anota tudo o que CL diz ao telefone, e envia a ela. Surpresa, a colunista publica o texto que discorre sobre a procura de alguma coisa intensa e sobre o cansaço da busca inútil."

JB, 30 nov 1968

LISPECTOR, Clarice. De uma conferência no Texas.

De uma conferência no Texas

Trecho da conferência que CL proferiu na Universidade do Texas. Discorre sobre as vanguardas literárias, envolvendo: elemento estético, renovações - formais, reexame de conceitos, expressão forma/fundo, o movimento de 1922, Mário de Andrade, e também a dificuldade de CL sobre a matéria.

JB, 7 dez 1968

LISPECTOR, Clarice. "O livro como melhor presente - Inquietações de um feto -
"Grandes enigmas da humanidade."

O livro como melhor presente

Comentário acerca do livro Pero Vaz de Caminha, carta a El Rei Dom Manuel, da ed. Sabiá, de Rubem Braga e Fernando Sabino. Transcreve partes da introdução feita por Rubem Braga.

"Inquietação de um feto"

O livro de contos do psicólogo José Luís Silveira Neto. Comentários elogiosos.

"Grandes enigmas da humanidade"

O livro de Luís Carlos Lisboa e Roberto Pereira de Andrade da Vozes. CL fala sobre os diversos assuntos que compõem o livro.

Transcrição do prefácio feito por Niemeyer para o livro Sexo Grátis e No vo do arquiteto José Reznik. Parte da introdução também é transcrita.

JB, 14 dez 1968

LISPECTOR, Clarice. "Anúnciação - A virgem em todas as mulheres - Ele seria alegre - A humildade de São José - Meu natal."

Anúnciação

O quadro do italiano Savelli que CL tem em casa: Maria, perto da janela, grávida, ao lado do arcanjo. A expressão de surpresa e angústia da virgem. "Cada ser humano recebe a anúncio, e, grávido de alma, leva a mão a garganta em susto e angústia."

A virgem em todas as mulheres

A certeza de todas as mulheres grávidas de que seu filho cairá muitas vezes sob o peso da cruz.

Ele seria alegre

"Cristo seria alegre se não precisasse mostrar ao mundo a dor do mundo."

A humildade de São José

São José, o símbolo da bondade humana, "aquele que vela por todos os homens."

Meu natal

O hábito adquirido há três anos de passar a noite de 24 dez com uma amiga muito cara, em um restaurante. O presente inesperado: um missal. O incêndio que reduziu tudo a pó, inclusive os livros, menos o missal, "(...) que ficou intato, apenas com um leve chamuscado na capa."

JB, 21 dez 1968

LISPECTOR, Clarice. "Aprendendo a viver."

Aprendendo a viver

Texto construído sobre as palavras do filósofo americano Thoreau e sobre citações de Bermanos que CL comenta. Incentivo para que as pessoas vivam o presente, o agora, para evitarem um possível arrependimento. A importância de se correr o risco, de ter a coragem de realizar os anseios. "Estamos vivos a gora (...) a salvação é pelo risco, sem o qual a vida não vale a pena."

JB, 28 dez 1968

LISPECTOR, Clarice. "Condição humana - "A vida silenciosa" - O milagre das fo
lhas."

Condição humana

A pequenez da condição humana frente a condição do universo. O descompasso. "Já tentei me por a par do mundo, e ficou apenas engraçado: uma de minhas pernas sempre curta demais." A inutilidade de se ter mais liberdade.

"A vida silenciosa"

Trecho de The Silent Life de Thomas Merton, que fala do apóstolo Paulo, o qual rejeitou ser líder de uma facção dos seus seguidores por considerar sua missão acima de tudo. "(...) libertá-los da servil auto-sujeição às tradições humanas, à autoridade humana, à liderança humana (...)"

O milagre das folhas

A vontade de participar de algum milagre e deixar de apenas ouvir falar de milagres. A coincidência, as alucinações noturnas, as explicações para estes fatos que ocorrem frequentemente.

O milagre das folhas que seguidamente caem das árvores nos cabelos de CL. "Um dia uma me bateu nos cílios. Achei Deus de uma grande delicadeza."

JB, 4 jan 1969

LISPECTOR, Clarice. "Lúcio Cardoso."

Lúcio Cardoso

A morte de Lúcio Cardoso, sua doença, sua vida. O companheiro de sempre, o conselheiro da adolescência, o incentivador, o professor da vida. Artista em todos os sentidos, escritor que soube fazer arte quando não pode mais escrever: pintor.

"(...) ele me ensinava como se conhecer as pessoas atrás das máscaras ..."

JB, 11 jan 1969

LISPECTOR, Clarice. "Quase.

Quase

A visita a uma igreja, o ambiente de penumbra, os santos martirizados. O caixão em frente ao altar e a descoberta: a pessoa deitada no caixão não era Santa Terezinha como pensara CL, mas uma velhinha morta. A proximidade involuntária com a morte/ o susto.

JB, 18 jan 1969

LISPECTOR, Clarice. Banhos de mar.

Banhos de mar

Lembrança da infância em Olinda. A crença da cura pelo banho de mar antes do sol nascer. A alegria da viagem de bonde antes do amanhecer, a cidade ainda deserta. O trajeto diário em companhia do pai e a certeza de nunca mais poder repetir tamanha felicidade. "Como sentir com a frescura da infância o sol vermelho se levantar? Nunca mais? Nunca mais. Nunca."

JB, 25 jan 1969

LISPECTOR, Clarice. "A proteção pungente - Doçura da terra - Não entender.

A proteção pungente

A menina e o pai. A inversão dos papéis nos momentos de alegria. "(...) ele, o forte e amargo, ficava nessas horas todo inocente. E tão desamparado (...) ele a tornava a Pietá, a mãe do homem."

Doçura da terra

A sensação de descobrir a terra, de descobrir a terra como alguma coisa viva para a qual todos retornarão. "Nós somos imortais. E eu estou emocionada e cívica."

Não entender

"Sinto que sou mais completa quando não entendo (...) é um desinteresse manso é uma doçura de burrice."

JB, 1 fev 1969

LISPECTOR, Clarice. "Alceu Amoroso Lima (1)."

Alceu Amoroso Lima (1)

Um telefonema de Alceu A. Lima e a entrevista concedida à colunista sobre a Comissão de Justiça e Paz do Vaticano. Problemas de organização interna, a *Humanae Vitae* e a Casti Connubii/confronto. O progresso da Igreja, a paternidade responsável, a fecundidade no casamento e problemas de realidade social.

JB, 8 fev 1969

LISPECTOR, Clarice. "Alceu Amoroso Lima (2)."

Alceu Amoroso Lima (2)

Continuação da entrevista com Alceu Amoroso Lima, e os temas em questão: a solução para o Brasil como país subdesenvolvido, a defesa e o amparo à natalidade, a diferença entre a Psicanálise e o confessionalismo, o casamento dos padres, conflitos entre as próprias idéias e a doutrina católica.

JB, 15 fev 1969

LISPECTOR, Clarice. "Alceu Amoroso Lima (final)."

Alceu Amoroso Lima (final)

Final da entrevista com Alceu Amoroso Lima. Fala sobre o equilíbrio que deve existir entre vida religiosa, política, econômica, cultural e doméstica; o livre arbítrio, a atuação dos leigos na Igreja, ser professor, ensinar, escrever; o homem na lua. A literatura - opiniões de Alceu Amoroso Lima sobre CL: "(...) você pertence a categoria trágica de escritoras, que não escrevem seus livros. São escritos por eles." Juízo sobre a literatura brasileira, e a saída para o intelectual no regime subdesenvolvido: "Sofrer calado ou protestando sempre."

JB, 22 fev 1969

Ana Luísa, Luciana e um polvo

Uma visita inesperada: leitora da coluna, vizinha e desconhecida. Falando muito, em poucos minutos a visita conta toda sua vida, se diz admiradora dos textos de CL no jornal, e como prova da admiração, oferece um polvo temperado com arroz. A surpresa da colunista e o paladar agradável do prato.

Maria chorando ao telefone

Registro de um telefonema de uma leitora de nome Maria, a qual pede, aos prantos, para que CL não deixe de escrever a coluna.

Outra Maria, essa ingênua e Carlota

Diálogo com Maria a empregada. A colunista justifica para a criada o fato de andar em casa de camisola e descalça, e se surpreende com o comentário de Maria:

"Todas as madame usa assim mesmo. Trabalhei na casa de uma que até recebia visita de homens de camisola."

JB, 23 mar 1968

LISPECTOR, Clarice. Armando Nogueira, futebol e eu, coitada.

Armando Nogueira, futebol e eu, coitada

Pedido de Nogueira para que CL escrevesse uma crônica sobre futebol. O desafio: uma crônica de Nogueira sobre a vida. A "ignorância apaixonada" de uma torcedora do Botafogo. Impressões sobre o futebol. Futebol/Ballet. Avidez em participar de tudo que é Brasil e o desânimo por não poder fazê-lo. "E quando penso em tudo que não participo, Brasil ou não, fico desanimada com minha pequenez (...) queria estar sempre tendo um presente, e alguma partezinha de futuro."

JB, 30 mar 1968

LISPECTOR, Clarice. Estado de graça - Trecho.

O estado de graça como uma bem-aventurança física que nada se compara. Não o estado de graça dos santos, o das pessoas comuns que "(...) de súbito se torna totalmente real porque é comum e humano e reconhecível."

As descobertas, a não frequência e pouca durabilidade do estado de graça. Seus sintomas, sua indefinição. "(...) apenas isto: sabe. Não perguntem o quê, porque só posso responder do mesmo modo infantil: sem esforço, sabe-se."

JB, 6 abr 1968

LISPECTOR, Clarice. A tão sensível - A trama - Quem escreveu isto?

A tão sensível

Episódio envolvendo uma personagem. "(...) que sofria de sensibilidade como de doença." A visita à casa da bordadeira, a qual, mesmo passando fome, rejeita a encomenda por não gostar de bordar ponto de cruz. A cura da doença.

A trama

"Sentia que havia um tempo inadiável correspondente a cada momento." A decisão da personagem de aproveitar a mocidade. "Ele nunca conseguiu explicar como se perdera em tal trama, a mocidade. A mocidade é mulheres? Não sei."

Quem escreveu isto?

Transcrição de um texto que fala sobre o encontro de um casal apaixonado. CL diz ter encontrado o original em inglês dentro de suas gavetas sem indicação de autor ou de livro.

JB, 1 mar 1969

LISPECTOR, Clarice. Augusto Rodrigues também poeta - Nascerá um livro novo.

Augusto Rodrigues também poeta

Poemas e historietas de Augusto Rodrigues que CL publica por achar que tem certo valor literário, embora considere o escritor muito melhor na pintura. A promessa de publicar no sábado seguinte uma historieta de Jorge Luís Borges, com poucas linhas, bem do jeito que ele próprio gosta.

Nascerá um livro novo

Os quadros de Luís Otero, e a poesia e prosa de Walmir Ayala. O encontro dos dois e a proposta de juntos fazerem um livro.

JB, 8 mar 1969

LISPECTOR, Clarice. Perguntas grandes - Um homem feliz - O impulso.

Perguntas grandes

O pedido dos leitores dos romances de CL para que ela não mude sua maneira de ser porque está escrevendo para o jornal. As dúvidas da colunista: "Que sou eu? como sou? o que ser?"

Um homem feliz

Um incidente envolvendo CL e um motorista de táxi, o qual não perdoa um

engano da colunista. "(...) seu tom era de um homem que defende as leis (...). aquele homem era pouco livre (...)"

O impulso

A impulsividade e o risco de ser impulsiva: acertar/errar. Impulsos/infantilidade. O impasse: "(...) saber se devo prosseguir nos meus impulsos (...) ou tornar-me uma pessoa mais adulta." O medo de ser adulta e a certeza da falta de maturidade.

JB, 29 mar 1969

LISPECTOR, Clarice. Corças negras - A perigosa aventura de escrever.

Corças negras

Experiência de CL como jornalista na África, Vilas de Tallah, Kebbe e Sastown dentro da Libéria. O contato com um grupo nativo que se esforça para falar algumas palavras em inglês. A sensação de ser observada e analisada pelo grupo que se comporta, veste e fala de forma bem primitiva.

A perigosa aventura de escrever

Correção de uma afirmativa feita anteriormente: "Minhas intuições se tornam mais claras ao esforço de transpô-las em palavras." CL diz que estava errada porque a intuição é sempre perigosa e pode trazer "(...) lembranças que jamais se queria vê-las à tona." "Não se brinca com o escrever: a caça pode ferir mortalmente o caçador."

JB, 5 abr 1969

LISPECTOR, Clarice. Entrevista relâmpago com Pablo Neruda.

Entrevista relâmpago com Pablo Neruda

CL fala da entrevista que fez com Pablo Neruda na casa de Rubem Braga, de sua timidez diante do escritor e do pedido deste para que a entrevista ficasse para o outro dia. A entrega das perguntas e a decepção de receber, no dia seguinte, as respostas prontas e escritas.

CL relaciona todos os livros de Pablo Neruda com a data de publicação.

JB, 12 abr 1969

LISPECTOR, Clarice. "Entrevista-relâmpago com Pablo Neruda (final).

Entrevista relâmpago com Pablo Neruda (final)

Transcrição das perguntas e respostas da entrevista. As respostas curtas e evasivas de Pablo Neruda sobre os livros, o Chile, o amor, a literatura en gajada, as mulheres.

O desejo de CL de que ele falasse mais. "Eu poderia prolongá-lo indefinidamente, mesmo recebendo como resposta uma única seta de respostas."

JB, 19 abr 1969

LISPECTOR, Clarice. "Liberdade - Na Grécia - Charlatões - Enigma.

Liberdade

Um diálogo difícil entre CL e o filho que lhe pede para tirar o cabelo da testa. "(...) Tenho direito de ser feia (...) estava-me cortando a liberdade (...) eu sabia que meu filho tinha os direitos dele: o de não ter uma mãe feia, por exemplo."

Na Grécia

Diálogo telefônico, de madrugada, com uma amiga. CL pede que esta olhe a lua batendo sobre a Acrópole, ao que a amiga responde: "Eu já vi e a Acrópole está linda (...)"

Charlatões

O charlatão que existe dentro de todas as pessoas. A vontade de deixar-se levar pelo mau gosto: no falar, no vestir e principalmente no escrever. A li nha quase invisível entre o mau gosto e a verdade.

O comentário de um crítico: "(...) que Guimarães Rosa e eu éramos dois em bustes, o que vale dizer charlatões. Esse crítico não vai entender nada do que eu estou dizendo aqui."

Enigma

O mistério da vizinha: roupas de empregada, atitudes de grande dama. As a firmações da vizinha misteriosa. "(...) tem pessoas que nunca ficam deprimidas, e não sabem o que perdem."

JB, 26 abr 1969

LISPECTOR, Clarice. "Crônica social.

Crônica social

A crônica narra um almoço de senhoras da sociedade. A frivolidade dos as suntos, a naturalidade forçada, os sorrisos indefiníveis, a ligeira autorida de da dona da casa. O corte cozinha/sala; garçom/convidada. Descreve as se -
nhoras Z, Y, K, X. "(...) outras aproveitam o fato de estarem vestidas para
fazer visita. Só Deus sabe, se não de pêsames. Terra é terra, como-se, morre
se."

JB, 5 maio 1969

LISPECTOR, Clarice. Uma esperança - A revolta.

Uma esperança

A visita inesperada: a entrada da esperança, um inseto, na casa de CL. A atitude dos filhos perante o inseto, a observação atenta de todos os movi -
mentos. O perigo da aranha e sua morte a vassouradas. O trocadilho inseto/es
perança. "Não havia dúvida: a esperança pousara em casa, alma e corpo."

A revolta

A retirada dos pontos da mão esquerda e a dor. "Aproveitei a dor e dei gri
tos pelo passado e pelo presente. Até pelo futuro gritei, meu Deus."

JB, 10 maio 1969

LISPECTOR, Clarice. Fios de sêda - A não-aceitação - Facilidade repentina.

Fios de sêda

CL traduz para a coluna um trecho de Henry James que ela considera hermético e claro. O texto fala da experiência como uma teia de aranha feita dos
fios suspensos na câmara do consciente. CL pede aos leitores avisarem quando
ela estiver sendo demais ela mesma, e faz a associação das palavras com os
fios da aranha. "(...) não é preciso ser inteligente: a aranha não é, e as pa
lavras não se podem evitar (...) vocês estão entendendo? Nem precisam. Rece-
bam apenas, como eu estou dando. Recebam-me com fios de seda."

A não-aceitação

A velhice e a impossibilidade de esconder no rosto o que está por dentro. Não sair de casa por não aceitar a velhice. "(...) não era para os outros que
era feio passear, todos admitem que os outros sejam velhos. Mas para si mesma..."

Facilidade repentina

CL relata vários episódios do dia a dia, coisas simples, que para ela pro
vocam um grande bem estar: o filme, o menino que joga bola, uma amizade des-

feita, a amiga de quem sente saudades, a alegria de ouvir o próprio nome, as bebidas, as visitas. "Vocês vêm como estou escrevendo à vontade? Sem muito sentido, mas à vontade? Que importa o sentido? O sentido sou eu."

JB, 17 maio 1969

LISPECTOR, Clarice. Temas que morrem.

Temas que morrem

"Sinto em mim que há tantas coisas sobre o que escrever. Por que não? O que me impede? A exiguidade do tema talvez, que faria com que este se esgotasse em uma palavra, em uma linha."

CL discorre sobre o ato de escrever e os temas dos quais ela poderia falar e não o faz: o misterioso impulso que faz com que mesmo desejando a mudez, continue escrevendo. A pintura/a escrita. A vontade de ser pintora e a falta de habilidade para este trabalho. "(...) eu falaria sobre frutas e frutos. Mas como quem pintasse palavras. Aliás, verdadeiramente, escrever não é quase pintar com palavras? Ah estou cheia de temas que jamais abordarei. Vivo deles, no entanto.¹

JB, 24 maio 1969

LISPECTOR, Clarice. Medo da libertação - Esboço do sonho do líder.

Medo da libertação

O quadro de Klee, Paysage aux Voseaux Jaunes. O hábito de se olhar através das grades da prisão, e o conforto de segurar as barras frias de ferro. A prisão como forma de segurança, a covardia de todos os homens, os poucos homens livres. A impossibilidade de se explicar algumas coisas a "um burguês quadrado." "O conforto da prisão burguesa tantas vezes me bate no rosto. E, antes de aprender a ser livre, tudo eu aguentava - só para não ser livre."

Esboço do sonho do líder

O pesadelo do líder que todas as noites se agita porque a multidão cada vez maior de caras inexpressivas e silenciosas lhe provocam medo. "E antes que eles enfim se aproximem definitivamente, ele gritou: sim, eu menti."

JB, 31 maio 1969

LISPECTOR, Clarice. O que é o que é? - A noite mais perigosa - Do modo como não se quer a liberdade - Mas já que se há de escrever - Amor à terra.

O que é que é?

A impossibilidade de se nomear certos sentimentos. "Até hoje só consegui nomear com a própria pergunta. Qual é o nome? É este o nome."

A noite mais perigosa

O medo da morte. A sala escura do hospital e a visão da abelha na flor causando medo e pavor pela associação com a morte.

Do modo como não se quer a bondade

CL fala de Y, uma pessoa a quem todos recorrem quando estão em conflito porque dedica-se "(...) a não ser humana, no sentido que ser humana é também ter violências e defeitos."

Mas já que se há de escrever

"Mas já que se há de escrever, que ao menos não esmaguem as palavras nas entrelinhas."

Amor à terra

"Laranja na mesa. Bendita a árvore que te pariu."

JB, 7 jun 1969

LISPECTOR, Clarice. Autocrítica no entanto benévola - Solidão e falsa solidão.

Autocrítica no entanto benévola

CL fala de sua vontade de escrever uma autocrítica que haveria de ser benévola, "(...) porque se fosse aguda isso talvez me fizessem nunca mais escrever." Fala das coisas que escreve, confessa não ter conseguido o encontro máximo de um ser consigo mesmo, da vontade de transformar a misericórdia em ação e do desejo de conseguir o máximo.

Solidão e falsa solidão

Trecho de um artigo de Thomas Merton sobre a solidão e a necessidade da sociedade e do indivíduo de prover a solidão suficiente para desenvolver a vida interior das pessoas. Distingue a solidão benéfica da falsa solidão, a qual é egocêntrica e separa os homens dos outros. "A verdadeira solidão é sem um eu."

JB, 14 jun 1969

LISPECTOR, Clarice. Olhava longe, sem rancor.

Olhava longe, sem rancor

Conto inserido no livro A legião estrangeira com o título "A repartição dos pães", publicado em 1964. Pequenas modificações.

O conto fala de um jantar de obrigação em dia de sábado, para o qual a personagem fora convidada e do qual participa contrariamente a sua vontade. Em 1ª pessoa, o texto descreve o jantar como um ritual, associando o movimento dos convivas com a última ceia e a liturgia do lava-pés.

JB, 21 jun 1969

LISPECTOR, Clarice. A vida é sobrenatural - Sem nosso sentido humano - Espera impaciente - Engrenagem - Trecho - Aprender a viver.

A vida é sobrenatural

Algumas descobertas da cronista relacionadas com o ato de pensar e com o dia a dia. "(...) descobri que tenho um dia a dia. E uma vida a vida. E que a vida é sobrenatural."

Sem nosso sentido humano

De como seria terrível o mundo se não déssemos a ele o sentido humano.

Espera impaciente

A atração pela morte a a forma corajosa de esperar por ela sem antecipá-la. "(...) apesar da intensa curiosidade, espero."

Engrenagem

"(...) minha alma humana é a única forma possível de eu não me chocar de sastrosamente com minha organização física."

Trecho

"(...) de estar viva - senti - terei que fazer o meu motivo e tema."

Aprender a viver

Escrever uma espécie de tratado de culpa. A dificuldade de se livrar da culpa e a necessidade de se aprender a conviver com ela.

JB, 28 jun 1969

LISPECTOR, Clarice. Atualidade do ôvo e da galinha

Atualidade do ôvo e da galinha

Conto inserido no livro Legião estrangeira publicado em 1964 com o nome O ovo e a galinha. Pequenas modificações, inclusão e exclusão de frases e palavras na 2ª edição de 1977, a qual adotamos para comparação.

JB, 5 jul 1969

JB, 12 jul 1969

JB, 19 jul 1969

LISPECTOR, Clarice. "Cinco relatos e um tema.

Cinco relatos e um tema

Conto inserido no livro A legião estrangeira de 1964 com o nome A quinta história. Edição adotada para este estudo: 2ª de 1977.

JB, 26 jul 1969

LISPECTOR, Clarice. "A princesa" (noveleta 1)

A princesa

Conto inserido no livro A legião estrangeira, com o nome de A legião estrangeira. Edição para estudo: 2ª de 1977.

JB, 2 ago 1969

JB, 9 ago 1969 (noveleta 2)

JB, 16 ago 1969 (noveleta 3)

JB, 23 ago 1969 (noveleta 4)

JB, 30 ago 1969 (noveleta final)

LISPECTOR, Clarice. "O artista perfeito - Hindemith."

O artista perfeito

Comentário sobre um texto de Bergson que trata da possibilidade de se ter os sentidos libertos de utilitarismo. CL fala sobre a educação para crianças que fosse liberta do utilitarismo e capaz de conservar os sentidos alertas e puros. Questiona se uma criança assim educada seria necessariamente um artista

ta.

"(...) se pintasse, é provável que chegasse à seguinte fórmula explicativa da natureza: pintaria um homem comendo o céu. Nós os utilitários, ainda conseguimos manter o céu fora de nosso alcance. Apesar de Chagall (...) a criança é inocente, Picasso tornou-se inocente."

Hindemith

O quarteto de Hindemith, seus violinos, sua melodia. A possibilidade de não cantar mas se contar e desdobrar; de não ser grave mas ser a gravidade; de figurar o inaudível.

JB, 6 set 1969

LISPECTOR, Clarice. O medo de errar.

O medo de errar

O amálgama de tendências e necessidades do povo suíço. As três raças e as quatro línguas que compõem a cultura suíça, e a conseqüente ausência de um pensamento filosófico do país. O medo de errar do povo deste país, o horror por tudo o que é moderno: música, pintura, literatura.

"(...) Não é medo apenas por gosto e respeito a tradição. É medo de se arriscar. Um escritor vivo é risco constante. É homem que pode amanhã injustificar a admiração que se teve por sua obra com um mau discurso, com um livro fraco."

JB, 13 set 1969

LISPECTOR, Clarice. Ao correr da máquina - O livro desconhecido - O erudito

Ao correr da máquina

A certeza de morrer um dia e de que a vida é apenas momentos que matam aos poucos. A angústia na busca da compreensão. O perigo dos domingos e feriados, a máquina que corre antes dos dedos. "(...) a máquina escreve em mim."

O livro desconhecido

CL confessa estar a procura de um livro especial para ler, do qual não sabe o autor nem o título. "Eu o imagino como um rosto sem traços."

O erudito

As inquietações de um erudito, melhor aluno de História e Arqueologia; transformado, pelas circunstâncias, em gerente de uma loja de calçados.

JB, 20 set 1969

LISPECTOR, Clarice. A sala assombrada.

A sala assombrada

Descrição de uma sala. A relação da personagem com a sala e com as pessoas contidas nela. O estranhamento do ambiente e sua influência sobre as pessoas. O espelho, a janela, as cadeiras, a claridade, o conjunto fantasmagórico.

"Nesta sala impossível esconder-se. A pessoa estava exposta (...) se pudéssemos por um instante desligar a sala (...) a sala não era nem ontem nem amanhã (...) a sala nunca dera garantia nem prometera recompensa (...)"

JB, 27 set 1969

LISPECTOR, Clarice. Aventura - Humildade - Os heróis - Primavera se abrindo.

Aventura

Escrever por necessidade, como forma de mentir o sentimento. Escrever como única forma possível de entender. O hermetismo involuntário e a desnecessidade de tornar as coisas mais claras. "Respeito uma certa clareza peculiar ao mistério natural, não substituível por clareza nenhuma."

Humildade e técnica

A incapacidade de atingir, de entender. A busca da forma exata de falar que chegue mais depressa ao entendimento. Estilo = procura humilde. "Nunca tive um só problema de expressão, meu problema é muito mais grave: o de concepção."

Os heróis

Camus. O amor pelo heroísmo. Não compreender como uma forma de heroísmo.

Primavera se abrindo

A sensibilidade capaz de anunciar a mudança de estação. Transcrição de um trecho do Eclesiástico 24:33.

JB, 4 out 1969

LISPECTOR, Clarice. A explicação que não explica.

A explicação que não explica

CL tenta explicar como e por que escreve um conto ou um romance, e afirma que depois "que se desapegam de mim, também eu os estranho." Tece comentários sobre a elaboração de alguns contos, o que a levou a escrevê-los, as propostas iniciais que muitas vezes acabam tomando outro rumo e se transfor

mando em outra coisa que não o objetivo primeiro. Comenta a feitura dos contos: Feliz aniversário - Mistério em São Cristóvão - Devaneio e embriaguez de uma rapariga - Amor - Uma galinha - Começos de uma fortuna - Preciosidade-Imitação da rosa - O crime do professor de matemática - A menor mulher do mundo - O búfalo.

Afirma ainda não lembrar nada de Os laços de família e de O jantar.

JB, 11 out 1969

LISPECTOR, Clarice. Menino a bico de pena.

Menino a bico de pena

Conto inserido no livro Felicidade clandestina 1971. Descreve os movimentos de um menino "em quem acabaram de nascer os primeiros dentes e é o mesmo que será médico ou carpinteiro", suas tentativas frustradas de se manter em pé, as quedas, o choro e o seu relacionamento com a mãe. Ao mesmo tempo, em forma de contraponto, a cronista questiona o futuro da criança já que "um dia o domesticaremos em humano e poderemos desenhá-lo (...) mas por enquanto ei lo sentado no chão, imerso num vazio profundo."

JB, 18 out 1969

LISPECTOR, Clarice. O intransponível.

O intransponível

O encontro de uma menina ruiva com um cachorro basset lindo e também ruivo. "Numa terra de morenos serruivo era uma revolta involuntária." A afinidade imediata entre ambos, a necessidade da separação.

"Mas ambos eram comprometidos (...) mas ele foi mais forte que ela. Nem uma vez olhou para trás."

JB, 25 out 1969

LISPECTOR, Clarice. Um laboratório de criatividade.

Um laboratório de criatividade

A obra de Nélida Pinón, e uma entrevista feita por escrito com a artista. Discorre sobre o curso de criatividade literária ministrado pela escritora

na Faculdade de Letras do Rio de Janeiro; sobre os processos que liberam a criatividade; os métodos de composição de um livro e sobre a inspiração.

JB, 1 nov 1969

LISPECTOR, Clarice. Maura - Jorge Luís Borges.

Maura

O telefonema de uma admiradora da coluna que confessa ser cega e ter estudado no Instituto Benjamin Constant e estar cursando a faculdade. O exemplo de vida. Helen Keller e o encontro com CL.

Jorge Luís Borges

Transcrição de texto de Jorge Luís Borges.

JB, 8 nov 1969

LISPECTOR, Clarice. Cem anos de solidão - Um encontro com o futuro.

Cem anos de solidão

Comentários sobre Gabriel García Marquez. O enredo, as personagens, a magia verbal. Elogios a tradução de Eliane Zaguri.

Um encontro com o futuro

Comentários sobre o livro A automação e o futuro de Rose Marie Muraro, o qual fala da influência da tecnologia sobre a vida humana. Transcrição de um trecho em que Rose transmite alguns trechos dos 100 principais inventos que o futurólogo Herman Kahn descreve no seu livro Toward the Year 2000. "Eis o futuro de nossos filhos. Invejo-os."

JB, 15 nov 1969

LISPECTOR, Clarice. "Brain Storm"

"Brain Storm"

A crônica é uma profusão de idéias que vão sendo escritas da forma como vão surgindo no pensamento. A própria CL chama de brain storm este fluxo de idéias. "Se eu pudesse escrever sempre assim como estou escrevendo agora eu

estaria em plena tempestade de cérebro que significa brain storm." CL fala, entre outras coisas, sobre a criatividade, uma cadeira antiga, as estrelas no céu, as músicas da eletrola, o futuro, o amor, a ilogicidade da natureza humana. As idéias se misturam e se repetem no decorrer do texto.

JB, 22 nov 1969

LISPECTOR, Clarice. Da natureza de um impulso ou entre os números um ou computador eletrônico."

Da natureza de um impulso ou entre os números um ou computador eletrônico

CL avisa que o que vai falar na crônica é difícil, mas que vai escrever porque o assunto lhe ocorreu com muita naturalidade.

O texto tem um caráter filosófico e discorre acerca do impulso e da aplicação de um impulso. Trata do ser e do uso do ser; da temporalidade finita e infinita; do mediato e do imediato; do não pensável e do não dizível. A crônica termina com a personagem, de vassoura na mão, recolhendo os cacos do copo que acabara de quebrar.

JB, 29 nov 1969

LISPECTOR, Clarice. Teosofia - Liberdade - Uma pergunta - Nossa truculência - O homem imortal."

Teosofia

A lição teosófica do motorista de táxi "num dia de puro materialismo." A certeza de já estaremos vivendo o ano 2000, "(...) por nossa voracidade no tempo, pela voracidade do tempo que nos come."

Liberdade

A amiga que tem a liberdade de dizer ao telefone: "não estou com vontade de falar."

Uma pergunta

"Gastar a vida é usá-la ou não usá-la?"

Nossa truculência

A confusão causada pelo fato de não se ter a coragem de matar uma galinha e no entanto ter a coragem de comê-la.

O homem imortal

As desculpas por contar outro fato ocorrido com um motorista de táxi.

"(...) termino casando com um para não ter que ouvir as histórias de tantos."

JB, 13 dez 1969

LISPECTOR, Clarice. Entre aspas - Um momento de desânimo - Os recursos de um ser primitivo - Sobre escrever - Forma e conteúdo.

Entre aspas

CL transcreve um texto que diz ter encontrado entre papéis antigos sem saber o autor. O texto fala sobre o encontro dos opostos e a consciência do absoluto.

Um momento de desânimo

A sensação de não ter se expressado mesmo após ter escrito. A tentativa de uma espécie de silêncio "mesmo continuando a escrever" "(...) eu me exprimo, logo sou . Será. Eu sou; logo sou."

Os recursos de um ser primitivo

As vantagens libertadoras de uma vida primitiva.

Sobre escrever

"É na hora de escrever que muitas vezes fico consciente das coisas das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia."

Forma e conteúdo

A impossibilidade de distanciar a forma do conteúdo já que "(...) o conteúdo luta por se formar." "A intuição toca na verdade sem precisar nem de conteúdo nem de forma (...) parece-me que a forma já aparece quando o ser todo está comum conteúdo maduro, já que se quer dividir o pensar ou escrever em duas fases."

JB, 20 dez 1969

LISPECTOR, Clarice. Travessuras de uma menina (noveleta).

Travessuras de uma menina

Conto inserido no livro A legião estrangeira (1977) com o título Os desastres de Sofia.

1ª edição 1964 - contos e crônicas

2ª edição 1977 - só os contos

JB, 3 jan 1970

JB, 10 jan 1970

JB, 17 jan 1970

JB, 24 jan 1970

JB, 31 jan 1970

JB, 7 fev 1970

LISPECTOR, Clarice. A comunicação muda - Lembrança de uma fonte, de uma cidade - Ficção ou não.

A comunicação muda

O silêncio entre duas pessoas capaz de comunicar uma grande solidão.

Lembrança de uma fonte, de uma cidade

A solidão da paisagem em Berna. A monotonia quebrada apenas pela feiura do livro A cidade sitiada.

"(...) um dos meus livros menos gostado (...) minha gratidão a este livro é enorme; o esforço de escrevê-lo me ocupava."

Ficção ou não

CL discorre num campo que diz não lhe pertencer: a crítica. Analisa o que seria para ela um romance. Diz que sabe que um romance de concepção clássica se torna mais atraente com a descrição de coisas que emolduram uma vida, um personagem. Justifica os seus livros e diz que tudo é problema de classificação. "Mas é claro que A paixão segundo GH é um romance."

JB, 14 fev 1970

LISPECTOR, Clarice. O morto irônico - Descoberta - Carta atrasada.

O morto irônico

Um epitáfio para um amigo morto, o qual fala de sua ironia quando vivo, de seu egoísmo sarcástico. A falta incômoda da ausência, a necessidade de chorar. "E com que ironia este paradoxo ele leria. Com rima ainda? diria."

Descoberta

A descoberta de que cachorro tem cheiro de cachorro e que consequentemente homem tem cheiro de homem. "O homem se emocionou com o fato de ele ter acabado de lavar o mundo."

Carta atrasada

Carta aberta de esclarecimentos a um crítico que, segundo CL, não conseguiu entender a intenção maior do livro A cidade sitiada. "Não, o senhor não fez enterro do livro: o senhor também o construiu. Com perdão da palavra, como um dos cavalos de S. Geraldo. "CL mostra-se inconformada com a preocupação do crítico com a magia da frase, com o verbalismo, já que os motivos maiores passaram despercebidos. "(...) desejei qualquer coisa através delas (frases) e não a elas mesmas. "Através da análise da personagem Lucrecia Neves, CL tenta justificar e expor sua intenção maior: a luta por alcançar a realidade.

JB, 21 fev 1970

LISPECTOR, Clarice. Futuro improvável - Sábado, com sua luz - Marli de Oliveira.

Futuro improvável

A vontade de sair sozinha. De entregar o espírito aos amigos com algumas recomendações, e a alma deixar em algum animal que por certo a abrigará. Sair só com o corpo, "(...) cega para os erros do mundo."

Sábado, com sua luz

Dia de sábado, a necessidade de escrever: "O que escrever? (...) qualquer coisa que seja tranquila sem modas (...) quero, de passagem, ter realmente tocado no monumento. Vou parar aqui, porque é tão sábado."

Marli de Oliveira

Transcrição de um poema do livro A suave pantera, dedicado à cronista que o considerou magnífico.

JB, 28 fev 1970

LISPECTOR, Clarice. O lanche.

O lanche

As imaginações que assustam. O projeto de um encontro no 3º andar vazio da rua da Alfândega com todos "os amigos e amigas que tive e não tenho mais." Outra imaginação: encontro no domingo na rua do Lavradio "com todas as empregadas que já tive na vida." A conversa das criadas neste encontro "onde não se falaria de criadas."

JB, 7 mar 1970

LISPECTOR, Clarice. "Escrever ao sabor da pena" - Variação do homem distraído - O futuro já começou - Sim e não - Evolução - Chorando de manso.

"Escrever ao sabor da pena"

"Estou falando de procurar em si próprio a nebulosa que aos poucos se condensa, aos poucos se concretiza, aos poucos sobe a tona - até vir como num parto a primeira palavra que a exprima."

Variação do homem distraído

O homem que sem se dar conta de estar de óculos, procura-o pela casa toda com a certeza de não precisar mais deles já que vê tudo muito bem.

O futuro já começou

A certeza de já estar vivendo o ano 2000 e a espera pelo ano 8000. "O tempo não é duração de uma vida. O tempo antes de nós é tão eterno quanto o tempo à nossa frente."

Sim e não

"Eu sou sim. Eu sou não. Aguardo com paciência a harmonia dos contrários."

Evolução

"Estava numa espécie de plataforma de onde por âtomos de segundos parecia ver a super-realidade do que é verdadeiramente real."

Chorando de manso

A vontade de chorar causada pela visão de um homem bonito. O medo da felicidade que dói. "Eu continuava a não querê-lo para mim, mas ele de algum modo me dera muito com seu sorriso de camaradagem entre pessoas que se entendam."

JB, 14 mar 1970

LISPECTOR, Clarice. "A máquina está crescendo - Eu tomo conta do mundo."

A máquina está crescendo

O homem e a máquina. A criação do homem e a criação da máquina. Os problemas de ambos. "Ele terminará destruindo a máquina e recomeçando pela ignorância do homem diante da maçã."

Eu tomo conta do mundo

Tomar conta do mundo como incumbência que dá muito trabalho. Observar as coisas, os homens, os animais, sem ganhar dinheiro com isso, apenas "fico sabendo como é o mundo (...) só não encontrei ainda a quem prestar contas."

JB, 21 mar 1970

LISPECTOR, Clarice. "Zagalo."

Zagalo

Entrevista feita com Zagalo antes de ele ser técnico da seleção brasileira. O assunto gira em torno de futebol, da vida, do amor e do Brasil.

JB, 28 mar 1970

LISPECTOR, Clarice. "A italiana."

A italiana

A história de Rosa, órfã, que deixa o internato pela primeira vez aos 20 anos e faz seu contato com o mundo através de um livro: Le corset rouge, o qual lhe provoca febre e a necessidade de cuidados médicos. Rosa aos 40 anos, alegre e risonha. "De como aos 40 anos ficou tão alegre, não sei explicar."

JB, 4 abr 1970

LISPECTOR, Clarice. "Henry Miller - Um homem - Hemingway."

Henry Miller

Transcrição de uma entrevista com Henry Miller acerca de Gertrude Stein. Trata do idioma francês e inglês e da posição de Henry Miller quanto ao surrealismo.

Um homem

CL descreve um homem que não identifica. Fala sobre sua grande inteligência e a maneira de ser. Salienta a admiração pelo mesmo. "Ele é inconsciente de que eu o vejo tanto, não tantas vezes, mas tanto."

Hemingway

A resposta de Hemingway quando lhe foi perguntado se a situação financeira prejudica a boa literatura.

"(...) a segurança financeira constitui uma grande ajuda, pois evita que nos preocupemos. A preocupação destrói a capacidade de escrever."

JB, 11 abr 1970

LISPECTOR, Clarice. Inauguração solene sobre o futuro.

Inauguração solene sobre o futuro

"O futuro que estamos aqui inaugurando é uma linha metálica (...) não tem possibilidade de putrefação (...) é uma linha que se garante eterna."

CL fala do presente com a nostalgia de quem se sente derrotado por (uma de) sonestidade que não tem dado frutos nem no passado. "A criação do fio metálico como garantia para o futuro, como "porta estreita dos que vêm."

"Estamos cientes de que se trata de missão suicida. Nós os artistas do futuro, sabemos que a obra de arte não nos entende. E que viver é missão suicida."

JB, 18 abr 1970

LISPECTOR, Clarice. Tradução atrasada - Gostos arcaicos - Vietcong - Ir contra uma maré.

Tradução atrasada

CL justifica a epígrafe do romance A paixão segundo GH e se desculpa por não tê-la traduzido quando da publicação do livro. A frase é de Bernard Berenson, a qual CL transcreve na íntegra, em português.

Gostos arcaicos

O corte do cabelo. A sensação de perda apesar do conforto. Analogia com a força de Sansão e "minha força de mulher."

Vietcong

A pergunta do filho e o conselho desta. Por que ser tão pessoal na coluna e por que não falar do Vietcong. A impessoalidade conseguida nos livros e não alcançada na coluna. A fraqueza para falar de guerras. Antonio Callado a pessoa indicada para falar do Vietcong.

Ir contra a maré

A luta constante contra o devaneio. A vitória no campo da ação e a perda da coisa suave de se ser.

"(...) mas um dia ainda hei de ir, sem me importar para onde o ir me levará."

JB, 25 abr 1970

LISPECTOR, Clarice. Lembrança da feitura de um romance - Escrever.

Lembrança da feitura de um romance

Cl fala da forma desordenada como escreveu um romance. A inversão dos capítulos, todos escritos ao mesmo tempo, num ir e vir constante. A paciência da espera comparada a espera de um filho. A dificuldade para transformar o pensamento em palavras, "o que atrapalha ao escrever é ter que usar palavras". A necessidade de uma comunicação mais direta, de uma compreensão muda.

Escrever

A facilidade de se escrever para jornal por não precisar se aprofundar, e a dificuldade e força necessária para escrever um livro. O primeiro impulso aos 13 anos sob a influência de O lobo da estepe de Herman Hesse, a vocação/o talento. "Pode-se ter vocação e não ter talento, isto é, pode se ser chamado e não saber como ir."

JB, 2 maio 1970

LISPECTOR, Clarice. A inspiração - Menino - Quando chegar a hora de partir - Que viva hoje.

A inspiração

A crônica fala de uma personagem que teria, num momento de inspiração, escrito algumas linhas sobre a beleza do Pão de Açúcar.

A busca desesperada, mais tarde, do caderninho de despesas que continha as anotações. A frustração e o consolo: "Quando eu era mais moça eu escrevia."

Menino

O menino e o filhote de furacão que apenas faziam rodar três folhinhas na esquina.

Quando chegar a hora de partir

A certeza do filho de que não poderia gostar da mãe do mesmo modo a vida inteira.

Que viva hoje

A nostalgia da tarde e a lembrança do bordado infantil com os dizeres: Vi va hoje.

JB, 9 maio 1970

LISPECTOR, Clarice. As maravilhas de cada mundo - Rispidez necessária - Con versa puxa conversa à-toa.

As maravilhas de cada mundo

A amiga Azália e as sete maravilhas do mundo de Azália: ter nascido - os cinco sentidos - capacidade de amar - a intuição - a inteligência - a harmonia - a morte.

Rispidez necessária

A rispidez de Dr. Fabrini durante a internação de CL depois do acidente.

Conversa puxa conversa à-toa

O canto da empregada. A certeza de que o mundo não sabe que é criativa. O eu alojado dentro de cada pessoa. A angústia frente a posteridade.

JB, 16 maio 1970

LISPECTOR, Clarice. Para uma frase soar melhor.

Para uma frase soar melhor

CL sugere várias formas capazes de melhorar uma frase, formas estas adotadas pela editora de livros de bolso e distribuídas entre os adaptadores de romances para leitura de adolescentes. Mas pede cuidado "se não em vez de escrever, a pessoa ficará preocupada em exigir frase que soe melhor."

JB, 23 maio 1970

LISPECTOR, Clarice. Só para mulheres.

Só para mulheres

CL relembra um convite feito a ela, e recusado, para escrever uma coluna de jornal estritamente feminina. A recusa deu-se pelo medo de descambar para assuntos fúteis.

Confessa ter escrito, em outros tempos, página feminina para dois vespertinos | um sem assinatura, e outro assinado por Ilka Soares, "nome que atraía leitoras (...)"

Resposta para uma carta que pede conselhos de beleza.

JB, 30 maio 1970

LISPECTOR, Clarice. Medo da eternidade.

Mêdo da eternidade

A primeira vez que CL come um chicle de bola. O sabor adocicado do início e a borracha em que se transforma no final. O confronto do chicle com a eternidade/ o medo da eternidade/ o alívio de se ver livre do chicle e do peso da eternidade.

JB, 6 jun 1970

LISPECTOR, Clarice. Divagando sôbre tolíces.

Divagando sôbre tolíces

"(...) o pouco que sei não dá para compreender a vida, então a explicação está no que desconhece e que tenho a esperança de poder vir a conhecer um pouco mais."

O texto discorre sobre a indefinição do infinito, sobre a beleza inimaginável do absoluto.

A fertilidade do homem, a divisão do infinito em estações, em meses, anos e dias, formas simplificadas sem as quais "(...) o consciente teria uma vertigem perigosa como loucura."

JB, 13 jun 1970

LISPECTOR, Clarice. Nos primeiros começos de Brasília.

Nos primeiros começos de Brasília

"(...) Brasília é a paisagem da insônia ..." CL tenta descrever as sensações que se apoderaram dela quando esteve em Brasília. A cidade aparece como uma prisão ao ar livre, como uma paisagem surrealista, "(...) cuja beleza são as suas estátuas invisíveis..."

JB, 20 jun 1970

LISPECTOR, Clarice. Humberto Franceschi.

Humberto Franceschi

O primeiro contato com a obra fotográfica do "brasileiríssimo" Henrique de Moraes Franceschi. O envolvimento pessoal e profundo com o painel do fotógrafo na repartição pública.

O contato pessoal, a grandeza da obra, a certeza do valor artístico, a

aquisição de um painel.

JB, 27 jun 1970

LISPECTOR, Clarice. Encarnação involuntária.

Encarnação involuntária

CL diz ter como hábito ficar observado as pessoas e encarná-las para poder conhecê-las melhor e compreender seus motivos.

Descreve o dia em que, no avião, encarna uma missionária que estava a seu lado, e então passa a agir e pensar como tal. "(...) quem sabe, talvez nunca tenha sido própria, senão no momento de nascer, e o resto tenha sido encarnações ..."

JB, 4 jul 1970

LISPECTOR, Clarice. Sábado - A crise.

Sábado

O sábado como a rosa da semana. O sábado do passado, a manhã no quintal, o banho da tarde. O sábado no Rio de Janeiro que "(...) com grande esforço metálico se abre em rosa (...) tem sido sábado mas já não é o mesmo. Então eu não digo nada (...) mas na verdade já peguei minhas coisas e fui para o domingo de manhã."

A crise

Aparece anteriormente no jornal do dia 1 mar 1969 com o título "A tão sensível."

JB, 11 jul 1970

LISPECTOR, Clarice. Folclore brasileiro.

Folclore brasileiro

CL tece elogios a poetisa Henriqueta Lisboa, fala sobre seu livro: sobre folclore brasileiro, e transcreve três lendas que CL diz ter ouvido na infância: A mulher dengosa - O bicho-preguiça - A origem do Rio Amazonas.

JB, 18 jul 1970

LISPECTOR, Clarice. Cem anos de perdão.

Cem anos de perdão

... Lembranças da infância, as brincadeiras nas ruas de Recife. O primeiro roubo de rosas e a sensação causada pela posse. O roubo das pitangas e o hábito de roubar rosas e pitangas. "(...) não me arrependo: ladrão de rosas e de pitangas tem cem anos de perdão."

JB, 25 jul 1970

LISPECTOR, Clarice. Miopia progressiva I.

Miopia progressiva I (Conto)

Descrição da personagem, menino de óculos "se era inteligente não sabia. Ser ou não inteligente dependia da instabilidade dos outros (...)", de atitudes estranhas capazes de confundir os adultos.

O convite para passar o dia na casa da prima. O plano para assumir uma personalidade que impressionasse a anfitriã. "(...) ter a possibilidade de es colher o que seria ..."

JB, 1 ago 1970

LISPECTOR, Clarice. Miopia Progressiva (final)

Miopia progressiva

A possibilidade de ser amado e de comer na casa da prima, o aperto no estômago e a apreensão.

A sucessão de inspirações convulsivas para a realização do plano.

A recepção da prima, a surpresa com a naturalidade, o fim dos planos.

O amor se fazendo sentir aos poucos sem a prévia gravidez. A estabilidade de desejo irrealizável, a estabilidade do ideal inatingível.

JB, 8 ago 1970

LISPECTOR, Clarice. "Doar a si próprio - Loucura diferente - Uma experiência ao vivo.

Doar a si próprio

A impossibilidade de um banco para doação de pele. A necessidade de se tirar a pele para enxerto do próprio corpo. A dialética do fato, a inutilidade de receber a aceitação dos outros enquanto não houver a auto-aceitação.

O mistério da criação artística.

Loucura diferente

A arte como ato de loucura. A diferença da loucura dos criadores e da loucura dos que estão mentalmente doentes.

Uma experiência ao vivo

Uma experiência feita com três crianças quando do lançamento do livro: O mistério do coelho pensante; a forma especial e autêntica da avaliação de cada um. "As noites de autógrafos deviam ser assim."

JB, 15 ago 1970

LISPECTOR, Clarice. O verdadeiro romance.

O verdadeiro romance

Divagações da escritora, que começa por tentar definir um romance e acaba discorrendo sobre os mais variados temas. Vai desde sua primeira proposta, o romance passando por um projeto de conto, pelas viagens, a falta de leitura, o sofisma como forma de raciocínio, para concluir que "(...) vejo agora ter me afastado tanto do começo que o título desta coluna já não tem nada a ver como o que escrevi. Paciência."

JB, 22 ago 1970

LISPECTOR, Clarice. Perguntas e respostas para um caderno escolar.

Perguntas e respostas para um caderno escolar

CL faz um questionário que ela mesma responde. São duas partes assinaladas pela própria escritora que considera a segunda mais complicada. No primeiro momento CL pergunta e responde sobre Deus, a vida e o amor, na segunda parte, sobre a CL escritora, suas histórias, a inspiração, o ato de escrever, finalizando com os problemas sociais.

JB, 29 ago 1970

LISPECTOR, Clarice. As grandes indagações.

As grandes indagações

CL registra o recebimento de uma carta para a qual ela não encontrou resposta e por isso transcreve no jornal.

A carta faz diversas indagações sobre o sentido da vida. Fala da miséria do mundo, da velhice sem objetivos, dos protestos infrutíferos nas ruas, da evolução da ciência.

"(...) a explicação de nossa existência qual é?"

JB, 5 set 1970.

LISPECTOR, Clarice. Das vantagens de ser bobo.

Das vantagens de ser bobo

CL faz um confronto entre a pessoa esperta e o bobo, para concluir pelas inúmeras vantagens de ser bobo. Pede para que não se confunda bobo com burro, e inclui Dostoievski e Chagall entre os bobos.

JB, 12 set 1970

LISPECTOR, Clarice. Perdoando Deus.

Perdoando Deus

CL fala de um sentimento profundo que se apoderou dela enquanto caminhava em Copacabana: sentia-se a mãe de Deus com um carinho especial pelo filho.

O rato que aparece no caminho e a faz correr com medo. O nexu ilógico dos dois fatos. A revolta com Deus "(...) a grosseria de Deus me feria e insultava-me. Deus era bruto ..."

O perdão, a compreensão dos fatos: "(...) é porque só poderei ser mãe das coisas quando puder pegar um rato nas mãos."

JB, 19 set 1970

LISPECTOR, Clarice. A posteridade nos julgará - Teu segredo - Domingo - Dez anos - Rubem Braga.

A posteridade nos julgará

A gripe considerada como "a experiência da catástrofe inútil, de uma catás

trofe sem tragédia." A preocupação com as gerações futuras, quando não mais houver gripe, que nos julgarão de forma severa e irônica por não entenderem "que ter gripe nos era uma condição humana."

Teu segredo

"... Teu segredo é tão parecido contigo que nada me revela além do que já sei ..."

Domingo

O cheiro e a displicência do domingo. O medo das noites felizes de domingo.

Rubem Braga

CL transcreve uma crônica de Rubem Braga que ela afirma que gostaria de ter escrito. A crônica é uma oração a São Cosme e São Damião pedindo proteção para os meninos do Brasil. Caráter social acentuado.

JB, 26 set 1970

LISPECTOR, Clarice. Um reino cheio de mistérios.

Um reino cheio de mistérios

O dia da árvore, as comemorações da data nas escolas: o plantio de uma árvore e a redação com o tema.

O tomateiro plantado por CL dentro de uma lata na Suíça.

Esperar o amadurecimento de alguma coisa "é uma experiência sem par: como na criação artística em que se conta com o vagaroso trabalho do inconsciente ..."

O Jardim Botânico, a entrada em um novo reino.

JB, 3 out 1970

LISPECTOR, Clarice. Lembrança de uma primavera suíça - O pequeno monstro - Poesia - Abstrato é o figurativo.

Lembrança de uma primavera suíça

Descrição de um dia de primavera na Suíça, de uma primavera bem seca que prenunciava a chegada do verão que "amadureceria 100 mil laranjas ..."

O pequeno monstro

CL descreve uma personagem de nove anos que é o primeiro aluno de classe, cujo segredo é um caracol.

Poesia

"Fiz hoje na escola uma composição sobre o Dia da Bandeira, tão bonita, mas tão bonita (...) pois até usei palavras que eu não sei bem o que querem dizer."

Abstrato é o figurativo

"(...) o que chamam de abstrato me parece apenas o figurativo de uma realidade mais delicada ..."

JB, 10 out 1970

LISPECTOR, Clarice. Scliar: trinta anos de pintura.

Scliar: trinta anos de pintura

CL fala sobre uma mostra de pintura de Scliar no Museu de Arte Moderna realizada no período de 15 set à 30 out de 1970, e do sucesso desta exposição. Enaltece o trabalho pintor, e transcreve opiniões de diversos artistas sobre o mesmo. É transcrita a opinião de Roberto Pontual, José Paulo Moreira, Waldir Ayala, Vinícius de Moraes.

CL transcreve ainda parte da entrevista que ela fez com Scliar para a Manchete em 1966.

JB, 17 out 1970

LISPECTOR, Clarice. Sobre o sentimento da vida.

Sobre o sentimento da vida

CL retoma o texto publicado na coluna do dia 5 set 1970 "As grandes indagações" e transcreve uma dentre as muitas cartas recebidas como resposta para as perguntas acerca do sentido da vida. A carta é do Sr. Eloi Terra de Porto Alegre, segundo CL.

JB, 24 out 1970

LISPECTOR, Clarice. Nada mais que um inseto - Dois modos - Tomando para mim o que era meu.

Nada mais que um inseto

A entrada de uma esperança no quarto, caminhando de leve sobre o colchão. A descrição do inseto, sua fragilidade, seu mecanismo interior. A indagação: "(...) como seria o amor entre duas esperanças?"

JB, 31 out 1970

LISPECTOR, Clarice. Antes da Copa.

Antes da Copa

CL relata um encontro que teve com João Saldanha antes da Copa do México. Transcreve parte do assunto tratado, quando falaram sobre: os adversários do Brasil, os craques de jogo, a personalidade do técnico.

JB, 7 nov 1970

LISPECTOR, Clarice. Aos leitores que me escrevem - Recado a Drummond - Explicação de uma vez por todas.

Aos leitores que me escrevem

CL se justifica por não poder responder a todos que lhe escrevem.

Recado a Drummond

CL se desculpa por não poder publicar textos literários que recebe, mas manda um recado para Drummond que ele é uma exceção, e que seria uma honra publicar um poema do colega. Diz ainda a Drummond ter sonhado com ele e garante que o espaço de seu sonho é fantástico.

Explicação de uma vez por todas

Resposta à solicitação de muitos leitores sobre a nacionalidade de CL. A colunista faz uma auto-biografia visando esclarecer dúvidas sobre sua origem. Diz que seus mistérios são fáceis de serem elucidados, o único que jamais poderia sê-lo é o do próprio destino.

JB, 14 nov 1970

LISPECTOR, Clarice. Finalmente chegou o dia - O pato - "Ad eternitatem" - Aviso silente - Um ser chamado Regina - Fui absolvida!

Finalmente chegou o dia

CL registra a publicação do livro didático Eu gosto de ler, ilustrado por Glauco Rodrigues de autoria de Lisete Raimundo, Maria Cristina Leal e Cláudio Murilo Leal com a participação de Vinícius de Moraes.

O pato

Transcrição de um poema de Vinícius, feita para crianças.

↳ Ad eternitatem ↗

O espanto do filho de CL ao saber que estamos no século XX: "-Puxa, como nós estamos atrasados."

Aviso silente

"Todas as visitasões que tive na vida, elas vieram, sentaram-se e nada disseram. Entendi."

Um ser chamado Regina

A cronista fala de Regina, a qual, apesar dos 82 anos, ninguém chamava de senhora. O mau humor e a bõndade de Regina, seus escritos sem intuito de divulgação.

Fui absolvida!

CL registra o recebimento de uma carta de uma menina de 10 anos que responde a pergunta colocada ao final do livro A mulher que matou os peixes. A menina absolve Clarice de toda culpa, e relata o nome e a espécie de animais de estimação que mantém em casa.

JB, 21 nov 1970

LISPECTOR, Clarice. Espanha.

Espanha

Descrição minuciosa de uma dança flamenga, com a declarada rivalidade entre o homem e a mulher. Os movimentos cadenciados dos companheiros inimigos. O canto flamengo,, as modulações do fôlego, o canto ausente feito de um silêncio cortado pelos gritos da assitência. O sapateado levado à exaustão.

JB, 28 nov 1970

LISPECTOR, Clarice. ↳ A indulgência ↗ mais produtiva.

↳ A indulgência ↗ mais produtiva

A coluna é destinada a tecer elogios a Diná Silveira de Queirós pelo seu

trabalho literário de mais de 30 anos. CL faz uso do espaço para protestar contra o não ingresso da artista no ABL, quando a ela foi dado o prêmio Machado de Assis pela própria instituição.

JB, 5 dez 1970

LISPECTOR, Clarice. Palavras apenas fisicamente - O cetro - Por não estarem distraídos."

Palavras apenas fisicamente

Os vários significados de uma mesma palavra. "... Para passar de uma palavra física ao seu significado, antes destrói-se-a em estilhaços ..."

O cetro

"(...) é com uma garra trêmula que seguramos o cetro do poder."

Por não estarem distraídos

O casal despreocupado, andando juntos falando e rindo em levíssima embriaguez. A transformação, quando "eles quiseram essa mesma alegria." A dança dos erros, a atenção demasiada, o excesso de preocupação. O fim. "Tudo, tudo por não estarem mais distraídos."

JB, 12 dez 1970

LISPECTOR, Clarice. A procura do Natal - Dos anjos - Hino de Louvor - Hino Asteca."

A procura do Natal

Poema de Augusto Frederico Schmidt

Dos anjos

Poema de José Santiago Naud

Hino de louvor e Hino asteca

Transcrição dos hinos sem identificação dos autores.

JB, 19 dez 1970

LISPECTOR, Clarice. Duas histórias a meu modo.

Duas histórias a meu modo

CL diz que quando não tem o que fazer faz exercícios de escrever para divertir-se, mostra como são esses exercícios. Transcreve a história de Felicien Guerrilat criada por Marcel Aymé, o qual, numa espécie de jogo literário, brinca com a narrativa, com o personagem e o leitor, impondo ao texto um caráter hermético.

JB, 9 jan 1971

LISPECTOR, Clarice. Um presente para vocês - O Deus de cada homem.

Um presente para vocês

A resposta positiva de Drummond de Andrade para o convite feito pela colu na em 14 nov 1970 para participar da mesma com alguns poemas.

A alegria da cronista e os preparativos para a recepção. A chegada do poe ma.

O Deus de cada homem

Transcrição do poema enviado à Clarice por Drummond.

JB, 16 jan 1971

LISPECTOR, Clarice. O óbvio ululante.

O óbvio ululante

Entrevista que CL faz com Nelson Rodrigues que promete ser o mais verdadeiro possível nas respostas. As perguntas e respostas são sobre: a direita e a esquerda, as quais Nelson Rodrigues classifica como: "(...) verifiquei en tão o óbvio ululante: de parte a parte todos eram canalhas." Sobre a solidão, a imortalidade da alma, a vida de escritor e os amigos.

JB, 23 jan 1971

LISPECTOR, Clarice. Come, meu filho.

Come, meu filho

Diálogo entre mãe e filho na hora da refeição. As divagações do menino so

bre os mais variados assuntos, interligados sempre pela comida. A insistência da mãe: "- Não fala tanto, come.

- Você só pensa nisso. Eu falei muito para você não pensar só em comida, mas você vai e não esquece."

JB, 30 jan 1971

LISPECTOR, Clarice. Carnaval.

Carnaval

O encontro da cronista com Clóvis Bornay e a surpresa por ser ele uma pessoa tão mansa, ingênua, simples e sincera.

CL conta a vida de Clóvis Bornay, suas fantasias, sua maneira de ser.

A descrição da fantasia criada por Bornay para Clarice: "(...) uma túnica de renda negra cravejada de estrelas e de brilhantes."

JB, 6 fev 1971

LISPECTOR, Clarice. Um brasileiro pouco conhecido: Leopoldo Nachbin.

Um brasileiro pouco conhecido: Leopoldo Nachbin

O grande professor de matemática, o maior matemático do Brasil segundo CL. A importância da Matemática e da Física que para a cronista "(...) eram uma arte tão arte que eu as comparava à de uma fuga de Bach ..."

A biografia de Leopoldo Nachbin.

JB, 13 fev 1971

LISPECTOR, Clarice. A pesca milagrosa - Lembrar-se - Crônica social - A Academia Brasileira de Letras.

A pesca milagrosa

A analogia entre a pesca e a escrita, a palavra como isca para a entreli - nha. A dificuldade de CL explicar a analogia: "(...) às vezes não consigo explicar melhor e 25 anos depois encontro o meio."

Lembrar-se

"Escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu ..."

Crônica Social

Os encontros sociais, a tensão do grande jantar, da perfeição crescendo, do risco excitante.

A encenação perfeita, os personagens perfeitos.

"... Esporte perigoso, esse."

A Academia Brasileira de Letras

CL tece comentários a respeito do ABL e da não permissão para a entrada das mulheres. Mostra-se surpresa com as atitudes de grandes escritores que tudo fazem para se tornarem imortais. Cita João Cabral de Melo Neto e Guimarães Rosa.

JB, 20 fev 1971

LISPECTOR, Clarice. O primeiro beijo.

O primeiro beijo

O casal de namorados, a namorada ciumenta que exige saber do primeiro beijo do garoto. As lembranças do menino, que faz voltar o tempo para compor a cena do primeiro beijo.

A sede angustiante, o chafariz em forma de mulher, a água jorrando da boca da estátua. O beijo agradecido na boca de quem lhe matava a sede.

JB, 27 fev 1971

LISPECTOR, Clarice. Um poeta mulher.

Um poeta mulher

CL faz a apresentação da poeta Marli de Oliveira, desconhecida do público, mas que, segundo a cronista, "(...) um dos maiores expoentes de nossa atual geração de poetas."

Transcrição de um poema de Marli de Oliveira, "Contato", dedicado a Carlos Drummond de Andrade.

JB, 6 mar 1971

LISPECTOR, Clarice. Bichos - I

Bichos-I

O texto é um tratado sobre animais. CL fala das sensações pessoais em relação aos bichos, tece comentários sobre as mais variadas espécies de animais de estimação, inclusive a coruja. Relembra seus bichos de estimação com saudade e ressalta a relação pessoal com as galinhas sobre as quais diz ter escrito bastante.

JB, 13 mar 1971

LISPECTOR, Clarice. Bichos (conclusão).

Bichos (conclusão)

Continua o tratado sobre os bichos: o coelho e sua desinibida relação sexual tão frequente quanto veloz; os cavalos, o rei da natureza para CL; os peixes no aquário que comem até estourar.

A história da rosa e a saudade do cão Dilermando. A nostalgia secreta: "(...) não ter nascido bicho parece ser uma de minhas secretas nostalgias."

JB, 20 mar 1971

LISPECTOR, Clarice. Criar um quadro é criar um mundo novo."

↑ Criar um quadro é criar um mundo novo ↑

Entrevista com o pintor Iberê Camargo versando sobre o impulso criador na pintura e na literatura, a visualização antecipada do quadro, o abandono da figura e a troca pelo figurativo, as mãos furadas da nova geração.

JB, 27 mar 1971

LISPECTOR, Clarice. De natura florum

De natura florum

CL faz um pequeno dicionário sobre plantas: órgãos reprodutores, partes e espécies. Descreve algumas flores, empregando a cada uma certas características humanas.

JB, 3 abr 1971

LISPECTOR, Clarice. Vocês se lembram de Glória Magadan?

Vocês se lembram de Glória Magadan?

Registro de uma carta recebida de Glória Magadan escritora de novelas como "O Sheik de Agadir" que na data estava residindo na Venezuela. A carta fala da tradução que Glória fez dos contos de Clarice e faz crítica ao romance Paixão segundo GH.

CL transcreve uma entrevista feita com a novelista antes dela ter ido para a Venezuela.

JB, 10 abr 1971

LISPECTOR, Clarice. Ao correr da máquina.

Ao correr da máquina

CL faz uma crônica pessoal na qual divaga sobre diversos assuntos que vão brotando encadeados. Rejeita a aproximação com Virgínia Woolf, reprime a hermeticidade já que no jornal "se tem de ser terrivelmente explícita ...". Discorre sobre o amor, a solidão, as músicas, o filme "Cada um vive como quer", o preço das coisas, para acabar nas tartarugas.

JB, 17 abr 1971

LISPECTOR, Clarice. O passeio da família - Enciclopédia para mulheres - Rio São Francisco - Por falar em banho.

O passeio da família

Descrição de um passeio de domingo da família que tinha por hábito ir ao cais do porto ver os navios. A filha menor e a experiência desagradável com o copo de ovomaltine. As lembranças marcantes e eternas dos passeios de domingo na infância.

Enciclopédia para mulheres

Registro da tradução que CL fez de uma enciclopédia para mulheres na Editora Delta.

Rio São Francisco

Incidente com a namorada de um amigo que, ao tomar banho no rio São Francisco, causou espanto a 50 meninos por ser galega e estar de biquíni.

Por falar em banho

O encontro da cronista com quatro freiras que brincavam ingenuamente nu-

ma praia do Rio de Janeiro.

JB, 24 abr 1971

LISPECTOR, Clarice. Uma novidade, uma grandeza.

Uma novidade, uma grandeza

CL faz comentários sobre a obra do fotógrafo Humberto Franceschi e sobre sua exposição, para a qual foi convidada para ver pessoalmente, antes da abertura oficial.

A grandiosidade do artista e de sua obra: "(...) estou confusa com tanta beleza, sinto mas não sei dizer."

JB, 1 maio 1971

LISPECTOR, Clarice. Dia da mãe inventada.

Dia da mãe inventada

CL ocupa a coluna para fazer uma homenagem às mães, e o faz transformando um orfanato na mãe homenageada. O orfanato é a mãe inventada.

JB, 8 maio 1971

LISPECTOR, Clarice. Um escritor na Escandinávia.

Um escritor na Escandinávia

CL, conversando com o escritor José Luís Silveira Neto, pede a ele que escreva tudo que ele estava relatando. É este escrito que CL publica na coluna, ipsis litteres, como ela mesma afirma.

Silveira Neto discorre acerca da vida na Suécia, a liberdade, o suicídio, a beleza das mulheres, o nível social e cultural do povo.

JB, 15 maio 1971

LISPECTOR, Clarice. Antes de o homem aparecer na terra - O poema da pedra - Desculpem, mas se morre - Mas há a vida - A tempestade de 28 de março, domingo.

Antes de o homem aparecer na terra

CL fala de uma pedra que recebeu de um amigo, provinda de Vila Velha, com mais de 360 milhões de anos. A surpresa do amigo poeta Sérgio Fonta, que dedica a Clarice um poema sobre a pedra.

O poema da pedra

Transcrição do poema de Sérgio Fonta

Desculpem, mas se morre

CL registra a morte de Guimarães Rosa e de outros amigos queridos.

Mas há a vida

A necessidade de, apesar de tudo, viver a vida.

A tempestade de 28 de março, domingo

Registro da violência de um tempestade numa tarde de domingo, quando CL passeava com uma amiga no Leblon. O medo, a confiança em Deus.

JB, 22 maio 1971

LISPECTOR, Clarice. Máquina escrevendo.

Máquina escrevendo

A vontade da cronista de parar de escrever e deixar a coluna em branco para que cada um a preenchesse com seus próprios desejos. A crônica, os gêneros literários. Os bichos, e mais uma vez a tartaruga. O livro sobre tartarugas. As aulas de Português e de Matemática ministrada aos ginasianos.

JB, 29 maio 1971

LISPECTOR, Clarice. Viajando por mar - 1ª parte - Viagem de trem.

Viajando por mar - 1ª parte

CL relata todas as viagens feitas por ela de navio. Detem-se no caso da empregada Avani que acompanhou-a até Washington onde ficou para sempre.

Viagem de trem

CL relembra dois namoricos empreendidos em viagem de trem, na adolescên-

cia.

JB, 5 jun 1971

LISPECTOR, Clarice. Já andei de camelo, a esfinge, a dança do ventre - Falando em viagens - Estive na Groelândia - Estive em Bolama, África.

Já andei de camelo, a esfinge, a dança do ventre

A viagem inesperada ao Egito, a sensação de conhecer as pirâmides à noite. A indecifrável esfinge: "(...) não a decifrei, mas ela também não me decifrou." Os camelos, a dança do ventre ao som de "Mamãe eu quero mamar."

Falando em viagens

CL fala de sua viagem ao Texas quando foi proferir uma conferência. Conta o incidente com o embaixador brasileiro e o relacionamento com Gregory Rabas sa que traduziu seu livro, A maçã no escuro; Questiona o prefácio da tradução que diz ser CL mais difícil que Guimarães Rosa, pela sintaxe.

Estive na Groelândia...

A noite passada no aeroporto da Groelândia.

Estive em Bolama, África

O desvio de rota e o pouso em Bolama. A ignorância do povo africano. "Gostaria de poder fazer um mínimo que fosse por ela. Mas não tenho nenhum poder. Só o da palavra, às vezes. Só as vezes."

JB, 12 jun 1971

LISPECTOR, Clarice. Sem título.

Sem título

CL fala de alguns sentimentos íntimos, do amor, da saudade, do mistério da pedra de Vila Velha. Relembra cartas de apaixonados desconhecidos e retratos feitos por pessoas anônimas. Ensina uma meditação hindu e confessa a vontade de conhecer a Índia.

JB, 19 jun 1971

LISPECTOR, Clarice. Xico Buark me visita

Xico Buark me visita

A cronista relata a visita feita a ela por Chico Buarque de Holanda. Revela o conteúdo da conversa entre os dois e elogia o ar de bom rapaz do compositor.

JB, 26 jun 1971

LISPECTOR, Clarice. Conversa meio a sério com Tom Jobim (I).

Conversa meio a sério com Tom Jobim

Reprodução de uma conversa "séria" segundo a cronista, entre ela e Tom Jobim, o velho amigo.

A conversa gira em torno da "falta de tempo da humanidade", da pouca leitura, da preferência por músicas nem sempre de qualidade. A opinião de ambos de que a música e a palavra escrita elevam o homem do reino animal.

JB, 3 jul 1971

LISPECTOR, Clarice. Conversa meio a sério com Tom Jobim (II).

Conversa meio a sério com Tom Jobim

Continuação da conversa com o compositor. A alienação da arte, a arte de consumo, consequência da sociedade industrial. A certeza de CL de ter fracassado junto com toda a sua geração que não conseguiu abrir a porta. A liberdade total.

JB, 10 jul 1971

LISPECTOR, Clarice. Conversa meio a sério com Tom Jobim (conclusão).

Conversa meio a sério com Tom Jobim

Conclusão da conversa entre CL e Tom Jobim. O sucesso do compositor no exterior, o nascimento de uma canção, os intérpretes e colaboradores. Os momentos decisivos e as grandes emoções.

JB, 17 jul 1971

LISPECTOR, Clarice. Um fenômeno de parapsicologia - Salmo de Davi nº 4 - De sencontro - Viver - É preciso parar.

Um fenômeno de parapsicologia

O mistério das relações humanas. O caso do menino que escreve um conto da mesma maneira que CL planejara fazê-lo. A consciência da garota de que CL ditava o texto. A surpresa da cronista.

Salmo de Davi nº 4

O texto é uma oração, um pedido de misericórdia e de justiça.

Desencontro

"Eu te dou pão e preferes ouro. Eu te dou ouro mas tua fome legítima é de pão."

Viver

"(...) ele não quis dormir para não perder a sensação de vida."

É preciso parar

A saudade de si próprio. "Ando pouco recolhida, atendo demais ao telefone, escrevo depressa, vivo depressa."

JB, 24 jul 1971

LISPECTOR, Clarice. Genaro.

Genaro

CL registra a morte do artista tapeceiro da Bahia, Genaro de Carvalho. Ressalta as qualidades de sua obra, e reproduz um texto do artista que fala da própria arte, e da arte em geral.

JB, 31 jul 1971

LISPECTOR, Clarice. Você é um número - Mistério: céu.

Você é um número

CL mostra na coluna como, aos poucos, todos estão perdendo a individualidade, para se transformarem em números. E dá exemplos: o registro civil, as certidões, o crediário, o clube, alvarás, etc.

Mistério: céu

CL relembra uma noite em Caxambú quando ficou admirando o céu e associa o

fato a uma visita feita ao planetário para observar Júpiter. A grandeza do universo provava em CL a necessidade de todos se amarem muito.

JB, 7 ago 1971

LISPECTOR, Clarice. Sou uma pergunta.

Sou uma pergunta

CL relaciona na coluna uma série de perguntas, todas de difícil ou quase impossível resposta. É um questionamento existencial, social e religioso.

JB, 14 ago 1971

LISPECTOR, Clarice. Perdão, explicação e mansidão - Três encontros que são quatro...

Perdão, explicação e mansidão

CL pede desculpas pelo texto publicado no dia 7 ago 1971 quando afirmava que todos eram apenas números. Registra o recebimento de muitas cartas reagindo ao fato e transcreve uma delas.

Três encontros que são quatro

A cronista fala de três encontros com velhos amigos. No primeiro, a decepção porque "(...) a alma desta pessoa tinha murchado ..." No segundo, a alegria, apesar da brevidade do encontro. No terceiro e duplo encontro, a sensação do diálogo perfeito de Clarice para Clarice.

JB, 21 ago 1971

LISPECTOR, Clarice. Um instante fugaz.

Um instante fugaz

O encontro com o hippie numa rua movimentada. O encontro que não se concretizou mas que CL supõe como teria sido se fosse realizado. A possibilidade de o hippie chamar-se John, de não fumar maconha por já ter LSD em si, de ter uma família.

A diferença deste encontro com outros havidos antes.

JB, 28 ago 1971

LISPECTOR, Clarice. Um homem chamado Hélio Pelegrino.

Um homem chamado Hélio Pelegrino

Um retrato íntimo de Hélio Pelegrino que CL faz, entremeando palavras do escritor e crítico.

O temperamento forte mas capaz de julgar uma situação com grande isenção de espírito. Hélio Pelegrino psicanalista. A análise que faz de CL.

JB, 4 set 1971

LISPECTOR, Clarice. Amor.

Amor

A surpresa de CL ao encontrar um homem passeando na rua e puxando por uma coleira, como se fosse um cachorro, um quati.

As atitudes de cachorro do quati, o perigo do encontro com outro quati, quando este então se reconheceria. O direito do quati, feita a descoberta, de massacrar seu proprietário com ódio pelo que de pior um ser pode fazer à outro ser.

JB, 11 set 1971

LISPECTOR, Clarice. Trechos.

Trechos

CL reúne lembranças variadas que vão surgindo e reúne na coluna, dizendo ter escrito tudo numa madrugada em que não queria ficar só diante do mundo. As lembranças vão desde os almoços refinados do tempo da embaixada, o banho de mar, e até a morte da menina interior da colunista. O recado para Rubem Braga.

JB, 18 set 1971

LISPECTOR, Clarice. "Dies Irae."

⌞ Dies Irae ⌞

Monólogo no qual a personagem descreve um momento de paixão, de cólera e de ira. A vontade de se deixar explodir na violência, a análise minuciosa das

sensações. Os pecados mortais, a gula, a luxúria. A certeza da culpa, "(...) eu entender que a fúria é contra os meus erros e não contra o dos outros - então a cólera se transformará nas minhas mãos em flores."

A oração do perdão.

JB, 25 set 1971

LISPECTOR, Clarice. Carta sobre Maria Bonomi.

Carta sobre Maria Bonomi

Uma carta aberta de CL falando sobre sua ausência na exposição de Maria Bonomi, motivada pelo cansaço de "ter caído no chamado tumulto criador: não conseguia mais parar de escrever ...". A carta fala da amizade entre ambas e do presente de Maria Bonomi: a matriz da Águia que deu nome à exposição.

JB, 2 out 1971

LISPECTOR, Clarice. Amor, quati, cão, masculino e feminino.

Amor, quati, cão, masculino e feminino

CL retoma a coluna do dia 11 set 1971 quando falava do quati que se fazia passar por cachorro e do perigo da descoberta da própria identidade, e transcreve uma carta de um leitor que conta toda uma história sobre este quati. "(...) é dessas histórias que criança ouve cheia de peripécias, algumas arbitrárias, algumas profundas ..."

JB, 9 out 1971

LISPECTOR, Clarice. De como evitar um homem nu.

De como evitar um homem nu

CL faz um comentário sobre o filme de Nelson Pereira dos Santos, "Como era gostoso o meu francês". Faz um resumo da trama do filme, avalia os gastos, os atores, a produção e as fontes de pesquisa. Tudo isso para protestar firmemente contra a censura que vetou a exibição no Brasil e permitiu a sua venda no mercado exterior.

JB, 16 out 1971

LISPECTOR, Clarice. Cérebro eletrônico - O meu próprio mistério - Peço li
cença para existir.

Módulos publicados na coluna de 13 jul 1968.

JB, 23 out 1971

LISPECTOR, Clarice. Prêmio Nobel de Literatura no Rio.

Módulo publicado nas colunas de 12 e 19 de abr 1969.

JB, 30 out 1971

LISPECTOR, Clarice. "O uso do intelecto - A experiência maior - Mentir, pen
sar - Escrever as entrelinhas - Lembrar-se do que não existiu - Humilda
de como técnica.

O uso do intelecto

CL diz que foi obrigada a se tornar inteligente para compreender a sua
não inteligência.

A experiência maior

"Minha experiência maior seria ser o âmagos dos outros: e o âmagos dos ou
tros era eu."

Mentir, pensar

A irritação da cronista por não conseguir pensar de forma clara e lógica.
O perigo da mentira.

Escrever as entrelinhas

Módulo publicado na coluna de 20 fev 1971 com o título "A pesca milagrosa."

Lembrar-se do que não existiu

Módulo publicado na coluna de 20 fev 1971 com o título "Lembrar-se."

Humildade como técnica

Módulo publicado na coluna de 4 out 1969 com o título "Humildade e técni
ca."

JB, 6 nov 1971

LISPECTOR, Clarice. Perfil de um ser eleito.

Perfil de um ser eleito

A angústia do ser eleito... "... De medo, os que haviam elegido dormiam: medo porque pensavam que teriam de morar na solidão da praça (...) lugar de trabalho do ser."

A importância do retrato. A fotografia se avolumando mais que o ser que aos poucos vai esvaziando. O esforço para destruir o retrato. A fotografia se avolumando mais que o ser que aos poucos vai esvaziando. O esforço para destruir o retrato, mas "(...) o que o ser fazia só ia mesmo era retocar o retrato, enfeitá-lo."

A vitória: conseguir sair da estátua da praça.

JB, 13 nov 1971

LISPECTOR, Clarice. As pontes de Londres.

As pontes de Londres

A saudade de Londres, as lembranças deixadas em CL. Os paradoxos de algumas coisas na Inglaterra. A cor cinzenta e misteriosa que no fundo é a reunião de todas as cores amansadas; a feiura dos ingleses, tão peculiar e tão bela; o café horrível mas fumegante; as roupas mal feitas que fazem um estilo belo.

JB, 20 nov 1971

LISPECTOR, Clarice. A antiga dama - Cisne - Domingo de tarde - O erro dos inteligentes.

A antiga dama

A transformação de uma moradora de pensão depois de ter passado o fim de semana com a nora. Os ares adquiridos de grande dama. A efemeridade do posto.

Cisne

Descrição de um cisne com seus movimentos desajustados.

Domingo de tarde

Uma tarde chuvosa de domingo observada por trás da janela pela cronista. A preocupação com o concurso hípico."

O erro dos inteligentes

"(...) elas têm os argumentos que provam."

JB, 27 nov 1971

LISPECTOR, Clarice. Fugir com o circo - Joaquim Cardozo impresso por João Cabral.

Fugir com o circo

Conversa informal com Paulo Autran, sua vida no teatro. Comentários sobre a peça "Morte e vida Severina" de João Cabral. As cem peças do ator, o subdesenvolvimento, a profissão.

Joaquim Cardozo impresso por João Cabral

Transcrição de um poema de Joaquim Cardozo retirado de uma antologia organizada por João Cabral, numa tiragem de 100 exemplares.

JB, 4 dez 1971

LISPECTOR, Clarice. Destino.

Destino

Módulo publicado na coluna do dia 25 de out 1969 com o título "O intransponível."

JB, 11 dez 1971

LISPECTOR, Clarice. Estudo de um guarda-roupa - Reconstituição histórica de uma dama nobre - Lembrança de um homem que desistiu.

Estudo de um guarda-roupa

Análise de um guarda-roupa, o lugar inadequado, a timidez discreta, o verdadeiro poder nos bastidores.

Reconstituição histórica de uma dama nobre

Descrição da vida de uma dama da corte, morta no ano de 1513 e sepulta na capela do bosque. Reconstituição de uma vida no século XVI.

Lembranças de um homem que desistiu

CL analisa a renúncia de um homem público que se demite "(...) do mais alto cargo." Avalia o sentimento do homem por ter provocado monstruoso ato. A fraqueza do homem, a impossibilidade do perdão. "(...) não há como perdoá-lo,

senão lembrando que somos fracos."

JB, 18 dez 1971

LISPECTOR, Clarice. Hoje nasce um menino.

Hoje nasce um menino

CL reconstitui os momentos imediatamente posteriores ao nascimento de Je sus. O ar cansado de Maria, o destino de José, a missão do Menino.

JB, 24 dez 1971

LISPECTOR, Clarice. Conversa descontraída: 1972.

Conversa descontraída: 1972

A natureza e seu significado único e total. Sua simplicidade enigmática. A vida no deserto, as pirâmides. A essência do ser e da vida e a passagem de ano. O ano novo como uma ponte levando até 1973, uma ponte sem angústia.

JB, 8 jan 1972

LISPECTOR, Clarice. O estado atingido - Caderno de notas - Exercício - Su pondo o certo - Supondo o errado.

O estado atingido

O estado atingido pelo casal depois de anos de convivência. "(...) esse estado impedia uma ofensa e uma defesa, e jamais uma explicação."

Caderno de notas

Uma frase retirada em francês de um caderno de notas, sem autoria: "Todos aqueles que fizeram grandes coisas fizeram-nas para sair de uma dificuldade, de um beco sem saída."

Exercício

A surpresa da cronista de se descobrir suportável, às vezes até agradável.

Supondo o certo

CL faz uma relação de suposições sobre o telefone, todas possíveis de acon

tecer, todas obedecendo a racionalidade.

Supondo o errado

Rol de suposições impossíveis que CL faz sobre si própria.

JB, 15 jan 1972

LISPECTOR, Clarice. Tentativa de descrever sutilezas.

Tentativa de descrever sutilezas

CL descreve as sensações dela quando num teatro hindu assiste a uma série de danças do Oriente, e depara com alguns hábitos que lhe causam mal estar. O contraste das duas civilizações vêm realçado no texto.

JB, 22 jan 1972

LISPECTOR, Clarice. "A mo placenta geléia viva co.

A mo placenta geléia viva co.

CL narra um pesadelo no qual uma geléia viva perseguia a cronista em todos os lugares. O despertar na madrugada e o prolongamento da sensação do pesadelo. O alvorecer e o cantar dos galos.

JB, 29 jan 1972

LISPECTOR, Clarice. "A lucidez perigosa - Como adormecer - Em busca do prazer - Eu me arranjará - Até a máquina?"

A lucidez perigosa

A dificuldade para explicar um estado de lucidez vazia. O que fazer com a lucidez que transforma a pessoa em maior que si mesma.

Como adormecer

CL dá uma receita que usa para conseguir adormecer nas noites de insônia. Um modo infantil, que a faz regredir e ser novamente uma criança.

Em busca do prazer

A dificuldade na busca do prazer que nunca chega sozinho, é preciso bus-

cá-lo. "(...) não, antes o sofrimento legítimo que o prazer forçado."

Eu me arranjaria

A possibilidade de o mundo não ser humano. "(...) eu me arranjaria sendo um bicho."

Até a máquina?

Palavras encontradas na máquina de escrever, na volta do conserto: s d f g ç l k j que Deus seja louvado p o r z

JB, 5 fev 1972

LISPECTOR, Clarice. A menina que era uma rosa.

A menina que era uma rosa

Este módulo aparece na coluna do dia 16 mar 1968 com o título "Restos de Carnaval."

JB, 12 fev 1972

LISPECTOR, Clarice. "O pianista - Por quê? - Ainda impossível."

O pianista

Descrição de um pianista que CL diz ter conhecido, o qual só sabia tocar em pianíssimo ou fortíssimo, não conhecia o meio termo.

Por quê?

O caso do namorado que observou, de longe, a namorada conversar e rir com as amigas. Neste dia conheceu a outra pessoa que não sabia existir nela. Não confiou mais, o namoro acabou.

Ainda impossível

A vontade de CL de escrever uma história para adultos que começasse com: Era uma vez ... A tentativa ainda e sempre inútil.

JB, 19 fev 1972

LISPECTOR, Clarice. 1º bloco (sem título) - Desencontro - Viver - Darel -

É preciso viver.

Iº bloco (sem título)

CL confessa sentir pena de seus personagens e diz compartilhar com eles a sua dor. Sabe que é carrasca com seus filhos (os personagens) mas sabe também que "(...) tudo o que vive sofre."

Desencontro

Este módulo aparece anteriormente na coluna do dia 24 jul 1971.

Viver

Este módulo aparece anteriormente na coluna do dia 24 jul 1971.

Darel

A obra do artista. A paisagem dos sonhos retratada na tela. Um realismo ca paz de fazer a todos reconhecerem no quadro seu próprio sonho.

É preciso viver

Este módulo aparece na coluna do dia 24 jul 1971 com o título "É preciso parar."

JB, 26 fev 1972

LISPECTOR, Clarice. Verão no baile - Aldeia nas montanhas da Itália - Sa guão na Tijuca - A cozinheira feliz - Antes era perfeito - As negociatas Por discrição.

Verão no baile

A relacionamento da "(...) gorda matrona" com o leque.

Aldeia nas montanhas da Itália

Os habitantes das aldeias italianas, suas características. A vida triste e ampla "(...) como deve ser uma vida na montanha."

Saguão na Tijuca

Divagações sobre o vento quente que sopra na Zona Norte: o siroco. As cin co moças, de boca desbotada, no saguão.

A cozinheira feliz

CL transcreve integralmente uma carta recebida pela cozinheira, de seu a- paixonado.

Antes era perfeita

"(...) ter nascido me estragou a saúde."

As negociatas

Fazer negociatas consigo mesmo faz desconfiar sempre dos outros.

Por descrição

O homem que não usou seus dons por receio de ser completo e sem pudor.

JB, 4 mar 1972

LISPECTOR, Clarice. Uma história policial para crianças.

Uma história policial para crianças

CL transcreve na coluna uma primeira parte do seu livro infantil O mistério do coelho pensante.

JB, 11 mar 1972

LISPECTOR, Clarice. O mistério do coelho pensante II.

O mistério do coelho pensante

Continuação da história do coelho pensante, termina em grande suspense.

JB, 18 mar 1972

LISPECTOR, Clarice. O mistério do coelho pensante (conclusão).

O mistério do coelho pensante (conclusão)

Parte final do livro infantil O mistério do coelho pensante.

JB, 25 mar 1972

LISPECTOR, Clarice. Minha próxima e excitante viagem pelo mundo.

Minha próxima e excitante viagem pelo mundo

CL aproveita a data e faz uma brincadeira com os leitores descrevendo de talhadamente a sua próxima viagem ao exterior, inclusive despedindo-se dos leitores e prometendo enviar de lá os artigos para a coluna. Só ao final CL revela a brincadeira de 1º de abril.

JB, 1 abr 1972

LISPECTOR, Clarice. O ato gratuito.

O ato gratuito

CL diz ter sentido, um dia, necessidade de um ato de liberdade. Movida pelo cansaço de tudo, passa uma tarde no Jardim Botânico. A cronista descreve suas sensações mas não descreve o que viu porque "(...) cada pessoa tem que descobrir sozinha."

JB, 8 abr 1972

LISPECTOR, Clarice. Taquicardia a dois - Assim também não.

Taquicardia a dois

A entrada de um passarinho na casa da amiga. A pausa e o aconchego dele nas costas da dona da casa. O coração disparado de ambos.

Assim também não

Incidente num táxi envolvendo CL que se vê abrigada a ouvir de um dos ocupantes toda sua história de felicidade conjugal.

JB, 15 abr 1972

LISPECTOR, Clarice. Refúgio - Estilo - Um degrau acima: o silêncio.

Refúgio

Uma imagem capaz de refugiar. A visão capaz de permitir a liberdade protegida. A floresta verde, o leão amarelo pacífico, as borboletas caladas. O medo de sair, a ameaça de sair da imagem e cair no vazio.

Estilo

O requerimento. A linguagem grã-fina.

Um degrau acima: o silêncio

A descoberta da cronista de que é possível não escrever.

JB, 22 abr 1972

LISPECTOR, Clarice. Uma história estranha e inacabada.

Uma história estranha e inacabada

CL transcreve uma história que ela diz ter começado, e não ter sabido como terminá-la. A história gira em torno de uma ave embalsamada e de um homem que morreu sem dar conta disso.

JB, 29 abr 1972

LISPECTOR, Clarice. A impossível definição - Flor mal-assombrada e viva demais - Diálogo do desconhecido.

A impossível definição

Este módulo aparece anteriormente na coluna do dia 7 jun 1969 com o título "O que é que é?"

Flor mal-assombrada e viva demais.

Este módulo aparece anteriormente na coluna do dia 7 jun 1969 com o título "A noite mais perigosa."

Diálogo do desconhecido

"(...) tudo o que não sei é a minha parte maior e melhor: é a minha largueza."

JB, 6 maio 1972

LISPECTOR, Clarice. Dia das mães.

Dia das mães

O desabafo de uma bailarina. O relato do aborto do filho tão esperado. A coragem de tentar sempre outra vez. A emoção de CL, a confidente. "(...) olhei a quase no escuro. Sofrida, machucada, corajosa. Sim, ela era uma mãe, a dançarina de Degas."

JB, 13 maio 1972

LISPECTOR, Clarice. Sem aviso - Aceitando o risco.

Sem aviso

Experiências para as quais não somos alertados: o ritmo seco de viver, o amor, a mentira, o bico ameaçador da águia, as grandes asas que pousam sobre nós.

Aceitando o risco

Este módulo aparece anteriormente na coluna do dia 4 out 1969 com o título "Aventura."

JB, 20 maio 1972

LISPECTOR, Clarice. 'Saudade - O pouco que se pede - Moravia - Quarup.'

Saudade

"(...) essa vontade de um ser o outro para uma unificação inteira é um dos sentimentos mais urgentes que se tem na vida."

O pouco que se pede

CL transcreve parte do texto de Alberto Moravia inserido em La Romana. Relação das poucas coisas que é preciso para ser feliz a dois.

Moravia

O encontro de CL com Moravia, o jantar com ele e os amigos, o homem amargo e terrivelmente irônico. A mulher Elsa, sem vaidades, boa ouvinte. Um casal difícil.

Quarup

CL tece comentários elogiosos ao livro Quarup de Antonio Callado.

JB, 27 maio 1972

LISPECTOR, Clarice. 'Por medo do desconhecido - Depoimento de um artista - Sobre escrever - "Rosas silvestres"'

Por medo do desconhecido

Este módulo aparece anteriormente na coluna do dia 7 out 1967 com o título "Medo do desconhecido."

Depoimento de um artista

CL transcreve algumas reflexões de Abelardo Zaluar que faz pintura e colagem. Entre outras coisas ele afirma: "(...) o artista fixa uma linguagem pessoal que sintetiza suas obras."

Sobre escrever

Este módulo aparece anteriormente na coluna do dia 20 dez 1969.

Rosas silvestres

Este módulo aparece anteriormente na coluna do dia 25 maio 1968.

JB, 3 jun 1972

LISPECTOR, Clarice. 'Energia atômica e o Brasil.

Energia atômica e o Brasil

CL fala sobre Mário Schemberg, físico e matemático especialista em raios cósmicos, eletromagnetismo e gravitação. A cronista elogia seu trabalho e fala do papel da intuição na matemática e na física. Transcreve algumas opiniões do estudioso sobre a energia atômica e sobre os "benefícios" que ela pode trazer para um país subdesenvolvido como o Brasil.

JB, 10 jun 1972

LISPECTOR, Clarice. 'Uma lição de escultura.

Uma lição de escultura

CL fala da obra do escultor Mário Cravo, figurativista "(...) mesmo quando faz coisas não figurativas." A lição de escultura, os três estados diferentes de tratamento de superfície das esculturas: a tênue camada de verniz sintético para proteger da ferrugem; aplicação de latão em fusão sobre a superfície; a solda elétrica.

JB, 17 jun 1972

LISPECTOR, Clarice. 'Autocrítica - Solidão e falsa solidão.

Autocrítica

Este módulo aparece na coluna do dia 14 jun 1969 com o título "Autocrítica no entanto benévola."

Solidão e falsa solidão

Este módulo aparece anteriormente na coluna do dia 14 jun 1969.

JB, 24 jun 1972

LISPECTOR, Clarice. 'Brownea Grandeps: Rosas da montanha.'

Brownea Grandeps: Rosas da montanha

Texto sobre a obra de Roberto Burle-Marx, a paisagem ordenada que não machuca a ponto de CL afirmar que "(...) Deus e Roberto Burle-Marx fazem paisagens."

O começo da profissão, a criação matemática, o Jardim Botânico de Dahlen, em Berlim. A aula ministrada por Burle-Marx à cronista sobre plantas.

JB, 1 jul 1972

LISPECTOR, Clarice. 'O presente - Comer - Homem se ajoelhar - Dar-se enfim.'

O presente

"(...) amor será dar de presente um ao outro a própria solidão?"

Comer

CL conta um incidente num restaurante, envolvendo um pedido mal feito. A comida sofisticada e o "(...) gosto de fracasso que já era de alma."

Homem se ajoelhar

O quanto faz bem o homem se ajoelhar em frente da mulher porque assim "(...) ela pode fazer o seu melhor gesto: nas mãos, que ficam a um tempo frêmentes e firmes, pegar aquela cabeça cansada que é fruto entre seu e dela."

Dar-se enfim

"(...) o prazer é abrir as mãos e deixar escorrer sem avareza o vazio pleno que se estava encarniçadamente prendendo."

JB, 8 jul 1972

LISPECTOR, Clarice. 'Um nome a não esquecer: Lara.'

Um nome a não esquecer: Lara

CL registra a exposição do desenhista Lara que ela diz não ter conheci-

do antes do evento. Tece comentários elogiosos ao erotismo próprio do que é vivo, do ar, do mar, das plantas, que aparecem nos desenhos de Lara. Se re-
crimina porque "(...) ando escrevendo mal atualmente (...) de modo que não es-
tou sabendo usar as palavras certas para falar da obra (...)." Para suprir es-
ta falha a cronista transcreve um poema de Nelson Xavier que vem impresso no
convite.

JB, 15 jul 1972

LISPECTOR, Clarice. 'Paul Klee e o processo da criação - Até suspeita de es-
quizofrenia.'

Paul Klee e o processo da criação

CL faz a tradução de um texto do italiano G. de San Lazzaro sobre Paul Klee,
e transcreve parte dele na coluna. O texto fala de uma conferência de Paul
Klee em janeiro de 1924 e que trata dos aspectos mais abstratos dos problemas
da criação.

Até suspeita de esquizofrenia

Texto de madame Carola Giedion-Welcker sobre a exposição, em Zurique, das
obras de Klee, quando a crítica suíça o considerou esquisofrênico.

JB, 22 jul 1972

LISPECTOR, Clarice. 'As imaginações demoníacas - Escrever para jornal e es-
crever livro.'

As imaginações demoníacas

CL descreve uma situação surrealista e dois personagens também surrealis-
tas. O homem de um pé só e do olho transparente no meio da testa; o ser femi-
nino de gatinhas com a voz esquerda, eufórica.

Escrever para jornal e escrever livro

CL registra uma carta de um leitor que afirma ser ela mais fácil de ser
entendida no jornal do que nos livros. A explicação da cronista e sua vontade
de ser como Hemingway e Camus que foram bons jornalistas, sem prejuízo de sua
literatura.

JB, 29 jul 1972

LISPECTOR, Clarice. Daniela - Viver é perigoso - Deus de barro.

Daniela

A menina de quatro anos, suas perguntas e considerações embaraçosas. O que é pensar? A estátua do Pensador mostrada pela tia. A conclusão da menina: "(...) pensar é colocar um monte de coisas na cabeça, fazer mistério e dar a surpresa."

Viver é perigoso

A alegria de CL ao constatar que ela e Guimarães Rosa teriam construído uma frase com o mesmo sentido. "(...) só que a frase dele (...) é mais bonita."

Deus de barro

O erro de um homem que tentou compreender Deus.

JB, 5 ago 1972

LISPECTOR, Clarice. Para acabar de fundir a cuca.

Para acabar de fundir a cuca

A cronista faz na coluna uma relação de credices populares, que, apesar de absurdas, são conselhos seguidos por pessoas de todos os níveis. "(...) coceira na mão direita é dinheiro chegando (...) pano vermelho pendurado no quarto de dormir faz brotar sarampo encruado (...) quem varre a casa à noite jogando fora o lixo, joga também a fortuna (...)"

JB, 12 ago 1972

LISPECTOR, Clarice. Um anticonto - Objeto.

Um anticonto

CL diz que o conto que passa a publicar nesta semana na coluna foi publicado na revista Senhor de São Paulo. Nelson Coelho, ao falar sobre o conto diz que CL tentou matar a palavra, ao que a cronista responde: "(...) queria fazer um anticonto, uma antiliteratura (...) não importa que eu tenha falhado."

Objeto

O relógio despertador eletrônico Sveglia. O relacionamento da personagem com o relógio que aos poucos vai adquirindo vida e se transformando em interlocutor.

JB, 19 ago 1972

LISPECTOR, Clarice. Objeto - Um anticonto (continuação).

Objeto - Um anticonto

Sveglia passa a ter um significado abrangente, porém sem explicação lógica. É quase um ser superior responsável por incidentes cujo significado foge a razão. O caso do homem com o pé machucado; a doença da mulher e a dor no intestino.

"(...) Maria Betânia é Sveglia. Fauzi Arap é. Um homem que conheço é: entende tudo, mas tudo mesmo (...) um outro que conheço bebe muito, está se autodestruindo: só Sveglia o salvaria."

JB, 26 ago 1972

LISPECTOR, Clarice. Um anticonto (conclusão).

Um anticonto

CL faz o que ela chama de relatório-mistério, e relaciona situações, coisas e pessoas dizendo as que são Sveglia e as que não são.

Ela despede-se de Sveglia e diz que não sabe explicar o que escreveu: "(...) sei que quero dizer alguma coisa muito importante, mas não sei qual é. Deixa-te e a mim em mistério. Sei que o que escrevi não é bonito."

JB, 2 set 1972

LISPECTOR, Clarice. Psicanálise e Psicoterapia.

Psicanálise e Psicoterapia

CL entrevista o Dr. Cincinato Magalhães de Freitas, livre-docente da Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A entrevista se detém na diferença existente entre a psiquiatria e a psicanálise.

JB, 16 set 1972

LISPECTOR, Clarice. 'A mágoa mortal - Estilo - A rosa branca.

A mágoa mortal

O esforço extremado da ave de asa partida em se manter voando. A tentati

va de negar a asa partida, a dor do esforço. "(...) foge, dá à ferida a sua verdadeira medida e mergulha tua asa no mar."

Estilo

CL transcreve um trecho, entre aspas, de Coventry Patmore falando sobre o estilo.

A rosa branca

A sensação da personagem frente a uma rosa. A vontade contida de tocá-la. "(...) dói-me o coração grosseiro como em amor por um homem. E das mãos tão grandes saem as palavras envergonhadas."

JB, 23 set 1972

LISPECTOR, Clarice. A festa do termômetro quebrado - De Vila Isabel para o Brasil.

A festa do termômetro quebrado

A lembrança gostosa da infância de quando um termômetro quebrava. A brin cadeira com a gota de mercúrio. O sonho de poder quebrar milhares de termô metros para mergulhar na imensa bola de prata que se partiria em outras mil. A vida própria do mercúrio. A semelhança com as feras.

De Vila Isabel para o Brasil

O pedido do rapaz de 16 anos para que a cronista anunciasse na coluna, pa ra todo o Brasil, a instituição apenas nascente: O Clube Nacional da Poesia. A descrença de CL em clubes, a crença na ingenuidade do moço e o pedido para, como o jovem, "(...) instaurarmos o amor como remédio à solidão de quem ousa se individualizar na massa humana (...)"

JB, 30 set 1972

LISPECTOR, Clarice. Brasília de ontem e de hoje.

Brasília de ontem e de hoje

CL faz perguntas a um casal de arquitetos que viveu em Brasília com se us cinco filhos. A empolgação do casal com a cidade, o espírito combativo das pessoas de Brasília, as cidades satélites, o projeto educacional, a função do arquiteto na sociedade contemporânea.

JB, 7 out 1972

LISPECTOR, Clarice. Vergonha de viver.

Vergonha de viver

As pessoas tímidas, os dramas vividos por aqueles que pedem desculpas por estar tomando lugar no espaço.

O pedido de aumento como a grande ousadia do tímido que por fim sente-se mal e infeliz pela própria audácia.

A inclusão de CL no rol dos tímidos e as lembranças de situações embaraçosas da infância provocadas pela timidez.

JB, 14 out 1972

LISPECTOR, Clarice. Preguiça.

Preguiça

CL descreve, com detalhes, o fim de semana passado em Friburgo. A granja com seus cavalos, galinhas, jabuticabeiras, margaridas e rosas; a leitura do JB e da coluna do Drummond; o steak au poivre feito em casa; a visita a Faculdade de Letras; a Coca-Cola para tirar o sono; a natureza preguiçosa.

JB, 21 out 1972

LISPECTOR, Clarice. Scliar em Cabo Frio.

Scliar em Cabo Frio

A visita que CL fez a Scliar em sua casa em Cabo Frio. A beleza do sobrado com seu silêncio voluntário, as empregadas do pintor e suas comidas maravilhosas. O papo com o artista versando sobre o início da carreira, a dificuldade para captar a expressão de CL em quadro, a sensação posterior ao término de um quadro.

JB, 28 out 1972

LISPECTOR, Clarice. O silêncio dos portais - Espelhos de Vera Mindlin.

O silêncio dos portais

A obra de Gastão Manoel Henrique. As cores quietas ampliadas por um silêncio de coisas encontradas nas estradas. Os portais que não se abrem.

"(...) ou já é igreja o portal da igreja, e diante dele já se chegou?"

Espelhos de Vera Mindlin

A recriação do espelho feita por Vera Mindlin. As sensações das pessoas frente ao vazio e a profundidade dos espelhos. "(...) como uma bola de cristal dos videntes, ele me arrasta para o vazio que no vidente é o seu campo de meditação, e em mim o campo de silêncios e silêncios."

JB, 4 nov 1972

LISPECTOR, Clarice. "Dois meninos.

Dois meninos

Diálogo entre dois meninos, um dos quais diz chamar-se Maurício Bergman. A discussão entre os dois se faz em torno de um quadro que o autor afirma ser concreto enquanto o outro tem certeza de que é abstrato. O tema se avoluma e atinge outras circunstâncias e termina na afirmativa de um dos meninos de que não é concreto.

Romance

A possibilidade de tornar um romance mais atraente e a vontade de não fazê-lo "(...) para ler, é claro, prefiro o atraente ... para escrever, porém, tenho que prescindir."

JB, 11 nov 1972

LISPECTOR, Clarice. "Escrever - Prazer no trabalho - Horas para gastar - Quebrar os hábitos - De "O Profeta."

Escrever

"Não se faz uma frase. A frase nasce."

Prazer no trabalho

"Não gosto das pessoas que se gabam de trabalhar penosamente. Se o seu trabalho fosse assim tão penoso, mais valia que fizesse outra coisa (...)"

Horas para gastar

CL faz contas, baseada num inglês que não sabe o nome, para saber quantas horas temos por ano para gastar, e conclui que a vida é mais longa do que a fizemos.

Quebrar os hábitos

Transcrição de um texto que fala sobre os hábitos e que CL diz ter traduzido mas que não sabe o autor.

De "O Profeta"

Transcrição de um trecho de Khalil Gibran traduzido por Manuel Bandeira.

JB, 18 nov 1972

LISPECTOR, Clarice. "Os obedientes - I."

Os obedientes - I

A solidão do domingo a tarde e a gratidão àquele que telefona. A maldição disfarçada de certas vidas. A história de um homem e uma mulher, casados há 25 anos, sem filhos. O esforço quase constringido que faziam para só viver o essencial. A vida obediente de ambos, a dignidade de pessoas anônimas. O tédio tomando conta das duas vidas.

JB, 2 dez 1972

LISPECTOR, Clarice. "Os obedientes (conclusão)."

Os obedientes (conclusão)

A vida cheia de irreabilidade, e os pequenos toques na realidade: o ônibus cheio, as colegas de trabalho. O desinteresse pelas coisas do mundo, a simetria como a única arte possível. A descoberta, aos 50 anos, do dente quebrado, o suicídio.

JB, 9 dez 1972

LISPECTOR, Clarice. "Desculpem mas não sou profunda."

"Desculpem mas não sou profunda"

CL fala com conhecimento de causa do escritor e seu amigo Érico Veríssimo com quem pode conviver em Washington DC por três anos. A personalidade do artista, sua obra e seu temperamento. A fama, as cartas e as visitas abundantes. A ABL e as formas adotadas para a feitura de um romance. A dedicação de Mafalda, a esposa, as viagens em sua companhia, a vontade de voltar a escrever para crianças.

JB, 16 dez 1972

LISPECTOR, Clarice. 'Anunciação - Alegria - São José - Meu Natal.'

Anunciação

Este módulo aparece na coluna do dia 21 dez 1968.

Alegria

Este módulo aparece na coluna do dia 21 dez 1968 com o título "Ele seria alegre."

São José

Este módulo aparece na coluna do dia 21 dez 1968 com o título "A humildade de São José."

Meu Natal

Este módulo aparece na coluna do dia 21 dez 1968.

JB, 23 dez 1972

LISPECTOR, Clarice. 'Diante do que é grande demais - 1973.'

Diante do que é grande demais

Este módulo aparece na coluna do dia 30 nov 1968 com o título "Se eu fosse eu."

1973

Registro do recebimento de uma "Declaração de votos" lavrada no 3º Ofício de Notas de Belo Horizonte, autenticada por João Bosco de Araújo Moreira, uma mensagem original de felicitações de fim de ano.

JB, 30 dez 1972

LISPECTOR, Clarice. 'Uma tarde plena - Bilhete à Erico Veríssimo.'

Uma tarde plena

Uma personagem, no ônibus, senta ao lado de um senhor gordo que tem nas

mãos um saguim vivíssimo. A observação do saguim por todos os passageiros e o salto do mesmo no colo da personagem. A sensação de ter sido eleita.

A separação dos dois, e a felicidade da personagem por ter finalmente conseguido que alguma coisa diferente acontecesse com ela.

Bilhete a Érico Veríssimo

CL diz a Erico Veríssimo que não concorda que ele diga, que não é profundo. "(...) você é profundamente humano."

JB, 6 jan 1973

LISPECTOR, Clarice. "Minha máquina escrevendo automaticamente - A procura do livro - O gerente."

Minha máquina escrevendo automaticamente

Este módulo aparece na coluna do dia 20 set 1969 com o título "Ao correr da máquina."

À procura do livro

Este módulo aparece na coluna do dia 20 set 1969 com o título "O livro desconhecido."

O gerente

Este módulo aparece na coluna do dia 20 set 1969 com o título "O erudito."

JB, 13 jan 1973

LISPECTOR, Clarice. "Desmaterialização da catedral - Ao que leva o amor - O alistamento - Domingo - Submissão ao processo."

Desmaterialização da catedral

As inúmeras lâmpadas acesas em volta do contorno da catedral provocando a transparência, a sua desmaterialização.

Ao que leva ao amor

Diálogo estranho entre duas pessoas apaixonadas.

O alistamento

A aproximação gradual dos passos até o ponto em que "(...) eu marcho com eles, eu me engajei."

Domingo

Este módulo aparece anteriormente no dia 27 nov 1971 com o título "Domingo a tarde."

Submissão ao processo

A paciência necessária para se viver, o processo cheio de erros que é a vida.

JB, 20 jan 1973

LISPECTOR, Clarice. Quase briga entre amigos.

Quase briga entre amigos

CL transcreve uma discussão entre ela e José Carlos de Oliveira. A conversa começa amigavelmente e gira em torno da existência de cada um. As opiniões vão aos poucos divergindo e se transformando numa quase briga.

JB, 27 jan 1973

LISPECTOR, Clarice. Um caso para Nelson Rodrigues.

Um caso para Nelson Rodrigues

Uma história que CL diz ser parecida com as de Nelson Rodrigues, e que ela diz ter acontecido em Niterói. É uma trama complicada, que faz a própria cronista se perder, e tentar contar de novo. Envolve a menina paralítica, seu noivo, seu pai amante da mulher do médico, e a amante do noivo, todos relacionados emocionalmente entre si.

JB, 3 fev 1973

LISPECTOR, Clarice. Arte, artesanato, insatisfação.

Arte, artesanato, insatisfação

CL fala sobre a artista plástica Fayga Ortrower a quem ela diz ter procurado para se reanimar numa "(...) fase de seca para escrever."

O trabalho da artista, seu relacionamento com a arte, o fato de criar por encomenda. As diferenças existentes entre ambas na forma de encarar a criação artística. A arte utilitária e a sua ligação com o homem. "O conceito de arte não é problema de erudição nem de intelecto mas uma procura de se viver o mais plenamente possível."

JB, 10 fev 1973

LISPECTOR, Clarice. Carência do poder criador - O grupo.

Carência do poder criador

CL transcreve uma carta que ela diz ser de Friedric Schiller e destinada ao crítico Roner e que contém idéias que a escritora já tivera intuitivamente. A carta é de dez de 1788 e responde a uma crítica sobre a carência de poder criador. Schiller diz que os críticos "(...) têm vergonha ou temor da loucura momentânea em todos os verdadeiros criadores e cuja maior ou menor duração destingue o artista pensador do sonhador."

O grupo

Relato de um encontro alegre e melancólico de três ex colegas da Faculdade Nacional de Direito, entre elas, a cronista. A avaliação do curso, os motivos que levaram a ele, a falta de afinidade com o mesmo.

JB, 17 fev 1973

LISPECTOR, Clarice. O primeiro livro de cada uma de minhas vidas.

O primeiro livro de cada uma de minhas vidas

CL fala dos livros que marcaram sua vida, e diz que foram muitas as vidas, e em cada uma havia um livro especial. Os primeiros: O patinho feio e A lâmpada de Aladim. As renações de Narizinho, sobre o qual CL destinou uma de suas crônicas. O livro dos 13 anos: O lobo da estepe de Herman Hesse. A escritora dos 15 anos: Katherine Mansfield.

JB, 24 fev 1973

LISPECTOR, Clarice. Dar os verdadeiros nomes - Trecho - Mário Cravo.

Dar os verdadeiros nomes

CL transcreve um texto de Pound, retirado de uma coletânea de artigos. O texto fala sobre a responsabilidade do artista.

Trecho

O personagem que se sente derrotado por fazer parte de um mundo onde "(...)

o rico devora o pobre," e por isso fecha-se na individualização.

Mário Cravo

CL entrevista o escultor Mário Cravo e transcreve a resposta deste sobre a forma pela qual ele se descobriu escultor.

JB, 3 mar 1973

LISPECTOR, Clarice. "Os grandes amigos."

Os grandes amigos

O relacionamento de duas pessoas que aos poucos se transformam em grandes amigos. A decisão de morar juntos e o desgaste gradativo da amizade. As tentativas para evitar a falta de assunto, a mudez quase permanente. A inutilidade dos subterfúgios e o fim do relacionamento.

JB, 10 mar 1973

LISPECTOR, Clarice. "Darel e a psicanálise."

Darel e a psicanálise

CL fala da pintura de Darel e da paisagem encontrada em suas telas, que parecem ser retiradas dos sonhos do artista. A beleza e o pesadelo como marcas do artista.

A entrevista concedida por Darel à CL relacionada inteiramente com a psicanálise, considerando o tratamento ao qual o pintor se submeteu.

JB, 17 mar 1973

LISPECTOR, Clarice. "Um ser livre - Hindemith."

Um ser livre

Este módulo aparece anteriormente na coluna do dia 6 set 1969 com o título "O artista perfeito."

Hindemith

Este módulo aparece anteriormente na coluna do dia 6 set 1969.

JB, 24 mar 1973

LISPECTOR, Clarice. 'Meus símios.'

Meus símios

História da aquisição, pela cronista, de uma macaquinha que usava saia e brincos a qual recebeu o nome de Lisete. O relacionamento da família com animal. A doença, internamento e morte de Lisete. A reação das crianças.

JB, 31 mar 1973

LISPECTOR, Clarice. Anúncio classificado - Conversinha sobre chofer de táxi - O mar de manhã - Jasmim.

Anúncio classificado

Este módulo aparece anteriormente na coluna do dia 19 out 1968 com o título "Precisa-se."

Conversinha sobre chofer de táxi

A vocação do motorista de táxi, as conversas que nunca são patetas, a grande incidência de pessoas que já se queimaram.

O mar de manhã

CL diz ter deixado de ir ao mar pelo incômodo do cabelo molhado, da areia na pele. A proposição de ir à praia às 6:00 h. da manhã.

Jasmim

O cheiro forte do jasmim, o cheiro da noite.

JB, 7 abr 1973

LISPECTOR, Clarice. Respeito à fraqueza - O que apareceu - A vidente - Agradecimento original - "A coisa."

Respeito à fraqueza

Este módulo aparece anteriormente na coluna do dia 25 nov 1967 com o título "Quando chorar."

O que apareceu

Este módulo aparece anteriormente na coluna do dia 25 nov 1967 com o título "A mineira calada."

A vidente

Este módulo aparece anteriormente na coluna do dia 25 nov 1967.

Agradecimento original

Este módulo aparece anteriormente na coluna do dia 25 nov 1967, com o título "Agradecimento."

"A coisa"

Este módulo aparece anteriormente na coluna do dia 25 nov 1967.

JB, 14 abr 1973

LISPECTOR, Clarice. A mesa de 13 comensais - Um encontro com o futuro.

A mesa de 13 comensais

Episódio ocorrido na casa do pintor metafísico Giorgio de Chirico, o qual negou-se sentar na mesa do jantar com 13 pessoas.

Um encontro com o futuro

Este módulo aparece na coluna do dia 15 nov 1969.

JB, 21 abr 1973

LISPECTOR, Clarice. Lucidez do absurdo.

Lucidez do absurdo

Entrevista com Millôr Fernandes tratando de variados assuntos, entre os quais a encenação da peça "O homem do princípio ao fim". Os dois artistas falam da infância, do amor, da morte e da inspiração. A carreira artística de Millôr.

JB, 28 abr 1973

LISPECTOR, Clarice. Vida natural.

Vida natural

O casal em frente a lareira, num dia frio e chuvoso. Ele cumprindo sua missão de homem, coloca a lenha no fogo, ela, em sua missão de mulher, observa o homem realizar sua tarefa.

A carícia entre ambos e a certeza de que tal momento não pode durar.

JB, 5 maio 1973

LISPECTOR, Clarice. 'Doçura - A perigosa aventura de escrever - Futuro improvável.

Doçura

Este módulo aparece no dia 5 abr 1969 com o título "Corças Negras."

A perigosa aventura de escrever

Este módulo aparece no dia 5 abr 1969.

Futuro improvável

Este módulo aparece no dia 28 fev 1970.

JB, 12 maio 1983

LISPECTOR, Clarice. 'Para os casados - Os segredos - Um adolescente: C.J.

Para os casados

CL registra a diminuição dos casos de divórcio na Grã-Bretanha e acredita que o motivo tenha sido a criação do Conselho de Orientação Matrimonial.

Os segredos

Os vários tipos de ignorância. A ignorância provocada pelo segredo que os cientistas de toda o mundo guardam a respeito de suas descobertas.

Um adolescente: C.J.

CL descreve um adolescente em todo seu desajeito, seu silêncio, suas hesitações.

JB, 19 maio 1973

LISPECTOR, Clarice. 'Artistas que não fazem arte - Tarde ameaçadora - Truman Capote - Uma vantagem - Que nome dar à esperança? - Dificuldade de expressão - Mais do que jogo de palavras.

Artistas que não fazem arte

A maneira de ser de B.D. que apesar de toda a sensibilidade não faz arte.

Tarde ameaçadora

CL descreve a formação de uma tempestade.

Truman Capote

CL conta algumas superstições e singularidades de Truman Capote.

Uma vantagem

Transcrição de um pensamento de Wendel Holmes.

Que nome dar à esperança?

A procura de uma palavra capaz de significar a espera que não é a esperança.

Dificuldade de expressão

A dificuldade para, às vezes, encontrar a palavra certa, a sensação de cegueira.

Mais do que jogo de palavras

Alguns paradoxos a respeito da existência.

JB, 26 maio 1973.

LISPECTOR, Clarice. O arranjo - Em busca do outro - E amanhã é domingo.

O arranjo

Este módulo aparece na coluna do dia 20 jul 1968.

Em busca do outro

Este módulo aparece na coluna do dia 20 jul 1968.

E amanhã é domingo

Este módulo aparece na coluna do dia 8 jun 1968.

JB, 9 jun 1973.

LISPECTOR, Clarice. "No meio da noite - A César o que é de César - A irrealidade do realismo."

No meio da noite

Este módulo aparece na coluna do dia 20 jan 1968 com o título "Insônia feliz e infeliz."

A César o que é de César

Este módulo aparece na coluna do dia 20 jan 1968 com o título "Gratidão à máquina."

A irrealidade do realismo

Este módulo aparece na coluna do dia 20 jan 1968.

JB, 16 jun 1973

LISPECTOR, Clarice. Lição de moral - Não sei - Jorge Luís Borges.

Lição de moral

CL fala de uma conversa que teve com um motorista de táxi que antes havia sido mendigo e que procurou lhe dar uma lição de moral.

"Não sei"

CL diz que se lhe pedirem para escrever sobre algum assunto específico ela o fará, a menos que não saiba escrever sobre tal assunto.

Jorge Luís Borges

Este módulo aparece anteriormente na coluna do dia 22 mar 1969, com o título "Uma prosa de Jorge Luís Borges."

JB, 23 jun 1973

LISPECTOR, Clarice. Um romancista.

Um romancista

A maneira de viver, pensar e criar do escritor Eddy Dias da Cruz que escolheu para si o pseudônimo de Marques Rebelo. Sua obra, a reescrita exaustiva, a madrugada como a hora preferida para a criação. Os escritores novos e a ABL, seu time de futebol.

JB, 30 jun 1973

LISPECTOR, Clarice. À procura de uma dignidade.

À procura de uma dignidade

Conto de CL inserido no livro e publicado em partes nas colunas de:

JB, 7 jul 1973

JB, 14 jul 1973 (II)

JB, 21 jul 1973 (III)

JB, 28 jul 1973 (conclusão)

LISPECTOR, Clarice. 'Estudo de Cavalos (I).

Estudo de cavalos (I)

CL descreve os cavalos sob diversos ângulos: despojamento - a falsa domesticação - forma - doçura - a visão do cavalo - sensibilidade - o alarde - o cavalo perigoso. Entremeia a descrição com fatos ocorridos com cavalos.

JB, 4 ago 1973

LISPECTOR, Clarice.. Estudo de cavalos (II).

Estudo de cavalos (II)

Continuação da história do cavalo baio que matou um menino na praça de uma cidadezinha do interior. O aparecimento misterioso de dois cavalos na praça, a corrida dos cavalos liderados pelo baio.

JB, 11 ago 1973

LISPECTOR, Clarice. Estudo de cavalos (III).

Estudo de cavalos (III)

Conclusão do conto dos cavalos que apareciam durante a noite e sumiam ao amanhecer. O relacionamento da personagem com o cavalo chamado de Rei, o cavalo diabólico.

JB, 18 ago 1973

LISPECTOR, Clarice. 'Djanira.

Djanira

A história da pintora Djanira, sua infância difícil, a ausência do pai. Seu trabalho no Rio de Janeiro, seu marido Motinha e as frases ditas por ela que CL diz ter anotado palavra por palavra para o uso próprio.

JB, 25 ago 1973

LISPECTOR, Clarice. 'Tempestade de almas.'

Tempestade de almas

Este módulo aparece anteriormente na coluna do dia 22 nov 1969, com o título "Brain Storm."

JB, 1 set 1973

LISPECTOR, Clarice. 'Na Grécia - Charlatões - Enigma.'

Na Grécia

Este módulo aparece na coluna do dia 26 abr 1969.

Charlatões

Este módulo aparece na coluna do dia 26 abr 1969.

Enigma

Este módulo aparece na coluna do dia 26 abr 1969.

JB, 8 set 1973

LISPECTOR, Clarice. 'Grauben revisitada - Não perdoar.'

Grauben revisitada

Este módulo aparece na coluna do dia 7 set 1968 com o título "Uma tarde feliz como embandeirada."

Não perdoar

Este módulo aparece na coluna do dia 21 set 1968 com o título "É preciso também não perdoar."

JB, 15 set 1973

LISPECTOR, Clarice. 'Trajetória de uma vocação.'

Trajetória de uma vocação

A carreira e a vida do maestro Isaac Karabtchevski, a Escola Livre de Música da Pró-Arte, o professor alemão Koelbreutter. As críticas ao concerto com

obras de Chico Buarque de Holanda, a tentativa de atrair a juventude sequiosa de novos valores.

JB, 29 set 1973

LISPECTOR, Clarice. Ano-novo: 2000 - Liberdade - Nossa truculência - O homem imortal.

Ano-novo: 2000

Este módulo aparece na coluna do dia 13 dez 1969 com o título "Teosofia."

Liberdade

Este módulo aparece na coluna do dia 13 dez 1969.

Nossa truculência

Este módulo aparece na coluna do dia 13 dez 1969.

O homem imortal

Este módulo aparece na coluna do dia 13 dez 1969.

JB, 6 out 1973

LISPECTOR, Clarice. As águas do mar.

As águas do mar

Este módulo aparece na coluna do dia 27 jul 1968, com o título "Ritual - Trecho."

JB, 13 out 1973

LISPECTOR, Clarice. Melhorando uma frase.

Melhorando uma frase

Este módulo aparece na coluna do dia 26 maio 1970, com o título "Para uma frase soar melhor."

JB, 20 out 1973

LISPECTOR, Clarice. 'Silêncio.

Silêncio

Este módulo aparece na coluna do dia 24 ago 1968, com o título "Noite na montanha."

JB, 27 out 1973

LISPECTOR, Clarice. 'Enquanto vivia.

Enquanto vivia

Este módulo aparece nas colunas dos dias 12 e 19 abr 1969 com o título "En-
trevista relâmpago com Pablo Neruda."

JB, 3 nov 1973

LISPECTOR, Clarice. 'Mulher demais - Ideal de uma burguesa.

Mulher demais

Este módulo aparece na coluna do dia 8 jun 1968.

Ideal de uma burguesa

Este módulo aparece na coluna do dia 8 jun 1968 com o título "Ideal bur -
guês."

JB, 10 nov 1973

LISPECTOR, Clarice. 'O que Pedro Bloch me disse.

O que Pedro Bloch me disse

CL transcreve, numerando-as, treze afirmações de Pedro Bloch. Elas falam dos indivíduos como reflexo do universo, da realização pessoal, no direito de reconstruir o mundo, na verdade das crianças, do amor.

JB, 17 nov 1973

LISPECTOR, Clarice. "Uma "prosa" de Jorge Luís Borges - Um pedido.

Uma "prosa" de Jorge Luís Borges

Este módulo aparece na coluna do dia 22 mar 1969.

Um pedido

Este módulo aparece na coluna do dia 21 out 1967.

JB, 24 nov 1973

LISPECTOR, Clarice. "Transviada - Falei com Deus.

Transviada

A história da moça da PVC que tornou-se uma viciada em álcool e em drogas. A separação da família e a internação numa clínica.

Falei com Deus

As revelações de Henry de Monfreid sobre Teilhard de Chardin. O dia em que Chardin falou com Deus.

JB, 1 dez 1973

LISPECTOR, Clarice. "Dureza necessária - Como um robô - Nós também, de algum modo.

Dureza necessária

CL fala da dureza com que ela às vezes trata suas personagens, e diz que não melhora a sorte delas porque é impossível "(...) estas eram suas realidades e eu não posso mentir."

CL se refere às personagens velhas que ela criou: a velha de "Feliz Aniversário", a de "Passeio a Petrópolis", a de "A procura de uma dignidade", e a velha do trem, conto que diz estar ainda criando. O tema da velhice abordado pela cronista.

Como um robô

O homem como autômato de si próprio, comandado pelas suas profundezas. "(...) só que esse robô não é máquina cega: é guiado pelo que há de verdadeiro em cada homem."

Nós também, de algum modo

A preocupação da empregada em relação a um gravador: "(...) eu? ouvir a minha voz? Nunca! É como tirar a alma da gente!"

O hábito do dono do gravador de viver se gravando.

JB, 8 dez 1973

LISPECTOR, Clarice. Análise mediúnica - As "fugidas" da mãe - Propaganda de graça.

Análise mediúnica

A visita de Maria Augusta, cujo apelido mediúnico era Eva, à CL. A análise e os conselhos da médium, os quais a cronista diz ter aceito e levado a sério.

As "fugidas" da mãe

A cronista fala das vezes em que pede licença do cargo de mãe para ter a liberdade de comer pipoca na rua.

Propaganda de graça

As máquinas de escrever que acompanham CL desde seu primeiro livro. As diversas marcas, a durabilidade de cada uma.

JB, 15 dez 1973

LISPECTOR, Clarice. Um natal assustado.

Um natal assustado

Este módulo aparece na coluna do dia 18 jan 1969, com o título "Quase."

JB, 22 dez 1973

LISPECTOR, Clarice. Por causa de um bule de bico rachado - Apenas um cisco no olho.

Por causa de um bule de bico rachado

História de Jane e Bob, o casal que se separou por causa de um bule de bico quebrado. O ingresso de Bob na Legião Estrangeira, as tentativas inúteis de retornar ao lar e a esposa.

Apenas um cisco no olho

Este módulo aparece na coluna do dia 21 out 1967 com título "Potência e

Anexo 2. Índice de autores citados

ATHAYDE, Tristão de.

JB 30 mar 1968 - Armando Nogueira, futebol e eu, coitadaJB 8 fev 1969 - Alceu Amoroso Lima (1)JB 15 fev 1969 - Alceu Amoroso Lima (2)JB 22 fev 1969 - Alceu Amoroso Lima (final)JB 6 mar 1971 - Um poeta mulher

AUTRAN, Paulo.

JB 4 dez 1971 - Fugir com o circo

AYALA, Walmir.

JB 8 mar 1969 - Nascerá um livro novoJB 17 out 1970 - Scliar: trinta anos de pinturaJB 6 mar 1971 - Um poeta mulher

AYMÉ, Marcel.

JB 9 jan 1971 - Duas histórias a meu modo

BACH, Johann Sebastian

JB 22 nov 1969 - "Brain Storn"JB 13 fev 1971 - Um brasileiro pouco conhecido: Leopoldo NachbinJB 29 set 1973 - Trajetória de uma vocação

BANDEIRA, Manuel.

JB 18 nov 1972 - De "O Profeta"

BEETHOVEN, Ludwig von

JB 4 fev 1969 - Chico Buarque de Holanda

BERGMAN, Ingmar

JB 2 mar 1969 - PersonaJB 11 nov 1972 - Dois meninos

BERENSON, Bernard.

JB 25 abr 1970 - Tradução atrasadaJB 3 jul 1971 - Conversa meio a sério com Tom Jobim

BERGSON, Henri

JB 6 set 1969 - O artista perfeitoJB 13 mar 1971 - Bichos IJB 24 mar 1973 - Um ser livre

BERNARDES, Sérgio.

JB 14 set 1968 - Bolinhas

BLOCH, Adolfo.

JB 29 set 1973 - Trajetória de uma vocação

BLOCH, Pedro

JB 14 set 1968 - Conversas

- JB 11 jan 1969 - Lúcio Cardoso
JB 1 abr 1972 - Minha próxima e excitante viagem pelo mundo
JB 17 nov 1973 - O que Pedro Bloch me disse

BONFIM, Otávio.

- JB 20 abr 1968 - Adeus, vou-me embora!

BONOMI, Maria.

- JB 18 nov 1967 - Um encontro perfeito
JB 9 mar 1968 - O grito
JB 2 out 1971 - Carta sobre Maria Bonomi

BORGES, Jorge Luís.

- JB 15 mar 1969 - Histórias curtas selecionadas por Jorge Luís Borges
JB 22 mar 1969 - Uma prosa de Jorge Luís Borges
JB 8 nov 1969 - Jorge Luís Borges

BRAGA, Rubem.

- JB 22 jun 1968 - Ser cronista
JB 14 dez 1968 - O livro como melhor presente
JB 12 abr 1969 - Entrevista relâmpago com Pablo Neruda
JB 26 set 1970 - Rubem Braga
JB 5 dez 1970 - A indulgência mais produtiva
JB 5 jun 1971 - Viajando por mar
JB 18 set 1971 - Trechos

BRECHT, Bertolt.

- JB 19 out 1968 - São Paulo

BURT, Struthers.

- JB 20 jan 1969 - A irrealidade do realismo

CALLADO, Antônio.

- JB 18 nov 1967 - Um encontro perfeito
JB 25 abr 1970 - Vietcong
JB 27 maio 1971 - Quarup

CAMARGO, Iberê.

- JB 27 mar 1971 - Criar um quadro é criar um mundo novo

CAMPOS, Geir.

- JB 19 abr 1969 - Entrevista relâmpago com Pablo Neruda

CAMPOS, Paulo Mendes.

- JB 19 abr 1969 - Entrevista relâmpago com Pablo Neruda

CAMUS, Albert.

- JB 4 out 1959 - Os heróis
JB 29 jul 1972 - Escrever para o jornal e escrever para livro

CAPOTE, Truman.

JB 10 abr 1971 - Vocês se lembram de Glória Magadan?

JB 26 maio 1973 - Truman Capote

CARDOZO, Joaquim.

JB 4 dez 1971 - Fugir com o circo

CARDOSO, Lúcio.

JB 11 jan 1969 - Lúcio Cardoso

JB 27 mar 1971 - Criar um quadro é criar um mundo novo

CARRERO, Tônia.

JB 2 dez 1967 - Por trás da devoção

JB 4 dez 1971 - Fugir com o circo

CARVALHO, Genaro de.

JB 31 jul 1971 - Genaro

CELI, Adolfo.

JB 4 dez 1971 - Fugir com o circo

CÉZANNE, Paul.

JB 10 fev 1973 - Arte, artesanato, insatisfação

CHAGALL, Marc.

JB 6 set 1969 - O artista perfeito

JB 24 mar 1973 - Um ser livre

CHAGAS, Francisco.

JB 17 jun 1971 - Uma lição de escultura

CHARDIN, Teilhard de.

JB 1 dez 1973 - Falei com Deus

CHAPLIN, Geraldine.

JB 30 mar 1968 - Armando Nogueira, futebol e eu, coitada

CHIRICO, Giorgio de.

JB 28 out 1972 - Scliar em Cabo Frio

JB 21 abr 1973 - A mesa dos 13 comensais

CHRISTIE, Agatha.

JB 23 dez 1967 - O caso da caneta de ouro

CONFUCIO.

JB 3 mar 1973 - Dar os verdadeiros nomes

COSTA, Lúcio.

JB 20 dez 1970 - Nos primeiros começos de Brasília

CRAVO, Mário.

JB 17 jun 1972 - Uma lição de escultura

JB 3 mar 1973 - Mário Cravo

CUNHA, Fausto.

JB 30 dez 1973 - A entrevista alegre

DANTAS, San Tiago.

JB 6 jan 1968 - San Tiago

DAREL.

JB 26 fev 1972 - Darel

JB 17 mar 1973 - Darel e a Psicanálise

DJANIRA.

JB 25 ago 1973 - Djanira

DOME, José de.

JB 21 out 1972 - Preguiça

JB 28 out 1972 - Scliar em Cabo Frio

DOSTOIEVSKI.

JB 12 set 1970 - Das vantagens de ser bobo

DRUMMOND de ANDRADE, Carlos.

JB 20 abr 1968 - Adeus, vou-me embora

JB 19 abr 1969 - Entrevista relâmpago com Pablo Neruda

JB 16 jan 1971 - Um presente para vocês

- O Deus de cada um

JB 6 mar 1971 - Um poeta mulher

JB 10 jul 1971 - Conversa meio a sério com Tom Jobim

JB 14 out 1972 - Vergonha de viver

JB 21 out 1972 - Preguiça

FERNANDEL.

JB 30 mar 1968 - Armando Nogueira, o futebol, e eu, coitada

FERNANDES, Florestan.

JB 16 out 1971 - De como evitar um homem nu

FERNANDES, Millôr.

JB 26 jun 1971 - Xico Buark me visita

JB 28 abr 1973 - Lucidez do absurdo

FONTA, Sérgio.

JB 22 maio 1971 - Antes de o homem aparecer na terra

FRANCESCHI, Humberto.

JB 27 jun 1970 - Humberto Franceschi

JB 1 maio 1971 - Uma novidade uma grandeza

FRANCIS, Paulo.

JB 30 dez 1967 - A entrevista alegre

FREIRE, Natércia.

JB 1 abr 1972 - Minha próxima e excitante viagem pelo mundo

GARCIA MARQUEZ, Gabriel.

JB 15 nov 1969 - Cem anos de solidão

GIBRAN, Khalil.

JB 18 nov 1972 - De "O Profeta"

GIORGI, Bruno.

JB 17 jun 1971 - Uma lição de escultura

GRAUBEN.

JB 7 set 1968 - Uma tarde feliz como embandeirada

HAENDEL, Georg Fiederich.

JB 22 nov 1969 - "Brain Storm"

HEMINGWAY, Ernest.

JB 11 abr 1970 - Hemingway

JB 29 jul 1972 - Escrever para jornal e escrever livro

HENRIQUE, Gastão Manoel.

JB 4 nov 1972 - O silêncio dos portais

HENRIQUE, João.

JB 21 out 1972 - Preguiça

HESSE, Herman.

JB 2 maio 1970 - Escrever

JB 24 fev 1973 - O primeiro livro de cada uma das minhas vidas

HOLANDA, Chico Buarque de.

JB 4 fev 1968 - Chico Buarque de Holanda

JB 10 fev 1968 - Chico Buarque de Holanda

JB 23 mar 1968 - Oi, Chico

JB 26 jun 1971 - Xico Buark me visita

JB 17 jul 1971 - Conversa meio a sério com Tom Jobim

JB 29 set 1973 - Trajetória de uma vocação

HOUAISS, Antônio.

JB 6 mar 1971 - Um poeta mulher

HUGO, Vitor.

JB 13 set 1969 - O medo de errar

IVO, Ledo.

JB 8 mar 1969 - Augusto Rodrigues também poeta

JACOBS.

JB 30 jun 1973 - Um romancista

JAMES, Henry.

JB 17 maio 1969- Fios de seda

JANOT, José Luís

JB 21 out 1967 - O livro de meu vizinho

JASPERS, Karl.

JB 27 mar 1971 - Criar um quadro ... é criar um mundo novo

JOBIM, Tom.

JB 26 jun 1971 - Xico Buark me visita

JB 3 jul 1971 - Conversa meio a sério com Tom Jobim

JB 10 jul 1971 - Conversa meio a sério com Tom Jobim

JB 17 jul 1971 - Conversa meio a sério com Tom Jobim

KARABTCHEVSKI, Isaac.

JB 26 jun 1971 - Xico Buark me visita

JB 29 set 1973 - Trajetória de uma vocação

KENNEDY, Robert.

JB 30 mar 1968 - Armando Nogueira, o futebol e eu, coitada

KLEE, Paul.

JB 31 maio 1969- Medo da libertação

JB 22 jul 1972 - Paul Klee e o processo de criação
Até suspeita de esquizofrenia

KLEIN, Melanie.

JB 13 jul 1968 - A opinião de um analista sobre mim

KHOURI, W. H.

JB 18 nov 1967 - Um encontro perfeito

LAAGE, Barbara.

JB 18 nov 1967 - Um encontro perfeito

LARA.

JB 15 jul 1971 - Um nome a não esquecer: Lara

LAUTREC, Toulouse.

JB 27 jan 1973 - Quase briga entre amigos

LERY, Jean de.

JB 16 out 1971 - De como evitar um homem nu

LESSA, Elsie.

JB 20 abr 1968 - Adeus, vou-me embora!

LIMA, Jorge de.

JB 19 abr 1969 - Entrevista relâmpago com Pablo Neruda

LISBOA, Henriqueta.

JB 18 jul 1970 - Folclore Brasileiro

LOBATO, Monteiro .

JB 2 set 1967 - Tortura e glória

JB 12 out 1968 - Fidelidade

MAGADAN, Glória.

JB 10 abr 1971 - Vocês se lembram de Glória Magadan?

MANSFIELD, Katherine.

JB fev 1973 - O primeiro livro de cada uma de minhas vidas

MARINI, Marino.

JB 17 jun 1971 - Uma lição de escultura

MARCOS, Plínio.

JB 4 dez 1971 - Fugir com o circo

MAURO, Humberto.

JB 16 out 1971 - De como evitar um homem nu

MELO NETO, João Cabral.

JB 20 fev 1971 - A academia brasileira de letras

JB 4 dez 1971 - Fugir com o circo

MENDES, Francisco Paulo.

JB 1 abr 1972 - Minha próxima e excitante viagem pelo mundo

MERQUIOR, José Guilherme.

JB 6 mar 1971 - Um poeta mulher

MERTON, Thomas.

JB 14 jan 1969 - Solidão e falsa solidão

JB 4 jun 1969 - A vida silenciosa

METRAUX, A.

JB 16 out 1971 - De como evitar um homem nu

MILLER, Henry.

JB 11 abr 1970 - Henry Miller

JB 10 abr 1971 - Vocês se lembram de Glória Magadan?

JB 3 jul 1971 - Conversa meio a sério com Tom Jobim

MINDLIN, Vera.

JB 4 nov 1972 - Espelhos de Vera Mindlin

MODIGLIANI, Amedes.

JB 27 jan 1973 - Quase briga entre amigos

MONFREID, Henry.

JB 1 dez 1973 - Falei com Deus

MONTENEGRO, Fernanda.

JB 19 out 1968 - São Paulo

MORAIS, Vinícius de.

JB 19 abr 1969 - Entrevista relâmpago com Pablo Neruda

JB 17 out 1970 - Scliar: 30 anos de pintura

JB 21 nov 1970 - Finalmente chegou o dia

O pato

JB 17 jul 1971 - Conversa meio a sério com Tom Jobim

JB 27 jan 1973 - Quase briga entre amigos

JB 28 abr 1973 - Lucidez do absurdo

MORAVIA, Alberto.

JB 27 maio 1972- Moravia

JB 27 maio 1972- O pouco que se pede

MURARO, Rose Marie.

JB 14 dez 1968 - Grandes enigmas da humanidade

JB 15 nov 1969 - Um encontro com o futuro

NACHBIN, Leopoldo.

JB 4 nov 1967 - As grandes punições

JB 13 fev 1971 - Um brasileiro pouco conhecido: Leopoldo Nachbin

NAUD, José Santiago.

JB 19 dez 1970 - Dos anjos

NAVA, Pedro.

JB 19 abr 1969 - Entrevista relâmpago com Pablo Neruda

NERUDA, Pablo.

JB 12 abr 1969 - Entrevista relâmpago com Pablo Neruda

JB 19 abr 1969 - Entrevista relâmpago com Pablo Neruda

NEWELL, W.W.

JB 3 ago 1968 - Miguel Angelo

NIEMEYER, Oscar.

JB 14 dez 1968 - Grandes enigmas da humanidade

JB 20 jun 1970 - Nos primeiros começos de Brasília

JB 10 jul 1971 - Conversa meio a sério com Tom Jobim

NIETZSCHE, Friederich.

JB 15 fev 1969 - Alceu Amoroso Lima (II)

NOGUEIRA, Armando.

JB 30 mar 1968 - Armando Nogueira, o futebol e eu, coitada

NUNES, Benedito.

JB 1 abr 1972 - Minha próxima e excitante viagem pelo mundo

NUTELS, Noel.

JB 18 maio 1968- A matança de seres humanos: os índios

OLIVEIRA, Carlinhos de.

JB 4 fev 1968 - Chico Buarque de Holanda

JB 27 jan 1973 - Quase briga entre amigos

OLIVEIRA, Marli de.

JB 18 nov 1967 - Um encontro perfeito

JB 30 dez 1967 - A entrevista alegre

JB 25 maio 1968- Estritamente feminino

JB 22 nov 1969 - "Brain Storm"

JB 28 fev 1970 - Marli de Oliveira

JB 6 mar 1971 - Um poeta mulher

JB 21 out 1972 - Preguiça

OSTROWER, Fayga.

JB 10 fev 1973 - Arte, artesanato, insatisfação

OTERO, Luís.

JB 8 mar 1969 - Nascerá um livro novo

PELEGRINO, Hélio.

JB 18 nov 1967 - Um encontro perfeito

JB 4 set 1971 - Um homem chamado Hélio Pelegrino

PEREGRINO, Umberto.

JB 21 out 1967 - Um fato inusitado e um pedido

PESSOA, Fernando.

JB 21 set 1968 - Fernando Pessoa me ajudando

PICASSO, Pablo.

JB 6 set 1969 - O artista perfeito

PIEDADE, Frei Agostinho da.

JB 17 jun 1971 - Uma lição de escultura

PINÕN, Nélida.

JB 25 out 1969 - Um laboratório de criatividade

PITANGUI, Ivo.

JB 14 set 1968 - Conversas

PLATÃO.

JB 14 dez 1968 - Grandes enigmas da humanidade

PONTUAL, Roberto.

JB 17 out 1970 - Scliar: 30 anos de pintura

PORTO, Sérgio.

JB 28 set 1968 - As dores da sobrevivência: Sérgio Porto.

JB 16 set 1972 - Psicanálise e Psicoterapia

POUND, Ezra.

JB 3 mar 1973 - Dar os verdadeiros nomes

QUEIRÓS, Dinah Silveira de.

JB 20 abr 1968 - Adeus, vou-me embora

JB 5 dez 1970 - A indulgência mais produtiva

QUEIRÓS, Eça.

JB 1 abr 1972 - Minha próxima e excitante viagem pelo mundo

QUEIRÓS, Raquel.

JB 20 abr 1968 - Adeus, vou-me embora!

QUINTANA, Mário.

JB 16 nov 1968 - Mário Quintana e sua admiradora

RANGEL, Flávio.

JB 4 dez 1971 - Fugir com o circo

REBELO, Marques.

JB 30 jun 1973 - Um romancista

REMBRANDT.

JB 27 jan 1973 - Quase briga entre amigos

RENAN, Ernest.

JB 13 set 1969 - O medo de errar

RESENDE, Otto Lara.

JB 18 nov 1967 - Um encontro perfeito

REZNIK, José.

JB 14 dez 1968 - Um encontro com o futuro

RIMBAUD, Arthur.

JB 27 mar 1971 - Criar um quadro é criar um mundo novo.

RITNER, Maurício.

JB 18 nov 1967 - Um encontro perfeito

RODRIGUES, Augusto.

JB 8 mar 1969 - Augusto Rodrigues também poeta

RODRIGUES, Nelson.

JB 23 jan 1971 - O óbvio ululante

JB 3 fev 1973 - Um caso para Nelson Rodrigues

RONER.

JB 17 fev 1973 - Carência do poder criador

ROSA, Guimarães.

JB 30 dez 1967 - A entrevista alegre

JB 14 set 1968 - Conversas

JB 20 fev 1970 - Falando em viagens

JB 22 maio 1971 - Desculpem, mas se morre

JB 12 jun 1971 - Falando em viagens

JB 5 ago 1972 - Viver é perigoso

SABINO, Fernando.

JB 14 dez 1968 - O livro como melhor presente

SALCE, Luciano.

JB 4 dez 1971 - Fugir com o circo

SAMPAIO, Silveira.

JB 4 dez 1971 - Fugir com o circo

SANTOS, Nelson Pereira dos

JB 16 out 1971 - De como evitar um homem nu

SAVELLI.

JB 21 dez 1968 - Anúnciação

SCHILLER, Fredrich.

JB 17 fev 1973 - Carência do poder criador

SCHMIDT, Augusto Frederico.

JB 19 dez 1970 - A procura do Natal

SCHLESINGER, Arthur.

JB 30 mar 1968 - Armando Nogueira, o futebol e eu, coitada.

SCLIAR, Carlos.

JB 17 out 1970 - Scliar: trinta anos de pintura

JB 21 out 1972 - Preguiça

JB 28 out 1972 - Scliar em Cabo Frio

SILVEIRA NETO, José Luís.

JB 14 dez 1968 - Inquietações de um feto

JB 15 maio 1971 - Um escritor na Escandinávia

SMITH, David.

JB 17 jun 1971 - Uma lição de escultura

STADEN, Hans.

JB 16 out 1971 - De como evitar um homem nu

STAËL, Madame de.

JB 16 set 1969 - O medo de errar

STEIN, Gertrude.

JB 11 abr 1970 - Henry Miller

STRAVINSKI, Igor.

JB 8 jan 1972 - Conversa descontraída: 1972

TCHAIKOWSKI, P.

JB 29 set 1973 - Trajetória de uma vocação

TCHECOV, A.

JB 20 abr 1968 - Adeus, vou-me embora

JB 12 out 1968 - Mãe-Gentil

THOREAU, H.

JB 28 dez 1968 - Aprendendo a viver

TREVISAN, Dalton.

JB 3 fev 1973 - Um vaso para Nelson Rodrigues

VALE, Henrique.

JB 3 ago 1968 - O embaixador escritor

VAN GOCH, V.

JB 27 jan 1973 - Quase briga entre amigos

VASARI, Giorgio.

JB 3 ago 1968 - Miguel Angelo

VERÍSSIMO, Érico.

JB 16 dez 1972 - Desculpem mas não sou profundo

JB 6 jan 1973 - Bilhete a Érico Veríssimo

VIGNY, Alfred de.

JB 13 set 1969 - O medo de errar

VIVALDI, A.

JB 22 nov 1969 - "Brain Storm"

JB 21 out 1972 - Preguiça

JB 13 fev 1971 - Um brasileiro pouco conhecido: Leopoldo Nachbin

XAVIER, Nelson

JB 15 jul 1971 - Um nome a não esquecer: Lara

ZAGURI, Eliane.

JB 15 nov 1969 - Cem anos de solidão

ZALUAR, Abelardo.

JB 3 jun 1972 - Depoimento de um artista

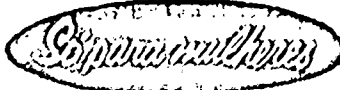
ZIEMBINSKI.

JB 4 dez 1971 - Fugir com o circo

WEISSMAN, Franz.

JB 17 jun 1971 - Uma lição de escultura

25 maio 1960 p. 22



ILKA SOARES



BETTINA

"Ali era meu Deus!"

BETTINA estava inconsolável. O jornalista francês que a consolava pela morte de Ali Khan viu-a fustigar o peito com as mãos como se quisesse purgar uma culpa que não tinha. Entre soluços, repetia, às vezes balinhando, às vezes aos gritos: "Eu estava no momento mortal, mas foi Ali quem morreu". E em tom de monólogo, para si própria, com suavidade: "Ele era meu homem, meu amante, meu Deus".

Ela estava sentada ao lado do príncipe Ali Khan, no carro "Lamborghini" tipo esporte, quando ele foi morto num desastre no suburbio parisiense de Suresnes. Bettina, companheira constante de Ali nestes últimos sete anos, não se perdoou pelo fato de ter escapado dessa apressada com um ferimento na cabeça, ao saltar no para-brisa do carro após o choque e o início

★ "ESTOU SEM SORTE"

"Ali era profundamente enoloso e teve um pressentimento de que algo de ruim iria acontecer-lhe. Hoje pela manhã, cedendo-lhe a Paul La Croix, seu amigo: Não jogue em cavalo hoje. Sinto que estou sem sorte. Era uma encantadura tarde de primavera, semelhante aquela em que o control e nos apisonamos" — dizia Bettina.

atravessaram a ponte de Buresnes. Exatamente correndo quando, subitamente, vi um carrinho que vinha do lado contrário. Tinha passado por outro automovel e corria com a velocidade de um foguete. Foi um momento horrível. Ali Khan era também de olhos rápidos, mas algo ocorreu que o impediu de saltar. Continuo falando o que foi. Tudo o que é que ele não existe mais e que estou só completamente só".

★ "ESTOU SÓ"

Bettina lembrou para o jornalista a tragédia que surgiu na "curva da morte", logo depois de

★ "ONDE ESTÁ ALI?"

A companheira do painel foi a primeira pessoa a ser retirada do meio das ferragens. "Quero saber a que se refere a Ali" — gritou. Imobilizou-se qual estatua, dentro do nevado, e voltou a gritar: "Onde está Ali? Onde está Ali?" Testemunhas do acidente afirmaram levaram-na para o Hospital de Saint Cloud. O príncipe foi levado para o Hospital de Suresnes, mais perto do local do desastre. A rota de direção de seu carro de 1.600 libras, tal liano, estava quebrada — o que provavelmente lhe causou a morte.

★ "ONDE ESTÁ BETTINA?"

As últimas palavras, pronunciadas por Ali Khan foram em voz fraca, porém clara: "Onde está Bettina? Ela está bem". Mais tarde, Bettina, que fora casada, anteriormente, e m um jornalista da imprensa parisiense soube por intermédio de amigos que Ali morrera. Controlou-se com enorme e penoso esforço. Mas quando era levada para o hospital, murmurava: "Oh meu homem! Oh, meu querido!"

SERÁ O SEU CASO?



... A vida é uma aventura... Seria o seu caso? Procure também a resposta que interessa a todos e deixe falar a sua voz. E não se esqueça de seu dever ou de sua intenção... Seria o seu caso? Procure também a resposta que interessa a todos e deixe falar a sua voz. E não se esqueça de seu dever ou de sua intenção... Seria o seu caso? Procure também a resposta que interessa a todos e deixe falar a sua voz. E não se esqueça de seu dever ou de sua intenção...

Bettina e Ali Khan, num momento de felicidade; a esquerda, ficou ao lado dele com a morte do "meu Deus".

NOSSA CONVERSA

São coisas que me contam, estou me lembrando agora, e conto a vocês. Por exemplo: a da leveza que todos as mulheres sentiram quando um noivo mandou imorir o anúncio de noivado nos seguintes termos: "Fulano de Tal anuncia sua extrema surpresa em ter sido aceito para o casamento matrimônio pela inteiramente incomparável senhorita Sierana de Tal".

Uma das máximas que mais nos serrem numa entrevista importante é a que nos foi transmitida um dia desses: quando você pede um favor de alguém, não é tão importante que essa pessoa guarde ótima impressão de você — é mais importante que saia da entrevista com ótima impressão de si própria.

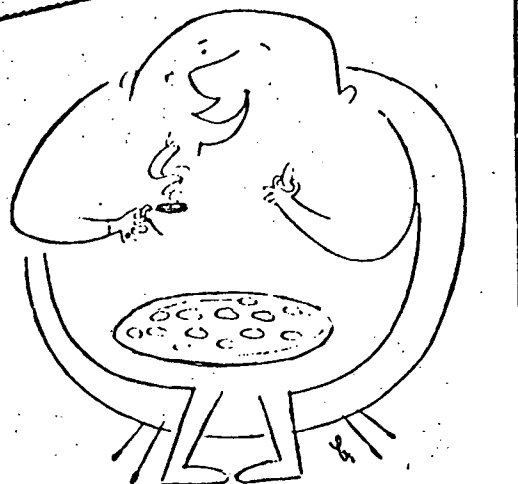
Outra sobre favor, e que é tão verdadeira — você mesma reconhecerá. É a que observa que, antes de pedir um favor, um homem pensa: "Que direi? como direi?" E a mulher pensa: "Que roupa usarei?"

E a da moça francesa. Um amigo encontra-a na rua, num dia de chuva e pergunta-lhe: "Fazendo compras em dia tão feio?" "Não, procurando um centro para minha mãe".

Não gosto muito de uma de Voltaire — ele acha que o casamento é a única aventura arriscada que também está aberta aos covardes.

E sobre casamento, ainda, outra de que não podemos gostar, embora disfarçando-o sorriso — é de Bernard Shaw: "Complete a mulher casar tão depressa quanto possível, e ao homem não casar enquanto lhe for possível".

PARA QUANDO CHOVE E COM CAFÉ QUENTE



São pãezinhos de queijo. E só entiar na cozinha, em 4 tempos estão prontos, enquanto você coa o café. São pãezinhos, dois rufos de leite, queijo em rasgas, moscada, sal, pimenta.

Corte os pãezinhos em dois, no sentido da espessura. Refrite o miolo. Ponha-o de miollo no leite quente. Misture-o com as rasgas de queijo, tempere com sal, pimenta, noz moscada. Recheie os pães com essa preparação, amarre-os, e doure-os na frigideira dos dois lados.

Sirva-os tão quentes quanto o café. E bja chuva para você.

APARELHOS DE PREGONHAS

Suéter bege, branco e preto; cinto de couro; saia bege. O outro é um "strás-peças", em azul-amrinho com debrum vermelho. Saia reta, casquinho curto, tira-boxa; vestido interno sem mangas. Você, que trabalha, se sentirá exatante "comune il faut". E, à saída do escritório, pode marcar um encontro.



22 e Perseus DIÁRIO DA NOITE

VII - BIBLIOGRAFIA¹

1. Obras do autor

- LISPECTOR, Clarice. A bela e a fera. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1979.
- _____. Água viva. Rio de Janeiro, Artenova, 1973.
- _____. Alguns contos. Rio de Janeiro. MEC. Serviço de documentação, 1952.
- _____. Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres. Rio de Janeiro, Sabiã, 1969.
- _____. A cidade sitiada. Rio de Janeiro, Sabiã, 1948.
- _____. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- _____. De corpo inteiro. Rio de Janeiro, Artenova, 1975. (Entrevistas da Manchete, reunidas por Álvaro Pacheco.)
- _____. Felicidade clandestina: contos. Rio de Janeiro, Sabiã, 1971.
- _____. A hora da estrela. Rio de Janeiro, José Olympio, 1977.
- _____. A imitação da rosa. Rio de Janeiro, Artenova, 1973.

¹

A bibliografia de/sobre Clarice Lispector que consta desta pesquisa fundamenta-se no levantamento feito por Earl Fitz (op. cit.) e na pesquisa que fizemos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Quando não constar a paginação e o local de publicação das obras citadas, isto indica que nos baseamos em fontes secundárias que não as consignavam.

- _____. Laços de família. São Paulo, Francisco Alves, 1960.
- _____. A legião estrangeira. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1964.
- _____. O lustre. Rio de Janeiro, Agir, 1945.
- _____. A maçã no escuro. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1961.
- _____. O mistério do coelho pensante. Rio de Janeiro, José Álvaro, 1967.
- _____. A mulher que matou os peixes. Rio de Janeiro, Sabiã, 1968.
- _____. Onde estivestes de noite. Rio de Janeiro, Artenova, 1974.
- _____. A paixão segundo GH. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1964.
- _____. Para não esquecer. São Paulo, Ática, 1978. (Coleção Autores Brasileiros, 20)
- _____. Perto do coração selvagem. Rio de Janeiro, A Noite, 1944.
- _____. Quase de verdade. Rio de Janeiro, Rocco, 1978.
- _____. Seleção, seleção e texto. Rio de Janeiro, José Olympio/INL, 1975, (Coleção Brasil Moço, org. Renato Cordeiro Gomes)
- _____. Um sopro de vida. Pulsações. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978.
- _____. A via crucis do corpo. Rio de Janeiro, Artenova, 1974.
- _____. A vida íntima de Laura. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974.
- _____. Visão do esplendor; impressões leves. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.

2. Entrevistas

- NEPOMUCENO, Eric & GILIO, Maria Esther. "Clarice Lispector: los libros son mis cachorros." Crisis, 39, Buenos Aires, jul 1976. p.40-4.

3. Obras sobre a autora

- ABREU, Caio Fernando. "Por telepatia." Veja, 9 jan 1980. p. 65-6.
- ADERBAL, Jurema. Poetas e romancistas do nosso tempo. Recife, Nordeste, 1953. p.90.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Elenco de cronistas modernos. 2. ed. Rio de Janeiro, Sabiá, 1972.
- ANÔNIMO. "A literatura, segundo Clarice." Minas Gerais, Suplemento Literário, 28 set 1968. p.8-9.
- ANÔNIMO. "Clarice parte da intuição." Visão, 8 dez 1961. p.71.
- ALMEIDA, Roberto Wagner de. "GH e Dardará." Estado de São Paulo, Suplemento Literário, 17 jun 1967. p.4.
- AMORA, Antônio Soares. História da literatura brasileira. 7. ed. São Paulo, Saraiva, 1955. p.163-74.
- ANDERSON, Robert K. "Myth and existencialism in Clarice's Lispector's 'O crime do professor de matemática'." Luso-Brazilian Review. Madison, vol. 22, nº 1, verão 1985. p.1-7.
- ARAÚJO, Luis Corrêa de. "Moldura e mágica da palavra." Estado de São Paulo, Suplemento Literário, 6 set 1969. p.1.
- _____. "A paixão é a linguagem." Minas Gerais, Suplemento Literário, 28 set 1968. p.10-1.
- ASSUMPÇÃO, Sebastião G. "A paixão segundo GH." Diário de Notícias. Suplemento Literário, Rio de Janeiro, 6 fev 1966.
- AYALA, Walmir. "A paixão segundo GH. Um romance de doação." Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1 dez 1964.
- AZEVEDO FILHO, Lodegário A. de. "Clarice Lispector e a visão do invisível." Minas Gerais, Suplemento Literário, 18 fev 1978. p.3.
- BAIRÃO, Reynaldo. "Nada existe que escape à transfiguração." Estado de São Paulo, Suplemento Literário, 2 ago 1969. p.6.
- _____. "Novos apontamentos para um estudo sobre Clarice Lispector." Estado de São Paulo, Suplemento Literário, 23 ago 1969. p.4.
- BARBOSA, Rolmes. "Mapa dos caminhos sem saída." Estado de São Paulo, Suplemento Literário, 30 jun 1974. p.2.
- BORELLI, Olga. O esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

- BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 2.ed. São Paulo, Cultrix, 1974. p.474-8.
- BRASIL, Assis. Clarice Lispector, ensaio. Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1969.
- _____. "Clarice Lispector e a ficção moderna." Jornal de Letras, Rio de Janeiro, 1968, 218p. 3; 219, p.3; 220, p.3.
- _____. "Laços de família." Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 24 set 1960.
- _____. "O mundo subjetivo de Clarice Lispector." Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 6, 13, 19 nov e 3, 10, 1960 dez.
- _____. "Paixão e queda de GH." Jornal de Letras, Rio de Janeiro, fev/mar 1965.
- BRUNO, Haroldo. "Água Viva, um solilóquio de Clarice Lispector sobre o ser." Estado de São Paulo, Suplemento Literário, 3 fev 1974. p.1.
- _____. "Hibridismo de gêneros." Estado de São Paulo, Suplemento Literário, 13 dez 1974. p.1.
- _____. Novos estudos de literatura brasileira. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.
- _____. "Presença renovadora de Clarice Lispector." Minas Gerais, Suplemento Literário, 14 jul 1979. p.6-7.
- BRYAN, C.D.B. "The apple in the dark." New York Times Book Review, 3 set 1967. p.22-3.
- BURLÁ, Eliezer. "Perto do Coração Selvagem." O Jornal, Rio de Janeiro, 31 mar 1955.
- CAMPEDELLI, Samira & ABDALLA Jr., Benjamin. Clarice Lispector. São Paulo, Abril, 1981.
- _____. Tempos de literatura brasileira. São Paulo, Ática, 1985. p.271-4.
- CANDIDO, Antonio. Brigada ligeira. São Paulo, Martins, 1945.
- _____. Vários escritos. São Paulo, Duas Cidades, 1970. p. 123-31.
- _____ & CASTELLO, J. Aderaldo. Presença da literatura brasileira. III, Modernismo, 3 série. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971.
- CASTELLANOS, Rosário. "Clarice Lispector: la memoria ancestral." Mujer que sabe latín. México: Sep-Setentas, 1973. p. 129.

- CASTRO, Sílvio. A revolução da palavra. Petrópolis, Vozes, 1976. p.263-7.
- CHAGAS, Wilson. "Clarice Lispector." Província de São Pedro. Porto Alegre, nº 15, 1951. p.90-2.
- CIXOUS, Helene. "L'approche de Clarice Lispector: Se laisser lire (por) Clarice Lispector - A paixão segundo GH." Poétique. Paris, vol. 40, nov 1979. p.408-19.
- COELHO, Haydée Ribeiro. "O jogo da linguagem: a relação adulto/criança. Processo criador de Clarice Lispector." Travessia, Florianópolis, vol. 5, nº 8/9, jan-jun 1984, p.82-103.
- COELHO, Nelson. "Clarice." Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 20 ago 1960.
- COOK, Bruce. "Women in the Web." Review, s.l.p. 73, Spring, 1973. p.63-5.
- COUTINHO, Afrânio. Antologia brasileira de literatura. Rio de Janeiro, Distribuidora de Livros Escolares, vol 1, 1965.
- _____. "44. Modernismo na ficção." A literatura no Brasil. 2.ed. Rio de Janeiro, Sul América, vol. 5, 1970. (Direção Afrânio Coutinho)
- _____. An introduction to literature in Brazil. Trad. Gregory Rabassa. New York, Columbia University Press, 1969. p.249.
- CRAWFORD, William Rex. "Algunos libros brasileños recientes." Revista Iberoamericana, Pittsburg, vol 8, 1944. p.335-41.
- DAVID, Carlos. "Em torno de Clarice Lispector." Diário Carioca, Rio de Janeiro, 3 maio 1953.
- DI ANTONIO, Robert E. "Myth as unifying force in O crime do professor de matemática." Luso-Brasilian Review. Madison, vol 22, nº 1, verão 1985. p.27-32.
- ESCOREL, Lauro. "Crítica Literária." A Manhã, Rio de Janeiro, 20 out 1944.
- _____. "Prêmio da Fundação Graça Aranha de 1943." A Manhã, Rio de Janeiro, 29 out 1944.
- FERREIRA, Jurandir. "Do estilo do homem de Deus." Estado de São Paulo, Suplemento Literário, 3 fev 1962.
- _____. "Itinerário do Romancista." Diário Carioca, Rio de Janeiro, 25 jun 1956.
- FILHO, Adonias. Modernos ficcionistas brasileiros. 2ª série.

- Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1965. p.81-3.
- FILHO, Azevedo. Síntese crítica da literatura brasileira. Rio de Janeiro, Gernasa, 1971.
- FINAMOR, Jurema. "Clarice Lispector." Jornal de Letras, Rio de Janeiro, ano 12, nº 143.
- FITZ, Earl F. "Bibliografia de e sobre Clarice Lispector." Revista Iberoamericana. Pittsburgh, vol 50, nº 126, jan/mar 1984. p.293-304.
- _____. "Clarice Lispector and the lyrical novel: a re-examination of *A maçã no escuro*." Luso-Brazilian Review, Madison, vol 14, nº 2, Winter 1977. p.153-60.
- _____. "Freedom and self-realization: Feminist characterization in the fiction of Clarice Lispector." Modern Language Studies, s.l.p., vol 10, nº 3, 1980. p.51-61.
- _____. "Clarice Lispector: The nature and form of the lyrical novel." Dissertation Abstracts International, 37:7119A, C.U. N.Y., 1977.
- _____. "The leitmotif of darkness in seven novels by Clarice Lispector." Chasqui: Revista de literatura latinoamericana, s.l.p., vol 7, nº 2, fev 1978. p.18-28.
- _____. "The rise of the new novel in Latin America: a lyrical aesthetic." Intermuse. s.l.p., vol 2, (?), 17-27.
- _____. "Point of view in Clarice Lispector's *A hora da estrela*." Luso-Brazilian Review, Madison, Winter 1982, vol 19, nº 2, p.195-208.
- FONTA, Sérgio. "O papo: Clarice Lispector." Jornal de Letras, Rio de Janeiro, no 259, cad. -1, 1972. p.5.
- GARCIA, Frederick C.H. "Os livros infantis de Clarice Lispector." Minas Gerais, Suplemento Literário, 10 fev 1979. p. 4-5.
- _____. "Uma visão de Clarice Lispector." Minas Gerais, Suplemento Literário, vol 26, nº 721, 3 jul 1980. p.3.
- GILIO, Mario Esther. "Interview with Clarice Lispector." Crisis. Buenos Aires, nº 39, 1976. p.42.
- GOLDMAN, Richard Franko. "The apple in the dark." Saturday Review, New York, 19 ago 1967. p.33 e 48.
- GORGA FILHO, Remy. "Clarice Lispector: E não sou o monstro sagrado." Revista de Letras, Ceará, nº 41, 1971. p.112-5.

- HECKER FILHO, Paulo. "Uma mística em tempo de Deus morto." Al-
guma crítica. Porto Alegre, 1952. p.94-5.
- _____. "Itinerário de romancista." Diário Carioca, Rio de Janeiro, 25 jun 1956.
- HELENA, Lúcia. "Aprendizado de Clarice Lispector." Littera, Rio de Janeiro, 13, 1975, p.99-104.
- _____. "O discurso do silêncio: A narrativa dinâmica de Clarice Lispector." Estado de São Paulo, Suplemento Literário, 11 ago 1974. p.3.
- HERMAN, Rita. "Existence in laços de família." Luso-Brazilian Review, Madison, vol 4, nº 1, spring 1967. p.69-74.
- HILL, Amarildes Guimarães. "O sistema original de Clarice Lispector." Tempo Brasileiro: Revista de Cultura. Rio de Janeiro, vol 48, 1977. p.52-71.
- HOWLETT, Jacques. "Pour que L'Horreur Devienne Lumière." Quinzaine Littéraire, Paris nº 293, 1-15, jan 1979, p.11-2.
- JAJA, Van. "Coração selvagem de Clarice." Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 10 dez 1965.
- JORDÃO, Yolanda. "Sobre Clarice Lispector." Minas Gerais, Suplemento Literário, 11 mar 1978. p.7.
- JOSÉ, Elias. "Anotações sobre Água viva." Minas Gerais, Suplemento Literário, 26 out 1974. p.2; 2 nov 1974. p.4-5; 9 nov 1974. p.8-9.
- JOZEF, Bella. "Clarice Lispector: la recuperación de la palabra poética." Revista Iberoamericana. Pittsburgh, vol 50, nº 126, jan-mar 1984. p.239-57.
- _____. "Clarice Lispector: La transgresión como acto de libertad." Revista Iberoamericana. Pittsburgh, vol 63, nºs 98-99, jan-jun 1977. p.225-31.
- _____. "Chronology: Clarice Lispector." Trad. Elizabeth Lowe. Review 24, s.l.p., jun 1979. p.24-6.
- _____. "Le fantastique dans la littérature hispano-américaine contemporaine." Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Brésilien, s.l.p., vol 29, 1977. p.7-24.
- KERR, Yllen. "Clarice responde..." Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 8 set 1963.
- LAURIA, Márcio José. "Clarice Lispector: Uma cosmovisão." Minas Gerais, Suplemento Literário, 17 jul (?) p.6; 24 jul (?), p.8-9.

- LEITE, Ascendino. As durações: passado infinito, os dias duvidosos, o lucro de Deus. Belo Horizonte, Itatiaia, 1966. p.430.
- LIMA, Alceu Amoroso. "Requiem para Clarice." Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 jan 1978. p.11.
- LIMA, Luís Costa. Por que literatura. Petrópolis, Vozes, 1966. p.92-105. (Coleção Nosso Tempo, vol. 2)
- _____. Lira e antilira. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- _____. "Clarice Lispector." A literatura no Brasil, São Paulo, Sul América, vol 5, 1970. p.449-72. (Organização Afrânio Coutinho)
- LINDSTROM, Naomi. "Clarice Lispector: articulating women's experience." Chasqui. s.l.p., vol 8, nº 1, 1978. p.43-52.
- _____. "A discourse analysis of 'Preciosidade' by Clarice Lispector." Luso-Brazilian Review, Madison, vol 19, nº 2, Winter 1982. p.187-94.
- LINHARES, Temístocles. "O novo romance brasileiro - VII." Estado de São Paulo, Suplemento Literário, nº 670.
- _____. "Uma cura de alma." Estado de São Paulo, 19 nov 1960.
- _____. "Romances Femininos." Estado de São Paulo, 18 nov 1961.
- LINS, Álvaro. "A experiência incompleta." Os mortos de sobrecasaca. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1963. p.186-93.
- _____. Jornal de crítica. Rio de Janeiro, José Olympio, 1946. cap. 9.
- _____. "Perto do coração selvagem." Dicionário crítico do moderno romance brasileiro. Belo Horizonte, Gente Nova, vol 2, 1970. (Organização Pedro Maia)
- _____. O relógio e o quadrante. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
- LINS, Osman. "O tempo em feliz aniversário." Colóquio/Letras 19, Lisboa, 1974. p.16-22.
- LORENZ, Günter W. Die Zeitgenössische literatur in latinamerika. Tübingen, Horst Erdman Verlag, 1971.
- LOUZADA FILHO, O.C. "La ficción en crisis: problemas del autor brasileño." Nueva Narrativa Hispanoamericana, s.l.p. vol 2, jan 1973, nº 1, p.9-19.

- LOWE, Elizabeth Anne Schlomann. The city in Brazilian literature. Rutherford, Farleigh - Dickinson University Press, 1982.
- _____. "The temple and the tomb: The Urban tradition in Brazilian literature and the city in the contemporary Brazilian narrative." Dissertation Abstracts International, 38:2826A, C.U.N.Y., 1977.
- LUCAS, Fábio. "Aspectos de la ficción brasileña contemporánea." Nueva Narrativa Hispanoamericana, s.l.p. vol. 3, nº 1, jan 1973. p.113-23.
- _____. O compromisso literário. Rio de Janeiro, São José, 1964.
- _____. Contemporary latin american literature. Houston, University of Houston Press, 1973. p.64-6. (Organização Harvey L. Johnson e Phillip B. Taylor)
- _____. "A fome não saturada." Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 11 nov 1961.
- _____. Fronteiras imaginárias. Rio de Janeiro, Cátedra, 1971.
- _____. "Guimarães Rosa e Clarice Lispector: Mito e ideologia." Minas Gerais, Suplemento Literário, 26 ago 1972. p.4-5.
- _____. Horizontes da crítica. Belo Horizonte, MP, 1965.
- _____. "Por que escrever?" Colóquio. Lisboa, vol 47, 1979. p.74-8.
- _____. Temas literários e juízos críticos. Belo Horizonte, Tendências, 1963.
- _____. "Clarice Lispector e o impasse da narrativa contemporânea." Poesia e prosa no Brasil. Belo Horizonte, Interlivros, 1976.
- LUFT, Celso Pedro. Dicionário de literatura portuguesa e brasileira. Porto Alegre, Globo, 1966. p.152-4.
- LYOTARD, J.F. A fenomenologia. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.
- LYRA, Pedro. "O movimento como a verdade do real." (Num romance de Clarice Lispector)." Revista de Letras, Ceará, vol 1, 1978. p.114-23.
- MACHADO, Álvaro Manuel. "Na morte de Clarice Lispector." Colóquio, Lisboa, vol 41, 1978. p.66-7.
- MAGALHÃES Jr., R. O conto feminino: Panorama do conto brasileiro.

- ro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, vol 10, 1959.
- MARTINS, Heitor. "Fracasso e triunfo de Clarice Lispector." Estado de São Paulo, Suplemento Literário, 15 ago 1970. p.6.
- _____. Oswald de Andrade e outros. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1974.
- MARTINS, Terezinha A.P. "Julio Cortázar, Clarice Lispector e a nova narrativa latino-americana." Dissertation Abstractes International, 32:2958A N.M., 1972. (Cfr. PEREIRA, Terezinha A.)
- MARTINS, Wilson. "Uma voz." Estado de São Paulo, Suplemento Literário, 26 nov 1960. p.1.
- _____. "O romance brasileiro contemporâneo." Inti, s.l.p.nº 3, abr 1976. p.27-30.
- MELO e SOUSA, Gilda de. "O lustre". Estado de São Paulo, 14 jul 1946.
- MERQUIOR, José Guilherme. A astúcia da mimese. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.
- _____. A razão do poema. São Paulo, Civilização Brasileira, 1965.
- MILLIET, Sérgio. Diário Crítico, São Paulo, Martins, vol 2, 1945. p.27-32.
- _____. Diário Crítico, São Paulo, Martins, vol 4, 1945. p.40-4.
- _____. Diário Crítico. São Paulo, Martins, vol 7, 1953. p.33-44.
- _____. Diário Crítico. São Paulo, Martins, vol 8, 1955. p.235-7.
- _____. "A cidade sitiada." Letras e Artes, Rio de Janeiro, 11 set 1949. p.7.
- MOISÉS, Massaud. "Clarice Lispector contista." Temas brasileiros. São Paulo, CEC, 1964. p.119-24.
- _____. "Clarice Lispector: ficção e cosmovisão." Estado de São Paulo, Suplemento Literário, 26 set 1970. p.1.
- _____. A literatura brasileira através dos textos. São Paulo, Cultrix, 1971. p.507-11.
- _____. Temas brasileiros. São Paulo, CEC, 1964. p.119-24.
- MOURÃO, Cleonice Paes Barreto. "Resgate da identidade." O eixo

- e a roda. Belo Horizonte, ano 1, vol 1, jun 1983. p.77-86.
- MOURÃO-FERREIRA, David. "Clarice Lispector." Motim literário. Lisboa, Verbo, 1961. p.135-9.
- MOUTINHO, Nogueira. "O livro dos prazeres." Folha de São Paulo, 21 ago 1969.
- _____. "O mundo de Clarice Lispector." Estado de São Paulo, Suplemento Literário, nº 483. s.d.
- _____. A procura do número. São Paulo, CEC, 1967.
- NAUDET, Harold. "O tema da liberdade nas narrativas de Clarice Lispector." Minas Gerais, Suplemento Literário, 29 abr 1972. p.6-7.
- NUNES, Benedito. "O mundo imaginário de Clarice Lispector." O dorso do tigre. São Paulo, Perspectiva, 1969. p.93-139.
- _____. "A náusea em Clarice Lispector." Estado de São Paulo, Suplemento Literário, 24 jul 1965.
- _____. "A paixão segundo GH." Estado de São Paulo, Suplemento Literário, 4 set 1965.
- _____. Leitura de Clarice Lispector. São Paulo, Quêiron, 1973.
- _____. "Filosofia e literatura: a paixão de Clarice Lispector." Almanaque 13, São Paulo, Brasiliense, 1981. p.33-41.
- NUNES, Maria Luísa. "Narrative modes in Clarice Lispector's Lagos de família: the rendering of consciousness." Luso-Brazilian Review, Madison, vol 19, nº 22, Winter, 1977. p.174-84.
- * _____. "Clarice Lispector: artista andrógina ou escritora." Revista Iberoamericana. Pittsburgh, vol. 50, nº 126, jan-mar, 1984. p.281-9.
- OLINTO, Antônio. A verdade da ficção. Rio de Janeiro, Artes Gráficas, 1966. p.213-6.
- OLIVEIRA, Marly de. "A cidade sitiada." Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 17 jul 1966.
- _____. "Crítica da crítica." Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, nov 1961.
- _____. "Interpretação da obra de Clarice Lispector." Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 9 jan 1966.
- _____. "A maçã no escuro." Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 24 jul 1963.

- _____. "A paixão segundo GH." Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 13 mar 1965.
- _____. "A paixão segundo GH." Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 31 jul 1966.
- _____. "Sobre Clarice Lispector." Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 28 jul 1963.
- PAES, José Paulo. "Clarice Lispector." Pequeno dicionário de literatura brasileira. São Paulo, Cultrix, 1967.
- PACHECO, Armando Correia. "Brazilian Literature: native and foreign influences." Odyssey Review, s.l.p., dez 1961. I, p. 114-24.
- PATAI, Daphne. "Clarice Lispector and the clamor of the ineffable." Kentucky Romance Quarterly, s.l.p., vol 27, 1980. p.133-49.
- PEREIRA, Edgard. "Wander e Clarice." Minas Gerais, Suplemento Literário, 16 ago 1975. p.2.
- PEREIRA, Terezinha Alves. "Clarice Lispector: anotações de leitura." Minas Gerais, Suplemento Literário, 16 out 1971. p.8.
- _____. "Coincidência de la técnica narrativa de Julio Cortázar y Clarice Lispector." Nueva Narrativa Hispanoamericana. s.l.p., vol 3, jan 1973. nº 1, p.103-11 (Cfr. MARTINS, Terezinha A.P.)
- _____. "Os contos parábolas de Clarice Lispector." Minas Gerais, Suplemento Literário, 14 maio 1977. p.10.
- _____. "Los nuevos novelistas brasileños." Revista de Cultura Brasileña. Madrid, 35, 1973. p.109-15.
- _____. "Recursos estilísticos da nova narrativa brasileira." Jornal de Letras, Rio de Janeiro, 287, cad. 1, 1974. p.6.
- _____. "Releitura e re-explicação de A maçã no escuro." Minas Gerais, Suplemento Literário, 26 abr 1975. p.10-1.
- _____. "Una comparación inesperada: Rayuela y A maçã no escuro." Revista Mexicana de Cultura - El Nacional. México, 4 ago 1975. p.3.
- _____. "O realismo mágico nas obras de Cortázar e de Clarice Lispector." Diário de Brasília, 27 dez 1973. p.4-6.
- PEREZ, Renard. Escritores brasileiros contemporâneos, 2 série. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964. p.69-80.

- PESSANHA, J.A. "Itinerário da Paixão." Cadernos Brasileiros, Rio de Janeiro, nº 29, maio-jun 1965. p.63-76.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. La letteratura brasiliana. Milano, Sansoni Accademia, 1972. p.610-2.
- PÓLVORA, Hélio. "Clarice Lispector." Revista de Cultura Brasileira. Madrid, 40, 1975. p.11-5.
- _____. Graciliano, Machado, Drummond e outros. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.
- _____. A força da ficção. Petrópolis, Vozes, 1971.
- PONTIERO, Giovanni. "Excerpts from the chronicles of the foreign legion." Review, s.l.p., vol 24, 1980. p.37-43.
- _____. "The drama of existence in Laços de família." Studies in short fiction, s.l.p., vol 8, nº 1, Winter 1977. p.256-67.
- PORTAL, Marta. "Uma novidade editorial espanhola: la narrativa brasileña." Revista de Cultura Brasileira, Madrid, nº 49, julio 1979. p.90-100.
- PORTELLA, Eduardo. Dimensões II: crítica literária. Rio de Janeiro, Agir, 1959.
- _____. "A forma expressional de Clarice Lispector." Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 25 set e 9 out 1960.
- _____. "O grito do silêncio." Tempo Brasileiro: Revista de Cultura, Rio de Janeiro, vol 51, 1977. p.8-10.
- _____. "O livro aberto de Clarice Lispector." Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 jul 1969.
- PORTELLA, Eduardo et al. Literatura brasileira: vertentes. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1977.
- QUINÓNEZ-GAUGGEL, Maria Cristina. "El personaje femenino existencial en las novelas de Clarice Lispector y Julio Cortázar." Dissertation Abstracts International, 40:6300A, 1980.
- RABASSA, Gregory. Critical introduction to The apple in the dark. New York, Knopf, 1967.
- _____. "La nueva narrativa en el Brasil." Nueva Narrativa Hispano-americana, s.l.p., vol 2, jan 1972. nº 1, p.145-8.
- REIS, Fernando G. "Quem tem medo de Clarice Lispector." Revista Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 17, jan e fev 1968. p.225-34.

- REIS, Roberto. "Epifania em São Cristóvão." Minas Gerais, Suplemento Literário, 8 out 1977. p.6-7.
- RIEDEL, Dirce Cortes. "O enunciado de uma aprendizagem." Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, s.d.p.
- ROCHA, Diva Vasconcelos. Discurso literário, seu espaço, teoria e prática de análise. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.
- _____. "Laços de família ou a enunciação do humor." Minas Gerais, Suplemento Literário, 25 maio 1974. p.3.
- _____. "Paixão e morte do narrador segundo o narrador." Minas Gerais, Suplemento Literário, 22 nov 1980. p.2; 29 nov 1980. p.4.
- RODRIGUEZ MONEGAL, Emir. Narradores de esta América. I los maestros de la novela. Buenos Aires, Alfa, 1976. p.308 e 313.
- _____. "Clarice Lispector en sus libros y en mi recuerdos." Revista Iberoamericana. Pittsburgh, vol 50, nº 126, jan-mar 1984. p.231-8.
- _____. El boom de la novela latinoamericana. Carácas, Tiempo Nuevo, 1972. p.27-93.
- _____. "The contemporary brazilian novel." Fiction in several languages. Boston, Houghton Mifflin Co., Daedalus Library, vol 9, 1968. p.1-18.
- ROWET, Samuel. "A hora da estrela ou as frutas da frota, ou um ensaio de crítica literária policial." Minas Gerais, Suplemento Literário, 11 mar 1979. p.8-9.
- SÃ, Olga de. A escritura de Clarice Lispector. Petrópolis, Vozes/Lorena, FATEA, 1979.
- _____. "Clarice Lispector: processos criativos." Revista Iberoamericana. Pittsburgh, vol 50, nº 126, jan-mar 1984. p.259-80.
- SANT'ANNA, Afonso Romano de. Análise estrutural de romances brasileiros. Petrópolis, Vozes, 1974.
- _____. "Clarice Lispector: linguagem." Por um novo conceito de literatura brasileira. Rio de Janeiro, Eldorado, 1977. p.198-210.
- _____. "Clarice Lispector: a linguagem I." Estado de São Paulo, Suplemento Literário, 2 fev 1962, p.2.

- _____. "Clarice: a epifania da escritura." A legião estrangeira. 2.ed. São Paulo, Ática, 1977.
- _____. "Linguagem: Clarice e Morávia." Estado de São Paulo, Suplemento Literário, 31 ago; 7 set 1963.
- SANT'ANNA, Afonso & COLASANTI, Marina. "Dezembro sem Clarice." Escrita, São Paulo, vol 27, p.20-4.
- SCHWARZ, Roberto. "Perto do coração selvagem." A sereia e o desconfiado. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965. p.37-41.
- _____. "Uma barata é uma barata, é uma barata." A sereia e o desconfiado. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965. p.42-55.
- SENIFF, Dennis. "Self-doubt in Clarice's Laços de família." Luso-Brazilian Review, Madison, vol. 14, nº 2, Winter 1977. p.199-208.
- SEVERINO, Alexandrino E. "Major trends in the development of the brazilian short story." Studies in Short Fiction. s.l.p., vol.8, nº 1, Winter 1971. p.199-208.
- SILVEIRA, Alcântara. "Clarice e o romance." Diário de Notícias, Salvador, 14 set 1962.
- SILVERMAN, Malcolm. "A ficção em prosa de Clarice Lispector." Moderna ficção brasileira. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/MEC, 1978.
- SIMÕES, João Gaspar. "Clarice Lispector existencialista ou suprarrealista?". A Manhã, Suplemento de Letras e Artes. Rio de Janeiro, 1 out 1950.
- SODRÊ, Nelson Weneck. "Prosa brasileira em 1964." Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, mar 1965. p.54-61.
- _____. História da literatura brasileira. 7.ed. São Paulo, Difel, 1982.
- SZKLO, Gilda Salem. "O conto 'O Búfalo' de Laços de família e a questão da escrita em Clarice Lispector." Minas Gerais, Suplemento Literário, 31 mar 1979. p.6.
- UNGAR, Frederick & MAINIERO, Lima. Encyclopedia of World literature in the twentieth century, vol 4, New York, F. Ungar Publishing Co., 1975. p.220-3.
- VERÍSSIMO, Érico. "O escritor em nossos dias." Luso-Brazilian Review, Madison, jun 1964. vol 1, p.81-6.

- WALDMAN, Berta. Clarice Lispector. São Paulo, Brasíleirise, 1981. (Coleção Encanto Radical, 33)
- WILBERT, Gerd von & IVASK, Ivar. World literature since 1945: critical surveyes of the contemporary literature of Europe and the Americas. New York, F. Ungar Publishing Co., 1973.
- ZAGURY, Elaine. A palavra e os ecos. Petrópolis, Vozes, 1970.
- _____. "O que diz Clarice Lispector." Cadernos Brasileiros, nº 5, nov/dez 1968. p.60-79.
4. Marco Teórico
- ANDRADE, Carlos Drummond. "Ano Novo: Minhocas." Jornal do Brasil, Caderno B, Rio de Janeiro, 3 jan 1976.
- ANTELO, Raul. "Borges/Brasil." Boletim Bibliográfico Mário de Andrade. São Paulo. (No prelo)
- _____. "João do Rio: a dândi e a especulação." Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1984. (Documento de trabalho)
- ARRIGUCCI Jr., Davi. "Crônica, a experiência impressa todo dia." Folha de São Paulo, 5 out 1985. p.49.
- _____. "Onde andarã o velho Braga?". Achados e perdidos. São Paulo, Polis, p.159-71. (Coleção Estética, vol. 3)
- ASSIS, Machado de. Obra completa. 2.ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1962. (Organização Afrânio Coutinho, vol. 3)
- CANDIDO, Antonio. "A vida ao rês-do-chão." In: DRUMMOND de ANDRADE, Carlos et alii. Para gostar de ler, São Paulo, Ática, 1980. (Crônicas, vol. 5)
- CASTELLO, José Aderaldo. "IV. História e Crônica." Método e interpretação. São Paulo, Cons. Est. de Cultura, Comissão de Literatura, 1964. p.121-47. (Coleção Ensaio 4)
- CHALMERS, Vera M. 3 linhas e 4 verdades: o jornalismo de Oswald de Andrade. São Paulo, Duas Cidades/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.
- CHAVES, Flávio Loureiro. "Crônicas e mitos de Rubem Braga." O brinquedo absurdo. São Paulo, Polis, 1978. p.95-101. (Coleção Estética Dir. Flávio Knoel, vol. 2)

- COUTINHO, Afrânio. "50. Ensaio e crônica." A literatura no Brasil. 2.ed. Rio de Janeiro, Sul América, 1971. p.105-28. (Dir. Afrânio Coutinho)
- DALLENBACH, Lucien. "Intertexto e autotexto." Poétique - 27 Intertextualidade. Tradução de Clara Crablé Rocha, Coimbra, Almedina, 1979. p.51-76.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. Kafka. Por uma literatura menor. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, Imago, 1977. p.15-24.
- DIMAS, Antônio. Tempos eufóricos/ Análise da revista Kosmos: 1904-1909/ São Paulo, Ática, 1983. (Coleção Ensaaios, vol. 88)
- _____. "Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo?" Littera. Rio de Janeiro, Grifo, a.4, nº 12, set-out 1974. p. 46-51.
- ENZENSBERGER, Hanz Magnus. Detalhes. Tradução N. Angochea Millet, Barcelona, Anagrama, 1962.
- EULÁLIO, Alexandre. "Três folhetins românticos inacabados." Boletim Bibliográfico DMA. São Paulo, vol 39, nº 1/2, jan, jun 1978. p.51-62.
- FUSCO, Rosário. Vida literária. São Paulo, S.E. Panorama, 1940. p.214-23.
- GRITTI, Jules. "Uma narrativa de imprensa: últimos dias de um grande homem." Análise estrutural da narrativa. Trad. Maria Zêlia Barbosa Pinto; revisão Milton José Pinto. 3.ed. Petrópolis, Vozes, 1973. p.163-73. (Coleção Novas Perspectivas de Comunicação, 1)
- LOPEZ, Telê Porto Ancona; "O cronista Mário de Andrade." ANDRADE, Mário de. Táxi e crônicas no Diário Nacional. São Paulo, Duas Cidades/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976. p.37-57.
- LUDNER, Josefina. "Un genero es siempre un debate social." Lecturas críticas, Revista de investigación y teoria literária 2, Buenos Aires, jul 1984. p.46-51.
- MARTINS, Luís. Homens e livros. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1962. (Col. Ensaios)
- _____. "Do folhetim à crônica." Suplemento literário. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1972. p.11-8. (Col. Ensaios)

- _____. "A crônica brasileira." 1º Encontro com a literatura brasileira. (São Paulo, 25 a 30 set 1977), São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia/Secretaria Municipal de Cultura, Câmara Brasileira do Livro, s/d. p.91-4.
- _____. "Sobre a crônica." O Estado de São Paulo, Suplemento Cultural. São Paulo, a.2, nº 85, 11 jun 1978. p.10-1.
- MEYER, Marlise. "Folhetim para almanaque ou rocambole, a Ilíada de Realejo." Almanaque. Cadernos de literatura e ensaio. Modos menores de ficção. São Paulo, Brasiliense, 1982. p.7-22.
- MOISÉS, Leyla Perrone. Fernando Pessoa. Aquém do eu além do outro. São Paulo, Martins Fontes, 1982.
- PORTELLA, Eduardo, "A cidade e a letra." III. Problemas de ficção. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958. p.111-7. (Col. Dimensões I - crítica literária)
- _____. "II. Visão prospectiva da literatura no Brasil." A literatura no Brasil. 2.ed. Rio de Janeiro, Sul América, 1971. p.224-32. (Dir. Afrânio Coutinho, vol. 6)
- RIO, João do. (pseudônimo Paulo Barreto). O momento literário. Rio de Janeiro, Garnier, p.1-12. (s/d)
- RONCARI, Luís. "A crônica: duas ou três coisas que penso dela." Folhetim, 3/2, Folha de São Paulo, São Paulo, 9 jan 1983. p. 8-9.
- SIMPSON, Máximo G. "Crônica, cronología y Narración Testimonial." Gêneros Periodísticos. Org. Máximo Simpson. México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1983. p.19-43.

5. Tese

- BARBOSA, Rita de Cassia. O cotidiano e as máscaras. Crônicas 1930-1934. Carlos Drummond de Andrade. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1984. (Tese de doutoramento)